

Diretor responsável:  
**J. T. de Alencar  
Lima**  
Tel. 43-1044  
Publicidade:  
Rua Buenos Aires, 156  
Tel. 43-6197

# PAN

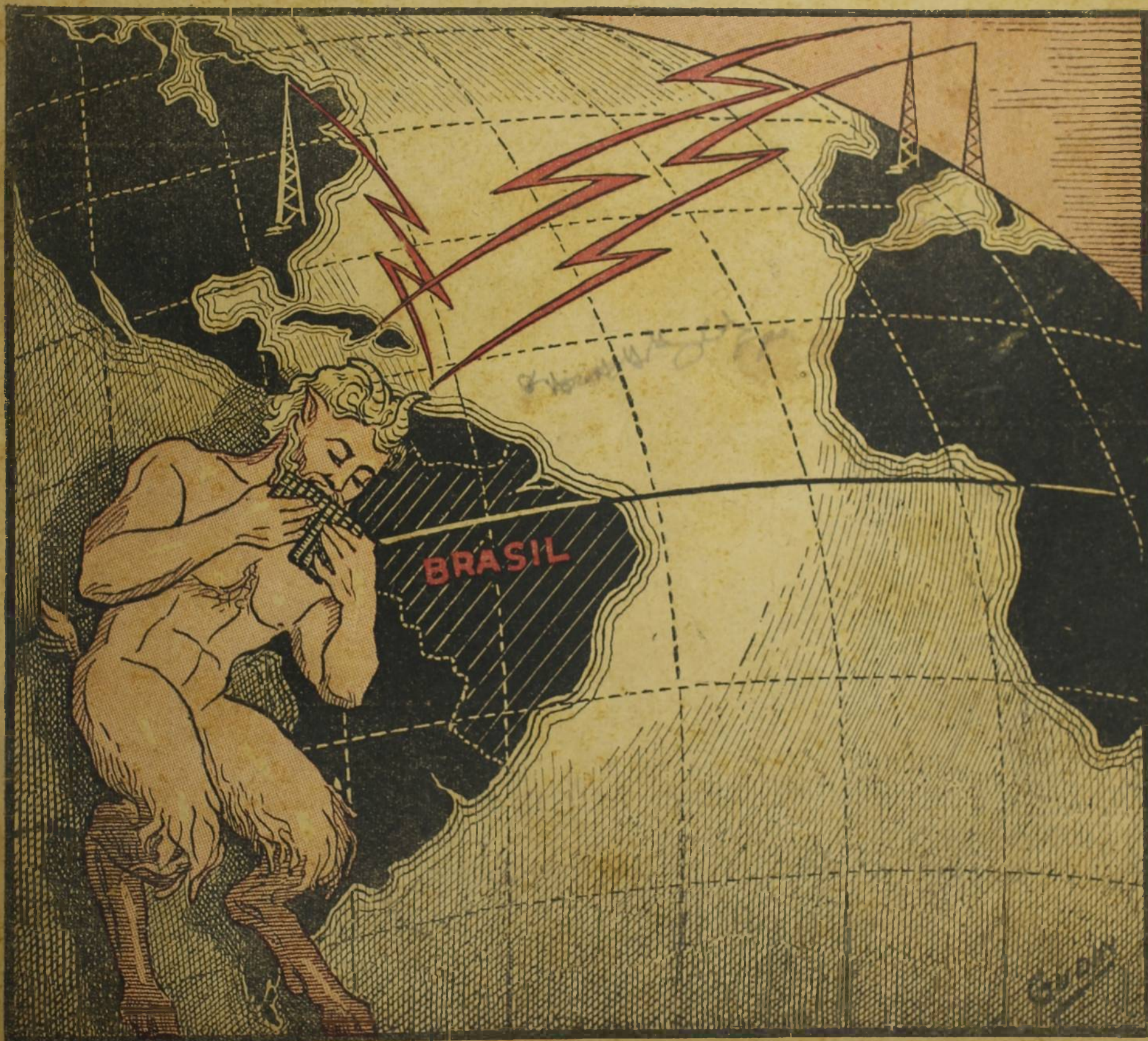
Redação e Oficinas:  
Rua Leandro Martins, 38  
Telefones: 43-3344  
43-4557  
**1\$000**  
EM TODO  
O BRAZIL

ANO V

RIO DE JANEIRO, 22 DE ABRIL DE 1939

NUM. 170

MILHARES DE JORNALS ESTRANJEIROS SÃO CONSULTADOS E TRADUZIDOS PARA ESTA REVISTA  
PROPRIEDADE DA EDITORIAL FLUMINENSE LTDA.



ESPRESSÃO LIVRE DO PENSAMENTO MUNDIAL



# "LUPIN"

A REVISTA DAS  
MELHÓRES  
AVENTURAS AS MAIS  
BÉLAS NOVÉLAS,  
OS MAIS CÉLEBRES



AUTORES

• 160 •

PÁGINAS  
FARTAMENTE  
ILUSTRADAS

•  
CAPAS  
LINDAMENTE  
COLORIDAS

GUY DE MAUPASSANT  
G. K. CHESTERTON  
LUIGI PIRANDELLO  
MARK TWAIN  
JACK LONDON  
H. G. WELLS  
RAFAEL SABATINI

PREÇO PARA TODO • O BRAZIL **1\$500**

REDAÇÃO E OFICINAS.

**EDITORIAL FLUMINENSE LTDA.**

RUA LEANDRO MARTINS, 88  
TELEFONE 43-3344 • RIO DE JANEIRO



Redação e Oficinas:  
R. Leandro Martins, 88  
TELEFONE 43-1044  
RIO DE JANEIRO — BRAZIL



# PAN

EXPRESSION  
LIVRE DO  
PENSAMENTO  
MUNDIAL  
1\$000  
EM TODO  
O BRASIL

Director Responsavel  
J. T. de Alencar Lima  
—  
PUBLICA-SE AOS SABADOS



## SEMANÁRIO DE LEITURA MUNDIAL



Propriedade da EDITORIAL FLUMINENSE LTDA.

Departamento de Publicidade: Rua Buenos Aires, 156 ♦ Telefone 43-6179

ANO V

ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL, 22 de Abril de 1939

NUM. 170

# Língua Brasileira

Dentre os cinco princípios, necessários à implantação da simplificação e racionalização da nossa linguagem, o primeiro é, como vimos o de:

“Reorganizar-se o alfabeto, escrito e falado, pela fixação definitiva do som único e da função de cada um dos seus caracteres — letras, sinais e símbolos — de modo a evitar que o mesmo som ou igual função possa ser expresso ou exercida por outra letra ou sinal ou por grupo de letras diferentes”.

Desse seu próprio enunciado, pôde-se desde logo deduzir as seguintes consequências:

1ª) Cada letra do alfabeto brasileiro deve soar diferentemente das demais, formando as letras entre si sílabas inteiramente distintas, que componham as palavras constantes do idioma ou das que lhe possam ser agregadas.

§ 1º — Assim sendo, deverão ser excluídos da grafia brasileira as letras e sinais que não correspondam a sons e funções da nossa linguagem e os que porventura tiverem sons e aplicação iguais aos dos já adotados.

§ 2º — Para isso deverá ser acertada e modificada a sonância de cada letra do alfabeto, para que possam todas elas corresponder à rigorosa pronúncia das sílabas

ALENCAR LIMA

— VI —

e das palavras, cuja grafia se procura racionalizar e fixar.

\* \* \*

Para corresponder a essa dupla necessidade é preciso:

PRIMEIRO que do alfabeto ocidental e seus sinais acessórios, ora em uso, sejam desde logo excluídos da grafia brasileira:

As letras K e W e o acento grave, o trema e o apóstrofo, sem uso no Brasil e assim exclusivamente destinados à reprodução da grafia das palavras estrangeiras, inclusive as da língua portuguesa.

SEGUNDO que as letras de sons múltiplos e as de sons coincidentes sejam substituídas entre si, tolerada apenas a permanência de alguns desses sons alternativos, como simples artifício de caráter transitório.

Para esse fim serão rigorosamente observadas as providências seguintes:

1ª) No alfabeto brasileiro às cinco vogais conhecidas, será acrescentada a sexta vogal Y, cujo som será o de ii para grafia nacionalista das sílabas iniciais e terminais dos nomes brasileiros de procedência indígena e para grafia de nomes estrangeiros de

que faça parte e tenham de ser reproduzidos.

§ 1º) — Essas vogais serão pronunciadas com o som brando, breve e fechado, isto é: A (em vez de á), E (em vez de é) I, O (em vez de ó) e U, como soam em CAZA, DESSE, MISSIVA, OCO, URUPÉMA, e o Y — como soa em PARATY, JAVARY, YPIRANGA.

\* \* \*

§ 2º) — As consoantes do alfabeto brasileiro deverão ser vocalizadas em um som único como se fossem acompanhadas do E brando, quase mudo, e nessa conformidade observar-se-á:

I

As letras F, L, M, N e S deverão soar entre: FÊ, LÊ, MÊ, NÊ, SÊ e os sons FE, LE, ME, NE, SE.

II

A letra C passará a ter o som de Q (ou KE antigo), soletrando-se com esse som duro nas sílabas de que faça parte; e assim o alfabeto que se chama usualmente o Abc (abecê) passará a ser pronunciado como ABEQUÊ.

§ — O duplo som sibilante do C inicial ou intermédio antecedente a E e I e do Ç antes das vogais A, O e U, em ambos os casos com o som de S, (Se), deverá, com o dezoito, desaparecer da grafia brasileira; contri-

Aos prezados leitores de “Pan”, “Lupin”, “Detective” e “Vanitas”, pedimos desculpas pela irregularidade de ortografia verificada nessas nossas publicações, irregularidade natural em um período de transição entre a grafia antiga por nós adotada e a nova que agora adotamos.



buindo para esse fim os dois seguintes recursos:

a) o de permitir-se a sua substituição:

no primeiro caso pelo S simples e inicial, como nas palavras CEBO, CISCO, e CESTO e semelhantes, a serem escritas definitivamente: SEBO, SISCO, SESTO e semelhantes.

e no segundo caso pelo S duplo, como nas palavras:

**ATUAÇÃO, AÇODAMENTO e AÇUCAR** e semelhantes, que deverão transitóriamente serem grafadas: **ATUASSÃO, ASSODAMENTO e AS-SUCAR** (para mais tarde passarem a **ATUASÃO, ASODAMENTO e ASUCAR**, quando a anomalia do som de S por Z tiver caído em desuso).

b) o de ser obrigatória desde já a escrita com S, de todas as palavras em que sílaba sibilante de C ou Ç suceda a uma consoante final de sílaba anterior — tal nas palavras: **AB-CESSO, CONCELHO, FRICÇÃO, CALÇADO, MUDANÇA, LENÇO, PINCEL, CONSTANCIA, REFORÇO, PRUDÊNCIA, PRONUNCIA, ENGONÇO, ASCETA** e semelhantes que serão assim grafadas: **ABSÊSSO, (mais tarde ABSÊSO) CONSELHO — FRICSÃO — MUDANSA — CALSADO — LENSO — PINSEL — CONSTANSIA — REFORSO — PRUDÊNSIA — ENGONSO — ASSÊTA (mais tarde ASÊTA)** e semelhantes.

### III

A letra G passará a ser pronunciada GUE, como ora soa em GUERRA e em todas as palavras em que tem o som da letra J será por esta substituída.

### IV

A letra H (hoje chamada HAGÁ) passará a ser pronunciada ÊÊ ou por dois E fechados, servindo transitóriamente como letra muda para as iniciais das palavras em que seja conservada por tradição linguística: (**HUMANIDADE, HÚMIDO, HOME-RO**) ou como letra definitiva modificadora das consoantes C, L e N para abrandar os respectivos sons (Chapéu, lhaneza, manhã), servindo igualmente para a grafia das palavras estrangeiras.

§ 1º — Para abreviar o desuso do H inicial, não será erro ortográfico grafar as palavras de H inicial sem essa consoante, podendo escrever-se facultativamente: **UMANO, ÚMIDO, UMBERTO**, e semelhantes.

§ 2º — É obrigatório o desaparecimento de H nas palavras formadas de prefixos às grafadas com essa inicial: tais: **INUMANO, DEZONRA, REAVER, DEZABITAR** e semelhantes, em

vez de **INHUMANO, DESHONRA, REHAVER, DESHABITAR** e semelhantes da atual ortografia.

§ 3º — De todos os demais vocábulos em que hoje aparece essa letra, após as consoantes R ou T, e entre vogais para a sua separação, será ela inteiramente proscrita na nova grafia. (retórica, teórico, empreendeu, baía, coonestar).

§ 4º — Fica abolida por obsoléta a dupla PH com o som de F em todas as palavras brasileiras, ressaltada a sua reprodução quando em citações de língua estrangeira: (Fantazia, filozofia, fantasma).

§ 5º — O guapo CH com o som duro de origem grega de K será substituído pela letra C quando antecedente às vogais A, O, e U, e transitóriamente por QU antes das vogais E e I tais como em **CAOS, CARATER, QUILO, QUÍMICA**, (nestes em caráter provizório conforme norma a seguir).

### V

A letra J (hoje chamada JOTA) passará a ter o som brando do antigo G e se pronunciará JÊ (GÊ), como soa em JEJUM.

### VI

A letra K, obsoléta, continuará a ter a mesma atual pronúncia KA mas só servirá para a grafia de palavras estrangeiras.

§ Essa letra será substituída pela letra C em todas as palavras em que anteceda as vogais A, O e U e transitóriamente para QU quando antes das vogais E e I:

**CANGURU, CAOLIM, QUERO-ZENE, QUISTO.**

### VII

A letra Q, com a sua atual sonância (quê) deverá desaparecer do alfabeto brasileiro quando o seu desuso, pela adoção da nova ortografia, assim o permitir. A sua pronúncia, para diferenciar da do C, (QUE pela nova grafia), deverá ser de QUI (ki).

§ 1º — Para forçar esse desaparecimento será desde já facultada a escrita da letra C em substituição do Q em todas as palavras em que antecede a vogal U como em: **QUAL, QUARTEL, QUARESMA, FREQUENCIA** que poderão ser facultativamente grafadas: **CUAL, CUARTEL, CUARESMA, FRECUÊNSIA**, tal como já se escreve **CUIDADO, CUEIRO, CUA-TÍ.**

§ 2º — Mais tarde deverão ser estabelecidas as regras de sua substituição, nos fonemas QUE e QUI

onde é muda a vogal U, pela verdadeira letra C (Ke), por ora ainda não adotada pelo abalo grande das grafias correntes.

### VIII

A letra R, hoje pronunciada ERRE forte e arrastado, tendo alíaz dois sons como soa na palavra RARO, dos quais um brando e dental breve de RE — como soa em FRACO e FAZER, e outro forte e arrastado, como em RAZO e RICO, deverá desdobrar-se em duas letras, R — RE, — R — RRE.

§ Este desdobramento da letra R, com os sons distintos de R brando intermédio e final e de R forte inicial, é uma consequência forçada da racionalização e sistematização da grafia e pronúncia da língua, de sorte a estabelecer-se a regra jeral de unísonia e fixidez do som para cada um dos caracteres do alfabeto. Para a sua implantação definitiva na grafia brasileira será observado, facultativamente o seguinte:

1º — A grafia manuscrita do R brando far-se-á com a distinção já usada atualmente de dois modos de grafal-o, o da forma atual comum para o R fraco e o da forma semelhante ao V fechado para o R forte, tal como antigamente se usava com a letra S quando dobrada.

2º — Nas grafias impressas mecanicamente bastará usar o R brando com a letra do corpo da família do tipo empregado na composição do texto em questão de usar um R de família diferente para o R forte.

3º — Em ambos os casos será provizoriamente permitido o uso do R fraco dobrado para assinalar o som do R forte, mormente nas sílabas intermédias.

NOTA: — Resolve-se assim a dificuldade da anomalia dessa dupla sonância, que para os casos de coincidência de sons de S, C e Z foi solvida pelas regras especiais instituídas, sem necessidade deste artifício indispensável para o caso da letra R.

### IX

A letra S hoje ESSE passará a soar SE (CÊ — como o antigo C brando e sibilante), perdendo o som atual duro e zoante entre vogais com a sua substituição sistemática e obrigatória pela letra Z: tais como nas palavras: **CAZA, MEZA, POZO, UZURA** e semelhantes.

§ 1º — Continuará o emprego do duplo S entre vogais quando o som sibilante for arrastado e como grafia de transição até que o desuso do seu som como Z possa determinar o abandono dessa duplicação, quando então estabelecida e usada exclusivamente



a sonância breve e sibilante dessa letra.

§ 2º) — Desde logo terá o S o seu som verdadeiro, sibilante mesmo entre vogais, escrevendo-se e lendo com um único S nas palavras escritas pela antiga grafia, formadas por prefixos gregos e latinos, tais como: ASENTIR — BISETRIZ — DISENTIR — DISONANSIA — CONTRASENTO — PRESENTIR — PROSEGUIR — DEZESEIS — TRISECSÃO, cuja escrita jamais causou má impressão, ou embaraço na respectiva leitura.

§ 3º) — O GRUPO SC inicial com o som único sibilante será substituído por um S simples, facilitando desde logo a fixação da enunciação rigorosa que se tem em vista estabelecer: SIÊNCIA, SISMA, SINTILAR, SISMAR.

#### X

A letra W (que em inglês se pronuncia dáblui e em alemão V), terá, para único efeito de sonância, a pronúncia nacional UE breve ou VEE longo, como soa em inglês na palavra WATT (Uóte) e em alemão WIEDERSEHN, (viderzeen) servindo apenas para as transcrições de palavras estrangeiras.

#### XI

A letra X conservada provisoriamente como uma reverência ao latim e que hoje se pronuncia CHIS, passará a ter o som EICS para valer unicamente como som intermediário entre CS (KSE) e CZ (kzê) como nas palavras: FIXO, NEXO, EXAUSTO, SAXOFONE, ÓXITONO.

§ 1º) — Poderá portanto os sons variantes de S, CH, SS e Z, devendo as palavras de pronúncia semelhante às de EXTRANJEIRO, EXPRESSO, BAIXO, CAIXA, LIXO, PROXIMO, AUXILIO, EXERCER, e EXITO serem grafadas respectivamente: ESTRANJEIRO, ESPRESSO, BAICHO, CAICHA, LICHIO, PRÓSSIMO, AUSSÍLIO, EZERCER e EZITO.

§ 2º) — Na partição da sílaba acompanhará o X, para a sua sonância ezata, a vogal que a antecede e assim nas palavras: FIXO, PAROXISMO, OXITONO, EXAME, EXERSITO, que pronúncia corretamente, serão partilhadas: FIX-O, PA-ROXIS-MO, OX-I-TO-NO, EX-A-ME e EX-ER-SI-TO.

§ 3º) — Pela lei do menor esforço e pela continuidade do tempo essa letra tende a desaparecer da grafia brasileira, sendo substituída por CS e ficando destinada à reprodução das palavras es-

tranjeiras, não constituindo erro ortográfico semelhante substituição desde já.

#### XII

As demais consoantes ainda não citadas D,P,T,V, e Z, continuarão a ter os seus sons atuais, devendo ser pronúncia como acompanhadas de um E fraco e breve: DE, PE, TE, VE e ZE.

\* \* \*

Nestas condições a primeira regra básica da grafia e sonância da língua brasileira será:

#### I

O alfabeto brasileiro compõe-se integralmente dos seguintes caracteres definitivos, de sons e funções perfeitamente diversos e definidos e em número suficiente a representarem todos os fonemas e palavras componentes da linguagem:

#### A

Das vinte e três letras seguintes:

A (â), B (be), C (que), D (de), E (ê), F (fe), G (gue), H (ee), I, J (je), L (le), M (me), N (ne), O (ô), P (pe), R (re), R (rre), S (se), T (te), U, V (ve), Y (ii), e Z (ze) — dos quais são vogais A,E,I,O,U, e Y e consoantes as demais.

NOTA: — A justaposição da letra H às letras C, L e N dá lugar a criação de três novos sons longos e dentais de CHE, LHE, NHE, tal como se fossem três novos caracteres deste alfabeto.

#### B

Dos três acentos Agudos: (´), Circunflexo (ˆ) e do Til (˜) necessários à modificação dos sons das vogais e fixação da tonicidade das palavras, conforme regra respectiva a ser invariavelmente fixada.

NOTA: — A aposição desses sinais às cinco primeiras vogais dá lugar à criação de quinze sons — agudos, graves, e nazais — inteiramente diferentes dos sons normais dessas letras, tal como se fossem quinze novos caracteres deste alfabeto, os quais soarão como: Á, Ê, Í, Ó, Ú; Â, Ê, Î, Ô, Û.

e como tais deverão entrar na soletração das sílabas.

#### C

Dos outros sinais de pontuação: ponto (.), vírgula (,), ponto e vírgula (;), aspas (""), parentezis (()), hífen (-), ponto de interrogação e de interjeição (?!), com as funções e destinos universalmente adotados para o entendimento das frases.

#### D

De todos os símbolos usados na linguagem científica universal, na numeração grega e latina, nas medidas

e estalões diversos e nas abreviaturas, com os sons respectivos e sentidos usados nas línguas ocidentais.

#### II

Desse alfabeto farão parte, como acessórios, os seguintes caracteres-letras e sinais-proscritos aliás da grafia brasileira mas necessários para as transcrições de palavras de idiomas estrangeiros, incluíze as da língua portuguesa:

a) letras K e W. (Ka e uê).

b) sinais — Trema (¨), acento grave (˘), e o apóstrofo (').

c) letras Ç, Q, e X, com os sons de S, C, CH, CS, SS e Z, que servirão provisoriamente como caracteres de uso transitório da escrita brasileira, até que se firme a sua grafia, racionalizada e simplificada, sendo mais tarde exclusivamente destinadas às transcrições em língua estrangeira.

\* \* \*

Ficam assim fixados definitivamente os sons diversos das letras do alfabeto brasileiro.

Foi preciso transijir nesse passo preliminar de sistematização e simplificação da ortografia brasileira, usando letras de aplicação transitória ou de adaptação da escrita para que não se tornassem muito abruptas as mudanças dos nossos atuais meios de escrita.

Essa fixação porá termo ao acervo grande de incongruências de nossas atuais grafias, de origens diversas e insertas em sua formação, e promoverá a eliminação das naturais diversidades do falar em tão vasto território e os abusos, permitidos sob a capa de regionalismo, folclorismo e principalmente chistes de linguagem de caboclos, e nagôs; e, mais do que tudo, porá cabo aos distates das reformas apressadas, que fizeram da nossa língua um emaranhado formidável, tal como o das nossas florestas ensopadas do qual só se pôde sair com medidas enérgicas e com o desassombro de severo método de organização.

E será sobre essa base essencial desta primeira regra da racionalização e sistematização da língua brasileira, lançada, com a obrigatoriedade da alfabetização de todo o país, que se elevará, neste nosso Brasil inteiro, a nossa língua à altura que merece pela sua beleza de sons, simplicidade de forma e riqueza de expressões.

\* \* \*

Veremos a seguir, com o desdobramento da análise dos outros quatro princípios básicos a que deve adstringir-se rigorosamente essa reforma, como se poderá fazer da língua brasileira um paradigma de racionalidade e simplicidade.



# Trinta e seis enforcados no Zocalo

ELIAS LLAGUNO Y ALMADA



Frei Garcia Guerra, arcebispo do Mexico

**S**INISTROS rumores vinham correndo na cidade do Méchico desde os primeiros dias de Fevereiro de 1612. Dizia-se que os negros escravos que trabalhavam em fábricas, oficinas e cazas, haviam-se cansado dos atrozés sofrimentos a que se os sujeitava, e tinham rezolvido sublevar-se, matando até o último hespanhol que encontrassem; e por mais investigações que se fizessem e se faziam, não se encontrava o fio da conspiração, os rumores continuavam e via-se nos escravos certo dezassossego que infundia pavor entre os brancos.

Veiu a aumentar o pânico da cidade o fato de, em meados de Fevereiro, o Vice-Rei do Méchico, que era ao mesmo tempo o arcebispo, Frei Garcia Guerra, cair gravemente enfermo, e todo o dia e dias que se seguiram, os sinos das igrejas tocavam a preces, pedindo a Deus que se salvasse o ansião Vice-Rei. Dizia-se que alguns dos negros que havia em Palácio e no Arcebispado, tinham-se posto de acordo e tinham administrado um veneno mortal ao bom prelado, afim de começar por suprimir a cabeça principal do Vice-reinado.

Outros diziam que com uma funda das que uzavam os índios nos seus combates, quando não tinham outra arma, tinham-lhe disparado uma pedrada que lhe fraturára o cranio e estava moribundo. A verdade era que o ansião frade ao subir para a sua carruagem para dirijir-se ao Colégio de Guadalupe, o fez com tal prèssa que sofreu um golpe na fronte, de onde lhe veiu um tumor; e como, então, a cirurgia não estava muito bem, os médicos o operaram; mas morreu sem que se soubesse, em definitivo, se por cauza da operação, se por cauza do tumor...

Isto veiu aumentar o pânico dos habitantes do Méchico, cujos nervos se esfarrapavam com o lúgubre dobrar dos sinos, que se prolongou por vários dias, annunciando aos metropolitanos a doloróza morte do seu Prelado-Vice-Rei; e, naturalmente, aos negros e não a outros se inputava o trajico acontecimento. Era cláro que éssa era o prinsipio da terrível conjura que deveria estalar de um momento para outro, acabando com todos os brancos da capital.

Nos mercados, quando aparecia um negro, todo o mundo fazia por vel-o com pavor, e o infeliz passava entre eles, com medo também, ao ver a fôrma por que o apontavam, maximé quando eram tantos e tão grandes os martirios a que os sujeitavam, onde estavam enpregados, e todo o mal da terra podiam esperar quando saiam para as conpras nos mercados, ou a passeio, quando lh'o permitiam.

Como também a eles se havia dito que os negros conspiravam e que ia estalar um motim, viam com a alma por um fio, porque, ignorando, como ignoravam, quem, da sua raça, eram os conspiradores, visto que eles não eram, temiam que, quando menos o esperassem, lhes deitassem as mãos para confundil-os com os da sublevação, de que tanto falavam as pessoas, e o enforcassem "sem dizer água vai". Para acabar com éssa situação, os negros se abstiveram de sair a passeio, e até se negaram a ir ao mercado, e quazi nem punham o nariz nas portas das cazas dos amos, para que não os confundissem com "os outros", que ninguém sabia quem eram; mas que deveriam existir, já que tanto se falava da conspiração de negros.

Esta abstenção dos enpregados de fábricas e cazas, para sair á rua, aumentou os sinistros rumores que já tinham invadido a todos os habitantes da magnífica cidade, porque deram explicação que os negros não mais saiam á rua afim de preparar consiensiozamente o terrível levante que havia de encher de sangue e de vitimas á capital do Vice-Reinado. Como, além do mais, na consiència dos revolucionários estava que se os negros fizessem o levante de que tanto se falava, muita razão tinham nisso, porque eram infinitas as cruéldades que sofriam das mãos dos amos; isto aumentava a segurança da catástrofe que se aproximava.

Imediatamente se abandonaram os rigores que vinham sendo uzados com os escravos, porque

nas fábricas e nas oficinas, e nas cazas, não sabiam os amos, realmente, se entre os seus enpregados estavam alguns dos menbros da sinistra conspiração; e pensava-se que tratando-os bem, podiam congraçar-se com os seus futuros algózes e escapar ao menos com vida. Em compensação os negros, com éssa doçura de tráto, mais se alarmaram; como o cão a quem ordinariamente se dá bordoadas e de repente muda o dono de tática, dando-lhe na mão o alimento. O cão, espantado, fôje, julgando que é uma bordoadas e não uma caricia, já que antes jogavam em terra o que tinha de comer. Assim, os negros metiam-se nos seus quartos e apenas apareciam, com pânico, na verdade, ao ver a suavidade com que agora se os tratava. Por qualquer coisa de grave esperavam os póbres.

E, assim, nesse círculo de conjecturas iam cressendo os sinistros rumores á medida que os dias passavam, até que, com calefria surpresa, se soube que os negros conjurados (que ninguém sabia por certo quais eram nem por onde andavam) tinham fixado a Semana Santa para levar a Cabo o sanguinário levante que vinham preparando.

Com a morte do Vice-Rei, governava a Audiência, enquanto não chegava outro Vice-Rei, recaindo o comando principal no Presbítero Licenciado Dom Pedro Otalora, Ouviaol decano, que, éssas logo que lhe chegaram aos ouvidos os rumores celebrou várias reuniões com o Cabido metropolitano, e de comum accordo rezolveram suprimir nesse ano as procissões (entre as quais era celeberrima a de Quinta-feira Santa) os officios divinos e demais cerimoniais relijiózas, afim de impedir que, enquanto os vizinhos se entretivessem rogando a Deus nas Igrejas, o Diabo movesse as mãos assassinas dos negros conspiradores.

Tristíssima foi a Semana Santa no ano de 1612. As igrejas permaneciam fechadas, as ruas dezertas, os carros não tranzitavam pela cidade e as "estufas" dos ricos não passavam mais aos sacolejos pelo enpedrado das ruas com a sua dupla carga, porque se esperava, de um momento para outro, o terrível estalar da cólera negra. Passou-se, assim, a Segunda-feira Santa, e a Terça, depois a Quarta, e a população resprava ao ver a luz do dia, sem que as ruas se enchessem de cadaveres, nem o sangue corresse pelo arroio, da hecátonbe que se esperava. E assim chegou e foi passada a Quinta-feira Santa...

Muito cedo, ao escurecer, toda a jente se meteu em caza e trançou-se por dentro. Todos os santos, as imagens dos santos, na totalidade das cazas, tinham vélas acesas, e os habitantes, de joelhos, inploravam a piedade do céu para não fazerem parte dos que iriam cair sob os punhais ferózes erguidos pelos negros. Tinha que ser éssa noite o estalar da conjuração. Os boátos espantozos que corriam assim o afirmavam, de maneira que na maior parte das rezidências metropolitanas, desde os humildes jacaís, até aos suntuózos palácios que tanto admirára, anos depois, o Barão de Humboldt, os moradores estavam de véla, apurando os ouvidos para perseber com maior clareza o passo dos negros.

De repente, ao soar da meia noite, ouve-se um sinistro rumor, gemidos lastimózos, vózes semelhantes a grunhidos, que, não havia dúvida, eram dos negros que passavam, tropél de pizádás que faziam chispas das pédras das calçadas; depois, gritos de jente, sem dúvida as primeiras vitimas, nuvens de poeira, que entravam pelas gretas das janélas e as fechaduras das portas, rumor de dúvida, era do que corria pelo sangue fresco, que, não havia arroio dos centenários de mortos que os negros iam fazendo. As mulhéres desmaiavam ao escutar e sentir aquilo, os meninos choravam espantozamente, pressentindo um perigo sinistro, e os homens armavam-se de mosquetões, esperando que alguém quizesse forsar a porta de entrada, porém nenhum se atrevia a sair para fazer frente ao perigo, nem ver o que se passava. Nunca houve, na cidade do Méchico, cobardia tão coletiva como a dessa noite!

Pouco a pouco o ruído foi-se afastando, os queichumes e as vózes dos negros, que pareciam terríveis grunhidos, foram passando e as pessoas respiravam felizes de terem sido das que escaparam, o desmáio passava as mulhéres, os pirralhos calavam-se e os homens atiravam fóra os mosquetões, para cair de joelhos diante das imagens dos santos, alumiados pela tremeluzente chama das vélas, e davam graças a Deus pela bondade que teve para salvá-os...

Na manhã seguinte, corridos, envergonhados, os vizinhos da cidade do Méchico inteiraram-se de que não houvera nenhuma conspiração, que os negros, como os brancos e os morenos e os amarélos e os vermelhos e todos (que nesta bendita terra minha ha toda uma gama de cores na caras dos meus compatriótas), to-

(Conclue na pag. 18)



# Música, a grande arte educativa

**N**ÃO tratarei o assunto em seu aspecto científico ou filosófico. Apenas darei uma impressão sobre a influência da música dos sentimentos dos povos.

Estranharão, talvez, que, de início, trate em primeiro plano do Rádio, invenção maravilhosa, que muito ainda tem que se aperfeiçoar para ser uma expressão perfeita de Arte. Em todos os países, porém, e principalmente no nosso, onde a vastidão do território não permite uma ação rápida de alfabetização, muito poderá contribuir para a educação artística do povo.

E' um meio ao alcance de todos e por toda parte disseminado.

O Rádio inicia, na história da música, uma nova era. Antes do Rádio a divulgação da música só se podia fazer diretamente da voz dos cantores, da ação dos instrumentos e das orquestras para os ouvintes, o público. Era, portanto, muito mais difícil do que presentemente: exigia que o ouvinte procurasse o executante, onde ele se encontrasse.

Essa dificuldade tornava a Música muito local, pouco generalizada. Enquanto que após a existência das estações e aparelhos de Rádio e Música se universalizou. Graças a essa invenção, a Grande Arte, hoje, emerge para o espaço, que é de todos, que não tem fronteiras, de casa a casa, de rua a rua, de salão a salão, de concerto a concerto, de teatro a teatro, de estação a estação, emitida pelos microfones difusores para a delícia de todos.

Se, porém, o mundo de hoje possui a dádiva consoladora da Música para diminuir um pouco os efeitos trágicos das agruras por que passa a hu-

Joanidia Sodré

(De «Revista de Cultura e Técnica»)

(Graça do autor)

manidade, nesta hora de transição; se possui muita Música, para fazer esquecer grandes máguas e mitigar sérios dissabores, muito maior se torna a responsabilidade dos governos, dos professores e dos artistas, pela quantidade da Arte que em tão grande quantidade é espalhada pela Terra.

O Rádio exige que se dê especial atenção à influência educacional da Música, de que muito bem diz Flexa Ribeiro: "A Música é a arte sem significação lógica. Nela melhor se manifesta a revelação do Invisível. E' o pensamento infinito agindo dentro do sentimento indefinido; é a expressão esférica da alma humana".

Precisamente por ser a Arte Suprema, a Arte que mais influência exerce sobre o ser humano, influência que se exerce diretamente sobre os seus sentidos, é que a música tanto pôde levar os homens para a Virtude, para os grandes sentimentos, como para o Vício, para os sentimentos inferiores.

E por ser assim é que a Arte Musical vem sempre acompanhando a humanidade nos seus mais belos momentos, como a voz de Deus que lhe aponta sempre os melhores caminhos.

Se os símbolos das nações

são bandeiras, os hinos são as suas almas. Mas são as suas almas alevantadas para os grandes sentimentos do patriotismo, de heroísmo, de solidariedade, de honra, de cumprimento do dever. Mesmo quando, em expressões bélicas, arrasta para a frente um grande povo, como a "Marselhesa", fál-o para derribar uma Bastilha e irradiar para todas as nações as idéias generosas de Liberdade — Igualdade — Fraternidade!

Todos os grandes cultos tem sido sempre incentivados e perpetuados pela Música, e é por ela que sempre se procurou fazer despertar, principalmente na criança, o respeito e a veneração pela Pátria e seu símbolo.

Não fosse a Música, seria muito mais difícil fazer nascer, só pela palavra, o entusiasmo e a veneração pela Pátria, nos espíritos, pois a declamação lhes é muito menos acessível. O nosso maravilhoso Hino Nacional, hino grandiosamente alma do nosso Brasil, mais contribue para amarmos e nos orgulharmos da Pátria incomparável, do que todas as prédicas e todos os monumentos.

A Música, pelos hinos individualiza as nações. Quando pelas composições máximas dos seus gênios, as irmaniza e eleva para Deus. Mozart, Bach, Haydn, Beethoven,

Wagner, Schubert, Mendelssohn, Chopin, Liszt, Saint-Saens, Debussy, Ravel, Cherubini, Chaminade, Carlos Gomes, são muito menos nacionais que universais.

E quando eles produzem a Música religiosa, são somente universais.

Essa música que constitui o hino das religiões é a voz da vanguarda de todos os sacerdotes. O poder educativo da Religião tem na Música o seu sacerdote maior.

A "Ave-Maria" de Schubert, a "Ave-Maria" de Gounod, nos fazem ascender para a grandeza divina da Mãe das Mães, com mais pureza e humildade cristãs que todas as crenças dos pregadores sacros. E tem sido cantando e entoando hinos que todos os povos tem marchado para as grandes conquistas, pois a Música lhes estimula o ânimo e fortifica a fé.

Tem sido sempre entoando hinos e salmos que as multidões crentes se dirigem a Deus para implorar a sua Misericórdia, quando assoladas por grandes cataclismas.

E' sempre ela, a Música — entre todas as Artes — que a todos fala e é por todos compreendida, que ampara a humanidade nos seus momentos de infortúnio e a dignifica nos momentos de glória.

Todas as grandes nações reconhecem a influência educadora e civilizadora da Música e a cultivam como um dever. O Governo, diretamente, dirige a organização dos programas musicais dos salões, dos teatros, das estações de rádio. Quer nos teatros de ópera lírica, quer nos salões de concertos sinfônicos, de música de câmara ou de recitais, a

(Conclue na pag. 66)





# JAMES JOYCE

**JOÃO GASPAR SIMÕES**

(De "LIVROS e AUTORES" — Rio)

(Grafia do autor)

**J**AMES JOYCE é o famoso autor do *Ulisses*. O ano de 1922 teve a fortuna de vêr aparecer a obra que grande parte da crítica moderna considera dos maiores acontecimentos — se não o maior acontecimento — do romance contemporâneo. Não serei eu quem contradiga a crítica. Com efeito, o *Ulisses* afigura-se-me uma quasi genial tentativa de obter o infrutiferamente procurado pelo romance depois de Dostoiewski. *Ulisses* é, ou pretende ser, a epopéa do homem interior. James Joyce, abandonando em absoluto a técnica tradicional, procurou afoitamente, por todos os meios, atingir em pleno coração a vida psicológica. Para o que, nos transporta, ao longo das setecentas e tal páginas da sua obra, ao interior da cabeça de duas das suas personagens: Stephen Dedalus e Bloom. E' através duma vertigem de imagens, reminiscências, frases entrecortadas, gestos de sentido obscuro, pormenores de conversas, um borbulhar incessante de vida psíquica, que o leitor é conduzido, lenta e penosamente, a saber onde e tá o que se passou, o que se vai passar. Lendo o *Ulisses*, sofre-se uma impressão de desvairamento

idêntica a que sofreria quem fôsse imprevisivelmente transportado ao interior duma pessoa desconhecida. Aquêlê a quem tal sucedesse, como nada sabia do passado do desconhecido em cujo íntimo entrava abruptamente, e dês-se passado nada se lhe explicava senão a partir do momento em que o hoje principiaria a dar sentido ao ontem — aquêlê a quem tal sucedesse seria tomado de vertigem.

Que fará Stephen Dedalus? Que quererá Bloom? E' com estas duas existências, de quem nada se nos disse, que vamos viver um agitado dia de Dublin. Levantamo-nos da cama com Bloom, deixando Molly, a sua mulher meio adormecida ainda; penetramos na cozinha; fazemos compras; preparamos o almoço; lêmos o jornal; acompanhamos um desconhecido ao cemitério; entramos numa biblioteca pública, na redação dum jornal, num

bar, numa maternidade, num bordel; embriagamo-nos; e, por fim, regressamos ao lado de Molly, a qual, enquanto o marido se deita, desperta por êle, pensa, repensa, torna a pensar, ininterruptamente, de modo a preencher as últimas cincoenta páginas do romance, com um monólogo interior magistral. E' isto o *Ulisses*: é isto e eu sei lá que mais! Seria quasi impossível dizer quanto a densidade das suas páginas contém.

Alcançou, no entanto, James Joyce o seu objetivo? E' isto, realmente, a verdadeira imagem da nossa vida interior? Talvez não seja fácil tentar uma aproximação mais feliz e mais completa. A nossa vida íntima, ou antes, o instante em que nos olhamos e nos tentamos compreender — pode ter algumas vagas semelhanças com isto. Mas um instante da nossa vida psíquica é um instante dum instante. Num simples volver de olhos, podíamos ter evocado

toda a nossa vida passada, com os seus mais pequenos acidentes. Basta um volver de olhos. Como é, então, possível surpreender em toda a sua complexidade o mundo infinitamente movel do nosso eu? Como teria podido James Joyce fixar este instante dum instante que é um simples volver de olhos? De uma maneira incompleta, naturalmente? Sim; realmente duma maneira incompleta. E' impossível, com efeito, fixar num só plano — o da escrita — os planos inúmeros da vida psíquica. Para o conseguir houve já quem tentasse, até, agrupar numa mesma página três planos de escrita — ou três planos da vida psicológica. Se me não engano foi o romancista francês Jean Richard Bloch. Mas o resultado é de facil previsão. Joyce e Bloch tentam o impossível. Como tentativa, a obra de James Joyce é extraordinária. Quanto a mim, porém, indica um caminho errado. Só se pode surpreender pela síntese o que pela análise se não pode captar na sua complexa realidade. E o domínio da arte diz antes respeito á síntese do que á análise. Uma só página de Tolstoi, por exemplo aquela em que um cavaleiro atingido por uma bala cai de costas no chão e descobre, pela primeira vez, o espetáculo surpreendente do céu azul, sugere-nos mais da nossa vida íntima, dá-nos uma impressão de maior realidade humana do que as setecentas e tal páginas de Joyce.

Por isso, se o *Ulisses* perdurar, perdurará antes como obra de psicologia que como obra de arte. A obra de Joyce é talvez um degráu indispensável na evolução do romance. O principal papel de *Ulisses* será, no entanto, o de mostrar aos futuros romancistas o caminho que êles não deverão seguir. Com Virginia Woolf, estas palavras são duplamente significativas.

("Tendências do romance contemporâneo", excerpto).



A SENHORA — NÃO POSSO SABER PORQUE CADA VEZ QUE ME RETRATAM DEMORAM TANTO...



# ORTOGRAFIA BRAZILEIRA

## • • Considerações sobre a refórma ortográfica • •

**H**OUVE tempo, — e ainda em muitas capitais, o uzo não mudou, — que palavra alguma, ou espressão alguma, era havida por certa e “vernacula” sem que não fosse amparada ou empregada por um clássico da Língua.

Era a época dos homens que sabiam tudo “porque sabiam Portuguese” e dos que nada sabiam porque “não sabiam Latim”.

E assim chegou-se a nem se saber Portuguese e nem se saber Latim, antes a escravidão dos filólogos e professores era tamanha que jamais admitiu outro direito senão o dos Portuguesees formarem vocábulos, negando-nos assim a capacidade de crear termos derivados do Latim.

Apezar de toda essa subordinação ao Passado, os “puristas” davam guinadas tremendas quando se encontravam no campo da discussão. Nunca estavam de acordo e concluíam que a Língua Portuguesea era a mais difícil de todas, quando a verdade maior é que lhes faltavam conhecimentos de Filologia. Comparada, senão também de Língua Brasileira, a que deviam servir, contra Língua Portuguesea, que se empenhavam em fazer dominante numa terra em que a linguagem de Portugal, desde o século XVI, se foi modificando.

Não é necessário muito raciocínio para se concluir que a Ortografia, por esses e outros disparates, foi grandemente perturbada. A começar por ela, que se grafou orthographia, ortographia e ortografia. Nesta ultima, que é a forma actual, voltou-se ao passado, pois a regra antiga, hoje trazida ao cartaz, é que H, depois de T, R ou C (este com o valor de K) não se deve admitir. Choro-graphia, por exemplo, já era grafia errada desde ha muito, mas appareceu em meados do século XIX afrontando tudo. Porque Rhetorica? Porque Rheumatismo, Chromo, Chronica, Rhinoceronte, Thema, Thuribulo, Throno, Thlipsia? H é, nesses cazos, neutro e não modifica som de T, de R, ou de C valendo K.

Os ariris (o termo é brazilico e significa antepassados) da Língua foram, relativamente a certos empregos do H, muito mais iluminados do que os seus successores. Estes não se conformaram com a regra porque a palavras Christo e derivadas, (que foram também grafadas Chrysto, etc., e, por isso mesmo, pronunsiadas como si escritas com II em vez de Y), deixavam de ser verdadeiras. A antiga regra era entretanto bem clara: — **CHRISTO** sem H hé erro gravissimo. Como se vê, só os antigos admitiam esse emprego de H depois de C valendo K. Esta, para elles, era a única palavra

### JOAO VIEIRA II

de “bôa estirpe”. Todas as demais, cristão, crisma e outras, filhas da Baixa Latinitude, deveriam obedecer á Fonética, mas apenas á Fonética obedeceu, depois dos remendos dos gramáticos, tudo que se relacionava com sacristia, isto é, sacristania, sacrista, sacristão, (que também fazia o plural sacristãos), sacristã, que também se escrevia sacristãa, sacristan), da derivação latina sacrista, sacristão, sem H, o que tem a seu cargo a sacristia.

Não é necessário lembrar que, mesmo assim, assolou o H depois de C e antes de R, como em:

Chrispim, de Chrihpinus, latino;  
Chrysól, crysól, crisól, de krossós, grego;  
Chryse, chrise, crise, de krisis, grego;  
Chryspar, Chrispar, crispar, de crispere, latino; etc.

Si não havia razão para defenderem esse H, onde os “puristas” mais se empenharam a trazê-lo como bom, também lhes saltava como sem razão de ser a ilusão com que a ortografia a si mesma se opunha, sem encontrar o tal fundamento etimológico por elles tão levado em conta:

Ho, Ha, Hos, Has, por O, A, Os, As;  
Hum, Huma, Hu, (com til no u), Hua, (com til no u), por Um, Uma;  
Hódio, por ódio, Haz, por Az, Holá e até Holah, por Olá, Hu, por Onde, Huma-gem, por imagem, (que veio depois de outras grafias), Huo, por um, e outros “barbarismos ortograficos”.

Assim, imposto o H nesses vocábulos, e depois deposto mais por Zzazileiros do que pelos Portuguesees, (tendo disso a palma os contemporâneos de Moraes), muitas palavras passaram a perder essa letra, ou por impropriedade dela, ou por supérflua.

Nossos gramáticos, porem, preferiram quaze todos a Língua de Portugal e negaram aos Brasileiros a Língua Brasileira.

Dentre os muitos gritos de revolta contra essa jente, o mais vibrante foi o de Antonio Joaquim de Macedo Soares que, no Prólogo do Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesea, deichou apenas estas palavras:

**JÁ É TEMPO DOS BRAZILEIROS  
ESCREVEREM COMO SE FALLA NO  
BRAZIL E NÃO COMO SE ESCRIVE  
EM PORTUGAL.**

A esse tempo já se fazia, no Brazil, a campanha contra falar com II, mas os partidários das letras duplas punham a LEI acima da Ortografia, isto é, defendiam o principio de que a grafia verda-

deira é a uzada nos textos da Lei. Assim poncella, pucella e donzella, (trez denominações diferentes que se resumem numa só), perderiam a virtude “legal” si a qualquer delas faltasse um dos dois L...

O exemplo não convenceu e abriu campo á duplicidade sem atenção ao sufixo. E, de então por diante, a Lei, mesmo não sendo, passou a ser igual para todos... Macella, tella, parallella, taramella... ao lado de macela, téla, taramela. Justo é lembrar também que esta confusão creou, entre os que tinham dúvida sobre si um termo se deveria grafar com um ou com dois L, regras interessantes:

1.º — reduzir ao minimo o número de palavras com dois L, suprimindo-se um deles, conservadas as letras duplas nas palavras mais comuns: — pêllo, donzella, etc., e nas de grande importancia, cancellaria, etc.;

2.º — aproveitar-se o mais possível de palavras definitivamente grafadas com um L e subordinar outras escritas com dois L á mesma regra: — modelo, zêlo, desvêlo, trêla, tabêla, tijêla, canêla, pêlar, martêlo, cutêlo, novêlo, etc. e mesmo pêlo, donzêla, etc.

A tendensia brasileira, fácil de ser verificada na imprensa periódica e em livros redijidos por pessoas sem conhecimentos da Língua chamada Clássica, foi para a supressão da duplicidade do L na maioria das palavras mesmo derivadas de outras em que figuravam LL.

O grito de Macedo Soares repetira o que vinha das altas camadas populares

A reacção era muito forte contra hum, huma, hé (terceira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo sér) e outras “velharias injustificaveis”. Si bem que a “modernização da ortografia” estivesse muito em foco, ainda muitos escrivãos e funcionários públicos, e também professores, escreviam á antiga, rebelados contra Moraes, que foi combatido por uns e admirado por muitos. E, por outro lado, apesar do espirito de libertação contra Portugal, especialmente depois dos levantes de Pernambuco e das sangueiras pro-Independência na Bahia, os partidos cresciam em favor e contra as grafias antigas, quando no entretanto se admiravam e cultivavam Antonio Vieira e outros que reformaram a Língua e também a Ortografia...

Macedo Soares procurou dar expansão maior á verdade que se não via, embora não penetrasse no monumento que já era a Língua Brasileira distanciando-se da Portuguesea em harmonia,



## PAN — Espressão do pensamento mundial

doçura, riqueza e precisão e tornando-se mais flexível, mais sonora e sobretudo mais elegante. Seu estudo sobre A, sua

### PORTUGAL

á-mo  
ingá-no  
mêu má-nu  
'legre  
k'miza  
libAral  
sociAdade  
cunsilháiru  
amáixa  
cunvâin  
tânhu  
mantanX  
prábãX  
mãX

purcânáu arrbou  
...cáxu mannmadu

consenten a grande pena  
ter medo á pobreza  
caçada ao leão  
a volta ao mundo  
abertas ao centro  
em torno a si  
pespontadas a preto  
estava a riri  
estava a churari  
andava a r'zari

E Macedo Soares diz: — “Vê-se que as relações ou circunstâncias de causa, companhia, contiguidade, direção, distância, fim, instrumento, lugar onde, donde, para onde e por onde, matéria, modo, nexos, ordem, possessão, os Portuguezes de hoje exprimem pela só preposição A, e os Brasileiros por inúmeras outras herdadas do português antigo, do português clássico de Camões, de fr. Luiz de Souza e do p. Antonio Vieira”.

Ha um ponto, o de in-gâno, em que

pronuncia e como artigo e preposição é interessantíssimo.

Alguns exemplos de Macedo Soares:

### BRAZIL

ã-mo  
en-gâno  
meo mã-ne  
alégre  
camiza  
libêral  
sociedade  
conselhêro  
amáixa  
convem  
tenho  
mantens  
parabens  
mães

porkê a náu arribô  
que achu-me animado

...com grande pena  
...da pobreza  
...caçada de onça  
...volta do mundo  
abertas no centro  
em roda de si  
estava rindo-se  
...de preto  
ia chorando  
andava rézando

Macedo Soares, ingânou-se. Em 1855, os tais “patriotas” haviam descoberto que a maioria das palavras escritas inicialmente com EM e EN eram pronunciadas como si grafadas com IM ou IN: Imbarque, imbirá, imagrecer, impatar, incanto, etc. Aderiram alguns escritores, dentre os quais José Feliciano de Castilho, todos firmados no ser EN antigo e, na reforma da Língua, substituído por IN, como em enjuxte, por injustamente, enchado, por inchado, o que aliás nada

provava, quando a verdade parecia estar com alguns que afirmavam a identidade das preposições antigas EM e IN feitas prefixos, ambas a mesma IN latina, tornadas EM e IM antes de B, P, M, conforme a regra ortográfica de então, e EN e IN nos demais casos.

Disso vieram:

1) — a tendência para muita gente tornar-se partidária de IN, o que não logrou êxito na escrita, passando depois EN a dominar na pronúncia ao ponto de se dizer encluir, encompativei, infantil, enfeliz, etc., embora se escrevesse certo;

2) — a abundância de recursos postos em prática para se manter M antes de B, P, M, — o que aliás tem produzido movimentos de reação contra essa imposição.

A verdade é que os lutadores enfraqueceram.

A maioria reconheceu que as reformas ortográficas haviam servido para distinguir origens de vocabulários — (e isso se deduz da leitura dos tais “mestres”) — Mas é também certo que há ainda hoje muitos bobos que aplaudem as grafias complicadas querendo homenagens à riqueza das letras supérfluas ou dos grupos consonantais injustificáveis: a p o p h t h e g m a, por exemplo.

Depois disso se vê que a tal Ortografia Etimológica não passa de uma grande mistificação amparada pela suposta necessidade de se manter uma língua com grande número de grafias para um mesmo som de uma mesma sílaba, como por exemplo, cha, sha, xa, quando se empregando uma só para todos esses casos, em nada perderiam a Etimologia e a Semântica.

E ninguém se iluda. EM, IM, EN, IN e M antes de B e de P estão repetindo o velho provérbio: — Si queres ver o porvir, olha o passado.

## Pássaros formozos

As aves mais formosas e magníficas do mundo são as aves do paraíso e os pássaros-moscas. A ave do paraíso — quem diria! — é parenta longínqua do corvo. Somente um naturalista pôde descobrir semelhante parentesco. Qualquer outro que não seja versado em história natural, apenas imaginará um contraste maior do que o que existe entre um corvo e uma ave do paraíso. E contudo não se diferenciam entre um e outro muito mais do que se diferenciam entre si as várias classes de aves do paraíso e a maior parte delas se contam entre as mais belas espécies de aves que existem na Natureza. Não somente os mati-

zes de sua plumagem são maravilhosos, como também a disposição de suas penas é, às vezes, realmente extraordinária.

Ha entre elas uma cuja cauda é curta e quadrada, mas da qual se destacam doze largos filamentos, ligeiros e flexíveis, que se estendem até as asas e lhe dão um aspecto notavelmente curioso. As principais cores da sua soberba plumagem são o violeta bronzeado na cabeça; o verde, o violeta e o negro na cauda; o verde bronzeado no lombo e no alto das asas; o verde esmeralda para a borda exterior das asas e o resto do corpo, o mesmo que o côlo, se cobrem de um violeta purpureado, enquanto que o pei-

LEIA

**DETECTIVE**

A revista das emoções

to é de um amarelo intenso. Tendo um bico de uns cinco centímetros de largo, essa ave mede trinta centímetros até a extremidade da cauda. O bico serve para tirar o néctar das flores que lhe serve de alimento.

Ha outra ave do paraíso, mais corpulenta do que essa; sua cauda tem o tamanho de um metro. Encontra-se nas regiões montanhosas da Nova Guiné. Seu co-

lorido iguala em riqueza àquela, mas possui ainda uma fila de penas em abano que se levantam sobre o peito, bordadas de azul ou de verde brilhante, enquanto que as penas da cauda são de um delicioso azul opalino. Por baicho, o pássaro é branco, de modo que, quando levanta em dois semi-círculos as largas penas que lhe adornam as costas, o seu aspecto é realmente maravilhoso.



QUANDO penso no passado, surge obstinadamente, em minha lembrança um quadro triste: Uma tarde fria e chuvosa no tempo da guerra. Passei o dia à procura de algum alimento. Em vão. A fome flajelava a pequena cidade do norte da Alemanha onde então eu vivia. Eu senti as forças esvaírem-se. Um mês antes, nassera o meu primeiro filho. A fome torturava-me, causando-me verdadeira dor física. Vejo a vitrine parcialmente iluminada de uma padaria onde três pães se acham expostos. Sinto um momento de exaltação. Contemplo, absor-

guel-a com longa separação de meu marido e de meus filhos e a renúncia da situação invejável em Hollywood, não me referindo a alguns acessos de malária e outros inconvenientes dos trópicos.

NADA COMO A CELEBRIDADE PARA NOS TORNAR... TOLOS

Os sonhos de minha mocidade sempre foram poder trabalhar e reconstituir um lar. Deitava também possuir uma profissão e correr mundo. A vida tudo isso me deu. A ideia de "sucesso" nunca me preocupou. E, no entanto, foi

tuziastas. Não quis contrariá-lo, é lógico.

E' o melhor livro que jamais foi escrito, disse-me em tom convicto.

Não pude deixar de sorrir, tanto meu amor próprio ficou lisonjeado, dei ao garoto uma boa gorjeta e voltei ao carro. Mais tarde, um companheiro de viagem contou-me que ouvira a conversa que o garoto tivera com os companheiros, após deixá-lo. "Os jornais estão cheios de fotografias dela. Pensou que eu não a reconheceria. Não há nada como a celebridade para nos



Vicky Baum

# Vicky Baum,

a famosa autora de "Grande Hotel"

ta os pães, e a tentação é forte demais. Entro e, qual mendiga, balbucio algumas palavras incoerentes sobre o meu estado e minha fome, pedindo a esmola de um pedaço de pão. Murmuro qualquer coisa desculpando-me por minha vez, e saio. O estômago vazio peza-me como chumbo. Chove faz frio. Apoio a cabeça febril na parede da casa e choro... de fome.

Penso que a essa lembrança devo o interesse e compaixão pelos encarcerados, e todos os que o roubo ou o assassinio conduzem ao banco dos réus. Apaga-se esse quadro e vêm a lembrança dos dias movimentados que vivi durante a minha recente viagem pela Europa. Há algumas semanas, dezanbarquei em Genova, após uma estadia de cinco meses nas ilhas de Bali. Viver nesse paraíso das Índias Neerlandesas e ali escrever um livro, foi sempre uma das minhas grandes aspirações. Hoje é realidade. Se há uma verdade em que se pode crer firmemente, é a que diz se obtém sempre o que se quer, com a condição de se debruar com fé e firmeza.

Certo, a vida não faz presentes e reclamam o preço de todos os seus favores, o que, aliás, é razoável. A minha longa permanência em Bali pa-

No tempo em que eu chorava... de fome

uma das dádivas da sorte. O sucesso, porém, não basta para dar felicidade; quando muito facilita a realização de outros desejos. A felicidade, a verdadeira, é acessível a todos, mesmo aos que só ganham alguns francos por dia para viver. Na época em que entre esse também eu figurava, tinha pelo menos dois tesouros: a mocidade e a saúde. Sentia-me cheia de vida e o mundo era meu. Lembro-me ter lido num velho livro esta pergunta: "A quem pertence o prado? A grande senhora que é seu dono ou ao viajante que aprecia e se embriaga com o perfume de suas flores?".

Eis-me porém longe do assunto. Evocava a minha última viagem pela Europa, que eu deixara a cinco anos. Nos quiosques de jornais das gares vi exposto os meus livros. Mais de uma vez foram-me oferecidos dizendo serem muito interessantes. E' que não me sai da memória o caso de um esperto garoto de Kansas City. Um dia atravessando esta cidade, desci na plataforma da estação para renovar minha provisão de leitura para a viagem. Um pequeno vendedor de jornais esforçou-se por vender-me "Grande Hotel", e, lojando a obra em termos en-

tornar sensíveis à lisonja e... tolos.

BOAS SURPREZAS E BOAS PEÇAS

Já que falo das peças que a celebridade prega aos seus eleitos, eis mais um caso. Entrei, um dia, numa loja de Hollywood para comprar não sei que. No momento em que dei meu nome e endereço, o rosto da velha senhora que tomava a encomenda, abriu-se num sorriso, o que confesso, muito me alegrou.

— Vicky Baum? Espera, esse nome não me é desconhecido.

— Sim? disse eu, lisonjeada.

— Sim. No pequeno restaurante da esquina, onde costumava tomar minhas refeições, trabalha uma criada que também tem esse nome!

Mas a celebridade reserva, também, boas surpresas, sobretudo aos que começam a sentir os seus benefícios ou seus inconvenientes. Sinto sempre uma emoção intensa quando verifico a que ponto meus livros e meu nome são conhecidos, se bem que já esteja afeita aos murmúrios que se levantam ao passar pelos halls dos hotéis e que, a princípio, tanto me perturbavam. Confesso também o prazer que

sinto, quando o guarda aduaneiro, ao ler meu nome nas bagagens passam em silêncio aos outros passageiros. Fui particularmente sensível à homenagem que me prestou um policial que apanhou em flagrante delito de excesso de velocidade o meu carro. Lanchando um olhar à minha carteira de "chauffeuse", disse: "Se a senhora não escrevesse não escapava agora de uma boa multa"! E que sensação rara quando, chegando à fronteira entre Sião e a Índia, no meio da jungle, dois oficiais franceses apresentaram-me exemplares de meus livros para autografá-los. Mas o momento em que, com maior intensidade, tive consciência de minha popularidade, foi quando um indiano das ilhas Tidji, um velho de cabelos brancos e que, a dar crédito ao que dizia devia sua longevidade ao regime que observara durante a juventude — era, parece, um antigo canibal — me disse com simplicidade: "Li vossos livros com muito prazer, mrs. Baum."

PARTILHANDO A GLÓRIA COM MARLENE DIETRICH

Durante minhas viagens pela Hungria, Jugoslavia, Itália, França e Holanda, mais de uma prova obtive da minha popularidade. Há pouco encontrei-me em Londres com Marlene Dietrich. Estava encantadora e muito elegante



na sua "toilet", vinda de Pariz um chapéu armado de plumas que era um mimo. Todo o mundo na rua, voltava-se a sua personagem. Sinti, porém que numerosos olhares pouzavam em mim. E entretanto, não sou bonita, nem tenho mais mocidade. Apertei a mão de Marlene. A ultima vez que a tinha visto fôra em Hollywood. Ela veio depois apresentar-me suas despedidas e trouxe-me um bom pedaço de bolo feito por ela (Marlene é consumada doceira).

— Como vai, Marlene?

— Um tanto fatigada. E Você?

— Também.

Trocamos um sorriso como gente que se entendem e, no espaço de um segundo, tive a ilusão de partilhar com a celebre artista o brilho ofuscante da glória.

#### MINHA ESTRÉA

Como não deve ser poético evocar as ambições, as lutas encarniçadas, os momentos de sezanismo, as desiluzões e, por fim, a vitória final. Infelizmente, nada disso ha na minha carreira. Se tive algumas experiências desse jenero, ha muito estão esquecidas, como esquecidas estão as picadas das mosquitos nos trópicos, para só guardar a lembrança das palmeiras majestozas e dos ocazos encantadores. As grandes dificuldades de minha vida não foram pessoais, mas as que sacudiram toda a minha geração. Uma geração que teve de passar pelo inferno da guerra, das lutas internas, da inflação, da imigração e que, sobretudo, não está muito certa de estar livre de outro conflito.

#### DOMADORA DE LEÕES OU MUZICISTA

Senpre me perguntam em que época prinsipiei a escrever e quais eram, então, minhas aspirações. Pois bem, meus primeiros ensaios literarios fil-os quando aprendi a enpunhar a pena, isto é, aos cinco anos mais ou menos. Minha cabeça já estava cheia de histórias acumuladas, sem dúvida, durante os meus primeiros anos de vida, quando, deitada no berso, dedo na boca, observava as pessoas e as couzas. Quanto as minhas aspirações, limitavam-se então a estorquir de minha mãe quanto mais doces e chocolates podia. Entretanto, no meu cérebro já se realizavam, sem

eu saber, ambições de outra natureza. Porque, no dia em que minha mãe me perguntou se queria estudar harpa, respondeu-me com esta pergunta: "Que é mais difícil, tocar harpa ou domar leões?" (Assistira a uma infinidade de concertos e também a um espetáculo de circo) "Tocar harpa é muito mais difícil", respondeu-me minha mãe que me conhecia muito bem. Resolvi, pois renunsiar a carreira de domadora para me dedicar á de harpista.

Minhas disposições muzicais revelaram-se precoces e todos se convenseram que me não faltava vocação. Todavia, durante os interminaveis ezersícios de harpa, o meu cérebro trabalhava elaborando histórias; cada qual mais palpitantes que a outra. Em breve fiquei sendo uma espécie de criansa prodijio, apresentando-me em público e vendendo meu nome imprêso nos jornais, com fartos elojios.

#### ANSIA DE ESCREVER

Aos sete anos devia ser in-

eu votava uma cordial antipatia. Era muito cheio de si e agressivo; seu pai era diretor de um jornal. Ora, um dia, ele disse na minha presença que se lhe dêsse na cabeça escrever um poema, estava certo de poder inseril-o no jornal do pai. Sua pretensão e confiansa ezasperaram-me. "Meu pai não é diretor de jornal, repliquei, mas sou capaz de apostar um "tablete" de chocolate em como vou escrever qualquer couza e logo será publicado. A aposta foi feita e, naquela mesma tarde, puz mãos á obra, escrevendo meu primeiro trabalho de folego, um conto "para adultos", muito "sophisticated". Deu-me a tripla alegria de ser publicado, receber trinta corôas austriacas ganhar um "tablete" de chocolate.

#### MINHA PRIMEIRA ÓBRA IN-PRÊSSA

O periódico que tão bom acolhimento dispensara ao meu conto, enpenhou-se, por carta, para que eu lhe enviasse

zo. O autor daqueles contos dezabuzados até um pouco cinicos era uma garota de quatorze anos! Para cúmulo da desgraça meus pais souberam de tudo, e temendo que essa fantasia fosse prejudicar minha carreira muzicista proibiram-me categoricamente de escrever, tanto mais que estávamos na época dos ezames finais no conservatorio de muzica de Viena e eu me achava assoberbada de trabalho.

#### ESCREVENDO PARA A CESTA

Entretanto, a proibição de meus pais só serviu para estimular minha necessidade de escrever e de ler romances. Foi então que descobri o meio de devorar livros na cama, sob os cobertores com uma véla acesa. Ainda hoje me pergunto como, graças a esse processo, não ateei fogo a casa.

Fiz os ezames com sucesso e obtive um lugar de harpista na orquestra sinfonica de Viena. Não renunciei, porém, a escrever. E' certo que não mais apresentei meus trabalhos dos jornais; trabalhava unicamente para a minha cesta e não para a dos redatores-chefes. Trabalhando de dia, na orquestra, cuidando, de noite de minha mãe doente e dividindo os raros momentos de folga entre a leitura e a redação, eis como passei os cinco anos que se seguiram. Dura escola de onde meu caracter salu temperado. Uma atrás da outra minhas obras seguiam... para a cesta.

Penso porém, que essa relação constante de meus trabalhos com a cesta, naquela época, devo o ter-me poupado mais um desgosto na minha vida literaria.

Quanto a minha carreira de harpista, teve altos e baixos. Ora, tinha trabalho remunerado, ora nada aparecia. Houve época em que a obturação de dente ou concerto da malha corrida das meias bastavam para dezequilibrar o meu orçamento. Houve mezes sem um tostão de receita. Depois, a guerra o medo de perder entes queridos, e a sensação nítida do absurdo em escrever livros, quando doentes, soldados e creansas declamavam assistensia.

O termo da guerra encon-

(Conclue na pag. 18)

## BLENOORRAGIA

Cura radical em uma semana pela Induto-  
termia  
**DR. NUNES**  
Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 711 — Fone 7-7822  
SÃO PAULO

suportavel, porque, tinha a mania de, cada vez que era apresentada a alguem, fazer esta pergunta; "Quereis ser meu correspondente? Escrever-meis cartas e eu vol-as responderei". Se assim atormentava os outros era porque sentia uma verdadeira tentação de escrever.

Um pouco mais tarde, no liceu tornei-me o pezádelo do professor de literatura. Quando me mandava fazer uma conpozição de cinco pájinas eu lhe entregava mais ou menos uma cincoenta. Não tinha absolutamente foras para deter a pena. no entanto seria ezajero falar em vocação ou ambição. Se algum desejo eu nutria nessa idade, era antes de tudo, o de tornar-me uma grande muzicista.

Aos quatorze anos me foi dada a alegria de ver imprêssas minhas elocubrações. Eis como se passaram as couzas. Eu tinha um coléga, um pouco mais velho que eu e a quem

outros o que naturalmente fiz, em grande segredo, escondendo-me sob um nome de guerra. As couzas complicaram-se no dia que o diretor da revista me convidou para passar no seu escritório para "discutir as condições de uma colaboração ulterior". Eu era então, como já disse, uma co-lejial de quatorze anos, vestido acima dos joelhos, pernas magras e transas. Em suma, eu não atinjira ainda a idade respeitavel em que se pôde sem temor de ridiculo, considerar-se uma escritora.

"Que isso não seja inpecilho", disse e munido-me de uma dúzia de alfinetes de seguransa, preguei a saia na fiibria da capa para fazela mais conprida. Quanto á transa, escondi-a como pude sob o chapéu. Quando penetrei no escritório do diretor, aparentava um ar cheio de dignidade. Todas essas precauções não inpediram, porém, que a minha vista, os jornalistas estourassem de ri-



**J**A' passaram os tempos em que as feras das selvas eram considerados como seres mais perigózos existentes á face da terra. Hoje o homem e com razão, teme mais a picada de certos inséto que as agressões dos leões e dos tigres.

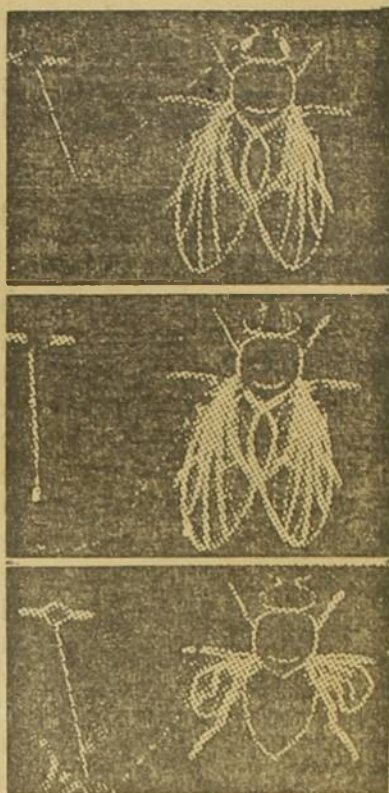
A' categoria dos nossos inimigos mais temíveis pertencem as vulgares moscas caseiras (mosca doméstica), difundidas por todo o mundo habitado, obstinadas inquilinas de

quantidade de contájos. Comprende-se portanto, o interesse dos numerosos estudos feitos afim de pôr em relevo a atividade da mosca como veículo de infecções. Alguns destes estudos puzeram em evidência a capacidade da mosca de transportar, de um lugar a outro, uma enorme quantidade de jérmes patojénicos. A tronba e as patas desse inséto são as partes que mais facilmente ficam impregnadas de encremen-

a qual em algum tempo já se enprestou grande inportância, parece ter apenas um pequeno significado. O ambiente que a superfície estérna das moscas ferése aos microorganismos é pouco propício para a vida destes e, como ficou comprovado pelas esperiências de Graham Smith, as bacterias rezistem sómente poucas horas sobre as patas e as azas desses inséto, pelo que sua disseminação por ésta via, enmente pôde ser produzida entre limites de espaço e de tempo relativamente brèves.

#### GRAVE DISSEMINAÇÃO

De muito maior gravidade é a disseminação operada por sua regorjitação ou defecação, porquanto os jérmes que o inséto introduz em seu próprio tubo digestivo, encontrando nas matérias infétoas que habitualmente ali se acham, um ambiente propício para sua



púsculos sólidos estremamente pequenos (tais como os micróbios) podem atravessar o sutilissimo canalzinho de sua tronba. No mencionado saco não existem líquidos digestivos capazes de extinguir os microorganismos, já que a pouca saliva que vai misturada com os alimentos, não possui nenhuma qualidade microbicida. Ao contrário, a saliva proporciona ás bacterias um terreno onde podem proliferar maravilhosamente. Em síntese, um verdadeiro campo de cultura. Parte do conteúdo do saco, especialmente depois das comidas abundantes, é vomitada e sai pela tronba em forma de pequenas gotas que, depositadas na superfície sobre a qual a mosca se encontra apoiado, apresentam depois de secas, o aspecto de manchinhas redondas com uma parte central circundada por uma auréola mais clara e a qual por sua vez encontra-se limitada por um anél marginal mais escuro. Este vomito apto a contaminar, constitue um perigo de infecção realmente grave.

Não menos perigóza são as defecações. O conteúdo do saco sobre aqui que já foi vomitado, passa gradualmente ao intestino.

Não se deve esquecer que as moscas nutrem, por assim dizer de alimentos pre-dijridos e que os sucos digestivos de seu intestino têm um poder muito fraco e estão, assim sendo izentos de eficácia bactericida apreciável. Os microorganismos protejénicos os rezistem,

# Guerra

às

# moscas!

G. C O L O S I

(De «Sapere» — Roma)

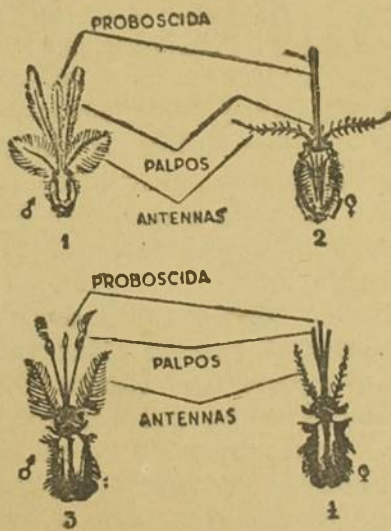
toda habitação humana, descaradas comensais de toda mesa servida, famélicas caçadoras de toda imundicie. Com suas pequenas azas capazes de mais de 300 vibrações por segundo, tornam-se inportunas e indezejáveis, passando rapidamente dos escrementos aos alimentos, dos cuspos e es-carros á supefície do nosso corpo.

Graças a um finissimo véu e a dois lóbulos chatos e sempre húmidos que atuam em forma de ventózas, suas patas tornam-nas aptas a caminhar sobre a superfície vertical e liza de um vidro, como também sustentam seu corpo em seus passeios através dos tétos. Não ha lugar, por onde remóto que seja, que elas não possam atinjr, uma vez que lá encontrem alimentação e azilo.

Seu pouco escrúpulo em matéria de alimentação, sua insaciabilidade, seu número imenso e a dificuldade da jente se defender delas, fazem das moscas nosso mais perigozo e permanente inimigo durante a estação do calor. Isso por que ás moscas se deve uma continua difusão de jérmes patojénicos, assim como também a transmissão de uma grande

to de cuspo urina, de podridões e de muitas outras substâncias jeralmente infétoas. Esse inséto alem disso, possui o habito de esfregar continuamente as patas uma contra as outras cervido-se delas, também para alizar a tronba e as azas.

Compreende-se muito bem como, procedendo dessa forma, a mosca não faz mais sino que distribuir por toda sua superfície os jérmes que recolheu andando ou sugando alguma coiza, pelo que cada parte exterior do seu corpo fica imediatamente em condições de disseminar os. Todavia éca maneira de disseminação,



vida e multiplicação, podem em breve ser espelidos em tal abundância e com tal grau de virulência, que lhes torna fácil envenenar nossos alimentos e bebidas e infetar nossa pele ou nossas roupas, ou qualquer outro objeto sobre o qual sejam depositados sua regorjitação ou suas matérias fecais.

E' necessário saber o que é a regorjitação das moscas. Este inséto possui, em dependência com seu ezôfago, um volumozo saco que lhe serve como depóito dos alimentos apenas injeridos. Estes alimentos são fundamentalmente líquidos, já que sómente cor-





pois, perfeitamente, de modo que ao serem espelidos com as defecções se encontram em perfeitas condições para propagar a infecção.

#### O TENPO QUE PO'DE DURAR A INFECCÃO

Por quanto tenpo as moscas, depois de se nutrirem com matérias infétas, permanecem em condições de transmitir o contágio? Ficker afirma que depois de ter injetado uma cultura de tifo abdominal, as moscas estão em condições de contaminar, tanto pela regorjitação como pela defecação. Segundo Thompson, esta possibilidade não se prolonga por mais de dois dias. Teodoro, que examinou detidamente esta questão afirma que o bacilio do tifo, introduzido no aparelho digestivo da mosca (além da mosca doméstica ele fez experiências com duas outras espécies muito abundantes nos campos) reziste e conserva todas suas características durante vários dias. Cinco, pelo menos, com toda seguransa. Isto permite apreiciar o perigo que, como veículo das enfermidades, representa uma só mosca que se tenha alimentado com as matérias fecais de enfermo de tifo.

Nem todos os jérmes patojénicos encontram na mosca seu meio de transmissão mais ativo, nem todos permanecem em seu intestino tanto tenpo como o do tifo, da tuberculose, do carbúnculo ou da diarreia. Mas é indiscutível que as moscas dezenpenham um nefasto papél durante as epidemias de cólera cujos vibrições podem nela permanecer vivos durante muitos dias) e produzem uma difusão nada desprezível de muitas enfermidades como por ezeñplo a difteria, a variola, etc.

Nenhum animal se acha livre do perigo das moscas. Até o bicho da seda encontra nelas um inimigo porquanto póde infetalo de uma das graves epidemias que devastam as sericulturas. Teodoro, com efeito, demonstrou que as moscas pódem transportar não só mecanicamente com a parte exterior do seu corpo os corpusculos da pebrina, como também difundil-os depois de os haver ingerido, seja por meio das regorjitações ou das

defecação, que ésta difusão póde ter lugar até trez dias depois da injeção das matérias infétas.

#### O FLAJELO DA MOSCA

Mas em compensação do mal que póssam cauzar aos demais animais, as próprias moscas estão espostas a várias enfermidades epidémicas, as quais infelizmente, não conseguem destruir seu nefasto ezército. O principal flajelo que as conbate é uma espécie de fungo parasitário (enpuza muscae) que invade seu corpo e as dizima, principalmente ao finalizar o outono. Com o abdómen inchado e rodeado de caraterísticos anéis esbranquiçados, a mosca ataca da em brève é liquidada.

Até agora nos limitamos á mosca doméstica. Ezistem, todavia, outras espécies que dividem com élas suas tristes prerrogativas. Entre élas se encontram a muito comum mosca canicular (fannia canicularis) e sua conjénere (Feritocéfala) as moscas azuis da carne (califora) vomitoria e C. eritrocéfala), a mosca parda da carne (carcofaga carnaria) e a mosca verde-dourada (lucilia caesar). Todas estas moscas devoradoras de carne em putrefação, são veículos habituais de todos os microorganismos que nelas polulam e que caraterizam a corrupção das matérias orgánicas.

Além das moscas de que falamos, é preciso citar também outras não menos perniciosas, como por ezeñplo a que costuma picar o cavalo, (stomoxys calcitrans) e a qual não repugnam sugam o sangue humano, transmitindo assim no cazo de se achar infetada, o carbúnculo de uma para outra vitima.

Porém as mais temiveis dessas moscas não ezistem, por felicidade, sinão na Africa tropical. Trata-se das (glossinas), que constituem o flajelo daquélas rejiaños, pois transmitem as mais graves molestias. A jente a reconhece facilmente pela posição horizontal em que se acha disposta sua tronba, assim como pela fórma de assentar as azas quando pouzam, superpondo uma sobre a outra, o que dá a aparénsia de uma folha de faca.

## Caza Monteiro

TAPETES-CORTINAS  
DECORAÇÕES DE INTERIORES

RUA 7 DE SETEMBRO 103,  
TELEFONE 22-5701

No Congo e em alguns lugares da Africa ocidental, principalmente em Uganda e nas proximidades dos cursos d'agua, eziste a mosca "tsetse" (glossina palpalis). Estas moscas são frequentemente infetadas pelo "tripanozoma gambiense, o qual, inoculado no homem, constitue a origem da terrível doensa do sono. Em outras rejiaños africanas eziste também outras moscas do mesmo jénero, a "glossina morsitans", não menos perigóza que a precedente, isso por se encontrarem nela, habitualmente, dois outros peri-

gozissimos "tripanosomos": o átripanozomo rodeziense": o "tropanosomo brucei", o primeiro dos quais, juntamente com o "gambiense" é, para o homem, agente da enfermidade do sono, enquanto o segundo dezima os rebanhos, propagando entre eles a moléstia conhecida pela denominação de "nagana".

Em suma, quanto mais se estudam as moscas, maior é o medo que élas infundem ao ser humano. Mas, felizmente, o homem aumenta também dia a dia a eficácia de seus meios de luta contra o repugnante díptero.

## O PAIZ ONDE MAIS SE LÊ

A França possui sessenta milhões de habitantes — A "Alliância Nacional do Livro" viza desenvolver no grande público o gosto pela leitura, "a recordar a todos, pelos meios mais inpressivos, que o livro é o principal instrumento da cultura do espírito e a unir, na defeza e difusão do livro todas as forasas inteligentes da nação.

E'sta Aliância Nacional foi organizada em França, por iniciativa de Georges Duhamel, escritor de rénome, enbóra a França seja o paiz onde mais se lê.

Demonstrando o asserto final espréso nas anteriores linhas acóde a "Livraria Mundial", de Stuttgart, trazendo a lume a estatística dos estabelecimentos de venda de livros em cinco grandes nações:

A Alemanha, contando 63 milhões de habitantes, figura com 15.000 livrarias; os Estados Unidos, com 6.000 para 126 milhões; a França 60.000 livrarias para 42 milhões de habitantes.

Ha, pois, em França uma livraria por grupo de 700 habitantes, enquanto ha uma na Alemanha para 4.200 habitantes; uma nos Estados Unidos para

21.000 habitantes; uma na Grã Bretanha para 4.300 e uma na Italia para 14.334 habitantes

Do recheio destes depósitos de livros nem tudo, evidentemente, é farinha a aproveitar. A dificuldade está na escolha. O comprador desprevenido perde a miúdo o seu dinheiro e o seu tenpo folheando páginas onde o nico chorume é o da tinta de inpressão.

Em alguns paizes, certos jornais mantêm secção destinada a informar, por intermedio de colaboradores especializados e coná cerca dos livros capazes de serpetentes, os leitores estúdiózos vir-lhes os conhecimentos dezejados. Em França, um sientista illustre, Charles Richet, lansou a idéia duma revista destinada a indicar o que devia ler-se e o que poderia passar-se sem ler.

Éra a maneira de separar o trigo do joio. A idéia não se traduziu em obra. E naquele paiz, como em outros, ante a fachada dos volumes, tanta vez, como certos rotulos aliciantes, cobrindo petreia, o público ledor, á falha de guia consiente, arrisca-se á deziluzão, ao aborrecimento e á inutilidade do seu esorso e dos seus gástos.



# Mulhéres na História Arjentina • • • • • • Juana Manuela Gorrit

A mulher desempenhou um papel importantíssimo na organização nacional e social dos povos.

Na História Americana foram evocadas mulhéres de espírito, que prevaleceram ao fugaz da matéria, e que construíram a imortalidade de seu nome.

Suas vidas foram consagradas a idéias que fizeram florescer as ciências, as artes e a literatura. Assim foi a existência de Juana Manuela Gorrit. Seu nome é um símbolo, um emblema da pátria.

Mulher arjentina, matrona da pátria, desta pátria que nos legou tantos heróis e grandes personalidades.

Juana Manuela, filha de uma grande nação, fecunda e poderosa; terra daquelas decididas mulhéres das Invasões Inglesas que souberam defender seu patrimônio com verdadeiro denodo e estoicismo.

E' a terra de Dona Remédio Escalada de San Martín e Mariquita Sánchez de Thompson, que entoaram pela primeira vez o Hino Nacional, juntamente com os que conseberam tão delicados sons de nossa sanção nacional.

O cérebro de Juana Manuela Gorrit foi depósito misterioso de luz, que moldou sua inteligência e conduziu-a ao caminho da peregrina lembrança nacional. Susteve com sua vida, sua obra e as arestas vigorosas de sua personalidade, o sólido edifício de sua pátria.

Sua obra está impregnada de emoção dolorosa, de sofrimento que acrizolou seu espírito de mulher forte e valente. Realizou com a sua própria existência, o ideal de sua personalidade, para honra da terra que lhe deu a vida.

Sua natureza íntima, ao projetar-se sobre as demais, submetida a leis iniludíveis da vida humana, elevou sua inteligência às maiores alturas, sendo um dos seres privilegiados e constituindo um emblema de um ideal humano.

Mulher de alma bem moldada na luta pela vida, soube transpor com valor e grande integridade moral todos os abismos em prol da realização de seus anhelos, vencendo a si mesma, e vencendo aos que se alsaram tentando opor obstáculos a seus passos, vendo exclusivamente o horizonte ao qual deveria chegar, embora fosse mistério, para tanto, transpor os humbraes da morte.

A vida de Juana Manuela está impregnada de emoção dolorosa, sofrimentos condensados num es-

pirito sublime de grandes alegrias, de fracassos e de triunfos.

Em Salta, pequena cidade de nossa Republica Arjentina, mas de grande significação em nossa história, nasceu Juana Manuela Gorrit, a 15 de Julho de 1818, onde viveu seus melhores anos, conheceu suas ternuras, que eram as fibras mais delicadas que vibravam em suas recordações, evocando um sonho de lembranças de seus vales floridos, de suas montanhas azuis, seus cumes poderosos, que com sua potensia de montes andinos, incomensuráveis, transmitiram força e poder à mulher, que com o anseio de vencer na vida, formou o próprio clarão para a sua imortalidade.

Filha do jeneral José Ignacio Gorrit, oriundo de Jujuy, ho-

mem que sacrificou sua vida pelo bem de sua pátria. Foi um dos primeiros que se alistou quando da Revolução de Maio, cooperando com seu esforço e fortuna para os gastos que demandava o exército.

Em 1820 atuou na Campanha de Salta e Tucuman; em seguida foi nomeado representante no Congresso Constituinte de Tucuman. Venceu ao jeneral Marquiegui em Jujuy, obrigando-o a retirar-se para o Alto Perú. Foi várias vezes governador de Salta, sendo ezeplar sua administração. Depois da derrota do jeneral Paz emigrou para a Bolívia, onde morreu havendo gasto sua fortuna em prol da Independência de sua pátria.

Sua mãe foi Dona Felicitiana Zuviria, dama de alta linhagem.

Angelina del Barco Piñero



Retrato de Juana Manuela Gorrit

Teve Juana Manuela o clima e o ambiente que sua personalidade exigiu. Belíssima mulher, de olhar penetrante, de físico esepcional, acesido a estes os ricos atributos de sua inteligência lúcida e privilegiada. Sua adolescência serena e tranquila foi alterada quando o jeneral Gorrit teve que partir para a Bolívia.

Juana Manuela abandona sua pátria quando a juventude e a fortuna mais lhe sorriam para acompanhar a seu pai, a quem assistia com sôcitos cuidados e grande amor filial, amenizando-lhe as terríveis horas que lhe deparou o destino. Ali permaneceu aparentemente tranquila, ocultando seus ideais e paichões, enquanto os governos ambiciosos, seguiam as direções do ódio e do despotismo.

Mas embora afastados da pátria, chega para Juana Manuela, seu dia de ventura: na sacada de sua casa, sentiu assomar ao seu coração a ditosa primavera do amor. Enamorou-se do capitão Belzú, e cunprindo o seu destino de mulher, uniu sua vida esepcional à de um homem também admirável.

A paz reinou em seu lar por algum tempo, enbelezando a harmonia da sua felicidade a existência de dois filhinhos.

A felicidade, porém, nunca é imperecível. Chegou o dia em que seu esposo, dezejando correr em defeza dos destinos de sua pátria não mais poudo permanecer indiferente e impassível; era militar e a voz da pátria fazia-se ouvir. Partiu abandonando a sua esposa e filhinhos entregues à sorte, para ir em pós do caminho dos conquistadores.

Juana Manuela, mulher indomável, que sabia sobrepujar-se à dor, de tempera rija, seguiu lutando sozinha com seus filhinhos, velando, como mulher e como mãe, pela felicidade de sua casa.

Belzú, como coronel, prende o chefe de Estado e entrega-o prisioneiro a seus soldados; mas fálho de técnica, esquece detalhes, o que permite ao presidente aproveitar-se para recuperar seu poder e espatriar-o para Lima.

A abnegada esposa, esquecendo ofensas e despojando-se do orgulho corre a seu lado para fazer-lhe companhia, mas Belzú não acreditando na sinceridade e nobreza de sua alma, fôje novamente.

Juana Manuela, apesar de ter o espírito saturado de tanta má-gua, continúa trabalhando e é então quando surge sua inclinação literária. Trabalha exaustiva-



vamente, escreve novelas, biografias, artigos que publica em Perú, Chile, Colombia, Equador e até na Europa. Suas obras têm o valor inapreciável da difícil simplicidade, que caracteriza todas as suas produções. Sua casa em Lima é o centro das mais distinguidas damas saltenhas e de reuniões literárias. E' quando Juana Manuela triunfa, pois as grandes vitórias surjem sempre dos grandes sofrimentos.

Belzú encabeça uma revolução e é nomeado Ministro da Guerra; atraição a seu chefe e faz-se proclamar Presidente.

Em seguida reclama sua esposa; ela, porém, mulher forte e de nobres sentimentos, domina o próprio coração e não torna ao lado do homem que tantas vezes a abandonara. Edelmira, uma de suas filhas, cazada com o Jral. Córdoba, acompanha-o.

Belzú governa tiranicamente a seu povo durante dez anos; deicha a seu genro o mando e parte para a Europa.

Mais tarde ao regressar á sua pátria, encontra o Jeneral Melgarejo no mais alto posto; recupera o poder, porém, encontra a morte nas mãos de seus inimigos.

Juana Manuela, que estava em La Paz, serenamente acompanha os restos mortais de seu esposo á sua última morada.

Ela fala então: "A vida humana e sobretudo estas vidas esplendorosas têm duas faces: uma, a luz; outra, a sombra; uma, iluminada pelos raios da sorte, da fortuna, da glória. A outra, perdida na obscuridade da pobreza, nas trévas dos dias de dor e de provações. Todos os que aqui estão são parte integrante da primeira, somente eu, sou companheira inseparável da segunda, e terminou dizendo: "... ao entrar á tumba e á História, Belzú pode vangloriar-se de haver fanatizado e feito eterno o mais inconstante dos sentimentos humanos: o amor popular".

Viúva, vai para Buenos Aires, onde morre em idade avançada a 6 de Novembro de 1892. Seus restos descansam na Recoleta.

Juana Manuela Gorrit deza- pareceu materialmente, mas vive e viverá na alma de todos os argentinos.

Juana Manuela legou-nos suas belas obras em sua essência e seu colorido. — Em 1845 foi quando as águas do Rimac sentiram-se perfumadas pela essência de seu espírito que transmite em seus trabalhos. Iniciou com "La Quena", e os diários da época fazem-lhe merecidos elogios.

Suenos y Realidades, uma de suas primeiras obras, quando a escritora deicha transparecer seu

entusiasmo ainda juvenil. Tudo nela é primaveril, a fantasia que desenvolve com tanta naturalidade e lógica dá forma á sua grande imaginação e permite evoluir beleza de sua alma pura e nobre. Mais tarde lansa El Guante Negro, Album de Um Peregrino, La Pipa del Mazorquero.

Uma de suas obras mais profunda, mais brilhante, é Peregrinación de un Alma Triste.

Seu fundo novelesco não é parte principal do trabalho; a mais importante e mais atrativa reside nas formosas descrições dos lugares, nos quais se desenrola o drama, o sólo americano visto de maneira esplendorosa, os costumes patriarcaes, a singeleza da vida do campo.

Nela destaca-se o romantismo de amores vulcanicos, a violência das paixões humanas.

Em 1858 publica o livro Un Drama en el Adriatico. Seguem-se El Lecho Nupcial, La Duchesa, El Lucero del Manantial, episodio que se passa á época de Rosas.

Assim como Dante bebeu todas as suas inspirações no conhecimento pratico da vida e dos negócios politicos de seu paiz. Juana Manuela Gorrit saturou-se de provar os dias de pranto e de sacrificios durante o governo da tirania.

Bazeada nestes acontecimentos terríveis, pelos quais passava o nosso paiz, escreveu El Lucero del Manantial, em cujo drama a protagonista é uma menina inocente, que a briza do Panpa acariciou. De olhar suave e melgo como as águas cristalinas de um arroio de voz doce e melancolica como o comovido gemido de um violino. Tudo nela era candura e pureza. — E'ra Maria o anjo tutelar das planicies panpeanas. Seu canto era a alegria dos humildes panpeiros, que devido ás inquietudes que lhes causavam as frequentes invazões dos indigenas estavam sempre em alarme.

Um dia, a jovem ao dar seu habitual passeio em seu briozo corcel, o animal, reconhecendo o caminho e dezejando ver-se livre de tão formosa carga, parte como uma flecha. Maria pálida, ao ver que chegava ás imediações do território ocupado pelos selvagens, pensa que vai desmaiar de pavor, mas de súbito sente que fortes braços a agarram. Ao voltar a si, dir-se-ia um sonho: o seu salvador é um garbozo cavaleiro, envolto numa capa preta que parece fital-a surpreendido,

como que pasmado de tanta beleza. Nasse então um triste romãse de amor. O olhar penetrante de tão galhardo rapaz cativou seu jovem coração. Maria, diariamente espéra o seu príncipe encantado que chega todos os dias, á hora do crepusculo, cautelosamente, a cantar-lhe seu amor. Chama-se Juan Manuel. Entretanto o dia de seu infortunio não tarda a chegar. Estalou a guerra civil e em seu louco torvelinho arrastou ao homem que tanto amava, e com o rugir dos canhões, as rizadas foram sufocadas pelos gemidos.

Passaram-se alguns mezes e a jovem sentiu que ia ser mãe, e ante tão terrível certeza somente pensou na morte. Mas, sem vacilar, um homem de grande coragem e sentimentos generosos, que também a amava, conhecedor do segredo de Maria e antes que a deshonra desgraçasse a mulher amada, oferece seu amor e seu nome.

Alberto, que agora é seu esposo, é nomeado presidente da Camara de Representantes a quem Rosas pedia o cargo de governador de Buenos Aires, sempre que havia oportunidade. Alberto repele esta proposta, mas Juan Manuel de Rosas ordena uma vingança a seu sequazes, e quatro mascarados indo ao encontro de Alberto cravam-lhe um punhal no coração.

Henrique, filho de Maria, nesse interim entrava para cunprimantar a Alberto que ele acreditava como seu pai, mas somente teve a tristeza de arrancar o punhal do peito daquele bom homem. Rosas, sabendo do jésto piedoso de Henrique, ordena que o rapaz seja condenado á morte por haver desrespeitado suas ordens.

Maria, ao ter conhecimento do sucedido, corre a implorar clemência ao ditador, mas seus rōgos chegam tarde: já seu filho havia sido assassinado. A mãe enlouquecida de dor, abrindo caminho entre a multidão ao apresentar-se diante de Rosas reconhece em suas feições amadurecidas os traços daquele galhardo mansebo que um dia a salvara. Cai desmaiada e ao recobrar ânimo diz-lhe: "Manuel! Que fizéste de teu filho?!"

Assim termina ésta novéla, com a morte na alma e a dor no coração de Maria. "El lucero del manantial".

Em 1861 publicou La Duquesa

## COURINA

Para tinjir suas bolsas, sapatos, cintos, luvas, etc. somente COURINA é infalível! Em 27 cores, tinjindo também o preto

em cores mais claras.

Esperimente e uzará sempre.

Av. Passos, 27

1.º ANDAR

F O N E

22 - 7282

del Alba, La Tierra Natal. Em 1876 Panoramas de la Vida El Pozo de Yoki, Velada Literaria em Lima, Impresiones del 2 de Mayo. Em Lima publica Coincidencia (drama), Ciumes (recordações de infancia), El Tesoro de Los Incas. Em 1886 El Mundo de los Recuerdos, Biografia del Genl. Vidal, Biografia del de Belzú, Perfiles, uma de suas obras postumas, e ainda El Angel Caído.

Em todos os seus livros concentra-se o temperamento melancólico, imaginativo e sonhador. Ao finalizar sua obra póstuma, disse: "Eu também, sonbra vivente entre essas sonbras vãs, estou ali com a saudade a reconstruir minha vida despedaçada por tantas dores, e extrair do delicioso oásis da infância alguns raios de luz, a buscar algumas flores para enfeitar e perfumar meu caminho. Quantas vezes fujindo do dezolador presente, encontro como único azilo, as sonbras do passado, para evocar as nobres ações dos mortos, para esquecer as infâmias dos vivos".

## CASA FLORA

PLANTAS ORNAMENTAÇÕES AJARDINAMENTOS - FLORES

R. DO OUVIDOR, 61 - Tel. 23 - 5022

R. Gonçalves Dias, 67 - Tel 22 - 0486

RIO DE JANEIRO



# OS LAGOS E OS BO'SQUES DE MECKLENBURG

WERNER SUHR

Os jeólogos dividiram a comarca em numerosas zonas diferentes entre si. Para o viajante que pássa por Mecklenburgo todas as zonas se fundem numa, não nota quazi diferença entre elas e o conjunto apresenta-se-lhe como uma paisagem duma variedade e duma riqueza de formas inauditas. Em todas as partes, á margem dos lagos e no meio dos bósques, vê-se a impregnação duma pacífica harmonia. Não pôde dizer-se que os quadros sejam senpre encantadores mas, ainda que com certa adustez, asserenam a alma fatigada e inquieta.

A natureza tem aqui uma expressão inconfundível: e eu não sei o que dizem a esse respeito os jeólogos. Parece que consideram os lagos como testemunhas essepsionais de remotas épocas jeológicas. Efetivamente, apesar da alegria da vida de hoje produzem essa impressão, agora que essa idade se sente como um segredo que não oprime, por certo. O número dos lagos é incalculável. São muitos mais do que os que se dizem na escola. São quazi seiscentos e cincoenta. A's margens de alguns não se precisa muita fantasia para sen-

tir-se, em pensamento, transportado, sobretudo num entardecer de Verão, á margem dos lagos lonjinhos do Sul, muito mais conhecidos; mas isto é superfluo e não recomendável. Estes lagos nortistas oferecem um deleite cuja nota incomparável ninguém dezeraria perder nem trocar por nada.

E' difficil dizer qual é a margem mais formóza. Isso é questão de gosto e do estado de alma. Os remeiros deicham-se arrastar pela corrente e o excursionista vai muitas vezes á mersê de Deus. Em todas as partes ha uma moita. Ainda que se passe, em qualquer lugar, vinte dias ou mais, podem escolher-se senpre por água ou por terra caminhos diferentes sem sentir-se dezenegados.

Quem procurar paisagens intactas aqui as encontrará senpre. Ha senhadores ninhos de pescadores onde se lamenta não poder permanecer mais tempo para satisfazer o impulso de excursões descobridoras. A alargada forma do lago de Piau (Player See) com as

suas margens tão próximas contida a prolongadas excursões. Ocultas enseadas alternam com abrupas margens. Vai alguém deslizando por entre bósques e prados e aqui, como em muitos outros lagos, os passos se estreitam tanto que se tem a impressão de estar andando entre floréstas ou entre árvores. A's vezes, a travessia do grande Muritz, onde uma briza suave, quazi senpre imperceptível, pôde conterter-se, de repente, numa violenta tempestade, lenbra verdadeiramente uma viagem em alto mar.

Os banhos de água doce como os de Warcn, Malchow, Robel ou Piau são lugares de recreio e balneários bem atendidos onde não só se encontram bem as pessoas mais necessitadas de restabelecimento como os frequenta também a juventude esportiva eziante e animóza. Tão fórté é a conexão com a água que os moradores consideram como a coisa mais natural por á disposição do hospede um bôte. O que preferir a completa calma da natureza e a solidão do banho comum, em

poucos minutos pôde encontrá-lo onde quizer.

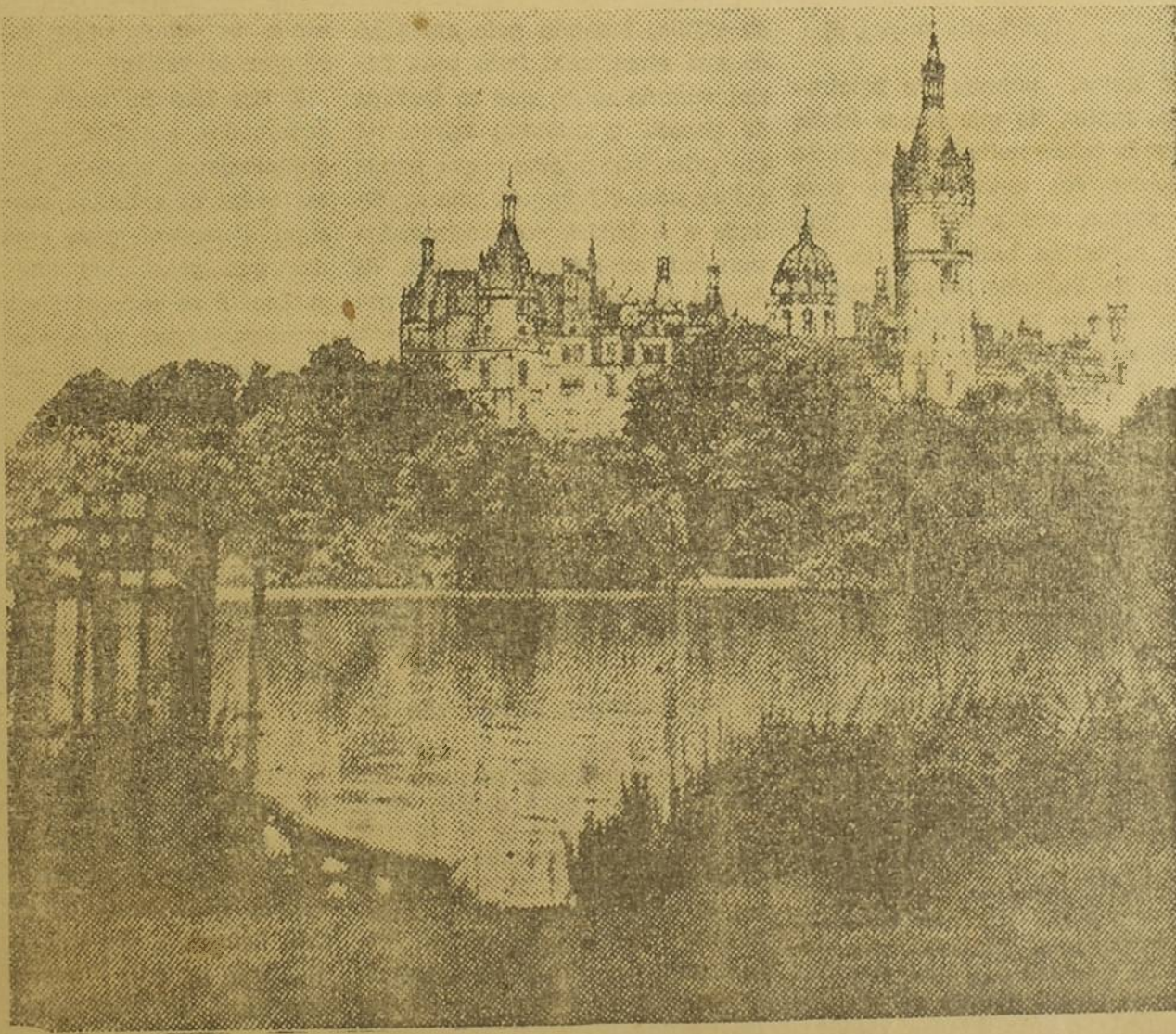
Nos bósques alternam os pinheiros com as faias. Ha atalhos que lenbram a paisagem de Luneberg e outros que nos fazem pensar na Turinjia. Ha ojivas de cathedral formadas pelas árvores. A algumas conduzem-nos atalhos conhecidos; outras não menos sublimes é necessário descobri-las. Ha grande abundância de cascas maiores e menores; cuida-se do viado e frequentemente podem ver-se as aguias de Muritz descrevendo jiros intermináveis. Ha uma cota cerrada chamada "paraizo" onde abundam os bosques, mas também fóra deste paraizo tem-se a impressão de encontrar-se em uma paisagem protegida que inpõe respeito á natureza por si mesmo.

No paiz de Fritz Reuter, que, de certo módo, é também a terra de Eicherdorff e de Fontane, a industria foi apenas introduzida. Os lagos e os espessos e dilatados bósques constituem um cinturão climático especial de filtro de ar purificador e protetor. Em Fontane, ao cantor de Brandeburgo que tão bem o conhecia, corresponde-lhe o mérito de ter sido um dos primeiros em ter visto e ezalçado o encanto desta terra bemaventurada.

Não podia encontrar no lago dos Quatro Cantões, com seus fórtés contrastes de cor, tanto encanto quanto no lago de Muritz. Agóra que o encanto desta paisagem não escita mas aquieta.

Hoje, rechassamos com razão a denominação que se quer dar ás paisagens chamando-as "Suisa" ou coisa parecida. Isto é ridiculo, indigno e ás vezes inezato. Mas o ondulado terreno que se estende entre os lagos Teterow, Kummerow e Malchin merece que se o deizigne de uma forma especial. O que caracteriza e dá um ar especial a esta comarca são os numerosos palácios e rezidências senhoriais. Ha párques que não desmerecem nem pela extensão nem pelo esmero dos inglezes. Encontrei alguns súditos inglezes a quem havia impressionado o aspêto para eles vernáculo do paiz. Se Teterow pôde chamar-se a "cidade dos jardins e do humor", o palácio de Schlitz produz o mais acabado efeito romântico.

Não faltam surpresas nas cidades e nos povoados. Percorrem-se as ruas e ruélas com um sentimento de admiração. A vida desenvolve-se aqui com uma serenidade natural e encantadora; nota-se a tradição do prazer que proporsiona a fazenda bem cui-



O antigo castêlo dos Grandes Duques á beira do lago Schweriner See

(Conclue na paj. seguinte)



# Vicky Baum, a famóza autora de «Grande Hotel»

(Conclusão da pag. 12)

trou-me cazada com o chefe da orquestra a que eu pertencia. Com dois filhos nos braços e uma renda muito modesta; cheia de desconfiança no futuro. O tempo encarregara-se de adormecer minhas aspirações de escritora. Cheguei mesmo a esquecer o livro que escrevera no princípio da guerra e que, aliás, passara despercebido.

## UM CARRINHO DE CRIANÇA POR UM ROMANSE

Um dia, contudo, o destino cob a forma de uma carta de editor veio despertar-me. "Não esquecemos ainda os talentosos contos que publicastes outrora, e muito nos sentiamos honrados em poder contar com a vossa colaboração. Se tiverdes algum manuscrito a submeter nos exames, com muito carinho.

Foi como se me tivessem despertado de um sono profundo. Puz-me a remechar as gavetas. Encontrei algumas páginas escritas aos dezessete anos e que deviam formar o princípio de um romance. Fervorosamente comecei a escrever. Fazia-o em segredo, á noite, somente á noite. Esse hábito está tão arraigado em mim, que, ainda hoje, sou incapaz de trabalhar convenientemente de dia. Sinto a precisão da cumplicidade de uma lanpada. Depressa o romanse ficou pronto sem nada dizer a meu marido, envie-o ao editor.

Recebi, então pela primeira vez, como escritora, uma soma respeitável. 4.000 francos mais ou menos. Com a ordem na mão, pulei de contente como uma selvagem, custando a crêr na minha felicidade.

Venderam-se trezentos mil exemplares do meu primeiro livro. Foi um sucesso.

Ha pouco, por ocasião de minha passagem por Pariz, deram uma grande recepção em minha honra. Os organizadores reservaram-me uma agradável surpresa: a todos convidados ofereceram um livro, a tradução franceza dessa primeira obra. Enquanto os

"toatis" se sucediam, meus pensamentos voaram para aquele dia memoravel em que os editores permitiram-me comprar um carrinho para o meu bebé e um sobretudo para meu marido. Ali, cercada das maiores celebridades do teatro, do cinema, evoquei o modesto apartamento dos meus primeiros anos de vida.

Até então escrevera sem um fim, unicamente para satisfazer uma espécie de necessidade de deitar no papel as historias que enchiam meu cérebro.

A partir desse momento, o caso se tornava mais sério. O que fora um brinquedo transformava-se em profissão. O primeiro sucesso trazia-me não apenas o triunfo moral e o dinheiro, mas também responsabilidades. Sofri criticas, boas e más. Contratos, bons e más. Ao primeiro romanse

sucederam outros bons e más. Comecei a conhecer a embriaguez e as decepções da verdadeira produção literaria.

A arte de escrever não tem fórmula. Ha tantos métodos quanto escritores. Já menciionei a mania de escrever á noite, á luz de uma lanpada. Outro dos meus habitos é nada escrever enquanto tudo não estiver bem delineado no meu espirito. Para um tema que teve tempo bastante para se me tornar familiar, encontro espontaneamente, sem esforço, imagens palavras e situações.

Escrevi, uma vez, um romanse para um concurso e enviei-o a comissão julgadora. Passaram-se mezes... e nada. Rezignada, resolvi apresentá-lo a um editor. Qual não foi o meu desapontamento ao verificar que faltavam duas páginas á copia que comigo guar-

dava. Restava-me escrever de novo essas páginas. O resultado não me satisfaz. Tive a impressão de que a primeira versão era insufficiente e sentia-me, agora incapaz de fazê-la melhor.

Nesse intervalo, recebi a noticia que ha muito não mais esperava, o meu romanse ganhara o premio. Comparando depois, as duas páginas novas com as da versão original, constatei, estupefata, que eram absolutamente identicas.

Como explicar isso senão pelo fato de só escrever o que está completamente formado em meu espirito. Se bem que num momento de abatimento tivera a impressão de não estar tão bem feita a segunda vez, encontrara intuitivamente a mesma forma para exprimir uma idéa que tivera bastante tempo para amadurecer em meu espirito.

## Trinta e seis enforcados no Zocalo

(Conclusão da pag. 6)

dos, numa palavra, se inteiraram, repito, de que o que havia passado nessa noite pelas ruas do Méhico era uma enorme vara de porcos, que puzera de vijilia aos medrosos habitantes da cidade de Palacios, confundindo-os com negros sublevados...

Mas o Presidente da Audiência, o Licenciado Dom Pedro Otalora, Ouvidor decano, que também, como todos os habitantes de Méhico, passou a noite

de vijilia, rezando pela salvação da sua alma, saiu feito uma furia, quando soube que se tratava de porcos, e mandou apreender aos primeiros negros a que poudes deitar mão, e julgando com crueldade e á ligeira (era advogado) mandou enforcar na Praça de Armas, que todos conhecemos pelo nome de Zocalo, a trinta e seis negros, dos quais vinte e nove eram homens e sete mulheres, que tinham tanta culpa e sabiam tanto da falada sublevação, como o leitor que está agora pas-

sando os olhos sobre este meu regojizado relato!

E isso não foi tudo, depois de enforcados, mandou que fossem esquartejados e postos os quartos em todas as estradas que conduzião á capital para escarmento dos que pensassem em conspirações; e as cabeças ficaram penduradas em estacas na Praça Principal (Zocalo) até que a peste e o estrupido dos urubús fizessem que se as tirasse. Este crime espantoso, sinistro, registrou-se no Domingo de Pascoa de 1612.

Se alguém o duvidar, que leia o Tomo Primeiro, Livro Quinto, capitulo 74, da obra de Frei João de Torquezada, intitulada Monarquia Indiana.

E foi assim que o medo fez o Presidente da Audiência (Dom Pedro Otalora) cometer um crime tão sinistro. A única coisa que lamento é que os negros não houvessem dado conta do medo que lhes tinham e não tivessem posto algumas páginas "negras" na história do Vice-reinado, com uma matansa de quem, de pancadas e más tratos, já estava bem cansado...

## Os lagos e os bósques de Mecklenburg

(Conclusão da pag. anterior)

dada e fiélmente conservada. Sonhadora distante e distinta cheia de sécrétos idílios: éssa é a idéa que nos deicham quazi todas as pequenas cidades que foram residências senhoriais. Ideia que em lugar nenhum encontra expressão mais jenuinamente alemã do que nas pequenas residências de Mecklenburgo de parques magníficos e de intensa vida espiritual. Schwerin, a cidade dos sete lagos, foi chamada um dia a "fria residência", fráze que ho-

je não encontra justificação em nada.

Atravessam o paiz os trens que vão de Norte para o Sul. Com nostalgia contempla-se o milagre que se abre no caminho e perante o qual alguém quizera deter-se. O trem pára. Waren. Fursenberg. Vale a pena desser. Vale a pena caminhar ou percorrer a comarca de automóvel. E parar-se nas margens. Em muitos lugares ter-se-á a impressão de intimidade, mal transpostos os humbrais.



# Quando a luz se



ONHECEIS A sonata em lá menor de Daniel Messaldi? Na sua obra serenamente ativa, quasi deshumana á força de uma potente e pura lógica, existe uma

nota de sensualidade aguda, uma punjente queicha que córta o coração, embóra não se saiba em que época ela foi composta.

Foi depois da Guerra, quando uma comoção violenta prostrou o múzicista, que se levantou sem ferimento aparente, mas com o olhar apagado para sempre. Pobre Daniel, tão vaidoso da sua radióza mocidade, tão fujitivamente privada de luz!

Ninguém melhor do que ele poudes compreender éssa cruel provação. No entanto lhe restavam ainda o seu jenio e a sua amiga Clotilde.

Quando ouvi pela primeira vez a sonata em lá menor, ele ainda não



## apaga

MARGUERITTE COMERTI

(De «LUPIN» a revista das melhores aventuras)

a havia terminado. Porém, Clotilde já a sabia de cór. E, a um pedido seu, executou-a para éla e para mim.

Esta reunião permanece ainda clara na minha memória, como si datásse de hontem.

Quantas vezes não evoquei essa noite de invérno ás escuras... Um máo hábito adquirido por Clotilde: "Sinto-me mais junto d'ela na tréva" — dizia ele.

Revejo o grande salão ciózamente desprovido de cores e de almofadas.

Numa atmosphéra de capéla, surpreendemos os impulsos do mal e a sua decadencia, uma série de vibrações por sua vez ardentes e húmidas... ora o fogo dos sofrimentos, ora lágrimas correndo através das flexões punjentes do bemól.

Quando o piano emudeceu, Clotilde levantou o rosto que costumava trazer mergulhado nas suas longas e brancas mãos, para escutar a múzica do seu amigo, e disse com ar inspirado:

— Queria que se intitulasse: "Quando a luz se apaga".

Daniel Messaldi volveu-nos a cabeça melancólica. Como, porém, continuásse em silencio, não pude esquivar-me de responder em seu lugar:

— E' um bélo título, Clotilde. O cégo sacudiu a fronte.

— E' por demais bonito. Não quero fazer literatura e principalmente confidencias áqueles que não são capazes de compreender a minha múzica.

— Eu compreendi bem, não é assim? — insistiu Clotilde, com a



voz que tremia sempre de adoração quando ele lhe falava.

Como única resposta, estendeu-lhe as mãos apaichonadamente, como si pudésse ver seus grandes olhos patéticos e ver seu resto pálido transfigurado pelo amor.

.....

Conservei comigo a imájem daquella felicidade, e daí em diante não me alarmava ao ver a precóce decadencia de Clotilde, que, á sombra do seu bem-amado, deichava-se calmamente resvalar para a velhice.

Sob o encantamento muzical, onde respiravam juntos, pouco lhe importava a luz que para éla repouzava entre as coizas vãs.

Mirando-se ao espelho e examinando seu rosto emurchecido e seus cabelos grizálhos, levantava os hombros: "Pouco impórta, desde que ele não os veja!"

Em compensação, recomenda-



va-me sempre e aos poucos amigos que admitia na intimidade:

— “Sobretudo, cumprimente-me pelo meu bom aspeto... preferivelmente duas vezes... até que os elojios chamem a atenção de Daniel...”

Confiava-me ainda: “Em outros tempos a idéa de ser mais velha que ele afligia-me tanto; hoje alégra-me... Espero assim partir antes...”

E partiu antes! Penso mesmo que teve o fim doce e belo daqueles que sobre o mundo encontraram o seu caminho, cumprindo sem esforços, até o fim, o seu destino terrestre.

O seu era de amar, antes de tudo, Daniel Messaldi e de se crer, pobrezinha, também amada, graças à luz que se apagou.

Não o vi senão uma vez, depois da morte de sua amiga.

Já o lugar de Clotilde estava ocupado por uma outra, uma esbelta e loura creatura, cujo límpido rosto lembrava um perfeito espelho de mocidade.

Daniel Messaldi notou, sem dúvida, a minha reprovação muda. Encontrou logo um pretexto para

distanciar a substituta, dizendo-me docemente, gravemente:

— Não me condene sem me ouvir... tive tanta paciência com Clotilde... ha tanto que já não a amava... que a sua figura grizálha envenenára minhas trévas. Evidentemente eu não a via. Porém adivinhava-a toda pelos seus passos fatigados, suas atitudes lássas, sua voz cansada e a insipidez do seu sono... o sono tem a idade das pupilas, como a voz a idade da boca, da lingua, da garganta...

Sua voz em transição para a velhice horripilava-me e também o rumor de seus movimentos... movimentos lássos, dentro de roupas transcuradas. Adorava-me, é verdade, e compreendia minha música. Porém, quando acabava de me ouvir, eu é que devia escutá-la com que inconsciência me infligia o enfadonho vai e vem da sua existência mesquinha... uma vida de chinélos e de infuzões... ela se assoava como um homem... bocejava... arrastava os pés... mastigava devagar... chupava pastilhas, pastilhas molas, colantes, que cheiravam a goma e alcaçuz. E era preciso suportar tudo isto... Proibia-

a sómente de fazer tricot... compreendia que a sacrificava e tinha pena... mas não podia mais vel-a ao meu lado, sórdida e satisfeita como um cão de cego.

Pretendi fazel-o calar. Mas a tentativa exasperou sua cólera e fel-o bufar de indignação.

— Pensais, então, que os olhos são necessários para distinguir as rugas! Credes que os cabelos desbotados têm o mesmo cheiro que os cabelos brilhantes de seiva!

“E pretendeis que a luz que se apagou apagasse também a sede de frescura e de mocidade que existe dentro de nós?”

Mas é tudo ao contrário. Justamente porque possuí o universo vizível, podeis aceitar os defeitos e as renúncias da velhice. Nós, ao invés, os cégos, não possuímos resignação para isso... não podemos suportar a privação desse deslumbramento interior: o amor!

Só ele nos résta quando a luz se apaga. No mundo de trévas em que vivemos, não existe comunhão com a beleza do mundo sensível, si não a colhermos sobre a polpa viva de uma boca em flor.

## AS PLANTAS SENTEM

PELAS colunas do “Gringoire”, de Paris, o escritor francês Piérre Devaux se referia ha pouco á estranha sensibilidade de certas plantas.

Desde épocas remotas, existe uma tradição, filozófica e sentimental ao mesmo tempo, que dá ás plantas uma sensibilidade, por vezes doloróza. No século passado, houve poetas que nos falaram do sofrimento das árvores e da crueldade das raízes da roseira.

Sabemos hoje, por ezeuplo, que o limite que separa o reino vegetal do reino animal nem sempre se nos apresenta absolutamente claro. As curiosas plantas animadas, que vivem no fundo dos mares, foram estudadas pelos especialistas da oceanografia, enquanto os botânicos descobriram essas extraordinárias plantas carnívoras, que, como se fossem mãos guarnecidas de punhais agudos, apertam os desprevenidos insetos.

Um sábio naturalista hindú, Jagadis Chunder Bose, é um dos principais investigadores deste ramo da ciência moderna. Cinja-

do-se ás plantas animadas, que crescem na India, estudou os seus movimentos com o aussilio de aparelhos electricos, embriagou-as com alcool, adormeceu-as com clorofórmio e acabou por matá-las, injétando-lhes veneno de cobra — enquanto aparelhos da mais alta precisão registravam, num diágrama, os seus últimos espasmos.

Espliquemos:

Jagadis Chunder Bose fixa, na rama de uma sensitiva, um longo fic que tem no outro estrêmo uma agulha curva. Esta agulha coloca-se encostada a uma placa tinta com negro de fumo e que está

ligada a um mecanismo de relógio. Desta forma, quando a planta faz um jêsto, a agulha traça uma curva com aspêcto característico.

Cravemos agora duas agulhas no talo e liguémol-as com fios a uma pilha. Logo que a corrente se estabelece, a rama encolhe-se: é a “sensibilidade elétrica” da planta. Podemos ligar-lhe muitos ganchos, sucessivamente; mas a planta fatiga-se. Com um pouco de descanso, recuperará o vigor.

Se lhe injetarmos alcool no talo, a planta traçará uma série de curvas diversísimas — imitando as vacilações dos ébrios...

Uma injeção de clorofórmio diminua as reações, que se tornam muito débeis, e, se a dóze for demasiada forte, a agulha traça uma trágica linha vertical, indicando a prostração definitiva e a morte.

Quem diz movimento, diz musculo. O sábio hindú poude identificá-los nos pulvinus que formam uma espécie de nucleo minuscuro na baze das folhas e nervos brancos e macios que contêm duas capas condutoras, uma para transmitir as sensações e a outra para comunicar as respostas motoras. Estes nervos vegetais podem ser paralizados por meio de anestésicos e sobreexcitados com estriquinina, ezatamente como os nervos humanos. Jagadis conseguiu identificar, da mesma forma, um tecido pulsante, cujo ritmo se assemelha ao do nosso coração.

Aqui têm a última palavra dos nossos conhecimentos atuais sobre o mistério das nossas irmãs inferiores — as plantas — que tomam parte, como nós, no drama da vida e da morte.

E’ uma grande mensagem que nos chega do Oriente e uma grande perspetiva que se abre á siência.



“PAN”

irradiará o nome do seu produto por todos os recantos do Brazil

Consulte o seu Departamento de Publicidade Tel. 43-4557



# A MISTERIOZA MADAGASCAR

**M**ADAGASCAR — uma das mais vastas ilhas do mundo — tem uma superfície de cerca de 600.000 qm<sup>2</sup>. Os europeus conhecem as suas costas perfeitamente, ha quatro séculos; mas o interior do paiz é em grande parte ainda tão misteriozo, para os brancos, como o de uma outra vastissima ilha, a Nóva Guiné, e sobretudo porque na vizinhansa da côsta de todos os lados a ilha éra como cercada por uma sélva cerrada, com uma largura de quinze a sessenta quilometros, quazi impenetrável e cercada por sua vez de lado de este por altas montanhas. Junte-se que a ilha habitada por certo número de tribus diversas entre si mesmo pela raça, não conheceu, antes da conquista franceza, uma paz relativa, tendo estado constantemente em guerra umas com as outras.

Os primeiros colonizadores de Madagascar foram os Malaioes. Como a grande ilha, que dista da Africa continental apenas 400 qm. (enquanto que mais de 5.000 a separam da península de Malaga e do Arquipelago Malaio), pudéra ser colonizada pelos Malaioes, é um problema difficil de resolver; mas de fáto não é passível duvidar.

## COLONIZADORES MALAIOS, ÁRABES E INDIANOS

A lingua que falam os insulares parece ser uma derivação do antigo dialéto malaio, e os Hova — a população mais numerosa de Madagascar — são de origem malaia. A data da vinda dos malaioes é incerta; mas pensa-se que não pode ser muito inferior a dois mil anos.

Na lingua dos indijenas malgascios ha ainda algumas palavras sanskritas que foram introduzidas pelos budistas vindos da India, e termos árabes. Os comérsciantes árabes comersciavam com Madagascar ha no mínimo mil anos; alguns grupos deles se estabeleceram provavelmente sobre a côsta da ilha e o ezeplio foi seguido pelos comérsciantes indianos. Na parte occidental da ilha ha algumas tribus indijenas de raça negra dessendentes evidentemente dos colonos africanos. Nas floréscas desta mesma parte vivem os dessendentes de uma população chamada Vazimba. Supõe-se que estes possam ter sido os primeiros habitantes da ilha obrigados depois das invasões malaioas a se retirarem no interior. Aham-se ainda grupos de Malaioes, população orijinária do Pacífico meridional; mas quando e como esta jente pode vir de tanta distância é ainda mais difficil explicar do que a vinda dos Malaioes.

## MUITAS TRIBUS, MAS UMA SÓ LINGUA

A população complexa de Madagascar supéra os 3.620.000 habitantes. As tribus indijenas são muito numerosas; mas falam uma única lingua.

Os "Hova" habitam a provincia central de Imerina. A palavra "Hova" realmente serve para indicar a classe média da tribu distinguindo-a dos nobres e dos escravos. O verdadeiro nome da tribu seria "Antimerina", ou "povo de Imerina". Estes indijenas são de belas feições, têm a fronte alta, o nariz direito e não se parecem aos negros. Se não fosse a pele escura poder-se-ia pensar que eram europeus. Têm olhos e cabelos negros.

nas coronhas dos fuzis, nas caichinhinhas de cartuchos e nos polvarinhos.

Ao longo da côsta occidental da ilha vivem no mínimo vinte e cinco tribus, entre as quais os Scalava, que constituíam a tribu dominante antes que a sua fôrça fosse quebrada pelos Hova.

## COMO SE VESTEM OS MALGASCIOS

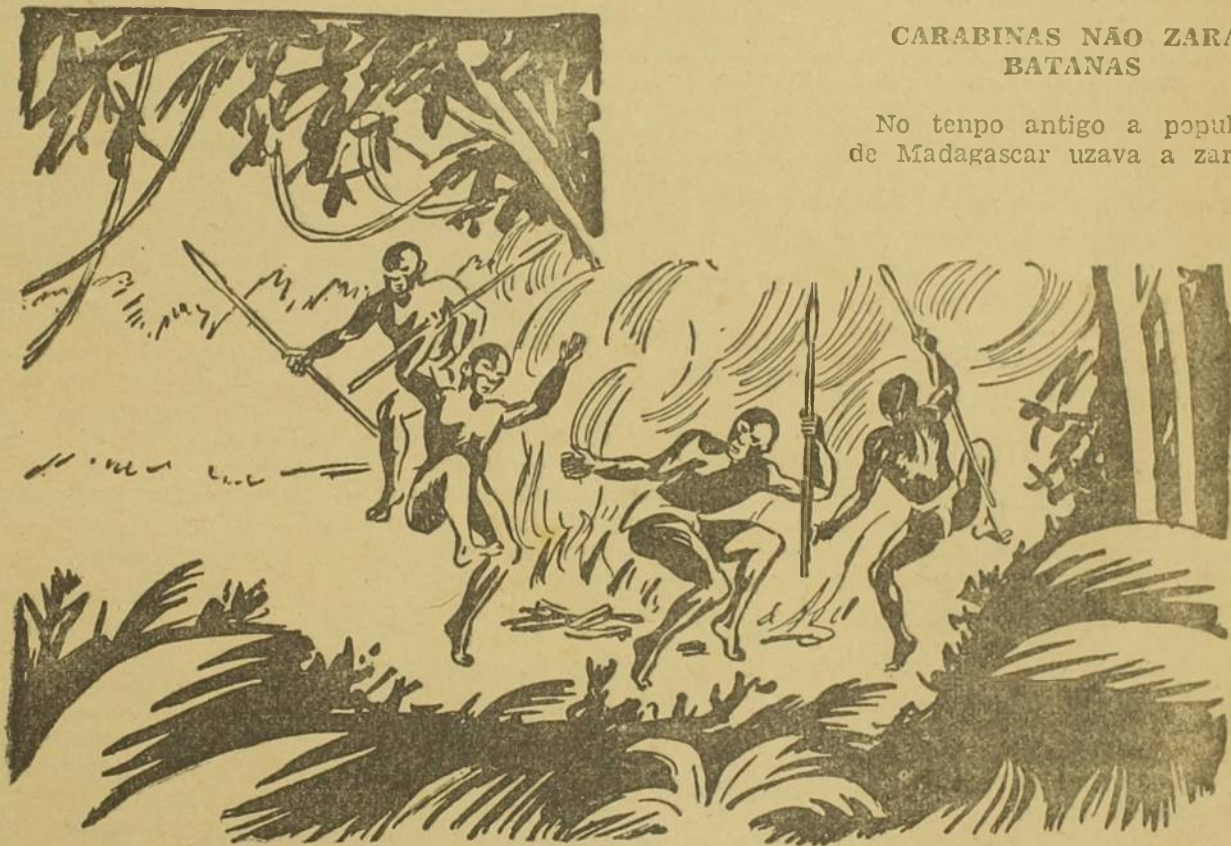
Todas as tribus indijenas usam roupas de algodão, de herva ou de fibra de betula obtida pelo esmagamento, para o que usam malhas de madeira. Ao contrário das tribus do continente africano, não usam mais vestes de pele. São muito hábeis na confecção de entransados de palha

truir. As paredes das cazas são feitas de argila vermelha ou de taboas; os tetos, altos, são de palha e têm prolongamentos ornados de figuras de madeira.

Enquanto que as populações africanas se nutrem jeralmente de milho, inhame e batatas doces, os malgascios se assemelham aos aziáticos, pois comem muito arroz. Para cultivá-lo precisam irrigar os campos como fazem os chinezes; mas suas enchadas são muito diferentes das que se usam nas outras partes do mundo: têm a lâmina estreita e o cabo comprido. Os africanos, no entanto, usam enchadas pesadas; ésta é outra diferença entre eles e os malgascios. Os Scalava e algumas outras tribus da parte meridional e occidental da ilha não comem arroz, mas batata doce e farinha de mandioca.

## CARABINAS NÃO ZARABATANAS

No tempo antigo a população de Madagascar uzava a zarab-



Os Betsileo, que povoam a região ao sul da que os Hova habitam, são mais altos que estes e têm a pele muito mais escura. Também têm o cabelo encrespado, enquanto que os Hova têm-no lizo.

A sudoeste encontramos os Bara, que difere notavelmente dos Hova e dos Betsileo e são muito mais atrasados. Usam branquear os cabelos, reunindo-os em nós sustentados e endurecidos com sebo ou cera de abelhas. O nó do centro é do tamanho de uma noz, os outros são menores. Na cabeça de um indijena se contam ás vezes cem destes papélotes de cabelo. Os Bara usam grandes brincos de madeira e colares com amuletos. São apaichonados pelos prégos de latão de cabeça grande e cravam-nos ás duzias

e sabem fazer ótimos chapéus com folhas de palmeira. Os chapéus são indispensaveis em Madagascar, porque na sua parte setentrional o sol é quentíssimo durante todo o ano: em Nossi-Bé, ilha sobre a côsta noroeste, a temperatura média do mez mais quente (Março) é de 27 graus; enquanto que no mez mais frio (Julho) é de 23 graus. No planalto (Tananarive) as duas médias são respectivamente 19 graus (Fevereiro) e 12 graus (Julho).

Muitos indijenas usam ornamentos de ouro ou de prata e muitas das tribus que vivem nos bosques têm o estranho uzo de tinjir os dentes de um negro brilhante.

Muitas tribus são verdadeiramente peritas na arte de cons-

tana com a qual lansava a considerável distância pequenos dardos envenenados. Este é um outro ponto de contáto com as populações do Arquipelago Malaio, onde os indijenas uzavam uma espécie de zarabatana chamada "sumpitam". Em algumas partes de Madagascar se uzavam ainda ha poucos anos arcos, flechas e lansas; mas os indijenas hoje têm fuzis e carabinas modernas.

Além disso, as tribus malgascias sabem trabalhar muito bem os metais. Na ilha se encontram jazidas de ferro, que os indijenas fundem e forjam para fazer pontas de lansas e de flechas, instrumentos agricolas e facas.

Os indijenas criam galinhas e bois. Estes se parecem com os

(Conclue na pag. 50)



# DIVERSOS

## DUELOS FEMININOS

Bateram-se recentemente em duelo por motivos de ciúmes profissionais, segundo, pelo menos, referem as crônicas, duas dançarinas húngaras. Uma das contendoras ficou seriamente ferida.

Como tolíce pucha tolíce, duas atrizes, Buzy Horday e Elizabeth Batta, seguindo o exemplo, resolveram igualmente recorrer ao "campo de honra", afim de lavar afrontas verbais praticadas durante disputa travada entre elas.

Todavía quizéram inovar. Em lugar do ferro da espada ou da bala, o murro. Combate de box.

Encontraram-se pois sobre o ring, luvas nas mãos, atacando-se encarniçadamente. Como o árbitro, em meio da chuva dos socos, tentasse intervir, por virtude de golpe que julgou incorreto, foi mimozado com um direito á face.

Ao cabo, as duas rivais, esgotadas, lansaram-se nos braços uma da outra, reconciliando-se.

Por certo poderiam ter começado e acabado por aí. Os duelos entre homens correm já a sorte das cauzas um tanto fóra de móda.

Mas os duelos femininos, se bem mais raros e picantes, tomam o aspéto de estravagância avessa e colidente com a soma de conselhos jeralmente formados á róda da gentil metade do gênero humano. Em tantos departamentos uteis está afirmando a mulher vitorioza competência com o sexo, classicamente chamado forte, que bem escuza seguil o nas suas modalidades mais brutais ou mais idiótas.

## OSWALD SPLENGER

Oswald Spengler nasceu a 29 de Maio de 1880, na aldeia de Blankenburg-am-Harz, ducado de Brunsvick. Estudou em Muntch e em Berlim. No principio do século XX se graduou em filozofia e letras.

Sua téze doutoral sobre Heráclito (Halle, 1904), foi o único trabalho que publicou antes de "A decadência do Ocidente", que devia fazel-o famoso.

Essa obra custou seis anos de esforços ao autor.

Nessa época Oswald Spengler não tinha livros. Passava as manhãs na biblioteca pública, almoçava em restaurantes de operários e toma, quando está doente, porções fantásticas de chá.

Em 1915 terminou a revizão do primeiro volume. Não tivéra ami-

gos. Secretamente se compara á Alemanha que achava-se sozinha.

No verão de 1918 "A decadência do Ocidente" apareceu em Viena.

Spengler, em seu livro, se propoz a demonstrar que a história podia ser alguma coisa mais que uma simples enumeração de feitos particuláres.

Quiz determinar as suas leis, lansar as bázis de uma morfologia das culturas. Suas páginas varonís, escritas no periodo de 1912 a 1917, nunca se deicharam contaminar pelo ódio peculiar que andava no ambiente europeu por essa ocasião.

Em 1920 sua glória começou a brilhar.

Spengler alugou uma propriedade sobre o Isar, comprou alguns milheiros de livros, colecionou armas persas, turcas, hindús, escalou altas montanhas e escreveu: "Pessimismo", em 1921; "Deveres 1924; "Reconstrução do Estado Alemão", em 1926.

Morreu em meados de 1936.

## O DESVIO DA CORRENTE DE HUMBOLDT

A corrente de Humboldt, um dos grandes "rios oceânicos" do mundo, desviou-se nóvamente do seu curso cauzando assim grande mortandade entre os peiches e as aves marítimas e acarretando, além disso, essa mudansa, a probabilidade de chuvas, coisa inteiramente fóra do comum nos dezértos do litóral peruano. E'ssa corrente móve-se normalmente ao longo da cósta ocidental da América do Sul, desde a estremidade meridional do Chile, até á curva que o continente fórma perto do Equador, e a éla se deve o fáto de se encontrarem na cósta peruana os mais ricos depósitos de guano do mundo.

Trata-se por assim dizer de um rio de água fria dentro do oceano, e que nasse na corrente Antártica, que pela sua parte se deslôca para léste do oceano Pacífico. Sendo fria por provir duma origem pólar, a corrente de

Humboldt vai arrastando no seu curso natural a água fria que provém das profundidades do oceano. E á medida que se vai deslocando para oeste, léva a rebóque as águas tépidas da superfície, ao longo das cóstas, e permitindo que as águas frias que vão surjindo venham ocupar o seu lugar.

A corrente tem cerca de 240 quilómetros de largura e os ventos frescos e húmidos do sul e sudoeste que a vão acompanhando para o norte, são a cauza de que o litoral peruano desfrute de um clima agradabilissimo, e não chova ali, quando devia, por virtude da sua situação geográfica, sofrer de um clima essencialmente tropical. Além disso, em vez de resultar dessa falta de chuvas o prejuizo imenso que á primeira vista se julgaria, o que na realidade sucéde é que tal fenómeno dá margem á acumulação enórme desse eselente adubo natural — o escremento das aves marítimas — que se chama guano e que, se ali chovesse, seria arrastado pelas chuvas. Coiza semelhante acontece nas ilhas peruanas e chilenas do norte.

Em frente á grande curva da América do Sul, no oceano Pacífico, a corrente de Humboldt encontra-se com a do Nino cuja temperatura é mais elevada que a da primeira, e juntas se encaaminham para oeste, em direção ás ilhas Galapagos.

Mas por vezes saem anbas do seu curso natural, e então a de Humboldt move-se mais para oeste, ao passo que a do Nino cobra impulso e vai ter mais ao sul do que normalmente acontece. Em tais cazos, a água quente desta, léva a morte a multidões de peiches, que estão acostumados á água fria da outra corrente, e as aves que deles se sustentam ou morrem de fome, ou envenenadas por devorarem cadáveres de peiches já em estado de putrefação.

Paréce que este ano, pela primeira vez desde 1925, as referidas correntes sofreram um desses desvios, segundo se póde ver pelo número de aves e peiches que

morreram. E' também nessas ocasiões que chove nos dezértos da cósta peruana, em rezultado dos ventos quentes e carregados de humidade que a corrente do Nino léva consigo.

## GUATEMALA PITORESCA

A Guatemala é um dos raros paizes da América onde os aborígenes continuam ostentando seus pitorescos trajes, tais como senpre os uzaram desde os tempos pré-coloniais, e que pelo seu colorido, o seu estilo ezótico e o seu sinbolismo, se diria serem de origem oriental.

Os viajantes que se detém nos pórtos guatemaltecos, não vêem na jente do povo indumentária diferente da que se vê jeralmente nos pórtos da América hespanhóla. Mesmo na capital cosmopolita, a maneira de vestir das jentes não difere grandemente da de outras cidades latino-americanas, posto que não é raro ver-se nas ruas alguma família aborígene procedente de qualquer distrito rural, vestida típicamente: o pai levando talvez uma camiza de cores garridas, com figuras de pássaros ou de outros animais bordadas nela, calsa conprida ás listras, e ao pescoço uma espécie de manta rocha, ou talvez de sal-são curto e jaqueta negra; e atrás dele, a mãe de família e os filhos, vestidos estes, por pequenos que sejam, os rapazes como o pai, e as meninas como a mãe.

O vestuário não é o mesmo em todos os distritos nem em todos os povoados do interior da república, e de tal maneira se distinguem entre si, que pelo traje se conhece a região ou o povoado de onde procede um índio.

Do mesmo módo que os pássaros, no que toca á plumagem, os índios quatemaltecos do sexo masculino são os mais engalanados, posto que nalgumas aldeias as mulheres levem a palma aos homens a respeito de vestuário. São lindos na verdade os estilos e as cores, sinbolizando aqueles algumas vezes determinada fáze histórica, ou alguma lenda dos aborígenes.

Não ha nada na verdade que pudesse oferecer maior atração aos viajantes que andam em busca do ezótico e do pitoresco, do que a típica e variadissima indumentária dos guatemaltecos autóctones.

**Paysandú**



**Hotel**

Rua Paysandú, 23-Flamengo

Predio proprio com as mais modernas instalações

COZINHA ESCELENTE

BANHOS DE MAR

Todos os apoquentos com sala de banho e telefone

CONFRONTEM OS PREÇOS



# A ciencia do individual

TACITO COSTA FILHO

(De «Oeste Paulista» — S. Paulo)

(GRAFIA DO AUTOR)



ALEXIS CARREL

ALEXIS Carrel, em sua obra mais recente, publicada nos Estados Unidos, declara que o homem desconhece-se ainda a si proprio, devido não ter até hoje cuidado do estudo, em síntese, de todos os aspectos do seu próprio ser. Sem duvida labora num grande equívoco, quando assim afirma, porquanto demonstra ignorar o que de ha muito vem entretendo o espirito, também ilustre de sabios de outros recantos da Terra. Certamente jamais compulsou obras sobre esta matéria, celebres em tantos paizes, como são os escritos de Giovanni, Benecke, Sigaud, já passadistas; de Kretschmer, de Viola de Pende, de Barbara e outros mais ou menos atualizados. Estes espiritos eminentes e estudiosos da natureza do homem individualizado, não é de hoje que vêm num esforço ingente de observações e experiencias paucientissimas, lançado solidos alicerces e erguendo erectos pilares de um novo monumento científico, impropriamente ainda denominado Biotipologia. Ha já decenios que a Biotipologia orienta o espirito clinico dos esculapios Italianos e o de muitos outros defendidos pelo mundo. Mesmo aqui no Brasil, temol-a introduzida e, digamos com orgulho, continuada por um de seus grandes operarios, que é Rocha Vaz, coadjuvado por varios discipulos como Berardinelli, Di Piero e outros patricios nossos.

E no entanto, lá na America do Norte, o mundialmente notavel Carrel, reclama um pouco de atenção do homem para o seu proprio estudo. Embora cause especie este imperdoavel lapso do grande sabio, deixemos de mão demais comentarios e passemos a considerar a nova ciencia, que necessita ser vulgarizada, pois tão fertil é o seu campo em noções uteis a todos nós e tantos beneficios virá ela prestar á humanidade, quando aplicada em metodos racionais de proteção e defesa da especie.

\*\*\*

Nascida e creada na Italia, não deixou de ter seus precursores doutrinaros em varios paizes dos dois hemisférios,

pois foi no país das Belas Artes, que as doutrinas constitucionallisticas acerca do individuo adquiriram foros científicos com o estabelecimento de suas leis e principios basicos.

E' bem verdade que desde a mais remota antiguidade os filosofos orientais já faziam especulações metafisicas, portanto empiricas e fantasiosas sobre a constituição e o temperamento humano.

Assim a metafisica religiosa dos Vedas hindús dogmatizava que cada ser do universo se plasmava, em proporções multiplas e variaveis conforme a sua natureza, com quatro elementos fundamentais do mundo cosmico: ar, agua, fogo e terra. E que eram justamente esses quatro elementos que davam feição ao temperamento humano, dada a predominancia de um deles. Esta teoria só ficou conhecida dos gregos no V seculo A. C, quando Empedocles a importou na Grecia.

Não demorou muito, então, que Hipocrates cria a sua doutrina biologica, baseado nas doutrinas fisicas de Empedo-

cles e assevera: O corpo humano é constituido pela combinação, em proporções variaveis ao infinito, dos quatro principios vitais ou humores: linfa, sangue, bile e atrabile. Estes humores resultando por sua vez de uma combinação definida dos quatro principios elementares exarados da filosofia vedica.

Passam cinco seculos. Surge então o celebre Galeno, o reformador das doutrinas classicas da época, já no seculo II da era cristã. Estabeleceu quatro tipos de temperamentos: o sanguineo, o melancolico, o pituitarico e bilioso, consoante a predominancia de um dos quatro humores seguintes: sangue e atrabile; pituita e bile, principios esses antogonicos entre si, dois a dois. Alem desses admitia mais quatro temperamentos intermediarios.

Os romanos assimilaram e adotaram as doutrinas galenicicas e sujeitaram-se a elas através um milenio. Já no seculo XIII, em plena idade média, em qualquer recanto da Europa, deparava-se com um laboratorio provido de varias mesas e prateleiras cobertas

com aparelhos e vasilhames grotescos e misteriosos. E'ra o dominio de um alquimista. Esses individuos, além de buscarem a pedra filosofal (ouro sintetico) e o elixir da longa vida, davam-se também a fazer filosofia. Paracelso o mais celebre deles, escandalizou-se em saber que os humores fossem quatro e acabou admitindo que apenas existiam tres. Outros alquimistas, mais ou menos celebres, escreveram também sobre o assunto e não se esqueciam nunca de apresentar os seus "palpites" sobre a contituição humana. E aqui encerra-se o lance de vista historico acerca das especulações filosoficas dos antigos e mediaveis, que devido aos seus metodos empiricos e ao espirito fantasioso de analise, nada de pratico realizaram e descobriram.

Sómente por volta de 1.800, começaram a vir a luz teorias fundamentais em noções positivas, fornecidas pelos primeiros estudos analiticos da natureza puramente fisica, isto é anatomica e funcional do nosso organismo. Estas teorias evoluíram com o tempo e com os continuadores, pelo que atravessaram varias etapas.

Inicialmente fundamentaram-se em conceitos anatomo-fisiologicos, ex gr. as doutrinas de Hallé, Husson e Cabanis, na França, e Goethe o inciclopedico, na Alemanha. Este sabio foi até o creador do termo morfologia, para representar o estudo da forma. Dividiram os homens em quatro grupos, influidos ainda pela sistematização quaternaria dos antigos: craneanos, toracicos, abdominais e musculares, conforme o desenvolvimento relativamente predominante de um dos segmentos corporais ou do sistema muscular, na totalidade.

Dai por diante numerosas concepções teoricas foram sendo aventadas, fazendo sucesso as idéas e os tipos creados por Benecke, na Alemanha, Sigaud, na França e De Giovanni, na Italia. Foram estes os três destacados precursores que lançaram as verdadeiras diretrizes da futura ciencia da constituição individual.

Coube aos discipulos de De



Giovanni a gloria de lançar os solidos alicerces e os inabalaveis pilares do novo edificio científico, quando na primeira decada do nosso seculo, foram axiomando os seus principios basicos e delineando suas leis.

Giacinto Viola, o grande mestre da ciencia biotipologica, demonstra que as variações dos caracteres individuais obedecem á lei dos erros de Quetelet-Gauss, quando magistralmente escreve: "Esse nos onô dunque caotiche ne innumeravole, na limitate di numero e predeterminata in natura". Esta lei aplicada á biotipologia assim se enuncia: "a distribuição das variantes individuais em um grupo ethnico, é determinada por condições tais, que resulta um desvio uniforme dos varios individuos para os dois lados do valor medio central da curva" (Berardinelli).

A etnologia muito se serve desta lei, quando quer determinar quais são os tipos individuais e os caracteres mais representativos dum determinado grupamento racial. Feita a estatística, destaca aqueles tipos cujos caracteres são iguais ou que mais se aproximam dos individuos que compõem a ordenada maxima na curva serial de frequencia. Pelo metodo estatístico, obtem-se, com a média matematica de caracteres fisico mensuraveis, um tipo ideal de normalidade, que aliás não deixa de ser uma abstração, difficil de ser concretizada por qualquer dos componentes do grupamento.

Com melhor fundamento, opõe Grote o conceito de responsividade ao de normalidade. E é justamente o conceito que mais dirétamente corresponde aos interesses da pratica médica, visto que o clinico vê-se obrigado frequentemente a considerar em primeiro lugar as condições biológicas individuais que antecedem o estado morbido actual do seu paciente, para então deduzir com precisão o diagnóstico e tirar conclusões prognósticas. Pois que as ações dos agentes morbigenos desencadeiam reações (sintomas) variaveis, conforme o grau de responsividade do paciente e os disturbios são tanto mais irreductiveis, ante os agentes terapeuticos, quanto

mais irresponsividade houver no organismo acometido.

Bem, segundo Grote, para que o individuo seja normal, basta que o seu complexo de caracteres psico-somaticos funcione de maneira ótima, atendendo eficientemente ás proprias necessidades biologicas.

Os responsaveis têm os seus caracteres variando em proporções, até certo limite, de um para outro individuo, mas formando sempre, em conjunto no mesmo organismo, um sistema harmonioso de compensações e equilibrios vitais.

A medicina deduziu então, deste principio, um corollario bastante util á pratica clinica e á higiene social. Quanto mais o individuo se afasta do valor médio de sua raça, menor capacidade vital apresenta. Os individuos com caracteres aberrantes são de regra irresponsaveis em outros termos, anormais e poucos resistentes aos agentes morbi-

sucumbam por qualquer descuido. Até muitas plantas, acostumadas ao cultivo e desabitadas á concurrencia vital, fenecem si abandonadas a si mesmas, pois adquirem caracteres extremados e não podem mais dispensar a protecção dos homens.

Passando a outra ordem de idéias sobre o assunto, consideremos agora a influencia do determinismo biologico sobre a condição actual da constituição dum determinado individuo. Entenda-se por constituição individual todo o conjunto do aspecto fisico, moral e intelectual, as qualidades, os defeitos, as virtudes, capacidades funcionais, intellectuais, morais, etc. que possui o individuo. Diz-se cientificamente: É o conjunto dos caracteres morfologico, dinamico-humorais e psicologicos do individuo. Daí encara Nicolai Pen- de o individuo qual uma piramide triangular, cuja base se assenta sobre um patrimonio hereditario de caracteres. To-

Foi tambem, firmado intuitivamente neste principio, que Lombroso creou a sua celebre doutrina criminologica sobre a constituição morbida da predisposição ao crime do delinquente.

Consoante o conjunto das qualidades corporeas os individuos humanos foram catalogados por Giacinto Viola em dois biotipos fundamentais.

— o *branquitipo*, de corpo largo, membros curtos em relação ao tronco.

— o *longitipo*, de talhe delgado, tronco longo pernas e braços finos e esguios.

Por serem tipos normais extremos, denominou-os ectipos. Intermediariamente estabeleceu um tipo mediano, o normotipo, em que não há desproporção na relação tronco-membros. Portanto ha harmonia de proporções entre o volume e as dimensões do tronco e dos membros.

Este metodo sistematizado das diferenças morfologicas individuais foi recentemente modificado e extremamente aperfeiçoado por Barbára, eminente discipulo de Viola. Enquadrou ele quatro combinações antropometricas e quatro variantes intermediarias:

1ª combinação: *Branquitipo harmonico*.

2ª combinação: *Branquitipo antagonico*.

3ª combinação: *Longitipo harmonico*.

4ª combinação: *Longitipo antagonico*.

As variantes são as formas excedentes e deficientes dos dois biotipos fundamentais: longi e branquitipo.

Após estudos exhaustivos feitos por varios pesquisadores sobre as outras duas faces da piramide constitucional, foram-se estabelecendo aos poucos tipos dinamico-humorais e psicologicos, que correspondem hoje, em parte, aos biotipos morfologicos. Assim os biotipos longilinos têm tendencias á atonia ou astenia, maneira de funcionar pouco activa de seus órgãos e nervos. Inversas é a tendencia funcional nos branquitipos. Mas o problema muito se complica quando se considera que a actividade das grandulas de secreção interna varia ao infinito em qualquer dos biotipos, imprimindo maneiras peculiares

(Conclue da pág. 26)

## RHEUMATISMO

Moderno processo de cura

Dr. Mendonça Barros  
MEDICO ESPECIALISTA  
Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 711 — Fone 7-7822  
S A O P A U L O

genos, que são os principais fatores da seleção natural das especies.

São baseados nesta noção positiva que os idealistas racistas da Alemanha hodierna intendem excluir do seu meio ou esterilizar os tipos extremos ou exogenos.

De fato, este principio foi demonstrado ser uma verdade, não só na especie humana, como tambem em todas as demais, dado que são concludentes as observações pessoais e as estatísticas de Nicolai, Bumpus, Lundborg, e outros.

Nicolai, sociologo argentino-demonstra á sociedade, a inferioridade biologica dos tipos extremos em estatura, apologando a superioridade do tipo médio-normal.

É do conhecimento geral a pouca vitalidade, por assim dizer, a pouca resistencia dos animais domesticos com raça muito apurada. Haja visto o quanto de desvelo precisam ser cercados os cavalos de corrida puro sangue, os cães galgos, os gatos angorás, os canários belgas, etc. para que não

dos estes, mais os adquiridos na vida intra e extra-uterina, tanto os recessivos, como os patentes, são grupados nas três faces convergentes para o apice, conforme sua natureza: os fisicos na fase morfologica: os dinamicos-humorais na face do temperamento; e finalmente, a terceira face reserva-se aos caracteres psicologicos.

Interessante que existe estreita correlação entre determinados caracteres destas três faces, desde que hajam sido determinados pelo mesmo factor. Quer dizer que, a uma certa constituição fisica corresponde uma especial não outra constituição fisiologica e psicologica. Invertendo os termos, a reciproca esclarece: os caracteres psicologicos são passíveis de ser estereotipados pelos caracteres fisicos (somaticos) e fisiologicos.

Empiricamente baseados nestes principios, é que os quiromantes grafologos agem com algumas razão, quando lêem os atributos duma pessoa através dos caracteres quiroscopicos e grafico-literarios.



# Santo Ignacio de Loyola

As razões fundamentais da batalha dada pelo marquez de Ponbal aos jesuitas, foram a da implantação das companhias comerciais nos territórios brasileiros, onde os padres tinham larga influência.

Quazi desde o período da descoberta eles tinham lidado nos sertões, e, aldeando os índios conseguiram preponderância enorme e desenvolveram o mais rico dos comércios.

Assim que se aplicaram as leis de Roma pelas quais se proibia a escravidão dos índios, começara o conflito entre o governador do Grão-Pará e Maranhão, Francisco Xavier de Mendonça, irmão de Sebastião José de Carvalho e Melo, e os influentes jesuitas dominadores.

Chegára a sentir-se que só na Európa se poderia combater a Companhia de Jesus.

Acuzados de lansarem os índios na guerra contra Portugal, ter-lhes-iam dado instruções destinadas a encher-lhes as almas de crênsa e fortaleza. Escritas em lingua guarany, a qual era do trato dos padres, que ensinavam sua leitura aos indijenas, num dos trechos daquêlas instruções, incitavam-nos:

"Por estes portuguezes se nos trazem á caza todos os presentes prejuizos. Lenbrai-vos que nos tempos passados mataram os vossos avós. Mataram mais de milhares deles por todos os pontos sem rezervar as inocentes criaturas e também fizeram zonbaria e mófa das santas imagens dos santos que adornavam os altáres dedicados a Deus Nosso Senhor".

É muitíssimo curiozo esse documento attribuido aos jesuitas pelo ministro de D. José, nas suas queichas.

Prezos em Lisboa os membros da Sociedade de Jesus que, por qualquer fórma, se tinham imiscuido nos atáques aos planos do estadista, cunplaciando-os no atestado contra o rei, obtivera licença de Roma para os enclauzurar mas custózamente fóra arrancada a Clemente XIII.

Em 28 de Junho de 1759, mezes depois das ezeeuções de Belém, o valido rial publicára um alvará destinado a conprovar como eram "perniciózos e funéstos os membros da Companhia de Jesus, pelas maximas que inculavam no espírito da juventude e pela educação que lhe davam". Foram logo prohibidos os livros de sua autoria e uzo, e preparado o decreto de expulsão dos ignaziános, que não tardou a pol-os fóra do reino e seis domínios.

O nunsio interviéra; o conde de Oeiras voltou-lhe as costas e irritou-se, sobremaneira, ao ler o breve papal intitulado "Dilecti filii", tendo-o por tendente a interferir nos negócios do reino.

Guardava os bens dos expulsos, mas distribuira-os logo a religiôzozos afim de não se levantarem os supersticiôzozos escrupulos no espírito do rei e de mostrar a Roma como era bom católico, o que não considerava os adeptos de Loyola.

Proveu muito bem o návio que devia conduzir os cento e trinta e sete padres reclusos em Azeitão.

Sairam de Lisboa a 3 de Setembro de 1759 e chegaram a Civita Vecchia a 24 de Outubro. Outros jesuitas para lá foram transportados.

Era ministro em Roma Francisco de Almada, primo do estadista. Quando Clemente XIII o recebeu, mostrava no rosto a reprovação pelo áto praticado. Todavia leu a memória e, a certa altura, referindo-se ao breve "Dilecti filii" que o conde de Oeiras reprovára, balbuciou:

"Deus sabe os trabalhos e penas que sofri para o publicar!"

Claramente o plenipotenciário portuguez declarava ter recebido ordens para não tratar mais com o cardinal Torregeani que tentára insinuar-se nos negócios de Portugal.

Começaram as negociações difficilimas entre o pontífice receiozo e o persistente ministro portuguez.

O Santo Padre gostava muito dos jesuitas. Protelava os pedidos de estinsão da sua Companhia: hezitava, porém, na defeza cabal e ouzada, temerozo de que se désse um schisma, visto a attitude do estadista. Não fez coiza alguma de útil: ficou de mal com o conde de Oeiras e não salvou os jesuitas.

O ministro encontrára outras vias. Rôtas as relações com a Curia, dezóladamente el-rei D. José se lamentava. O valido ambicionava servir o seu amo, mas, ao mesmo tempo, venser a batalha contra a Sociedade de Jesus e não se poupou a esforços.

Preparou a reconciliação com o Papa, mas não dezanimava no seu dezejo de aniquilar a Companhia de Jesus, o que só se obteria, estinguindo-a. Os francezes tinham-na expulsado; os hespanhóis igualmente, e logo ele acudira sugerindo que as trez côrtes "deviam reunir-se para pedirem ao Papa a abolição completa da Companhia de Jesus e a demissão de Torregiani. Em cazo de recusa, deviam enviar uma enbaichada solene a Sua Santidade".

Era em 1767. Temeu-se o enorme poder dos jesuitas. O duque de Choiseul, primeiro ministro de França, hezitou.

Carlos III, de Hespanha, acolhera muito bem a propôsta e isto ia influir na ânimio do fran-

cez. Pronunsiava-se pela reforma dos estatutos ignacianos.

O conde de Oeiras recusou entrar nesse caminho de paliativos: ou tudo ou nada.

Queria o esterminio da Sociedade de Jesus e de todos os seus componentes. Castigava rigorosamente os seus defensores e por todos os modos influia afim de realizar aquele projéto.

Napoles e Parma tinham mandado sair os jesuitas dos seus estados.

Clemente XIII, desde ha muito assediado, para, de qualquer modo, defender os jesuitas, declarou desthronado o infante de Parma. Lenbrava um velho papa fulminador. Era a um Bourbon que ele ofendia.

Reuniu-se a família e logo a França, Hespanha e Napoles se ligaram. As tropas francezas se aproximaram de Avignon, as napolitanas marcharam em direcção a Castro e Benevento. O conde de Oeiras, escolhendo muito bem o momento, convocou aqueles Estados para que ezijissem a abolição da Companhia de Jesus. No cazo de não se acceder a tais deizignios, occuparia o território pontifício.

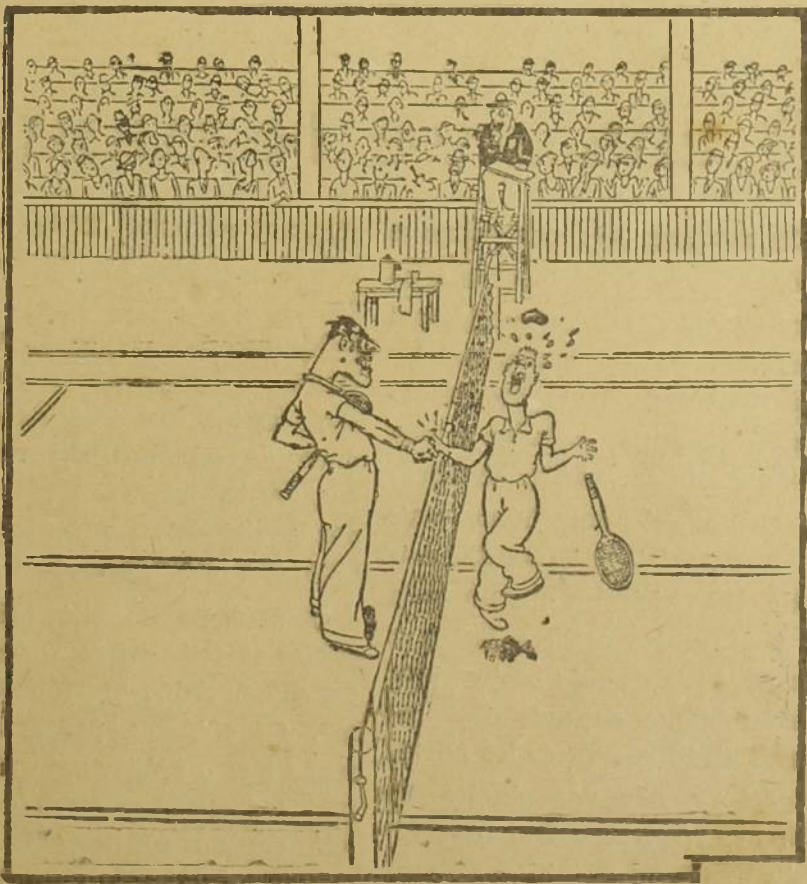
Era levar muito longe a audácia, mas não hezitou. O duque de Choiseul, mais uma vez teve medo, mas deu ordem ao representante da França, em Roma, marquez de Aubeterre, para auxiliar o plenipotenciário portuguez.

Ante a união das quatro potências, França, Hespanha, Napoles e Portugal, Clemente XIII sentiu-se vencido. Elas ezijiam a abolição da Companhia de Jesus. Foi o marquez de Aubeterre quem apresentou aquele pedido em conjunto. O papa perdeu os sentidos. As tropas bourbonicas avansavam. Os reis defendiam o seu parente de Parma.

O pontífice declarou que, apesar de não ter ezérsito, não procederá contra a sua consiensia. Morreu poucos dias depois.

Tratava-se de eleger o novo pontífice. Calcula-se o que teria sido a monumental intriga. De um lado os jesuitas e os seus poderózos amigos; do outro, os Bourbons, o conde Oeiras, os paizes católicos em furia contra as determinações favoráveis aos jesuitas.

Os cardiais foram movidos. Havia bastantes de nacionalidade hespanhóla e eles concorreram para a eleição do seu coléga Ganganelli que subiu ao sólio de S. Pedro sob o nome de Clemente XIV. Constatou que a troca da sua eleição entregára aos cardiais de Hespanha a declaração de combate aos inacianos.



-- A vingansa do vencido que se viu obrigado a cunplimentar o adversário



Os enbaichadores da família bourbonica reunidos ao de Portugal, tiveram a sua primeira conferencia. Representava a França o cardinal de Bernes. Achava que se devia dar tempo a Sua Santidade para meditar, mas Francisco de Almada foi de opinião diferente. Já o cardinal Negroni prorrogara a favor do jeral dos jesuitas, a licença para os missionários considerarem indulgências. O pontifice não soube deste despacho.

Ante a temeridade, decidiu-se o golpe profundo e certo. O representante francez foi obrigado a pedir a abolição imediata da Companhia.

Apezar de tudo, Clemente XIV hesitava. Era muito grande o poderio da Companhia que o ministro portuguez deitava aniquilada. Servira-se, outrora, do seu poder, conhecia-o; deitava esmagar, como se diria, agora, essa "internacional negra".

As suas ordens para o enbaichador em Roma eram precisas

e cabais. Francisco de Almada convocou, mais uma vez, os seus colegas e mostrou-lhes a nota que tinha ordem de apresentar.

Redijiram outra nestes termos:

"Os ministros dos soberanos da caza de França, pelas instruções e ordens que receberam, e atendendo, também, ás solicitações que lhes foram feitas pelo ministro de Sua Majestade Fidelissima, não podem dispensar-se de renovarem as instâncias já feitas para obterem, prontamente, de vossa Santidade a abolição da Companhia de Jezus.

O pontifice adia a hora do golpe almejado pelo ministro de el-rei D. José. Buscava compensar o nomeando cardinal a seu irmão Paulo de Carvalho. Aceitara a púrpura mas não se submetera.

Ainda não se tinham restabelecido, como antigamente eram, as relações entre a Santa Sé e Portugal mas, cedendo um pou-

co, parecia inopôr como condição principal a derrota dos jesuitas.

Recebera em júbilo e grandes honrarias o novo nuncio Conti. O povo delirou porque, além da festa brilhante, já podia uzar das bulas; o rei foi o mais satisfeito dos vassallos de Pombal.

Sem se desviar do espírito religioso, antes afervorando-o, pedindo a Roma benesses para as ordens religiosas, já mais deitava de insistir no seu deznio: a extinção da Companhia de Jezus. Desde 1770 a 1771 febrilmente assediava o papa que, se conseguira aquietar os representantes das outras potências, via-se na obrigação de atender o persistente delegado portuguez.

Já os enbaichadores da caza de França se decidiam a aguardar a vontade do papa; corriam o portuguez das suas conferências e diziam, a rir, para Monino, o representante hespanhól, não se inportar com os seus segredos.

Eram sempre os mesmos. Per omnia seculo seculorum, diziam uns; amen, volvião os outros.

Clemente IV só a muito custo recebera o delegado de Hespanha.

Ele corronpeu um funcionario e encontrou-se na prezença de Sua Santidade. Era o supremo fiscal do conselho de Castella e não um diplomata. Uzava de energia. Buscando o seu fim, aproveitava tudo para a realizar. O papa sentia que o decreto lhe custaria a vida.

Em 21 de Junho de 1773 foi cancelado o notável documento.

A 23 de Junho o ministro portuguez, em Roma, escrevia ao grande inimigo dos jesuitas:

"Enfim, este grande negócio está terminado! A Companhia de Jezus acaba de ser abolida pela bula Redentor Jezus. Agradeço a Deus ter-me deichado viver até ao momento desta conclusão pela qual tanto suspirei".

Em 10 de Maio, do ano seguinte, falecia Clemente XIV.

## A CIENCIA DO INDIVIDUAL

(Conclusão da paj. 24)

de ragir funcional e psicologicamente a cada individuo. A qui e que sobressae que o biotipologia é a ciencia do individual por excelencia. E'obvio que não eremos capitular as demais noções de um capitulo tão transcendente como é o da caracteriologia de Kretschmer e o da constituição psicológica.

Apenas salientaremos algumas das relações da biologia com a medicina. E' fundamental a noção de que cada grupo biotipologico apresenta tendencias morbidas especiais. Porque, dado o seu equilibrio biologico peculiar, apresenta um grau de vulnerabilidade todo especial, ante a incidencia dos agentes morbigenos. Assim

os brevilinios têm forte tendencia ás doenças artríticas e degenerativas, como por exemplo a obesidade, reumatismos, congestões, vertigens, arterio-esclerose, doenças do coração, do rim, figado, etc.

Os longilínios, por sua vez, são predisposto ás doenças ocasionadas por funcionamento deficiente dos órgãos, displasias, neurastenias, prisão de ventre, anemias e, em particular, ás doenças do aparelho respiratorio: bronquites, faringites, tuberculoses, etc.

E' da comum observação dos pedagogos, que as crianças cujo desenvolvimento fisico

tende ao longitipismo, pelo adelgaçamento do talhe, são as mais precoces em inteligencia, mas, que por outro lado, são as mais doentias, portadoras de estigmas heredo-lueticos e de debilidade pulmonar congenita ou adquirida. As crianças hipo-evoluídas morfologicamente, tendentes a polarização, branquitipica, pelo contrario, possuem inteligencia ainda pouco acessível ás noções que lhes são ministradas

São sempre as retardadas intellectualmente.

Agora citaremos um fato interessante que se dá em relação aos normotipos, que apresentam o maximo equilibrio organico e funcional e a maxima resistencia fisica. São os mais difficilmente acometidos pelas afecções expontaneas, com excepção do cancer, que possui especial predileção pelos individuos mais saudáveis. A maior parte dos cancerosos eram portadores antes

de afectados, da maior exuberancia vital.

Julgamos estas esparsas noções quasi que suficientes para que se faça uma vaga idéia de que materia versa a Biotipologia, embora tão por alto e pouco explicitamente comentada. Para melhor compreensão do assunto, terão os interessados precisão de ler as obras magistrais dos mestres dessa ciencia, dos quais varios foram citados.

## O chá que tomamos

Os europeus não conheciam o chá, pois este produto aromático é orijinário da China meridional (Assam). Aí ha muitos arbustos, lenhózas, de aspéto semelhante ao mirto, robustos e com as folhas duras. Linneu acreditava que o chá procedia de mais de uma espécie e havia denominado *Thea viridis* a que produzia os chás verdes e *Thea Bohea* a que produzia os chás pretos. Mas essa diferença depende dos processos diversos empregados na fabricação e não das plantas. O chá não supórta o frio nem reziste muito ao quente e as condições que o favorecem são inteiramente contrárias ás que con-

vêm aos vinhedos. Póde ser cultivado nos jardins, em pequena escala, ainda que os seus resultados não sejam compensadores. Os paizes mais produtores de chá são a China (província de Assam, onde as colheitas são magnificas, tanto em quantidade como em qualidade), o Japão, Java, Ceylão e o Brazil.

O perfume do chá não persiste nas folhas frescas, devendo ser desenvolvido por meio do calor. Os chinezes, pensando com razão que o aroma natural é superior a qualquer outro e que o chá comum só necessita ter o aroma natural, não o perfumam; mas os chás mais procurados de-vem seus olores intensos a outras

folhas ou flores estranhas, especialmente gardenias e jasmims.

Existe uma lenda japoneza contada por Koemper, segundo a qual um sacerdote indio chegado á China no ano 519 da nossa era, havendo caído ao sólo quando deitava meditar e orar, feriu anbas as palpebras e dos olhos orijinaram o arbusto, o chá, cujas folhas são especialmente adequadas para afastar o sono. Mas esta lenda não ensina nada, pois não é conhecida na China, onde se supõe ocorrido o fato; não parece tanpuco que o chá tenha sido levado da India.

O Dr. Bretschneider (*Out the study and value of chinese botanical works*), afirma que o uso do chá é antiquissimo na China. O celebre livro *Pent-São* menciona o chá ali por 2700 anos antes da nossa era.



# Faltava a Rainha Astrid...

CLAUDE BATELOT

(De "Realitatea Ilustrata" — Bucarest)

A inauguração da estátua do Rei-cavaleiro foi um espetáculo magnífico.

A amizade franco-bélgica não data de ontem ou de ante-ontem e si o avô do atual rei foi o iniciador desta amizade.

Não se pôde deichar de lamentar hoje, perante a estátua do escultor Martial, a falta daquela prinseza, cuja graça era tão atraente: Rainha Astrid.

Si enpregamos vocábulo "prinseza" é para relembrar aquela jovem que acompanhava o tio, rei Gustavo V, nas numerosas visitas feitas à França e cuja educação tão franseza continuou a ilustre raça dos Bernardotes. Agradar-nos-ia ver seu tipo fino, sua silhueta elegante, agradar-nos-ia admirar, ao lado do rei, esta jovem mulher, que foi raptada tão brutalmente, num daqueles acidentes em que nem os guardas podem defender mesmo os reis.

Lenbro-me quando vi a rainha acompanhando seu pai, quando noiva, preparava-se para o passo solene pelo qual devia tornar-se uma das soberanas mais graciosas da Európa. O Rei Alberto estava presente.

Conta-se que a um diplomata fransez, que lhe perguntára pelo seu filho maior, o Príncipe Leopoldo, respondeu-lhe:

Meu filho formou-se na escola dos grandes soldados. Dezejo que a imensa tragédia que viveu como simples soldado e da qual fez parte, viva-lhe como lenbransa eterna.

Olhando a silhueta fina deste jovem rei da Belgica, que veio trazer uma homenagem definitiva áquele que lhe deu uma lição tão alta, como se pode deichar de cojitar no antigo provérbio: "O fruto não cái longe da árvore".

## O REI LEOPOLDO

Pude palestrar, num dos últimos anos, — principalmente desde viúvo — com o jovem soberano. Vi-o em 1934, após a morte do Rei Alberto I; quando prestou juramento, onde passeava com seu novo

perante a nação. Era pai de uma das jovens prinsezas, que lhe tinha dado a Rainha Astrid. Conte-se que a rainha, sendo indagada dos cuidados que deveriam ser dados á sua

recem-nassido: o príncipe Alberto de Liège. A rainha brincava com seus filhos. Tendo o príncipe Baudoin, enpurrado um menino que brincava na praia, a rainha



O rei Leopoldo, da Belgica

menina, respondeu a uma dama de honra:

Perguntarei a Leopoldo. Ele não quer que se faça nada em relação á criansa, sem consultal-o. — E depositava nesse nome "Leopoldo" toda a ternura com que uma jovem mãe pode envolver o pai de seus filhos. Era em Stuyvenberg.

Tive a oportunidade de revê-la a jovem rainha, alguns anos mais tarde, em Ostende, onde passeava com seu novo

Astrid pediu desculpas e acariciou a criansa desconhecida. Esta prova de solicitude e simplicidade, acompanhava todos os jéstos da soberana.

## A EDUCAÇÃO DOS PRÍNCIPES

São tres: o príncipe herdeiro Baudoin, o príncipe Alberto e a prinseza Charlotte. Esta é a mais velha. Ela assumiu grandes responsabilidades, perante a vida. Particularmen-

te, é considerada na corte, de certo modo como mãe mais jovem de seus irmãos. É, aliás, interessante, constatar que o príncipe Baudoin, o herdeiro do trono, tem um ar acentuado de autoridade: ele não recebe senpre, de boa vontade, as observações de sua irmã mais idóza.

Estas criansas franzinas falam correntemente várias línguas. Mesmo o menor, o príncipe Alberto, diz tudo tão bem em fransez como em flamenço. Além disso, falam o inglês e alemão e assistem a sessões de cinema onde são projetados filmes em várias línguas.

A prinseza Charlotte agrada principalmente os filmes de viagem, história e geografia. Várias vezes ela pediu ao pai para levá-la numa viagem ao Congo belga.

Ela não perdeu a esperança de convencer o tio para aconselhar o Rei Leopoldo a fazer esse jésto jeneroso. Interessa-se também pela música e vemos nisto o traço que constituía a graça de sua mãe. Simultaneamente é desportiva: é escoteira e consagra ao tennis algumas horas por semana, como uma verdadeira sobrinha do Rei Gustavo V, que aos 80 anos continúa a praticar admiravelmente, seu esporte favorito, no qual senpre se sobressaiu.

Pelos gostos e pelo pórtio, o príncipe Baudoin é um militar nato. Apaichona-se pelos soldados de chumbo. Tem uma grande coleção que o príncipe Alberto interfere no seu brinquedo. Lutas temíveis dão-se então, porque os filhos dos reis como os dos demais mortais, são vivos, encantadores, um tanto levados, de acordo com sua idade.

O rei, como muitos pais, tem uma ligeira preferênsia pela filha maior, que lenbra a rainha Astrid, com quem se parece cada vez mais. Ela é uma doce satisfação para este jovem soberano, que aliás lhe dedica grande parte de seu tempo.

As vezes a leva a passeio. Foram vistos fazendo certas

(Conclue na pag 50)



# NOTÍCIAS LITERÁRIAS

**HISTÓRIA SINSÉRA DA FRANÇA** — Charles Seignobos — Comp. Editora Nacional.

“História Sinséra da França” é uma monografia escrita por Charles Seignobos. Ronpendo com a tradição oficial de focalizar os acontecimentos sob um ponto de vista meramente pedagógico, o autor estuda o passado da França sem a estulta reverência por personagens consagrados pela academia.

Tradução revista por Anizio Teixeira.

\*\*\*

**“AS IDÉIAS DE ALBERTO TORRES** — Alcides Jentil — Comp. Editora Nacional.

Alberto Torres, o grande pensador político que tanto se destacou no ezame dos problemas nacionais, teve ha pouco tempo reunidas em um só livro as suas idéias que estavam espalhadas em várias outras obras.

Alcides Jentil que se deu a esse trabalho, nos fornece em “As Idéias de Alberto Torres”, uma sintheze perfeita do pensamento político do grande escritor brasileiro. Segunda edição com prefácio de Oliveira Viana.

\*\*\*

**“ESTUDOS BRAZILEIROS”** — Orgão do Instituto de Estudos Brasileiros — N. 3, Novembro-dezenbro de 1938 — Rio de Janeiro.

O elójo da revista que reúne as conferências pronunciadas cada quinzena no Instituto de Estudos Brasileiros é facilmente feito, com a simples transcrição do respectivo Sumario. Basta uma vista pelos temas dessas paléstras, pelos nomes dos seus encarregados e dos seus debatedores, para que se possa avaliar o interesse do terceiro numero da publicação dirigida pelo sr. Claudio Ganns e correspondente ao bimestre novembro-dezenbro de 1938:

1 — **Artistas do Rio Colonial** — Conferência por Francisco Marques dos Santos. (Ilustrada com preciosas fotografias até agóra inteiramente inéditas).

Rezumo dos debates: Wanderley de Pinho, Augusto de Lima Junior e Afonso Taunay.

2 — **O ensino da História do Brazil e as realidades nacionais** — Conferência por Pedro Calmon. Rezumo dos debates: Eremildo Viana, Severino Sonbra, Gustavo

Barrozo, Wanderley de Pinho e E. F. Souza Docca.

3 — **A refórma penal no Brazil** — Conferência de Demostenes Hadureira de Pinho. Rezumo dos debates: Afranio Peixoto, Nelson Hungria e Narcelio de Queiroz.

4 — **Aspéctos da Organização Nacional** — Conferência de E. Teixeira Leite. Rezumo dos debates: Leonardo Truda, Firmo Dutra, Daniél de Carvalho e Alde Sampaio.

5 — **Preito de Saudade** — Discursos de Mario de Brito, Lourenso Filho, Menezes de Oliveira, Miguel Ozorio de Almeida, Paulo Filho, Jorje Kafuri, Matos Pimenta e Guilherme da Silveira Filho, sobre as vítimas do dezastre do avião “Santos Dumont”, ocorrido em 1928.

Conpléta esse esselente numero da revista “Estudos Brasileiros” a secção “Revista de Livros”, dirigida por Tristão de Atayde e contendo notas firmadas pelos srs. Helio Viana e Roberto Seidl.

\*\*\*

**“HISTÓRIA DA CONPANHIA DE JESUS NO BRAZIL”** — Pe. Serafim Leite.

Editada pela Comp. Editora Nacional, acaba de aparecer o segundo volume da História da Companhia de Jesus no Brazil, do historiador jezuita Serafim Leite.

Neste volume o autor conclue seus estudos sobre o século XVI. O 1o. tomo ocupára-se do estabelecimento da Companhia de Jesus no Brazil, oferecendo, além de outros aspéctos, o de “expansão e unidade”, ao pássio que no prezente volume envólve sobretudo um pensamento de “formação”.

Esta obra, que foi editada também em Portugal, alcançou ali o maior prémio de literatura luzitana.

\*\*\*

**“PEQUENO DICCIONÁRIO BRAZILEIRO DA LINGUA PORTUGUEZA”** — por um grupo de filólogos — Companhia Editora Nacional, 1938.

A falta de um dicionário popular, ao alcânse de todas as bolsas e, ao mesmo tempo, feito com inteliência e capacidade filológica, sempre se fez sentir entre nós. E éssa falta ainda éra mais sensível por serem os nossos dicionários compóstos, na sua maioría, por autores alhelos ao ambiente

brazileiro. O do sr. Candido de Figueiredo éra, ainda assim, o que maior numero de brasileirismos colijia. O “Pequeno Dicionário Brasileiro da Lingua Portuguesa” é uma realização feliz, sob vários aspéctos. Insere, ao mesmo tempo, a grafia simplificada e a etimológica — inovação que se nos afigura de grande alcânse, sobretudo para os moços estudantes do idioma. Elimina expressões que se arcaizaram, tanto aqui como em Portugal. Não contém sinão as indicações mais necessárias — o que permite enriquecer o lechicon, sem tornar a obra demasiado volumóza. E’, assim, este dicionário um grande serviço prestado ao estudo do nosso idioma e, ao mesmo tempo, um cometimento simpático pois que o volume fica ao alcânse das bolsas mais modéstas.

Ochalá póssam os outros editores nórtear-se por este feliz e simpático critério!

\*\*\*

**“ESPELHO DE CAZADOS”**, românse — José Vieira — Livraria José Olympio, Editora; Rio de Janeiro.

O vélho tema da harmonia conjugal mais uma vez aparece em nossas letras, agradavelmente renovado pelas reais qualidades de romansista do sr. José Vieira. Da comunhão de idéias á crize de fastio e insatisfação posterior aos dez anos de casamento, da dúvida sobre a manutensão da felicidade á falsa certeza de que éla esteja irremediavelmente perdida, daí ao ronpimento não fundamentado, á separação, ao arrependimento e á bem conduzida reconciliação final, — em todas as fâzes dëssa trajédia que não chega a sel-o, os insidentes são descritos por mão de mestre.

Observações psicológicas do maior interesse, dados muito seguros sobre a vida intima da classe media brasileira, perfeito conhecimento dos tramites de uma crize sentimental daquele jênero e das soluções que naturalmente compórta, — tudo isto está contido em “Espelho de cazados”, sem dúvida alguma um dos melhores românses nos últimos tempos publicados no Brazil.

\*\*\*

**“REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS JENEALÓJICOS”** — Ano II, n. 3 e 4 (1938) — São Paulo.

Uma sociedade que vem cunprindo, integralmente, o difícil programa traçado pelos seus fundadores, é, sem dúvida, o Insti-

tuto de Estudos Jenealójicos, com séde em São Paulo.

Próva disto, encontramol-a no tomo de sua “Revista” relativo ao ano de 1938. E’ suficiente o registro dos artigos de colaboração nele contidos para que se verifique o valor da contribuição pelo Instituto oferecida á História do Brazil, através de um dos seus menos cuidados, porém dos mais inportantes setores: o da jenealójia.

Eis a lista dos principais trabalhos publicados no n. 3-4 da “Revista do Instituto de Estudos Jenealójicos”, sem incluir a matéria redatória:

“Oriem dos Lemes de São Paulo”, pelo dr. Luiz Porto Moretzsohn de Castro; “Apontamentos heraldicos-jenealójicos sobre a Caza de Drumond”, pelo dr. Antonio Augusto de Menezes Drumond; “Aditamentos a Silva Leme”, pelo dr. Frederico de Barros Brotero; “Família Antunes Maciél”, pelo dr. Américo Brazilianense Antunes de Moura; “Tradições paulistas — Baroneza de Monte Santo”, pelo dr. Ricardo Gumbleton Daunt; “Brève notícia jenealójica: Dessendentes dos Barões de Capaçava”, pelo dr. Bueno de Azevedo Filho; “Jenealójia de Pedro da Conceição Serra Negra”, pela sra. Condessa de Serra Negra; “Uma árvore original”, pord. Carmen da Silveira Saraiva Bettenfeld; “Jenealójia dos Cavalcante de Albuquerque”, pelo dr. Mario D. Wanderley; “Os Alves de Lima”, pelo sr. Pedro de Mélo; “Os titulares do Império” (O Império e os literatos, os politicos, os diplomatas, os militares e os agricultores), pelo dr. Helio Viana; “In Memoriam — Major João de Souza Canpos”, pelo dr. Teodoro de Souza Canpor Junior; “Queirozes e Monteiro Barros”, pelo dr. Frederico de Barros Brotero; “Relações dos livros de batismos, cazamentos e óbitos ezistentes no Arquivo Jeral da Curia Metropolitana” (de São Paulo), pelo pádre Paulo Aurisol Cavalheiro Freire; “Sinbólójia heraldica” e “Diocézes paulistas”, pelo ten-cel. Salvador de Moya; “A família Mendonsa Furtado e Queiroz” (Autos de justificação); “Bibliografía para um estudo jenealójico: os Ventimiglia”, pelo dr. Domingos Laurito; “Livros de assentos paroquiais de Campinas”, pelo dr. Teodoro de Souza Canpos Junior; “Certidãos mineiras”, pelo sr. Ary Florenzano.





## A teoria eletrônica

(Continuação do num. anterior)

volts, cada um desses volts afetou portanto a quarta parte do total, ou sejam, 1,2 m. a.; a relação existente entre a variação da corrente anódica e a voltagem de grade que a produz é que se denomina "inclinação da curva". No caso em apreço vemos que tal inclinação é de 1,2 m. a. A inclinação resume, por assim dizer, a qualidade de uma válvula.

Para melhor compreensão do desenho anterior, fazemos notar que o deslocamento lateral da curva no quadriculado representa modificações feitas na corrente de grade, ao passo que seu prolongamento vertical demonstra alterações na corrente de placa.

Consideremos agora a segunda curva, ainda do quadro "A", e que corresponde à aplicação de 100 volts à placa e zero volts à grade; resulta daí uma passagem de corrente equivalente a 8 milianpères, como mostra o gráfico. Se, agora, fornecermos à grade uma voltagem negativa de -5,5 volts, verificaremos que a corrente de placa diminuirá. Para tornar a obter os 8 milianpères necessitaremos novamente aumentar a tensão de placa para 150 volts, e por consequência, cada volt de variação afetará:  $\frac{50}{5,5} = 9$ , aproximadamente.

O número de volts de placa que cada volt na grade desloca, denomina-se "fator de amplificação". No caso da válvula A-409, verificamos que esse fator é de 9. Isto significa que, qualquer variação de potencial efetuado na grade, afetará a corrente de placa em número nove vezes superior quanto à magnitude. Daí de-

duzimos que estamos tratando com um artifício multiplicador, ou amplificador — que é justamente o que necessitamos, para aumentar o volume de recepção em qualquer aparelho.

Devemos esclarecer que uma válvula eletrônica não é, de forma alguma, uma fonte produtora de energia — se bem que em seu circuito de placa a potência posta em funcionamento graças ao controle realizado pela grade, é imensamente superior à deslocada no circuito desta. Por isso, devemos sempre ter em mente que a energia circulante na placa é absorvida da chamada bateria "B" (fonte de corrente de placa); o papel da grade é unicamente o de controlar a passagem dos eletrons, atuando, por isso, como se fosse uma válvula de passagem. A relação entre a potência dos circuitos de placa e de grade é enorme, chegando em algumas válvulas a atingir a relação de 10.000, isto é: a potência do circuito de placa será neste caso controlada por uma potência 10.000 vezes inferior.

Voltando ainda às curvas de características, verificaremos que, mantendo-se a grade a zero volts e aumentando-se a voltagem de placa de 100 para 150 volts, a corrente anódica eleva-se de 8 para 14 milianpères. Isto significa que um aumento de 50 volts provocou uma variação de intensidade de 6 m. a., o que nos coloca face a face com uma resistência variável. De fato, se 50 volts provocaram aumento de 6 m. a. na corrente, um volt provocará uma variação de

$$\frac{0,006}{50} = 0,00012 \text{ de ampère}$$

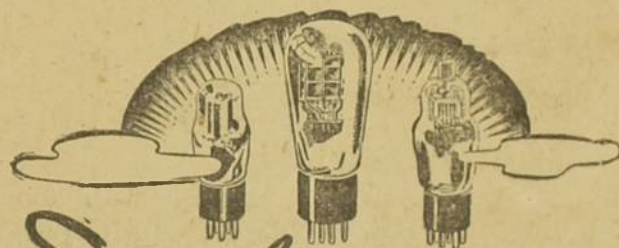
Recorrendo à Lei de Oh, trata-se na primeira lição, temos que, como a resistência é igual à voltagem dividida pela intensidade, um volt dividido por 0,00012 ampères corresponde a 8.333 ohms. Esta será, pois, a resistência interna da dita válvula, e seu conhecimento bastante nos interessa afim de permitir que seja exatamente determinado o valor dos componentes de qualquer circuito.

De acordo com as explicações acima, ficamos habilitados a conhecer, pelo estudo das Curvas de Características de uma válvula, a sua "inclinação", seu "fator de amplificação" e sua "resistência interna". Poderemos agora compreender algumas observações bastante úteis, que permitirão conhecer com certeza as condições apropriadas para detecção ou amplificação.

No quadro "C" da figura 2 po-

demos observar que fazendo variar o potencial de grade de 0 a -18 volts, será obtida uma corrente de placa cuja intensidade oscilará de 4 a 8 m. a. com 100 volts na placa. Entretanto, se a grade variar de zero a menos 1,8, a corrente diminuirá de somente 2 m. a.; assim verifica-se que uma mesma variação de voltagem de grade, segundo seja positiva ou negativa, provocará variações de corrente, por um lado de 4 m. a., e por outro, de 2 m. a.; logo, no circuito de placa a corrente será desigual, devendo-se notar que — Uma determinada válvula será tanto melhor detetora, quanto mais pronunciada seja a diferença de correntes de placa produzida mediante variação, para mais ou para menos, de uma certa voltagem de grade em seu ponto zero de potencial.

(Continúa no próximo numero)



### Escolha UMA PROFISSÃO AMENA E LUCRATIVA

CURSOS PRATICOS, POR CORRESPONDENCIA E EM SALÃO

**RADIO EM GERAL** — Abrangendo montagem e reparação de receptores, transmissores, amplificadores, etc. e noções gerais de televisão e cine sonoro

**TELEGRAFIA MORSE** — Curso teórico prático, para os candidatos ao certificado de telegrafista de 1.ª e 2.ª classe, de acordo com o programa do Telegrafo Nacional. Indispensável para o exercício da profissão e para radio-amadores.

**CORPO DE PROFESSORES DE RECONHECIDA IDONEIDADE E COMPETENCIA**

Completo laboratório à disposição dos alunos e para reparações de receptores, transmissores, amplificadores, etc.  
**EFICIENCIA — ECONOMIA — PROBIIDADE**

**INSTITUTO RADIO TECNICO BRASILEIRO**

EX-INSTITUTO DE RADIO POGONY

Rua 7 de Abril, 120 • SÃO PAULO • Caixa Postal 3152



### Página de Rádio de "PAN"

#### Coupon para Consultas

(Todas as consultas devem vir acompanhadas deste Coupon)

Nome.....

Cidade..... Estado.....



# Defenda seus filhos do perigo da paralizia infantil

A paralizia infantil é uma enfermidade infecciosa e epidémica.

A paralizia infantil ataca a infância em todas as idades, especialmente às crianças compreendidas entre UM e QUATRO anos.

É uma enfermidade grave, que leva á morte o menino, ou deixa-o impossibilitado para o resto da sua vida.

A época em que se observam mais casos são os meses do Verão e princípios do Outono.

A paralizia infantil tem uma iniciação pouco alarmante para quem está ao cuidado da criança.

Sua forma, de começo, é muito variável, mas geralmente se exterioriza pelos seguintes sintomas: febre, mal-estar geral, agitação, suores abundantes, inflamação da garganta, transtornos gastro-intestinais (náuseas, vômitos, diarreia), bronquites, dor de cabeça, dores gerais ou localizadas nos membros e nas costas.

Com qualquer destes sintomas, ou depois de desaparecerem, se apresenta a paralizia. Esta se exterioriza desde a simples diminuição da força até á impossibilidade de mover um ou mais membros.

## MÓDOS DE TRANSMISSÃO

A paralizia infantil é contrajante:

1.º Por contacto imediato com um enfermo, um convalescente ou um sã portador do vírus.

2.º Pelo ar e pelo vento que levanta poeira contendo o vírus ressecado.

3.º Pela injeção de alimentos ou bebidas infetadas.

4.º Por contacto directo com objetos, terra ou areia contaminados, pelas secreções e excreções dos enfermos.

5.º Por intermédio de alguns insetos portadores do vírus, entre os quais se citam, como mais perigosos, a mosca, o mosquito, a pulga.

6.º Por intermédio de animais domésticos (cão, gato, aves de curral).

7.º Por meio de banhos em águas estagnadas.

## CONSELHOS

Diante de qualquer dos sintomas anotados, é indispensá-

vel consultar o médico, que é a única pessoa capacitada para fazer um diagnóstico preciso.

Diagnosticada a enfermidade, deve isolar-se a criança ou hospitalizá-la si se trata de um caso grave ou de um enfermo pobre.

Os encarregados de cuidar da criança devem observar

uma higiene corporal rigorosa (gargarismos, desinfeção do nariz) e evitar quanto possível todo contacto com qualquer outra criança.

Deve lavar e desinfetar as mãos antes de as levar á boca ou ao nariz e antes de fazer uso da toalha ou do lenço; pôr um avental para evitar contaminar as roupas ou

qualquer outro objecto de uso pessoal.

Com estas medidas evita-se contrair ou transmitir a enfermidade.

A habitação do enfermo deve manter-se em perfeito estado de limpeza, fazendo retirar cortinados e tapetes, deixando unicamente os móveis e objetos indispensáveis.

A limpeza do soalho fará-se com pano húmido com soluções antisépticas; não se deve varrer a habitação a seco.

Desinfetar diária e escrupulosamente — ferver-as — as roupas que usa a criança enferma.

Evitar a concorrência de crianças a lugares públicos onde haja aglomeração de pessoas.

Proibir a concorrência das crianças nas praias.

Evitar o contacto dos animais domésticos com o enfermo.

Destruir as moscas, mosquitos, etc.

Em época de epidemia é útil que toda criança ou adulto desinfete o nariz ou a boca já com gotas nazais, gargarismos, pulverizações nazais, já com comprimidos desinfetantes.



## História de uma sepultura

No quazi idílico cemitério de Bayreuth, junto do mauzóleu de Franz Liszt, ha uma modesta sepultura com uma inscrição franceza. A propósito do 50º aniversário da morte do grande compositor, recorda-se a comovente história dessa sepultura que enerra os restos mortais de Marcius Simon, cavaleiro da Legião de Honra, falecido em Bayreuth no dia 17 de julho de 1909.

Marcius Simon era um fervoroso admirador dos dois grandes gênios da música — Wagner e Liszt.

Encontrando-se Simon gravemente doente e vendo aproximar-se a morte, formulou a sua última vontade de ir a Bayreuth para morrer no mesmo sítio em que Liszt morrera e se achava sepulta-

do. Simon chegou a Bayreuth no dia 17 de julho de 1909.

Nesse mesmo dia, sentindo-se já moribundo, mandou vir um carro e pediu ao cocheiro que desse uma volta ao Teatro dos Festivais, no alto de uma colina. O carro teve de parar trez vezes no caminho, porque o cocheiro pensava que o seu passageiro ia morrer, e outras tantas vezes este pediu, num esforço titânico, para continuar caminho, porque não queria ezalar o

último suspiro sem ver de perto esse templo sagrado da Arte onde Liszt havia interpretado as suas composições majestrais. O carro deu a volta ao edificio, e seguiu depois para o hospital da cidade onde Marcius veio a falecer, precisamente uma hora depois de ter contemplado pela derradeira vez o objecto dos seus últimos pensamentos. E, antes de morrer, ainda fez um esforço supremo para pedir que o enterrassem aos pés do mauzóleu de Franz Liszt. Foram essas as suas últimas palavras.

Restaurante ALBA MAR

1.ª ORDEM

CHEZ RODOLPHE

TELEF: 42-0894



# O rei dos vendedores de armamentos

... RENÉ JOINET ...

**Q**UANDO falaceu Sir Basil Zaharoff, muito se falou no malor dos mercados de armas, cuja vida foi plena de mistérios, dissimulada cuidadôzamente aos olhos do público e até mesma da curiosidade dos que com ele lidaram.

Publicamos aqui uma narração do principio de sua vida, não menos rica em peripécias do que o mais fantástico romanse de aventuras, primeiros passos de um homem obscuro que amontoaria, pela venda de material de guerra, uma das sete maiores fortunas do mundo e se tornaria assim um dos magnatas das finanças internacionais.

\*\*\*

Ha alguns anos, os frequentadores retardatarios do restaurante do Hotel Pariz, em Monte Carlo, assistiram a uma estranha apôsta. Um senhor de certa idade, cercado de alguns amigos, jactava-se de engulir, inteiro, um linguado, incluzive a espinha.

O gerente do hotel, sientificado do cazo, apressou-se em trazer o peiche numa travessa de prata, e, diante dos circunstantes estupefactos, o cavalheiro tomou o linguado pelo rabo, abriu a boca, e enguliu-o com a mesma facilidade como se tivesse injerido um comprimido de aspirina!

Enquanto todos mantinham silêncio, maravilhados, o grave senhor enchugou a barba branca e sorriu amavelmente:

— No mundo, só dois fazem isto: eu e Chaliapine. Ambos temos estomago de leão...

E acressentou, brejeiro, piscando os olhos:

— Mas eu não canto!...

\*\*\*

O cavalheiro que "não cantava" recolheu-se pouco depois aos seus apartamentos — tres peças muito pouco luchuozas. Dois homens que tinham jantado silensiozamente numa mezinha, retiraram-se ao mesmo tenpo. Passando perto do gerente, trocadas algumas palavras:

— Sir Basil parte ás seis

horas para Londres. Todas as ordens já foram dadas. O procurador do Banco Pariziense estará no trem...

Pouco depois, as luzes se apagaram no primeiro andar, e os dois secretários-policias, enserrados num quarto vizinho ao em que dormia o patrão, iniciavam a vijilância noturna. Às vezes, quando um dos hóspedes notambulos voltava do cazino, uma porta se entreabria silensiozamente:

— O conde X... vai-se raspar pelo caminho de ferro. Ele subiu a pé, com as mãos no bolso. É mau sinal...

— Deve sessenta mil francos ao hotel...

— Óra! o que Zaharoff perde aqui, readquire no cazino. Em 1925, ganhou vinte e nove milhões de dividendos...

E o silêncio cada vez maior só era perturbado pelo roncar forte de um homem que dijeria seu linguado e que sonhava, sem dúvida, com a única coiza que adorava neste mundo: a libra esterlina!

**"NUNCA DIGAS A ALGUÉM..."**

Pouca coiza seria necessária para que Basil Zaharoff pudesse jámais engulir um linguado e dormir no "seu" hotel de Monte Carlo: que ele tivesse dos negócios uma concepção puramente ocidental. Mas em Moughla, aldeia da Ázia Menor, onde nasceu, em 6 de outubro de 1849, applica-se desde sempre a famosa mássima: "Comércio é o dinheiro dos outros!". E, queriam ou não, esta foi também a directriz do bebé moreno batizado na miserável igreja ortodoxa da rejião.

No momento, porém, ninguém pensava que Zacharias Basileios Zaharoff daria seu nome a um passeio da quazi maioria dos jardins zoológicos do mundo. A Anatólia não se rejubilou, por servir de berço ao pequenino sêr que modificaria o mapa-mundi muito mais que César, Napoleão e Guilherme II reunidos.

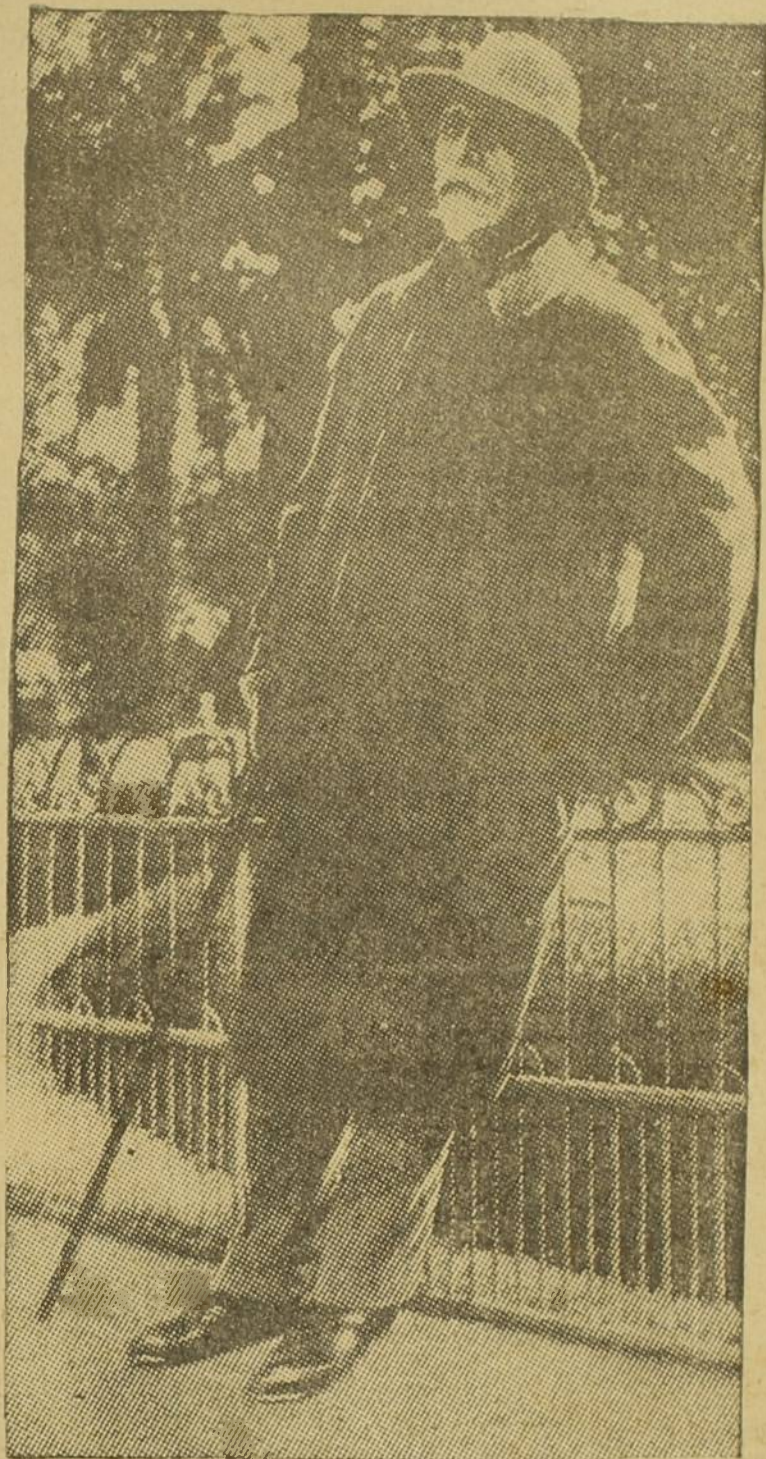
Éra apenas um pobre pequeno levantino a mais, que venderia tapetes ou perseguiria os turistas, á procura de

algumas piastras, como todos os garotos da aldeia.

Mais tarde, em Tavata, miserável quarteirão de Constantinopla onde sua família conseguiu instalar-se após um périplo extraordinário, o jovem Zaharoff cambiava. Seus avós, perseguidos durante a guerra de 1820, emigraram para a Russia. Os páis tomaram o caminho do sul. Encontraram-se traços de sua passagem em Erzerum, depois em Moughia. Constantinopla é o íman para o qual tendem os confins do dezérto da Síria e das marjens dezoladas do Eufrates, toda aquéla população prodijioza de merca-

dores errantes, intermediários e parazitas do Oriente. Ali chegam, em verdadeira caravana, desde que a calma propicia aos "negócios" renasce.

Os "negócios"! Eis o que ouvira o jovem Zaharoff durante sua mocidade. "Lucros", "comissões", "abatimentos", são as únicas palavras que lhe fêrem os ouvidos adollescentes. Com dez anos, já sabia calcular quantias em shillings, pezetas, etc.; mais tarde falaria também em libras e corôas. Mas, se em Constantinopla o dinheiro circula mais que em outra parte, passa por tantas mãos que pouco fica



BASIL ZAHAROFF



em cada uma. E os Zaharoff viviam miseravelmente.

A miséria é comum, aliás,

Nas ruas onde pequenos artistas amontoavam em frente das lojas sórdidas objetos heteróclitos, bandos de moléculas operavam verdadeiras pilhagens. Em Tavata, reservado aos gregos, Zaharoff dirige um bando. Sujo, andrajoso, magro, o terrível garoto bate todos os "records" de velocidade quando é perseguido pelo turco a quem recusou pagar o café que bebeu. Quando passa correndo pela torre de Galata, as mulheres de rosto coberto por véo só têm para ele um olhar de desprezo. Que infortuna!

Zaharoff acha sempre um refugio. Os gregos de Constantinopla parecem-se com os judeus de Jerusalém: praticam a hospitalidade como religião. Se a praça de At-Meidan lhe está interdita, a rua Dimitri tem muitos abrigos e portas para o filho do infeliz Zaharoff. Repreendem-no muitas vezes; principalmente porque é ainda uma carga para o pai e não porque ignore o Gharib-Mameh.

— Com a tua idade — disse-lhe um dia um velho grego — eu já ganhava dois paras por dia.

Ganhar? Ah! ele também o queria! Entretanto, é tão bom vingar-se dos tyranos turcos que esmagam seus infelizes compatriotas com pezados impostos. Com quinze anos, fala menos mal turco, grego e búlgaro. Mas nos Balkans qualquer pé-rapado fala seis linguas e quinze dialéto. Quando ouve cantar o Hamidié, hino nacional, pôde muito bem jurar em inglez. Isto lhe vale ser interpelado por um londrino que o toma como guia e lhe ensina a lingua, sem cujo conhecimento Zaharoff não ganharia um só milhão.

— Aquele inglez, dirá um dia Zaharoff, foi a cauza de todas minhas desgraças e talvez das de muitos outros!

Em todo cazo, seus rudimentos começaram logo a mostrar utilidade. Acabados os passeios pelo quarteirão de Stanbul, as vagabundagens pelos cáis, Basil enfeitou-se com um "fez", corre de hotel em hotel e penetra nas ricas residências de Pera. Enpréga-se como moço de recados, as-

socia-se a um cambiador, faz transportes de pequenos volumes...

O homem de Londres lhe disséra:

— Na Inglaterra, pôde-se fazer fortuna em um ano. Aqui está meu endereço. Quando você tiver dinheiro para a viagem, escreva-me. Facilitar-lhe-ei o início nos negócios.

Como o velho Zaharoff acabava de perder as últimas economias num máu negócio e não pôde adiantar ao filho qualquer quantia, Basil acumulava algumas moedas de bronze num saquinho que traz, dia e noite, sobre o peito.

"Não comendo e não fazendo despesa de espécie alguma, ser-me-ão precisos trez meses para poder comprar uma passagem no navio". Assim, é quasi um esqueleto que caminha junto ás paredes e põe sua velocidade a serviços de todos os estrangeiros que encontra.

Desgraçadamente, certa manhã, ao despertar, sobre as pedras de uma viela, levou a mão ao peito e, — horror! — o saco desaparecera. Um habil gatúno lhe roubára a pe-

quena fortuna, durante seu sono. Desvairado, corre pela cidade. Os policiais turcos, a quem se dirige, riem-lhe na cara. Quem roubaria um vagabundo? Onde já se viu mendigo ajuntar economias?

— Desinfeta, rapaz, e não apareça mais por aqui!...

Escorçado por todos, o jovem Zaharoff pensa na sua desgraça. Bruscamente, um relâmpago atravessa-lhe o espirito. Na véspera, ele contára sua aventura a alguém: o encontro com o inglez e seu desejo de reunir o dinheiro necessário á viagem. Lembra-se bem que até batera no peito, dizendo:

— Em breve terei o suficiente!

Todavia, a quem confiára o seu segredo? Um certo Nepoulos, amigo de infância. Rápido, correu á caça dele. No quarto sórdido, ninguém! O outro batera a plumagem.

Cabisbaicho, Zaharoff toma a direção do quarteirão Pera, onde trabalhara muito tempo. Voltará aos biscates antigos, que fazer? De repente, pára e consulta o pequeno caderno onde lansava os lucros. Um de seus numerosos secretários, quarenta anos mais tarde,

acharla uma folha amarelada, onde, naquele dia, o jovem Basil lansou as mássimas que seriam as directrizes de sua vida:

"Nunca dizer a alguém o que se faz".

"Jámais confiar a pessoa alguma qualquer palavra sobre o seu dinheiro".

"Sómente os inbecis são roubados!".

Abaicho, em turco, uma frase bastante obscura:

"A partir deste momento, tenho um pacto com a morte".

Tais palavras, escritas aos vinte anos, definem Zaharoff psicologicamente; valem mais que qualquer auto-biografia. O rapaz de Tavala desaparecera; um outro tinha nascido. Outro que, ao primeiro contacto com a vida, tomava posição sólida, sobre princípios sévros. Jámais falará de suas ocupações e de seu dinheiro. Não será mais estúpido, para lhe roubarem a carteira.

Quanto ao "pacto com a morte", que parece tirado do romantismo ocidental, Zaharoff está longe ainda de subcrevel-o. No momento, é com a vida que ele faz um pacto. Um de seus parentes, Sevastopoulos, caindo gravemente doente, pediu-lhe dirigisse provisoriamente sua loja de tecidos; um armazem importante que fazia frente para uma ruella vizinha ao porto.

Uma loja de tecidos! Vestir-se decentemente como os ricos estrangeiros que habitam Constantinopla! No dia em que ele assumiu a gerência do negócio, estava tão bem vestido que os próprios policiais turcos o saudam com deferência. Agóra, poderá apresentar queicha contra o ladrão. Atendel-o-ão. Mas não tem tempo a perder. Com os princípios e a correção das vestes, conseguirá êxito nos negócios. Além disso, o contacto com os comerciantes internacionais mostrou estar seu futuro na venda de mercadorias. A habilidade oriental sob o verniz do ocidente, tais serão as futuras qualidades do maior homem de negócio de todos os tempos.

Restava-lhe apenas passar alguns meses na prisão para que o desprezo dos homens viesse aumentar e temperar o domínio sobre si próprio. Desde então, Zaharoff já é

## Assinaturas de PAN e das demais Revistas e Jornais do Brazil

O senhor deseja assinar alguma revista  
ou jornal do Brazil?



Encarrega-se desse trabalho, por intermedio da sua Matriz no Rio de Janeiro, sua Sucursal em S. Paulo, e seus correspondentes nos Estados.

LUX-JORNAL envia aos seus assinantes cortes de todos os jornais brasileiros sobre quaisquer assuntos de seu interesse.

MATRIZ NO RIO — Rua Buenos Aires, 176  
Telefone 43-5422



**Zaharoff:** silêncioso, observador ao extremo, frio, olhar dominador, evitando amizades. Se não parece senhor de seus nervos, porque se encoleriza algumas vezes, sabe animar a máscara glacial como todo o armênio frente ao freguez eventual. Espirito atento para descobrir o ponto vulnerável dos concorrentes, Zaharoff repetirá até o fim da vida:

— Senpre me foi mais difícil fazer malograr um negócio do que realizá-lo com êxito!...

#### AS PRIZAOS DE LONDRES

Contudo, seria por um desastre que a carreira de Basileios ia começar. Certo, não foi um desastre comercial. Uma aventura muito mais trágica, cuja sombra funesta o acompanharia até morrer em Monte Carlo. Sómente naquela ocasião Zaharoff falou, para lavar uma falta da mocidade, total, integralmente, porque seria capaz de matar no nassedouro o jênio estranho e tortuoso que a História julgará com severidade.

Em poucos mezes, a loja de tecidos cuja situação financeira era péssima, se tornou floressente. Pedidos chegavam dos quatro cantos da cidade. Basil se desdobrava, mal lhe sobrava tempo para receber os pedidos de mercadorias que logo eram aviados pelos empregados. De que provinha seu mistério poder sobre a clientela? Ele próprio não sabia explicar. Anos mais tarde, diria estas palavras a Aristides Briand:

Tenho a impressão que se eu mandasse os alemães se retirarem, seria obedecido!

Na verdade, nada se lhe recuza. Seus argumentos são perentórios. O tio Levastopoulos, guardando ainda o leito, crê num milagre ao verificar o balanço da caça. Os negócios, os lucros duplicaram, triplicaram, quadruplicaram! Ora, para um negociante doente, a prosperidade súbita é o melhor dos medicamentos. Em breve, Levastopoulos sente as forças voltarem e escreve ao sobrinho:

"Assim que pudér retomar meu lugar ao armazem, dar-te-ei liberdade".

Ah! era o que esperava Basil, em recompensa dos seus

esfórsos. Antes de mais nada, regulou as contas em atraso. Retirou na caicha apenas o que precisava para viver e vestir-se. Ora, por contrato, uma percentagem sobre os lucros lhe era devida. O tio faz ouvidos moucos? Tanto peór. O levantino não se inquieta com escrúpulos. A parte nos lucros lhe é devida e ele repete:

— Só os inbecis se deicham roubar.

Assim, certa manhã de outono, um viajante, sobraçando um capóte de corte inglez, segurando uma pezada maléta, toma lugar num paquete que parte para a Inglaterra. É cunpriminado por muitos conhecidos. Às perguntas que lhe fazem, responde:

— Viajem de negócios...

Na cabine, colóca a valize sob o travesseiro. A lembrança do roubo do saquinho de moedas não o deicha...

Um amigo de Levastopoulos, passando pelo armazem fechado, pára, e decifra um cartaz: "Fechado por motivo de doença". Como? Zaharoff também está doente? Uma hora mais tarde, o tio estava prevenido. Arrastando-se, chega ao armazem, corre ao cofre, verifica os livros. O triste pressentimento se confirmava: Basileios fugira com um terço dos lucros!

Mas na sua precipitação esquecera uma coisa: o contrato que justificava o seu ato. Num instante, a polícia estava avizada. Demaziado tarde! Zaharoff já está ao largo... em direção á polícia ingleza, que aguarda seu dezenbarque. Se bem que não ezistisse ainda o telégrafo sem fio, a ordem de captura precedeu o futuro baronete; e foi, através das janélas de um "tin-

tureiro" que Zaharoff apreendeu pela vez primeira as ruas da desejada Albion.

Sob a dupla acuação de es-croquerie e abuzo de confiança, foi ele trancafiado numa cela húmida e suja.

Anos mais tarde, falando a alguns amigos, disse:

— O inglez que conheci em Constantinopla disséra-me: "Na Inglaterra faz-se fortuna num ano". A verdade, porém, é que em Londres prende-se em cinco minutos!

Passaram-se mezes. Basileios não podia apresentar prova alguma em seu favor. Nem um contrato, nem mesmo uma das cartas que o tio lhe escrevera no início da so-



cidade provizória. Todavia, quando, no dia do processo, passava por um longo subterraneo, entre os carcereiros, enfiou naturalmente as mãos nos bolsos. Sob os dedos sentiu um papél. Instintivamente ezaminou-o. Vitória! a prova desejada. Era uma carta que Sevastopoulos lhe endereçara e na qual o informava das bases do contrato.

A absolvição que se seguiu mostrou a Zaharoff o valor de uma assinatura. Mais tarde ele a ezijiria de todos os seus cliétes.

"O contrato assinado, por favor..." diria ao ministro da Guerra da Fransa, ao tratar

de um fornecimento de cinquenta milhões de armas. "Queiram passar o recibo...", era a ordem a seus secretários, ao pagar cento e cinquenta francos de ordenado, antes da Guerra.

#### A ESTRADA DA FORTUNA

Póde-se ser absolvido pelos juizes e continuar com a reputação manchada aos olhos dos compatriotas. Foi o que aconteceu a Basileios, quando magoado, vensido, esmagado, tomou o caminho de Atenas. Londres se tornava uma cidade proibida para ele. Ninguém compraria qualquer coisa a um levantino saído da prizão, mesmo absolvido. Na Turquia não seriam tão severos. Pelo menos era o que cria a sua injenuidade. Prontamente, teria, porém, a prova de que a memória dos homens é maravilhosa quando se trata de culpas alheias. Desde então dáta o seu desprezo pelos homens.

Certa vez, conversando com Clemenceau, perguntou-lhe:

— Disséram-me que desprezais a humanidade inteira, senhor prezidente. É verdade?

— Óra éssa! — respondeu o Tigre, fixando Zaharoff, com os olhinhos vivos sob as espessas sobrancelhas.

— Digo-vos isto — prosseguiu o fornecedor de guerra — porque pensamos do mesmo modo...

— Sim, mas não é a humanidade que eu odeio. São os homens!

Entretanto, a penosa vida que Basileios leva em Atenas vai ser iluminada pela luz de uma amizade sincera. Estevão Skouloudis, cuja atividade já revéla notáveis dons de político, interessa-se pelo des-

(Conclue na pag. 41)

# Dê alegria a seu rosto



A melhor recommendação para uma barba bem feita é usar Creme Dagelle para Barbear. Este maravilhoso creme contém cold cream, que suaviza a pelle enquanto espuma. O Creme Dagelle para Barbear amacia a barba mais dura, tornando possível fazel-a facilmente, sem irritar a pelle. Ao terminar a barba, refresque o rosto com Agua Dagelle e, como toque final, use Talco Dagelle.



## CREME DAGELLE PARA BARBEAR



# DIVERSOS

## MOSTEIRO DE TIBÃES

Na cerca do mosteiro de Tibães, no Minho, em Portugal, existe ainda um sobreiro com a idade presumível de treze séculos, pois, segundo a "Beneditina Luzitana", de frei Leão de S. Thomaz, obra escrita em 1642, data da fundação do mosteiro, em 562, da era de Christo, a plantação da mata para a qual do Alemtejo viéram sobreiros, por serem árvores de folha permanente.

Um grande vendaval que assolou a região, em 20 de janeiro de 1616, destruiu mais de duzentos, já descarnados e carcomidos. Este mosteiro de Tibães foi fundado pelo rei suevo Theodomiro, a instâncias do seu confessor e capelão-mór Martinho, a quem fez primeiro arcebispo de Braga, e que, depois, foi S. Martinho de Dume, pois que, nessa época, fundou também o mosteiro de Dume, freguesia próxima de Braga.

## ARANHA

Quasi toda a jenté persegue as aranhas, matando-as, como animais nojentos e asquerosos. A verdade é que se deve poupar, no interesse próprio, este animal.

A presença das aranhas nas suas teias impede não só as incursões de vários insetos prejudiciais, mas de um modo especial o vôo de diversos insetos alados cujas larvas roem as folhas e frutos. A aranha é, pois, um animal útil. Deve ser guardada com cuidado nos estábulos e em outros lugares, onde presta grandes serviços tanto aos animais como aos cereais.

## CONSOLO

A Republica chinesa tem aproximadamente 450 milhões de habitantes. Perto de metade, isto é, 200 milhões, são analfabetos.

E' preciso mencionar, além disso, uns 30 milhões de crianças que nunca puzeram os pés numa escola. O governo de Nankin está muito decidido a remediar esta deplorável situação por medidas energicas e severas.

Assim prepara um vasto programa cuja realização total exigirá seis longos anos.

A instrução obrigatória será

decretada em todas as províncias. Simplificar-se-á o alfabeto mais completo do mundo, que é o alfabeto chinês. Os adultos analfabetos serão obrigados a assistir a aulas noturnas. A construção de numerosas escolas está prevista em todo o território; cada municipalidade receberá uma coleção de films educativos.

## VENENÓZOS, MAS ALIMENTAM

Segundo afirmações do "China Journal", de Shangai, certas espécies de serpentes venenozas são muito apreciadas como alimento pelos chineses do sul. Em Cantão ha um mercado em que se vendem cobras. A serpente vende-se também como alimento entre os chineses do arquipelago malaio e na Malazia inglesa.

Existem muitas cobras que são apreciadas não sómente como pratos finos, como também como remédio precioso. A pele, misturada com alcool, é tomada como tónico; isto é, para fortalecer. Diz-se que a carne de cobra é mais nutritiva do que o leite, o peixe ou a carne de vaca.

No mercado de Singapura, é vendida também carne de outros reptis, entre eles o crocodilo.

## PREZOS DE VERDADE

Nas ilhas Filipinas, o estado de preço constituia até hoje uma agradável situação. Mas tudo tem um fim. Com muita delicadeza, as autoridades fizeram compreender aos "pensionistas" das prisões que não era nada moral permitir que continuassem a vir dormir a caça e a comer, como tinham por costume.

— Os senhores seriam muito gentis se quizessem doravante ficar nas suas células até á espiacção da sua pena e fechar depois a porta, não saindo sinão no fim.

Quem não está nada satisfeito são os governadores das províncias com esta resolução que lhes vai dar tanta despesa em alimentação.

## CRESSEMOS...

Pelos modos, verifica-se, desde ha anos, o aumento da estatura média dos homens.

De geração para geração — informou-nos um dia certo alfaiate em moda — a rapaziada "alonga-se". Garototes de 15 primaveras, aparecem espigadas como seus papás e mamãs.

E um médico confirmava:

— O cressimento é mais rápido que outróra... A aparição dos dentes, a mudansa na voz são cada vez mais precoces. Efeitos, certamente, dos beneficios da puericultura mais inteligentemente praticada. Menos fchas entorpecendo os movimentos dos pinpolhos, menos algodão, mais água, mais sol e mais luz. Liberta desde o berço, a criança apressa-se a tornar-se homem.

Resta apurar-se se este processo fisiológico corresponde a maior nível moral e mental. Porque, em verdade, consoante a filozofia popular, os homens não se medem aos palmos. Os grandes homens do mundo, esponentes massimos da espécie, não foram, em regra, homens grandes. Os Pasteur, Hugo, Zola, Napoleão, Junqueiro, Gomes Leal e tantos outros, irradiados da banal craveira, fizeram a efêmera jornada terrena sumiticamente servidos de carne e osso.

Todavía viam-se e iluminavam ao longe como altissimos faróis do pensamento.

Certo é, que era noutro tempo, quando a celebridade se não forçava a golpes de biceps e a asticções de libias... A inteliência era então a suprema forsa. Era e... apesar de tudo, continúa sendo a dominadora.

## PULMÃOS MECANICOS

Em Pariz, a propósito e á margem da espozição de automóveis, recentemente enserrada, appareceu esta pequena estatística, ao mesmo tempo edificante e humilhante:

Uma "moto" consome por hora mil e quinhentos litros de ar.

Um "auto", seis mil.

Um "onibus" cento e oitenta mil.

Eis a capacidade dos pulmões mecânicos!

Quanto aos do homem, só uzam, por hora, quinhentos litros.

O que quer dizer que um auto, em funcionamento, absorve doze vezes mais ar que o chamado "rei dos animais". E ainda inpregna de fumos e vapores de essência o que lhe deicha.

## LADRAOS

A policia do Cáiro acaba de prender dois macacos por terem tomado parte num furto. São acuzados de ter chamado sobre si a atensão duma rica ejipsia para dar ocasião á filha da sua patrão de roubar um bróche de

grande valor que a vitima tinha ao pescoço.

Depois da sua prisão, os dois malfetores tiveram uma pavorosa crise de nervos e raiva, atacando muitos policiais e partilhando o que podiam.

Dezesperados, os policiais telefonaram para o Jardim Zoológico, mas de lá foi-lhes respondido que isso lhes não dizia respeito.

Não sabendo o que deviam fazer destes singulares prizioneiros em estado de loucura furiosa, os policiais mandaram procurar um parente do dono dos macacos. Logo que o viram, acalmaram-se e partiram com o recém-chegado.

## O ESPELHO

Não é difícil, mas quasi impossível dizer-se com segurança quando foi inventado o espelho. O mais possível é que nossa mãe Eva se tenha debruçado sobre um arroio ou um lago para contemplar a formozura do seu rosto ou a beleza do seu corpo. As primeiras referências precisas que se têm a respeito, são as que apparecem na Biblia, segundo as quais os vidros para as abluções que os hebreus levaram ao tabernáculo haviam sido fabricados com os espelhos das mulheres. No interior das tumbas egípcias, gregas e fenicias foram encontrados espelhos de metais, principalmente de bronze, enquanto que numa antiquissima sepultura de Sparta encontrou-se um disco de metal muito parecido com o aço e tão brilhante como a prata polida. Em Roma, capital do mundo antigo, as matronas patricias enpregavam duas espécies de espelhos: alguns de cobre, de forma convexa, perfeitamente polidos e outros formados por dois discos unidos por um gônzo minuscuro.

Narrações de diferentes autores mostram que os povos da antiguidade uzavam certa classe de pedras que, sem polimento, podiam competir com certa espécie de cristalino que atualmente se enprega na industria mobiliária.

Plinio, por ezenplo, fala de uma valioza esmeralda que Nero utilizava á guiza de espelho. A malória dos exploradores do arquipelago malaio assegura que ainda existem tribus inteiras que uzam determinada espécie de lava negra, á moda de espelho.

O evidente, o que deicha lugar a dúvidas, é que o espelho, tal como o conhecemos, foi inventado em Veneza e de lá levado para a França por Colbert.



# Quem foi o inventor?

## Waldemar Koempffert

**T**ODO mundo sabe que os americanos possuem a mania da grandeza e que tudo para eles é o maior do mundo. No terreno das invenções eles próprios admitem que são o povo mais inventivo do globo, verdadeiro jênio dotado de todos os privilégios da natureza.

Mas, será mesmo, atualmente, o povo mais inventor do mundo?

Será que na atesmosfera existe alguma coisa diferente que o torne mais inventor do que o europeu?

A verdade é que as invenções americanas refletem, não a sua originalidade, porém a sua necessidade.

Tomemos por ezeemplo o barco a vapor. Quem inventou? Não foi certamente Robert Fulton, porque cerca de 30 vapores que navegaram com êxito, foram construídos muito antes do seu "Clermont" navegar nas águas do rio Hudson, em 1807. Na Inglaterra, em 1787, William Symington navegava num vapor de rodas, idêntico às nossas barcas de hoje. Seu vapor chamado "Charlotte Dundas" (em 1802) era de um sucesso notável. A navegação a vapor teve início, na America, justamente com Fulton, porque um monopólio comercial para aquele rio foi-lhe favorável.

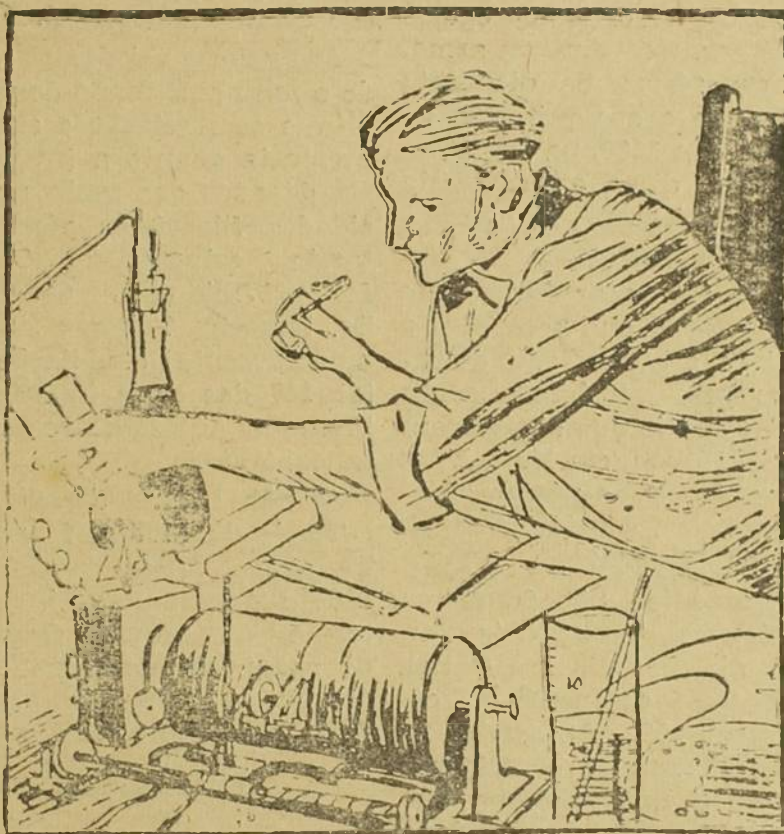
Tracemos a origem do automóvel e notar-se-á que de americano existe bem pouca coisa, razão por que o concessionário de George Selden, devido a uma patente adquirida em 1879, cobrou dois milhões de dólares da garantia (royalty) da indústria automobilística, até que Henry Ford defendeu com sucesso a petição de infração que era movida pelos direitos de Fulton, alegando que a propriedade de sua patente não era superior à de Izac de Rivez, um suíço que em França, em 1807 patenteou um carro que chamava de automóvel, e que não passava de um veículo movido a querosene; ou ainda o direito de Lenoir, o francês que, em 1860, construiu o primeiro automóvel. No Museu Técnico de Viena, pôde-se ainda admirar o auto que era movido a querosene e que fo-

ra construído por Siegfried, em 1875, e que foi forçado pela polícia a sair da circulação, devido ao barulho que fazia quando em movimento.

Os carros americanos da atualidade são derivados de Daimler e Benz, desenvolvidos independentemente, na Alemanha, entre 1883 e 1885, porém, após um sem número de melhoramentos técnicos, já

mudansa, bomba de óleo, carroserie mais. O carro americano o é devido a seu método de produção em volume, e não devido à sua construção mecânica.

O progresso do aeroplano depois do discutido sucesso dos irmãos Wright, oferece o mesmo paralelo. Os primitivos trabalhos de elevação de um



existem alguns automóveis que podem ser acreditados como verdadeiramente americanos.

A essência dos freios nas quatro rodas vem da Inglaterra, e foram inventados em 1904, tendo sido usado primeiramente nos autos Argyll em 1910. A "ação de joelho" foi inventada por um francês chamado Dubonnet, em 1923, embora a marca Lancia estivesse usando um princípio similar há dez anos. Os carros com cilindro de linha "8" foram introduzidos pela Izotta-Fraschini, na Itália, e o célebre modelo tipo V desce da França, criado por Dion e Bonton, em 1913, e assim por diante. A principal contribuição americana aos automóveis parece ter sido a partida elétrica, e depois a caixas de

corpo mais pesado do que o ar foram tentados na Europa depois de muitas pesquisas conduzidas por Eifel, em França e por Trantl, na Alemanha. Em 1910, o francês Nieuport ganhava corridas aéreas com aparelhos de asas modeladas e arranjadas cientificamente. Os europeus vêm trabalhando há anos na possibilidade da construção de um aeroplano para subir a estratosfera, no entanto, os americanos nem so nham ainda com semelhante aparelho. Os trens aéreos foram experimentados, primeiro na Alemanha e na Rússia, e com referência ao auto-jiro, a mais original invenção aeronáutica de nossos tempos, temos que agradecer ao espanhol La Cierva.

A própria glorificação não é monopólio americano. Todos

os países nutrem ilusões de grandezas. Diga a um europeu que Samuel T. B. Morse inventou o telégrafo, em 1837, que faremos maravilhosas descobertas no terreno do patriotismo, assim como em história tecnológica. Os alemães dirão e com razão que em 1809 Von Sommering já fazia uso do telégrafo elétrico e que Steinheil estava aplicando o princípio de indução simultaneamente com Morse. Na Inglaterra, os professores ensinam aos alunos que Cook e Wheatstone inventaram, em 1837, uma agulha telegráfica que é tão útil que desde então não foi abandonada.

Diga, ainda a um alemão que Bell inventou o telefone, e imediatamente ficaremos sabendo que, foi Philip Reis quem primeiro transmitiu música pelos fios, em 1861 — quinze anos antes de Bell, portanto; e se dissermos a um francês, ele alegará em seu favor, o feito de Charles Bourseul, que teve simplesmente a idéia, embora não a usasse praticamente.

Em 1833, o alemão Stampfer propoz o filme cinematográfico, mas suas invenções andou de nação em nação, sem utilidade alguma, até que os irmãos Lumière, em 1895, conseguiram finalmente alcançar um sucesso prático. Devemos dar crédito aos franceses quando eles alegam que os inventores primitivos não significam coisa alguma?

Quem inventou o moderno processo americano da fabricação do aço? Certamente foi Kelly, em 1851, que antecipou Bessemer, sendo este derrotado nos tribunais pela falta de elementos técnicos; no entanto, a maioria do aço americano está sendo feita pelo processo Siemens-Martin. Siemens, um alemão, inventou as fornalhas em 1861 e seus concessionários franceses, os irmãos Martin, fizeram os melhoramentos requeridos; e as fornalhas de rajadas datam de 1731 inventadas por Darby um inglês, tanto quanto o moinho rolante.

Quem inventou a lanterna elétrica.

"Edison" — grita a nação inteira, mais, o inglês Joseph



## O QUE É O CREME DE ALFACE

É um moderno e científico produto destinado ao cuidado da cutis; é um creme de beleza de formula especial, e que possui as vitaminas dos sucos da alface e outras propriedades tónicas para a pele. ● As vitaminas que contém o CREME DE ALFACE estimulam e aceleram o processo de reprodução das células, com as quaes a pele experimenta uma renovação completa; suas células, necessitadas de vida, são substituídas por outras novas, sans e vigorosas. Em resumo: afirmamos que o CREME DE ALFACE "BRILHANTE":

- 1.º — Inprime uma alvura sadia á tez.
- 2.º — Suaviza e refresca a cutis, protegendo-a contra os efeitos do sol, do ar e da poeira
- 3.º — Suprime a cõr encardida, as manchas e os panos da pele.
- 4.º — Evita e previne a tendencia á formação de rugas.
- 5.º — Permite um "maquillage" perfeito e mantém o pó de arroz por muitas horas com uniformidade.

Esperimente o CREME DE ALFACE "BRILHANTE"  
e ficará maravilhada

Tubo 6\$500  
Cessionarios ALVIM & FREITAS  
Caixa Postal 1379 — São Paulo

W. Swan, apresentou-se simultaneamente com uma lanpada mais pratica, havendo quem afirme que o filamento era superior ao de Edison. O letreiro luminoso a gaz Neon é consessão de um engenheiro e químico francez chamado Georges Claude. E o segador. Quem inventou o segador (ou cortador)? Certamente foi o americano Cyrus McCormick, em 1833, porém temos nesse jênero, as invenções de Scoth, em 1794; Salmon, em 1807; Bell, em 1826, e que estavam em uzo na Europa, muito antes de McCormick fazer a sua primeira demonstração.

Quem é o autor da maquina de costura? Lógo os americanos gritam que foi Elias Howe, ignorando que antes de 1846, já ezistia maquina de costura, tanto que, os pequenos alfaiates parizienses quebraram-na em virtude de seu inventor Thimonnier, ser bastante ajil em seu uzo.

E o elevador, quem o inventou? Não foi Otis! Ele simplesmente creou o freio de seguransa. A verdade é que, antes de Otis, os mineiros des-siam ás minas por meio de elevador. E até mesmo os elevadores mais modernos não são de origem americana, porque, o inglez Armstrong inventou o tipo hidráulico em 1846, e o alemão Siemens, o tipo elétrico em 1880.

E a maquina de combustão interna? Foram os francezes Lenoir, em 1860 e o alemão Otto, em 1876, que deram as modernas formas, assim como os motores Diessel são de autoria de Rudolf Diessel, alemão, inventados em 1893.

A biciclêta? Em sua fórmula presente — rodas de eguals diâmetros, correntes armação em fórmula de diamante — deve-se a sua primeira aparição, em 1880, na Inglaterra. Antes disso, o que ezistia em toda a Europa, não passava de velocípede.

Quem é o autor das celulas foto-elétricas, que permitem a televisão, a transmissão de retratos pelo telégrafo conta os automoveis que atravessam o tunel Hollan, em Nova York abre e fecha as portas automaticamente e méde a densidade da fumaça?

Certamente não foram os americanos porque dois químicos alemãos, Elter e Geitel, conceberam as modernas células, em 1910. Antes destes, alguns inventores esperimentaram-nas com selenium que permite a troca de claridade em eletricidade e vice-versa, porém de efeito vagaroso para fins comerciais; portanto seus verdadeiros inventores foram May, Smith e Bidwell, todos inglezes.

Esse assunto vem a propósito da televisão. Quem a inventou? A Inglaterra, a Hungria e os Estados Unidos apresentam seus filhos jênios-inventores. No Museu de Siensias do Sul de Kensington, em Londres, pôde ser visto um aparelho grosseiro, com o qual Jonh Baird, um jovem escocoz, em 1926, provavelmente pela primeira vez na história, conseguiu transmitir na distansia de um quarto para outro, imajens imperfeitas, porém reconhecíveis. Mas a verdade é que, quando a televisão se tornar uma verdadeira realidade como as demais invenções praticas, será tão

Internacional em sua concepção como o automovel.

Aos poucos vai desaparecendo o mito americano de patriotismo com relação a sua supremacia quanto a invenções. Ha décadas que muitas capacidades filozoficas vêm tentando estrangula-o. O professor William F. Ogburn e Dr. Dorothy Thomaz fizeram uma recente compilação entre 148 das mais inportantes invenções, descobertas simultaneamente.

Ai vão alguns ezenplos.

Tessie du Motay, francez e Tharreus Lowe americano, independentemente, inventaram o processo para fazer gaz da rua passando vapor sobre carvão em brasa; Kelly e Bes-sener, um na America e outro

na Inglaterra, descobriram como fazer o aço assoprando ar químico em ferro derretido, eliminando dessa fórmula certas substansias, Hall na America e Hérould, em França, inventaram quazi ao mesmo tempo a mesmissima maneira de se produzir alumínio, e assim por deante.

Tais circunstansias fazem-se frequentemente na história da tequincologia.

Revendo o processo dos inventores que acabaram por fazer de nósso século o século da maquina, esqueçamos o nacionalismo, esqueçamos a infantilidade do patriotismo que determina este ou aquele progresso para nósoss únicos jênios.

No terreno inventivo, um passa a sua concepção a outro, até que após anos e anos de esperiensias, abandonam-se os métodos retrogrados aos progressistas: e vendo-se os possantes aeroplanos, o aparelho que leva nossa voz através dos Oceanos, a televisão que permite ás figuras movimentarem-se diferentemente, não podemos esquecer, considerando-os internacionais, os Edison,, Marconi, Bell e outros. Eles foram as bases da aspiração téquica da raça e suas invenções as teriamos mais cedo ou mais tarde. E' a raça que fornece a corrente para esse movimento constante e universal de progresso

## Pastilhas milagrózas

Um juiz de paz da Califórnia possui um remédio extraordinário para os resfriados, completamente novo. Ao sair ha dias de caza para se dirigir ao seu gabinete, notou alguns sintomas de resfriamento de constipação, e em vista disto, meteu no bolso do colete uma pastilha contra as constipações.

Uma vez no gabinete, e vendo que lhe não paravam as dores de cabeça, tirou a pastilha e enguliu-a. Remédio santo! A dôr de cabeça passou lógo e os sintomas de constipação desapareceram.

Quando, á noite, regressou á caza, fresco e bem disposto e contou á mulhêr o resultado quazi miraculozo das pastilhas, ésta reparou que no bolso do marido faltava um

botão. Por reparo feito, este supondo que o tinha metido no bolso, e ao tiral-o, tirou... a pastilha. O que ele tinha engulido e o que lhe fizêra bem fora o botão do cazaco!!!

LEIAM

DETECTIVE

A REVISTA DAS  
EMOÇÕES



# Carlo Bianconi

"Peço-vos que trateis de colijir notícias biográficas relativas aos italianos que enriqueceram honestamente noutros paizes, com especialidade em referência aos obstáculos oferecidos pela sua vida inicial e aos esforços e meios empregados por eles para vensellos, assim como ao bem de que por seus próprios méritos eles viêram a fruir, e de que participaram os paizes em que eles rezidiram, assim como aquele que lhes serviu de bersó".

JENERAL MENABREA, Circular aos Consules italianos.

QUANDO o Conde Menabrea foi Primeiro Ministro da Italia, mandou que se enviasse uma circular a todos os Cónsules Italianos no estrangeiro, convidando-os a colijir e enviar-lhe "notícias biográficas relativas aos italianos que prosperaram honestamente fóra do paiz".

Seu objectivo com isto era colijir informações sobre a vida dos seus compatriotas que tinham vivido no estrangeiro de modo a produzir um livro semelhante a "O poder da vontade", devendo serem tirados exclusivamente da vida de cidadãos italianos os ezeñplos que nele se houvessem de citar. Pensava ele que essa obra, "uma vez profuzamente difundida, não poderia deichar de produzir emulações e encorajamento na massa, de modo que com o correr do tempo viesse a exercer poderôza influéncia no engrandecimento do paiz".

Somos informados pelo Conde Menabrea que, enbóra nenhuma obra especial viesse a ser publicada com as notícias biográficas colijidas por effeito daquella sua iniciativa, o Volere é Potere do professor Lessona, que veio á luz poucos anos depois, correspondeu perfeitamente ao propósito vizado, apresentando muitos ezeñplos de paciente actividade e incansavel perseverança em tipos italianos que ajiram por toda parte do mundo. Muitos e importantes cazos foram necessariamente omitidos na interessante obra do professor Lessona. Entre esses figura o que constitue o assunto das páginas que ora se vão ler: — o de um distinto italiano, inteiramente nas condições dezejadas pelo Conde Menabrea, pois, em luta com as maiores dificuldades, elevou-se a uma eminente posição social, ao mesmo tempo que produzia os maiores beneficios ao paiz em que se domiciliára e tinha iniciado suas

## Um ezeñplo do poder da vontade

S A M U E L S M I L E S

(Do livro: «Heroes da Siéncia e da Industria»)

operações industriais. Falamos de Carlo Bianconi e do desenvolvimento que ele deu a um grande sistema de comunicação por meio de carros na Irlanda.

Carlo Bianconi nasceu em 1786, na vila de Tregolo, situada nas terras montanhôzas de La Brianza, Lombardia, a dez milhas de Como. Terminam os Alpes naquele distrito, e estende-se para o sul a grande planície da Lombardia. A região é conhecida por sua fertilidade e beleza, sendo celebrados os seus habitantes pelo cultivo da amoreira e a criação do bicho da seda. Sabe-se que é a melhor da Lombardia a seda que ali se produz. A família de Bianconi, como muitas outras da localidade, mantinha-se daquela industria.

Carlo tinha trez irmãos e uma irmã. Mandaram-no para a escola na idade conveniente. O padre Radicali tinha formado alguns bons alunos; mas nada pôde fazer de Carlo Bianconi. Seu novo dissipulo saiu-lhe uma tremenda toupeira. Era inpetuoso, intrépido, corajoso como os que mais o fossem, mas nada, quazi, podia aprender. Ensinar-lhe ou não ensinar-lhe era quazi que uma e a mesma coisa. Assim, quando deichou a escola, na idade de dezesseis anos, saía quazi tão ignorante como quando entrara, e muito mais voluntarioso.

Chegara agóra o jóvem Bianconi á idade em que lhe cumprira fazer alguma coisa por sua própria manutensão. Seu pai pensou em lansal-o á mersê de seus próprios recursos, e como dentro em breve o rapaz estaria sujeito ao serviço militar, lembrou-se de envial-o para algum paiz estrangeiro. Os moços que tinham algum amor ao trabalho ou que aspiravam á independéncia, costumavam então deichar sua terra e ir tratar da vida no estrangeiro. Era um costume entre os operários da cercania de Como emigrarem para Inglaterra e meterem-se em diversos negócios, mas principalmente na manufatura e venda de barometros, espelhos, imagens, estampas, pinturas e outros artigos.

O pai de Bianconi conseguiu que um chamado Andrea Faroni tomasse conta do rapaz na Inglaterra e o industriasse no negó-

cio relativo á impressão de estampas. Bianconi estaria como aprendiz de Faroni durante dezoito mezes. Cazo não lhe agradasse aquella colocação, seria recomendado aos cuidados de Colnaghi, um amigo de seu pai, que então prosperava consideravelmente fortuna ao par da notável reputação que ganhou.

Bianconi entrou em preparativos de viagem. Realizou-se uma pequena festa íntima em Como, festa a que compareceu toda a família. Era coisa triste para a mãe de Bianconi ter de se despedir de seu filho, enbóra reconhecesse o selvajem que ele era. Em meio desta festiva cerimonia, ella desfaleceu subitamente, o que fez ver ao rapaz que as coisas iam assumindo antes um caracter sério. Ao deichar a casa de Tregolo, as ultimas palavras que ele ouviu á sua mãe, palavras que nunca esqueceu, foram estas: "Quando te lembráres de mim, lembra-te afigurando-te que estou a esta janéla, esperando pela tua volta".

Com Carlo Bianconi, Faroni tomou mais trez outros rapazes ao seu cargo. Um era o filho do hoteleiro de uma pequena povoação, outro era filho de um alfaiate, e o terceiro filho de um mercador de linho. Este terceiro, em companhia do pai, subiu os Alpes pela estrada do Val San Giacomo. Do alto do desfiladeiro viram eles as planícies da Lombardia estendendo-se para além, no azulado da distância. Em breve atravessaram a fronteira da Suissa, e aí Bianconi achou-se afinal fóra da pátria. Então sentiu que tinha agóra de abrir caminho no mundo sem auxilio de parentes ou de amigos.

O grupo chegou sem novidade á Inglaterra; mas Faroni, sem se deter em Londres, levou-os imediatamente para a Irlanda. Chegaram a Dublin no verão de 1802, alojando-se em Temple Bar, próximo de Essex Bridge. Faroni não pôde mandar imediatamente os rapazes vender pinturas. Era-lhe necessário fundir primeiro as molduras de chumbo; depois ellas tinham de ser ajustadas e coloridas; em seguida tinha ele de bem dispôr as pinturas, que em sua maior parte constavam de assuntos sagrados ou de qualquer modo celebres. As

flores, de cera, requeriam igualmente ser preparadas e acabadas, para serem oferecidas á venda.

Quando Bianconi saiu ás ruas de Dublin a vender estampas, não podia falar uma palavra de inglez. Apenas podia dizer "Buy, buy!" compre, compre! Quem quer que lhe falasse esprimia-se numa lingua desconhecida. Quando lhe perguntavam pelo preço, ele podia unicamente indicar com os dedos o numero de pennies que pedia pelo objecto. Por fim aprendeu um pouco de inglez, ao menos o suficiente "para a rua"; então seguiu para lugares fóra da capital a vender sua mercadoria. Partia todas as segundas-feiras de manhã com cerca de quarenta shillings de sortimento, com ordem de voltar para casa no sabado, ou logo que houvesse vendido todos os quadros. O único dinheiro que seu patrão lhe dava ao partir eram quatro pennies. Quando Bianconi reclamava contra a insuficiéncia dessa quantia, a resposta de Faroni era a seguinte: "Desde que tens mercadoria tens dinheiro, avia-te em vendel-as!"

Enquanto fazia sua aprendizagem, Bianconi muito aprendeu da região em que peregrinava. Constantemente fazia relações com novos indivíduos, e vizitava lugares que ainda não vira. Em Waterford fez ele bom negócio com pequenas estampas. Além de quadros da Escritura, vendeu retratos da família real, assim como de Bonaparte e dos seus mais distintos jenerais. Napoleão era o fantasma de todos os majistrados, especialmente na Irlanda. Próto de Waterford, em Passage, Bianconi foi prezo por ter vendido uma pintura em moldura de chumbo representando o famoso imperador da França. Meteram-no num frio cubículo, onde ele passou a noite sem cama, sem fogo e sem nada ter que comer. No dia seguinte a autoridade mandou que o soltassem, mas com a condição de não vender mais quadros daqueles.

Muitas coisas causaram estranheza a Bianconi, nas primeiras viagens que realizou através da Irlanda. Ele ficou espantado do vicio da embriaguez nos homens, como do mau hábito de cachinbar em que estavam as mulhéres. Os violentos combates que prezenciava nas feiras que tinha ocasião de frequentar, eram coisa que nunca observara na pacifica população do norte da Italia. Esses pujilatos rezultavam em parte do abúzo da bebida, em parte da mania da luta, que então se manifestava na Irlanda. Havia também, numerosos mendigos estropiados e deformados em cada cidade, que andavam a disputar e a bater-se pelas ruas, ricas e hebedeiras nas festas, jogadores duelistas e sediciôzos vivendo em comum com todas as classes populares, — coisas que haviam de impressionar, por fôrça, qualquer



## PAN — Expressão do pensamento mundial

observador comum naquele tempo, mas que felizmente agora na sua maior parte já desapareceram.

No fim de dezoito mezes estava feita a prendizagem de Bianconi, pelo que Faroni se propoz a mandal-o para caza de seu pai, de acordo com o que preliminarmente se estabelecera. Mas Bianconi não tinha vontade de voltar para a Italia. Faroni então lhe entregou o dinheiro que tinha conservado em mãos a seu credito, e o rapaz prinsiou a trabalhar por conta própria. Ele tinha ai cerca de dezoito anos de idade; era forte e sadio, capaz de fazer com pezado fardo ás costas de vinte a trinta milhas por dia. Comprou uma grande caicha, encheu-a com estâmpas coloridas e outros artigos, e partiu de Dublin em direção ao sul da Irlanda. Saiu-se bem, como a maior parte dos que sabem trabalhar. O jovem italiano de cabelos crespos conquistou jeral sinpatia. Valeu-lhe de muito sua natural polidez; fez muitos amigos entre os vários freguezes que foi conquistando naquella rejão.

Bianconi costumava dizer que foi mais ou menos por este tempo, quando ele carregava sua pezada caicha ás costas, pezando ella pelo menos cem libras, que lhe veio a idéia de estabelecer-se um meio baráto de condução para comodidade das classes pobres da Irlanda. Aliviando-se da caicha de quadros, e sentando-se cansado sobre o marco da estrada, punha-se ele a revolver esta idéia: "Por que é que os pobres não de andar e fatigar-se, enquanto que os ricos vão de carro tão á sua vontade? Não se poderia descobrir um meio pelo qual fosse também dado ao pobre viajar comodamente?"

Bianconi já começava ao mesmo tempo a pensar na solução do problema. Como lhe perguntassem, pouco tempo antes do seu falecimento, de que modo lhe viéra a primeira idéia de iniciar a sua enpreza de transporte, respondeu ele: "E'la saiu-me das costas!" Foram as cem libras de carga sobre os músculos que estimularam sua faculdade intelectual. Mas ainda era cedo para que ele tentasse levar avante o seu pensamento.

Bianconi vagou de cidade em cidade quasi que durante dois anos. A caicha de estâmpas tornou-se mais pezada do que nunca. Ele substituiu-a durante certo tempo por uma pasta de estâmpas sem moldura. Afinal cançou da vida errante, e em 1806 estabeleceu-se em Carrick-on-Suir como vendedor de estâmpas, gravador e dourador. Supria-se de folhas de ouro em Waterford, a cuja cidade costumava ir nas embarcações de Tom Morrissey. A distância por terra entre as duas cidades era de doze milhas apenas, enquanto que por água se faziam cerca de vinte e quatro, em consequência das voltas do rio

Suir. Demais, as embarcações só podiam navegar quando a maré permitia. Não se fazia cazo do tempo nessas viagens; frequentemente gastava ele meio dia no trajeto. No decurso de uma destas viagens Bianconi apanhou tanta chuva e enlameou-se tanto que ganhou um grande resfriado, acabando este por dejenerar em pleurezia, que o poz de cama durante cerca de dois mezes. Foi assistido com muita pericia e bondade pelo Dr. White, o qual nada quiz receber em baga dos seus remédios e cuidados.

Os negócios não correram muito prosperamente em Carrick-on-Suir; a cidade era pequena, e o comérso não muito animado. Bianconi rezolveu, depois de um ano de esperiências infrutíferas, mudar-se para Waterford, centro comérso de maior desenvolvimento. Começou de novo como gravador e dourador, e, como os negócios avultavam, teve de trabalhar muito, ás vezes das seis da manhã até ás duas depois da meia-noite. Na forma do costume, fez muitos amigos. Um dos melhores entre estes foi Edward Rice, o fundador da associação Christian Brothers, na Irlanda. Edward Rice era um verdadeiro benfeitor muito antes de se fundarem as chamadas Escólas Nacionais; enpregou todos os seus recursos na fundação e custeio desta nobre instituição.

Pelas luzes e conselhos de Rice, Bianconi achou o seu caminho. Ajudou ele o jovem estrangeiro a aprender o inglez. Bianconi não era mais uma toupeira como no tempo da escola, tornando-se pelo contrario um individuo sagaz, ativo, enpreendedor, impaciente por fazer carreira. Rice induziu-o a ser assiduo e diligente, cuidadozo e sóbrio, ao mesmo tempo que fortificava seu espirito religioso. O aussílio e amizade deste eselente homem, atuando na alma e inteliência do moço italiano, cujo carácter estava ainda em via de formação, não pôde deichar de ezerser a mais poderôza influênsia em toda a sua vida depois, como Bianconi era o primeiro a reconhecer.

Apezar de se dizer que trez mudanças valem por um insêndio, Bianconi, depois de ter estado dois anos em Waterford, transferiu-se em 1809 para Clonmel, no condado de Tipperary. Clonmel é o centro de um grande comérso de cereais, e está em comunicação ribeirinha, pelo Suir, com Carrick e Waterford. Bianconi estendeu apenas suas relações, por conseguinte, continuando em tranzação com seus freguezes das outras cidades. Tornou-se mais proficiente na parte mecânica da sua profissão, conseguindo substituir-se como o primeiro gravador e dourador daquelas redondezas. Por outro lado, não deixava de pensar em novos negócios. Por esse tempo, estando

aceza a guerra com a França, o ouro passou a vender-se com agio. O guinéu valia de vinte e seis a vinte e sete shillings. Bianconi começou então a comprar os guinéus avaramente guardados pela gente aldeã. Os loyalists alarmaram-se com o cazo, prinsiando a circular o boáto de que Bianconi, o estrangeiro, comprava ouro com o fim de mandal-o secretamente para Bonaparte! A gente do povo, apesar disso, trousselhe os seus guinéus, pois eles não odiavam Napoleão, propriamente, antes eram seus admiradores.

Não é preciso dizer que Bianconi procedeu corretamente neste negócio; ele comprava os guinéus como uma mercadoria qualquer e ia vendel-os com lucro aos banqueiros.

A gente da terra tinha dificuldade em pronunsiar o seu nome. A loja dele era no canto (corner) da rua Johnson; então, em vez de Bianconi ele passou a ser chamado Bian do Canto (Bian of mundo o chamava simplesmente the Corner). Por fim todo o mundo o chamava simplesmente Bian.

Cedo se tornou Bianconi conhecido, logo depois que ali se estabeleceu. Ganhou fama de hábil gravador e dourador, e ao mesmo tempo a reputação de homem próspero. Prinsiou a tomar ajudantes, chamando trez alemães douradores para seus enpregados. Enquanto estes ficavam trabalhando em caza, ele viajava, angariando encomendas e entregando mercadorias, ora a pé, ora de carro.

Ainda lhe restava um pouco do espirito folgazão e maliciozo de outros tempos. Uma vez conduzia um carro de Clonmel para Thurles; levava consigo um grande espelho de moldura dourada, em que gastara uns quinze dias de trabalho. Num acêso de ezu-berante bom humor, prinsiou a fazer cocegas debaicho da cauda do animal com uma palha. O animal pinoteia e atira-se, precipitando-se a galope colina abai-cho. O resultado foi que o carro se escangalhou, sendo feito em mil pedaços o espelho.

Noutra ocasião, levava um homem ás costas para Cashel um grande espelho de Bianconi. Passando uma mulher velha do outro lado do caminho, vendo aquele, aos seus olhos, estranho objêto, perguntou o que era. Bianconi, que estava por trás do homem que levava o espelho, respondeu que era "a Revogação da União!" A delicia com que a velha ouvia tais palavras era sem limíte! E'la ajoelhou-se no meio do caminho, como si fosse em frente de uma imagem de Nossa Senhora e agradeceu a Deus ter-lhe permitido viver bastante para ver a Revogação da União!

Estas pequenas leviândades não se repetiram, contudo, por muito tempo. As selvagerias juvenis de Bianconi em breve cessaram. Ele tornou-se cuidadozo e frugal.



**QUE BOM!  
TÊMOS HOJE  
DOCE COM  
MAIZENA DURYEA**

Não é de se admirar que as crianças apreciem tanto a MAIZENA DURYEA. Com ella torna-se possível preparar doces esplendidos bem como uma grande variedade de pudins, tortas, crêmes, bolos e biscoitos, todos muito gostosos e sempre saboreados com prazer. A MAIZENA DURYEA é um producto puro, garantido e que facilita a digestão de qualquer alimento.



**GRATIS! - Mediante a remessa do coupon abaixo, enviar-lhe-emos um exemplar do nosso novo livro "Receitas de Cozinha", com a conhecida Maizena Duryea.**

**MAIZENA BRASIL S.A.**  
Caixa Postal 2972 - São Paulo

Remetta-me GRATIS o seu livro.

3 2 9

NOME \_\_\_\_\_

ENDEREÇO \_\_\_\_\_

CIDADE \_\_\_\_\_

ESTADO \_\_\_\_\_

**PROCURE O NOME "DURYEA"  
E O ACAMPAMENTO INDIO  
EM CADA PACOTE**

Costumava dizer depois: "Quando eu ganhava um shilling por dia em Clonmel, gastava oito pennies". Ele tomou mesmo locatários para aliviar-o nas despesas de moradia. Desde que, porém, seus recursos aumentaram, cedo pôde achar-se habilitado a ter carro próprio. Primeiro fez aquisição de um tilbury, em que se transportava de localidade em localidade, tratado sempre com bondade e hospitalidade. Agora era olhado como "respeitável", e como pessoa digna de ezerser qualquer cargo local. Foi eleito para a Sociedade de Vizitas aos Doentes Pobres e tornou-se membro da Câmara de Industria. Po-



deria abrir caminho nesse sentido, procurando fazer maire de Clonmel, coisa que depois conseguiu; mas deu-se que a antiga idéia, que lhe viera quando descansava ezausto num marco da estrada, com a pezada caicha de quadros ao lado, voltou-lhe, determinando-se ele agora a ver si podia pô-la em efeito.

Muitas vezes lamentára Bianconi a cansaço que a gente póbrega tinha de sofrer viajando com cargas de um para outro lugar, e perguntára a si mesmo si não haveria meio de aliviar tais sofrimentos. Outro se houvera lembrado logo do governo. Por que o governo não nos daria isto e aquilo. Ele que nos dê estradas, pórtos, transportes, embarcações, rédes de pesca e assim por diante. Essa seria uma falsa idéia; porque, onde quer que a gente seja demaziadamente ajudada, ela invariavelmente perde o hábito salutar de ajudar-se a si própria. Carlo Bianconi nunca fôra ajudado a não ser pela forma de conselhos e amizade. Ele ajudou-se a si próprio, e agora procurava ajudar os outros.

O fato era patente. Não havia um irlandez que desconhecesse a dificuldade de ir-se de uma para outra cidade. Havia estradas entre elas, mas não havia transportes. Encontravam-se cavalos, em abundância no paiz, pois ao terminar a guerra um número inuzitado de caválos, destinados ao ezército, tinham sido lançados no mercado. Estabeleceu-se então um inposto sobre os carros, do que rezultou retirar-se grande número de onibus da circulação.

As estradas de Irlanda eram jeralmente boas, sendo por esse tempo inteiramente iguais, si não superiores, á maior parte das de Inglaterra. O fato da abundância em caválos, o de haver bons caminhos e o do número de carros sem ocupação eram jeralmente conhecidos. Até, porém, Bianconi ter posto mãos em obra, ninguém se lembrara de reunir as trez coizas, — caválos, caminhos e carros, — pensando em trazer um remédio a tão grande inconveniência pública.

Do jovem gravador e dourador italiano saira um homem esforçado, que dispunha de um pequeno capital, apto a tomar a si o empreendimento e mostrar o que se podia fazer com ação prudente e com perseverante energia. Posto que o sistema de carros lhe "houvesse saído das costas", Bianconi acabou por tel-o em mãos. Sua idéia era que nunca se deviam desprezar os pequenos interesses nem tratar de resto a necessidade dos pobres. Ele fez funcionar os carros-póstas para os ricos, habilitando-os a transportarem-se rapidamente de um lugar para outro. "E não me seria possível, — pensou de si para si, — fazer um carro ordinário de duas ródas para viajar-

se regularmente nos distritos pobres por preço módico?"

Quando o Sr. Wallace, presidente da Comissão dos Correios, em 1838, perguntou ao Sr. Bianconi: "Que é que o induziu a iniciar a enpreza de transportes?" sua respôsta foi: "Eu fiz isto pelo que vi, andando no paiz e conpenetrando-me da necessidade de semelhantes veículos, pois que não havia meio algum de transporte, nada que preenchesse o vácuo ezistente entre aqueles que eram obrigados a andar a pé e os que iam de carro ou a caválo. O fato de não conhecer eu a lingua do paiz deu-me muito tempo para pensar e na proporsão em que eu ia aprendendo o idioma esse vácuo mais me impressionava, até que me veio a idéia de adotar os onibus de escursão, e com esse fim comeei fazendo tranzitar um entre Clonmel e Cahir".

Que felicidade para Bianconi e para a Irlanda foi o ele não falar com facilidade, o ele não conhecer a lingua ou os hábitos do paiz! Neste cazo, o silêncio era de ouro. Si ele estivesse habilitado a falar como os demais que o cercavam, muito houvera dito e pouco houvera feito, a na-

da atentára e consequentemente não chegára a cabo de coisa alguma. Podia ser que houvesse promovido uma reunião para pedir ao Parlamento que estabelecesse e subvencionasse um serviço de transportes; ou então pudéra ter ido á caza dos seus amigos pessoais e pedir-lhes que o ajudassem, e com o fato de lhe faltar essa ajuda cair em desespero, queichando-se do povo e do governo.

Mas, em vez de falar, ele começou a agir, confirmando por essa forma aquéla massima de Lessona do "querer é poder". Depois de ter pensado maduramente sobre o assunto, confiou no seu próprio esforço. Achou que com seus próprios meios, cuidadosamente conservados, ele podia começar; e o começo das coizas é uma condição indispensavel para o bom ezito final.

Verdade é que o começo foi modêsto. Entrou em serviço apenas um onibus ordinário, puchado por um único caválo e tendo lugar para seis pessoas. O primeiro carro começou a funcionar entre Clonmel e Cahir, — uma distância de cerca de doze milhas, — a 5 de Julho de 1815, memorável dia para Bianconi e

para a Irlanda. Até então se fazia o serviço de passageiros por meio de uns poucos carros de pósta e de algumas carruagens que andavam pelas estradas mais espaçozas, razão pela qual eram muito altos os preços, inteiramente fóra do alcãse da gente mais póbrega, e até da classe média.

O povo não atinava em compreender o obêto dos carros de Bianconi, quando eles começaram a entrar em serviço. Não faltaram também os profêtas de máu agouro, que decidem que "tal coisa nunca se ha de fazer". Muitos pensavam que ninguém pagaria dezoito pennies para ir a Cahir de carro, quando se podia ir a pé sem pagar nada. Outros achavam que Bianconi nunca devera ter saído de sua loja, pois que nenhuma conexão havia entre pintura-duradoura e transporte de carro.

A verdade é que a enpreza quasi faliu no começo! Muito pouca gente queria ir de carro. Grande parte preferia ir a pé, guardando o seu dinheiro, que aos seus olhos valia mais do que o tempo perdido. A's vezes o onibus trafegava semanas inteiras sem um passageiro. Outro homem teria desesperado. Mas não era o cazo de Bianconi. Ele era um homem tenáz e perseverante. Que podia o homem fazer sinão mandar circular em oposição outro carro? Ninguém se apersebeu disso a não ser ele, nem mesmo o condutor do carro opozicionista. Em todo cazo, o onibus rival começou a funcionar. As apóstas de corridas entre os cocheiros, as passagens gratuitas que de vez em quando se concediam, a barateza do preço e a essitação produzida pela competência, atraíram a atensão do publico. O povo dividiu-se em partidos, e não tardou muito anbos os carros se enchiam.

O povo acostumou-se com o tráfego. Ainda se podia ir a pé a Cahir; mas indo-se de carro poupavam-se as pernas, descansava-se a cabeça e economizava-se tempo. Eles podiam ir ao mercado de Cahir tratar de seus negócios ali e voltar comodamente no mesmo dia. Bianconi pensou então em alongar a linha até Tippetary e Limerick. No decorrer do mesmo ano, 1815, poz em atividade outro carro entre Clonmel, Cashel e Thurles. Assim as principais cidades de Tippetary eram, logo dentro do primeiro ano, ligadas umas ás outras por carro, estando ao mesmo tempo em contáto com Limerick.

Éra fácil compreender a vantagem do sistema de carros para os homens, rendeiros e mesmo aldeãos. Antes de estabelecer-se ele, um homem gastava um dia inteiro em ir a pé de Thurles a Clonmel, o segundo dia em seus negócios, o terseiro em voltar; agora ele podia, num dia só, ir e vir, dispondo de cinco ou seis





## PAN — Espressão do pensamento mundial

hóras intermediárias para tratar dos seus afazeres. Assim podia poupar dois dias inteiros.

Prosseguindo no seu plano, pelo ano seguinte (1816), poz em serviço um carro entre Clonmel e Waterford. Antes disto não havia nenhum transporte terrestre entre Clonmel e Carrick-on-Suir, cerca da metade do caminho para Waterford; havia, porém, transporte por embarcação entre Carrick e Waterford. A distância entre as duas últimas localidades era, por terra, de doze milhas, e pelo rio Suir de vinte e quatro milhas. A lancha de Morrissey viajava dois dias por semana; levava de oito a dez passageiros a 6 1/2 dinheiros por viagem, que se fazia em quatro ou cinco horas, tendo de esperar a maré para subir ou descer o rio. Pondo Bianconi o carro a funcionar, a distância passou a ser de duas horas, regularmente, e todos os dias, pelo preço de dois shillings.

Em breve o povo acostumou-se ao vantajoze sistema dos carros. Também aprendeu a ser pontual e viu quanto o tempo valia. Apreciaram a viagem ao ar livre e o movimento estando-se de costas ou de lado. Também os novos onibus eram seguros, eram bem construídos. Puchavam-nos bons caválos e conduziam-nos bons cocheiros. Os onibus em serviço anteriormente eram inseguros. Os carros do paiz eram antiquados, e os cocheiros muitas vezes descuidozos. "Pago a barreira ou passo por cima dela, pôde dizer-me, senhor?" perguntou um cocheiro ao freguez, ao apossimar-se de um posto fiscal. Sam Lover contava a história de um cocheiro que, depois de conduzir o freguez morro acima, pediu-lhe um suplemento no fim da viagem. "Si o senhor soubesse o que se passou, dava-me ainda outro shilling". O freguez deu-lh'o e perguntou: "Então, que foi?" E logo o outro: "E' que fizemos os últimos cinco quilómetros sem chaveta numa das rodas!"

Bianconi, para ter certeza da solidez e segurança de seus carros, estabeleceu uma oficina para que os mesmos fossem feitos exclusivamente para ele. Assim podia fiar-se na segurança de tais veículos. Carlo conservou sua caza de gravar e dourar até que o negócio de transportes aumentou por tal modo que lhe absorveu todo o tempo e toda a atensão; então ele teve de abandoná-la. De fato, desde que se achou habilitado a fazer funcionar um carro de Clonmel a Waterford, quer dizer, uma distância de trinta e duas milhas por tres shillings e seis pennies, era segura a vitória.

Fez ele de Waterford um dos seus centros de operação, como já o fizera com Clonmel. Em 1818 poz em atividade um carro entre Waterford e Ross, no ano seguinte outro entre Waterford e En-

niscorthy. Poucos anos depois estabeleceu novas linhas entre Waterford e Dungarvan. Destes últimos pontos, depois, outros carros partiram estabelecendo novas comunicações, levando a linha para o tráfego entre Clonmel e Waterford, que dentro de poucos anos, em vez dos oito ou dez passageiros transportados pelas lanchas de Tom Morrissey no rio Suir, podiam-se transportar vinte passageiros diariamente, tal o número de carros e caválos de que para tanto se dispunha.

Bianconi deu um grande passo na eleição de Waterford pelo ano de 1826. Este passo foi na verdade decisivo para a sua sorte. As despesas de manutenção e as referentes ao stock de carros, como as que tinha de fazer com a forragem dos animais, eram na verdade consideráveis, de modo que ele se achava sempre na contingência de angariar maiores capitais. Por ocasião da eleição de Waterford o partido Beresford, então todo poderoso, contratou todos os seus carros para transportarem os eleitores ao local do escrutínio. O partido popular, entretanto, apresentou um candidato, solicitando o auxílio de Bianconi. Mas este nada pôde fazer, pois que os carros estavam tomados. No dia seguinte após sua resposta negativa Bianconi era apedrejado. Um ou dois dos seus carros eram virados na ponte.

Bianconi escreveu então ao agente de Beresford fazendo-lhe ver que não podia arriscar por mais tempo a vida dos cocheiros e dos animais, e manifestando o desejo de abrir mão do compromisso. O partido de Geresford não queria pôr em risco a vida dos cocheiros e dos animais, e desobrigou Bianconi do contrato feito. Ele então se comprometeu com o partido popular e assim habilitou-o a ganhar a eleição. Por isso recebeu a soma de mil libras. Este aumento de capital vinha ao encontro dos seus desejos, habilitando-o a ficar a cavaleiro das circunstâncias. Pôde assim dominar o mercado, quer no que dizia respeito aos caválos, quer á forragem. Ao mesmo tempo isto lhe permitia estender á área de suas linhas.

Então achou ele tempo para cazar-se, apesar dos seus afazeres. Tinha Bianconi quarenta anos feitos. Despozou Elisa Hays, cerca de vinte anos mais moça do que ele, filha do irlandez Patrick Hays, de Dublin, e da inglesa Henrietta Burton. Celebrou-se o casamento a 14 de Fevereiro de 1827, sendo celebrante o arcebispo Murray. Bianconi achava-se agora em boas condições, podendo oferecer como ofereceu um dote a sua mulher de duas mil libras. Sua vida de recém-cazado passou a dividir-se entre o negócio de veículos e a agitação política em favor da

emansipação, pois ele foi sempre um grande partidário de O'Connell. Até entrar no movimento emansipador, suas simpatias não eram em favor desta cauza, pois ele era mais pela cauza imperial do que pelo home rule. Não se pôde, entretanto, furtar ao prazer de seguir O'Connell, fosse como fosse.

Permita-se-nos agora oferecer um retrato de Bianconi. O jovem italiano de cabelos crespos era agora um belo homem. Seus negros caichos caíam-lhe da cabeça como os de um antigo busto romano. Lia-se-lhe na fisionomia o sentimento do poder, tinha o queicho firme, o nariz de fina linha e bem formado; seus olhos eram penetrantes e luminózos, como que dezaafiando a fortuna. Ele era ativo, energico, sadio e forte, passando a maior parte do tempo ao ar livre. Tinha grande memória fisionomica, sendo raro não reconhecer o tipo que uma vez houvesse visto. Conhecia mesmo todos os seus caválos pelo nome. Pouco tempo se demorava em caza, andando constantemente em escursões de negócio através do paiz, estendendo suas relações, organizando escálas, assentando centros de tráfego.

Mas voltemos ao estabelecimento dos onibus. Então o carro de Limerick veio ter a Tralee, e daí a Cahirciveen, na costa sudoeste de Irlanda. Os onibus dirijiram-se também de Thurles para Roscrea, Ballinasloe, Athlone, Roscomon e Sligo, e a todas as principais cidades dos condados do noroeste de Irlanda.

Os trajetos dos onibus entrelaçavam-se, e, criando multiplas linhas através do paiz, puzeram em comunicação diária e regular todas as cidades importantes, entre si, e com elas os respectivos mercados. Assim, no decurso de trinta anos, conseguiu Bianconi estabelecer um sistema de comunicação interna na Irlanda, que utilizava as muitas estradas e caminhos existentes de cidade para cidade, fornecendo ao público acomodação segura e regular nos seus onibus pela tacha média de um penny e um quarto por milha.

O tráfego aumentou constan-

temente em todos os sentidos. O primeiro onibus utilizado tinha lugar apenas para seis pessoas. Era isto ao partir de Clonmel para Cahir. Para Limerick, porém, já era preciso veículo maior. Também o tráfego entre Clonmel e Waterford começou com um carro de pequena capacidade. No decorrer, porém, de alguns poucos anos havia quatro grandes onibus tráfegando diariamente por vários caminhos entre as duas localidades. E assim se dava noutros pontos, como em Cork, ao Sul, em Sigo e Strabane ao norte e no noroeste, em Wexford ao este, em Galway e Skibbereen ao oeste e sudoeste.

Bianconi aumentou primeiro a lotação dos seus onibus acomodando quatro pessoas de cada lado em vez de trez, puchadas por dois animais. Verificado que os dois caválos podiam perfeita e facilmente conduzir mais duas pessoas, poz-se outra peça no carro por modo a poderem caber cinco passageiros de um lado e cinco doutro. Em seguida foi construído um carro de quatro rodas, puchado por trez animais, capaz de conduzir seis passageiros de cada lado. Enpregaram-se por fim quatro caválos e aumentaram-se ainda mais os onibus por modo a acomodar sete, e si preciso fosse oito pessoas de cada lado, e mais uma na boléa, o que perfazia uma lotação de dezesete passageiros ao todo.

Uma vez bem organizado o sistema, dispunha Bianconi de cerca de cem veículos em atividade; de cento e quarenta estações para mudar animais, havendo enpregados de um a oito homens em cada uma delas; cerca de cem cocheiros; mil e trezentos caválos, que perfaziam na média uma distância de trez mil e oitocentas milhas diárias, atravessando vinte e trez condados e passando por não menos de cento e vinte das principais cidades de Irlanda. Os animais de Bianconi consumiam na média de trez a quatro mil toneladas de feno anualmente e de trinta a quarenta mil barricas de aveia, que se compravam nas respectivas localidades de produção.

(Conclue no proximo numero)

### Instituto Elegante

Cabeleireiros para Senhoras

**ROCHA & CORREA**

HABEIS PROFISSIONAIS

Av. Passos, 27-Tel. 42-0294

PERMANENTE  
SEM ELÉTRICI-  
DADE, GRANDE  
NOVIDADE,  
APENAS COM  
UM CARTÃO!!!

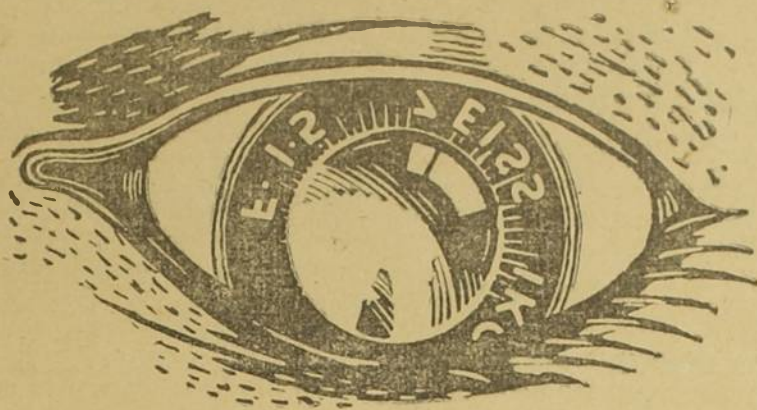
Absoluta perfeição



# Uma indústria desconhecida

## A fabricação de olhos artificiais

(De «Sciences et Voyages» — Pariz)



QUANDO uma pessoa que perdeu seus dentes vai ao consultório do dentista para que este supra com sua arte esta deficiência, fal-o atendendo ao mesmo tempo á estética e ao utilitarismo. Esta pessoa procura não mostrar ao abrir a boca, uma escura cavidade desdentada, e também, sobretudo, pôr-se em condições de cumprir normalmente suas funções digestivas, cujo primeiro ato é a mastigação.

A proteze ocular apresenta, igualmente, esse mesmo duplo interesse de satisfazer á estética restituindo a fisionomia do infeliz que perdeu um os dois olhos, uma aparência similar a normal e também o de prevenir ou corrigir as perturbações funcionais que resultem da supressão dos globos oculares.

A coqueteria humana, assim como o desejo de imitar á natureza são tão velhos como o próprio mundo, pois podemos constatar que os artistas egípcios de ha dois mil e oitocentos a dois mil e novecentos anos, confeccionavam para as múmias dos personagens importantes, uma espécie de máscara, muito engenhosamente fabricada. Nas primeiras, os olhos eram apenas desenhadas mais depois essas máscaras funerárias foram dotadas, como as estátuas, de olhos feitos com materiais mais ou menos raros: madeiras precisas, mármore, marfim, etc.

Outra prática consistia em estrair os olhos dos cadáveres que se enbalsamavam, enchendo as órbitas com certa quantidade de jesso ou de cera branca, eu cuja massa se introduzia depois, parcialmente, uma pedrinha negra destinada a representar a pupila. Mas isto não satisfazia totalmente aos especialistas egípcios, gregos e romanos, que aperfeiçoaram o invento idealizando as primeiras imitações

de olhos em forma convexa, utilizando de metais como por exemplo prata ou latão recobertos com uma fina película de esmalte branco que imitava a esclerótica, e perfurados no centro para indicar a pupila. Ninguém ainda, nesses tempos heróicos, pensava em poder substituir no homem vivo, olho perdido por um órgão artificial.

Uma infinidade de materiais foram experimentados até o presente para a confecção de olhos artificiais. Desde que foi posta em prática a substituição do órgão perdido, até 1840, o vidro foi a matéria principalmente utilizada. Foi nessa época que Demmenie, vidreiro holandês residente em Amsterdam, começou a empregar o esmalte que até hoje é utilizado, apesar de todas

as tentativas feitas para substituí-lo pelo celuloide, etc.

Qual é a vantagem do esmalte? Eis-a aqui: sob a ação do fogo, esta matéria, que é uma composição de potássio e chumbo, adquire um notável polimento, imitando o brilho do olho normal. A esfregação ininterrupta das pálpebras não o estraga sinão de forma muito lenta, e as lagrimas quasi não a alteram. Além disso não irrita a mucóza, e adicionando-lhe pequenas quantidades de óxido metálicos, consegue-se reproduzir todos os detalhes e matizes das diferentes partes vizíveis do olho.

Borsch, de Filadélfia, e Snelten, de Amsterdam, realizaram em 1900 um importante progresso ao inventarem um sistema especial que não pre-

judica o fundo da órbita. O doutor Coulomb, da França, aperfeiçoou ainda este invento diminuindo o peso dos olhos artificiais e tornando-os susceptíveis de retóques depois de fabricados, o que lhes permite uma perfeita adaptação á órbita.

O caso mais frequente consiste em se ter de escolher, numa coleção de olhos artificiais, aquele que mais convém ao paciente. O olho assim escolhido é enviado ao operário "oculista", o qual nele introduz as modificações necessárias, do mesmo modo que o cirurgião destista e examina e faz retóques num dente no momento de ser colocado na boca.

Mas o melhor modo de o para encontrar-se na adoção da técnica do doutor Coulomb, a qual consiste em obter da órbita do olho moldes de parafina.

As cores do olho artificial são obtidas mediante substância cujo emprego depende da capacidade e da arte do oculista. O branco opaco e conseguido com óxido de estanho; o verde, com uma mistura de óxidos de cobre e ferro, etc.

Tanto progresso vai alcançando esta industria, que dia chegará em que os "oculistas" estarão disseminados com a mesma profusão com que agora florescem os institutos de beleza.

## O rei dos vendedores de armamentos

(Conclusão da pág. 33)

graçado Zaharoff. Convidado á sua mesa, defende-o de seus detractores e lhe procura um pouco de trabalho. Sem o saber, o futuro homem de Estado vai fazer de Basileios o "deus da guerra". Foi ele, com efeito, que o indicou ao representante da casa Nordenfeldt que se ia retirar e procurava um sucessor. Basileios informa-se do negócio que lhe propõem. Vender armas? Por que não? Vende-as-á como o

fazia com os tecidos do tio Sevastopoulos. Ia, além disso, representar um negociante de tapetes. Foi friamente que recebeu a comunicação dos estatamentos Nordenfeldt confirmando-o no posto, e as primeiras libras esterlinas de comissão.

Dissessem-lhe, então, que estas libras iam multiplicar-se, crescer, formar uma montanha onde cascateariam os milhões, e ele responderia, com a sua calma de levanti-

no, como fez a Hiram Maxim, o inventor da metralhadora, que lhe explicava o novo engenho de morte e os lucros que dele se poderia tirar:

— Não ha futuro em negócios...

LEIA

**DETECTIVE**

A REVISTA

DAS EMOÇÕES



# OS "PAIS"

J. DAVID JORGE

... "A forsa não constróe, não une, não pacifica. Os grandes ezercitos e os grandes armamentos são o infortunio e o dezassocego dos paizes militarizados. Onde as instituições civis não lograram estabelecer a paz mediante a justiça, as armas só estabelêcem a paz da servidão". (Pensamentos, pj. 24, Ruy Barboza).

O Pai das "Metralhadóras fotográficas" — Sherman Mills Fairchild, nórte americano. (Informação prestada pelo ilustrado paleógrafo Benedicto Marcondes, do Arquivo Público do Estado de São Paulo. Dados extraídos do brilhante artigo de Léon Radier, publicado na "Folha da Manhã" de São Paulo, em 26 de Março de 1939).

Um dos "páis" da teoria atómica — Wurtz, químico francez.

O Pai da Escóla de Eléa — Xenofanes, filózofo grego.

O Pai do Estoicismo — Zennon, filózofo grego.

O Pai da abolição do celibato dos padres e da missa, Zwinglie ou Zwinglio, reformador suíço.

O Pai da máquina registadora das mentiras e do termómetro registador da emoção — Dr. Marston (De um artigo publicado em o "Farol", jornal editado pela alfaiataria "A Cidade do Rio", São Paulo, Fevereiro, 1939).

O Pai da introdução dos órgãos nas igrejas — Vitaliano (Papa de 658 a 672).

Um dos "pais" da geografia zoológica — Alfredo Russel Wallace, viajante e naturalista inglez.

## XIX

O Pai da descoberta da singular planta Welwitschia mirabilis, do sertão de Mossamedes — Frederico Welwitsch — botânico austriaco.

O Pai da introdução da pintura a óleo na Itália — Rogério van der Weyden, pintor flamengo.

O Pai da famosa custódia de Belém (Portugal) — Gil Vicente (Não se trata do fundador do Teátro portuguez, mas sim do célebre ourives de Dna. Leonor, esposa de D. Manoel I.º).

O Pai da fundação da patolójia celular — Rodolpho Virchow, médico e político prussiano.

O Pai da construção do túmulo de Napoleão, nos Inválidos, em Pariz — Ludovico Visconti.

O Pai da cozinha moderna (inventou as chaminés que hoje jeralmente se uzam) — Benjamin Thompson, nórte americano (De "Não se esqueça", "Correio Paulistano", 26-2-1939).

O Pai da palavra "Bandeira" — o Padre João Gomes ("Os documetos paulistas do tempo chamam entrada, jornada, viagem, companhia, descobrimento, e mais raramente fróta". O fato é que sómente no ano de 1726 aparece, pela PRIMEIRA VEZ (o grífo é nósso) a palavra com o sentido que óra se lhe atribue. E, em abono desse acerto, o citado autor (é Alcantara Machado) refere ter o Padre João Gomes, "superior da missão jezuitica de Paranaçu, em documento daquél-

la época, mensionado que "o povoador de Laguna despediu uma "Bandeira" com trinta pessoas, cujo cabo é João de Magalhães, a povoar o Rio Grande". ("Vida e mórte do Bandeirante", Alcantara Machado, citação de Arthur Martins Franco, pj. 39, Rev. do Circulo de Estudos "Bandeirantes", fass. 1.º, numero 1, Curitiba).

O Pai do arádo (e que ensinou a cultivar a térra aos habitantes da Ática) segundo a lenda, mitolójia — Triptolemo, rei de Eleuxis.

O Pai da primeira trajédia, segundo as régras dos antigos — Giovan Trissimo, poeta italiano).

O Pai da construção do templo de Delphos, Trophonio, arquiteto.

O Pai da primeira extração de ouro no Brasil — Luiz Martins, minerador portuguez, nomeado para o cargo pelo rei de Portugal em 7 de Setembro de 1559. (O primeiro ouro extraído por estrangeiro no Brasil, foi no morro do Jaraguá, em São Paulo em 1560, mais ou menos). Era governador Jeral, Mem de Sá (Informações de um artigo do coronel Pedro Dias de Campos, publicado na Rev. do Instituto Histórico, de São Paulo, Vol. XXVII, 1929, pjs. 68-69 — "As Minas de ouro no Jaraguá". Jaraguá (Yára-guá) De Yára: senhor, dono, senhora, dona; guá (goá) — vale, baichada, depressão, baía, seio, etc. Jaraguá: Vale do Senhor). Ezistem dois morros juntos: o Jaraguá-guassú e o Mirim (o grande e o pe-

queno — O vale formado entre estes dois montes, é que é a "Baichada do Senhor" — morro do Jaraguá, isto é, o morro do vale (Yára-guá), Martius, diz: "Jaraguá: Morro dominante dos campos". João Mendes de Almeida anota: "Jaraguá: Roliço". Th. Sampaio, consigna: "Jaraguá: Vale ou baichada do Senhor ou Dedo de Deus". "Que estraiu ouro autorizado pelo monarca portuguez". Sim, digo autorizado, porque, com certeza, os européus que aqui já estavam antes da descoberta do Brasil: Diógo Alvares Correia, João Ramalho e Francisco Chaves, cognominado o Bacharel, poderiam ter extraído ouro, antes, portanto, que o enviado para esse fim — Luiz Martins. Também, se Diógo Alvares Ramalho e o "Bacharel" faiscaram ouro antes da chegada de Mem de Sá, não o sabemos, porque a história não nos diz nada a esse respeito; se o fizeram noutros lugares e tenpos cá no Brasil, então ficará o dito por não dito...

O Pai da descoberta do sôro contra a difteria (e juntamente com o sábio japonéz Kitasako descobre, também, o sôro contra o tétano-bacilar) — Emilio Adolpho Behring, médico e bacteriolójista alemão. (De "Não se esqueça", "Correio Paulistano", de 31 de Março, 1939).

O Pai das tróvas, na Hespanha, Pedro de Aragão.

O Pai da palavra: filózofo — Pytagoras, nascido na ilha de Samos, 590 anos antes de Cristo.

Roupas  
para banho

"Neptuno"

as  
melhores

Rua Frei Caneca, 300

Rio de Janeiro



# •• Jeanette Mac Donald ••

UM casamento de amor, à moda antiga, em Hollywood, não é um acontecimento ordinário, a despeito de tantos casamentos de amor que, se realizam na cidade escandalosa do cinema. O casamento de Jeanette Mac Donald com Gene Raymond diferenciava-se entretanto de todos os outros porque é o natural desenvolvimento de uma história de amor que em si mesma também não tem similar na crônica sentimental dos artistas da tela.

O cerimonial desse enlace marcou esse caráter singular da união dos dois louros e admiráveis astros cinematográficos. A noiva, com um "bouquet" de flores alvíssimas, véu, uma longa cauda e "demoiselles d'honneur" em cores claras... Um tapete vermelho de uma ponta a outra da nave, e órgãos, e coro de meninos... Nada disto faltou. Nem mesmo o grande bólo branco ornado de pérolas, nem os punhados de arroz à saída da igreja, nem os velhos sapatos pendurados ao carro e arrastados pelo chão, nem nenhum dos dezuzados costumes dos casamentos anglosaxônicos foi esquecido.

Dois astros se casarem assim em grande pompa, duas vedetas que durante anos representaram senas de amores falsos e entretanto conservaram o respeito de um amor verdadeiro, e que o tendo encontrado enfim, quizeram consagrar-o no fausto e na alegria, em núpcias magníficas.

No dia 17 de Junho findo, Jeanette Mac Donald casou-se com Gene Raymond. Um e outro são bem conhecidos. Ela, com os seus cabelos de sol, sua voz de ouro, sua beleza e seu sorriso adorável... Ele, extraordinariamente louro, platinado, olhar claro, atitudes discretas, elegantíssimo... Um e outro vivem em Hollywood há anos. Tanto um como outro tiveram toda a vida — até mesmo a adolescência e a infância — inteiramente consagrada ao trabalho, à ambição, à sua carreira.

Aos quatro anos, ela cantava já em público. Aos cinco, ele estreava no palco em uma trupe infantil. Seus talentos foram precoces, sem dúvida. Mas, atrás deles, encorajando-os e talvez sugerindo sua vocação, viam-se seus esforços, mais ambiciosos que eles próprios, atentos, sérios, hábeis, havia dois corações de mãe. De mãe avizada. De verdadeira mãe de artistas.

Passaram-se os anos. A glória chegou. A fortuna tocou-lhe os ombros com a sua varinha mágica. Agora, opulentas, ativas e

## CAZOU POR AMOR O ROMANSE QUE DOMINOU O CORAÇÃO DA GRANDE ESTRELA

recompensadas, a mãe de Gene Raymond e a mãe de Jeanette não abandonaram seus filhos. E foram elas que, no curso de um chá oficial e muito elegante, anunciaram o noivado dos dois astros. A notícia caiu sobre os convidados quase como uma bomba. Todos acreditavam os dois artistas celibatários decididos e confessos. Alguns meses antes, Jeanette havia declarado que o casamento é incompatível com a carreira artística e que renunciaria definitivamente ao matrimônio. Ninguém se admirou dessa declaração, pois que era sabido que há mais de vinte anos Jeanette renunciara a tudo, por sua arte. Do resumo de sua vida, que vamos dar aos nossos leitores, ressalta, com efeito, o sacrifício de todos os anseios pessoais da estrela em benefício de sua carreira.

### DOTADA PARA A ARTE

Jeanette estava com trez anos de idade quando, em Filadélfia,

sua cidade natal, em uma praça pública, pôz-se a cantar com toda a fôrça de sua voz infantil uma romanza da moda que suas irmãs lhe haviam ensinado. Um desconhecido que passava declarou já mais ter ouvido uma voz semelhante em menina dessa idade.

Desde então, Jeanette passou a vida a cantar. E, como se faz com os melros e os rochinóis, foi metida em uma gaiola. Suas irmãs mais velhas, Elsie e Blossom, compuzeram-lhe um repertório que ia da "aria das jóias" do Fausto até o último "kake-walker" da Broadway, através os canticos dominicais. Jeanette cantava por toda a parte, não importa onde: nos cafés, nos côros infantis das igrejas, nas festas de caridade, nos casamentos.

Uma certa professora escandalizou-se de ver ezibir-se em público uma criança de tão curta idade e escreveu uma reclamação à "Proteção da Infância". Instaurou-se um inquérito. A mãe de

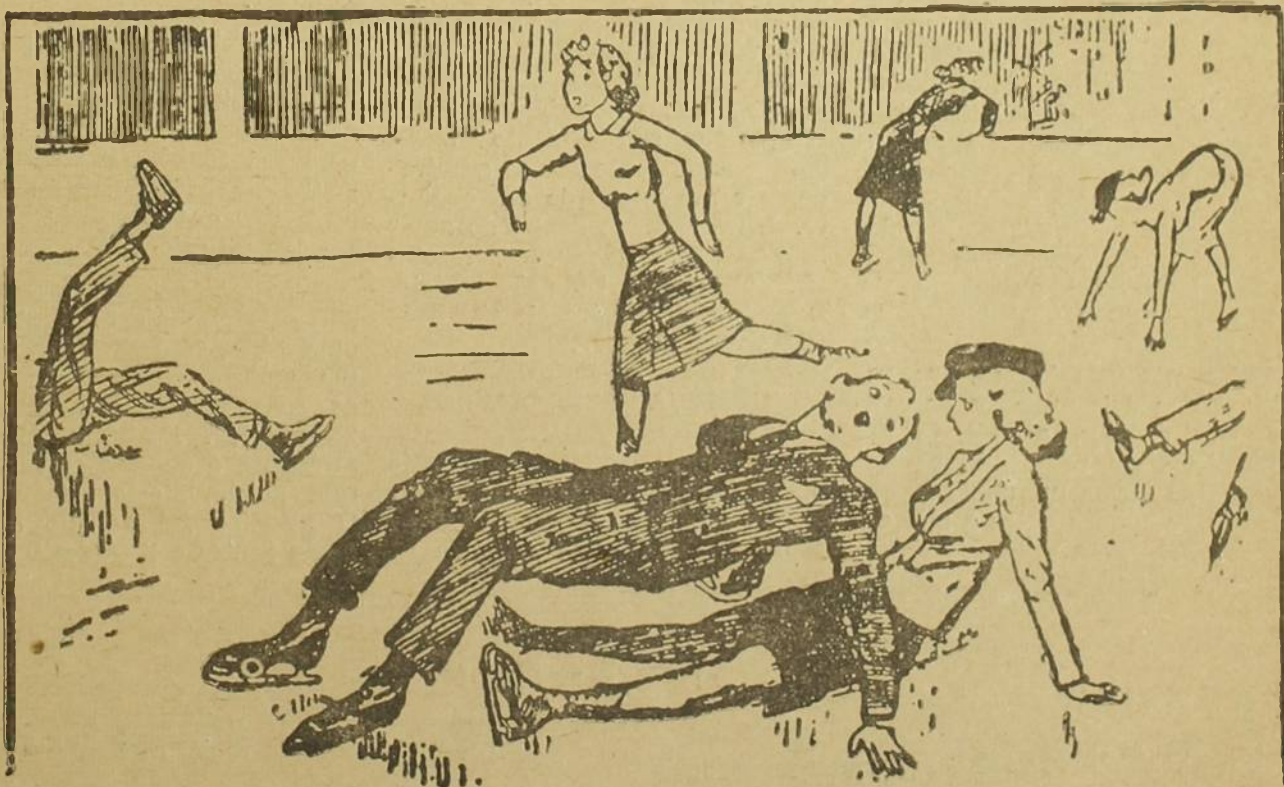
Jeanette justificou-se. Tudo o que a criança ganhava era empregado em suas lições de canto e de dança. A própria pequena jurou, chorando, que era muito feliz quando cantava. A questão foi arquivada. E a educação da futura estrela pode prosseguir sem dificuldades desse jênero.

Mas, aos doze anos, aconteceu-lhe uma coisa terrível para a menina. Jeanette perdeu a voz fatigada por um repertório mal escolhido e essencialmente extenso. Não é difícil imaginar-se o desespero da garota. Felizmente, teve um consolo. Se a voz não a ajudava, as pernas começavam a revelar que também dariam que falar de si. Já que não podia ser cantora seria dançarina. E imediatamente começou os exercícios.

Aos 14 anos, já ganhava 45 dólares por semana em uma revista novayorquina. Havia uma lei que interdizia aos enprezários contratar menores de 16 anos para trabalhar no palco. Mas Blossom, sua irmã, que desempenhava também um papel na revista, disfarsava a idade de Jeanette por meio de uma maquiagem e um penteado convenientes. Para dissimular também a magreza um pouco essencial da garota, fazia enchementos em seus vestidos de baile.

Tudo fariam, aliás, para que uma rapariguinha tão bem do-

## NO RINK



— Queira perdoar, minha senhora, não reparei que o lugar já estava tomado!



tada triunfasse, de uma forma ou de outra na carreira artística. Toda a família queria que Jeanette chegasse a ser vedeta. Ela estudava francez, fazia ezêrsícios e continuava a vocalizar a despeito da resistênsia de suas cordas vocais. Afinal, cunpriu-se o milagre. A vóz de Jeanette voltou, mais cheia, mais bêla que antigamente. Uma vitória da tenacidade e de um professor famoso, u'a mulhêr chamada Grace Adele Newel. Esta prevenira sua aluna: "Se quer tornar-se uma grande cantora, é necessário renunciar a tudo no mundo: prázeres, distrações, amor..." E Jeanette renunciou alegremente, sem talvez compreender a extensão de seu sacrifício.

Como já começava a destacar-se, precisou de um "menager", éssa figura obrigatória de toda a vedeta americana. Sem publicidade nos Estados Unidos como em toda a parte, não ha triunfo. Escolheram-lhe, portanto, um agente de propaganda. Era um prinsiante nesta arte bem ianque: Bob Richtie. A sua falta de espènsia era, porém, compensada pelo "faro", pela tenacidade, audácia e uma ambição desmedida. Jeanette foi sua primeira e única cliente. Consagrou-lhe todo o seu tempo e todos os seus cuidados. E como duas precauções valem mais do que uma, para preservar a moça das tentações exteriores, pediu-a em casamento. Na realidade estava apalchonado pela pupila. Mas não havia tempo a perder com éssas coisas do coração. Era necessário fazer de Jeanette uma estrela.

#### HOLLYWOOD

Maurice Chevalier, os adoráveis films de Lubistoh, triunfavam. Lições de canto, lições de francez, lições de piano, lições de dansa, de dicção. Ensaios, entrevistas aos jornalistas, fotografias... Nada éra deichado ao acaso. Dócil, maleável, infatigável, a estreante éra quazi um autômato, sempre ezata, rigorosamente pontual no trabalho, sempre dispôsta a repetir e aprender o que lhe ensinavam.

Em Hollywood ou em Pariz, onde cantou em uma temporada, éra impossível vel-a sozinha. No hôtél e nos passeios, na sua cabine, entre dois números de canto, nos ensaios, atendendo aos jornalistas ou recebendo as homenajens de seus admiradores, éla estava sempre entre a mãe e o noivo. Éra sob a vijilância desses

dois guardas fiéis e sob o fogo cruzado de seus olhares que alguém podia apossimar-se de Jeanette, sempre sorridente, cansada, já com suas frâjeis pálpebras doloridas pela luz viva do "set". A resignação com que levava sua ezistênsia de prizioneira da arte éra verdadeiramente tocante e muitas vezes comoveu os próprios reporteres que, entretanto, não são jente muito fácil de comover.

A sua entrada no cinema foi triunfal. Jeanette mereceu críticas raramente conseguidas por uma estreante. E nêssa nóva vida só uma coisa a incomodava: a escassez de roupas que Lubitsch a forçava a uzar em seus films. Isto teve aliáz uma consequência lamentável. Guiado pelas aparências, um jornalista francez escreveu sobre éla um artigo irreverente em que os hábitos da estrela éram tratados muito levianamente. Jeanette moveu-lhe um processo e o ganhou. Richtie, seu noivo e empresário, não brincava com os prinsipios de moralidade.

E sempre a vida de metronomo, bem regulada: um, dois; um, dois. Deitar cedo, levantar cedo, ter cuidado pela cutis, pelas pernas, pela vóz... De amor nem falar. O noivado com Bob se eternizava. O agente de publicidade receiava que o casamento fizêsse perder á Jeanette certos admiradores e um pouco de seu encanto. Mas ninguém zonba do amor inutilmente. Precauções, rezoluções, obstáculos, tudo são inúteis. Quando soar a hora ele chegará. Basta um acazo...

#### COMEÇA O ROMANSE

E o acazo chegou. Jeanette ia a um jantar, mas o trabalho no studio forçou-a a chegar atrasada. Quando bateu á pórtá da

caza onde se realizava o banquete, o criado, ocupado na sala de jantar, custou a abrir a pórtá. Nesse momento um automóvel parou á pórtá. Um rapaz louro desseu. Éra Gene Raymond. Via também em Hollywood ha cinco anos. Mas Jeanette nunca o havia encontrado. Ambos saíam muito pouco.

Na situação enbaraçosa em que ficaram, esperando um criado que não aparecia, os dois astros se reconheceram, mas não se falaram. Finalmente, a pórtá abriu-se e a dona da caza, vendo-os juntos, pensou que também tivessem vindo em "doce e amável companhia".

— "Oh, que boa idéia que tiveram em vir juntos!" — exclamou rizonha e em vóz alta, para que todos compreendessem a sua malícia. Na meza, foram colocados um ao lado do outro. Mais tarde, alguém convidou Jeanette a dansar, acressentando: "se mister Raymond o permitir". Gene Raymond não teve a coragem de dizer que a estrela não tinha nada com ele e para sair da situação difícil respondeu: "Não deicharei a ninguem a honra de ser o primeiro a dansar com a minha vizinha".

Os cochichos das comadres se encarregaram de espalhar o boáto do "flirt". E quando á meia noite, Jeanette quiz partir, o criado levou também a Gene o chapéu e o sobretudo. De novo não protestou e reconduziu Jeanette em seu próprio carro.

Duas semanas se passaram depois sem nenhum insidente. Mas, uma noite, Gene e Jeanette, cada um em suas cazas, convidaram as suas mãis a assistir uma "première". De novo, chegaram atrasados e quando se introduziram no hall, este estava vazio. O porteiro julgou que tivessem vindo juntos e lhes destinou uma

mesma friza, aliáz a única que estava vaga. Seria ridículo protestar. E todos se instalaram. No interválo, um reporter tirou um instantâneo. Jeanette estava ao lado de Gene. No fim da secção, haviam decidido jantar juntos no dia seguinte. Mas pela manhã, um jornal, publicando o retrato tirado na véspera, estancava o boáto do noivado com esse comentário: "Jeanette Mac Donald e Gene Raymond não se deicham mais!"

Perturbada, a estrela não ousou aparecer mais em público com Gene. Mas o jantar combinado teve lugar em caza de Jeanette. Foi um dezástre. Do "menú" constava um prato que o rapaz nem podia ver e os "potins" dos jornais tiravam a naturalidade do par de jóvens. A's déz horas da noite, sob um pretexto qualquer, Gene retirou-se. Mas, envergonhado de seu procedimento de coléjial, Gene decidiu convidar Jeanette para outro ágape. Desta vez ainda, achou-se ridículo, estúpido. Quazi não sabia o que dizer e mais de uma "gaffe" foi cometida. Afinal, á meia noite, a convidade ia retirar-se quando Gene protestou. "Entro agora, no dia de meu aniversário, fique mais alguns instantes". Jeanette ficou. Bebeu uma taça de champagne. Depois, bebeu outra. Os minutos se passavam. Jeanette cometia a primeira falta contra a regra conventual de sua ezistênsia. O champagne faz mal á vóz. Tanto piór para a vóz!

Perdido o acanhamento, os dois tornaram a se ver, nas corridas, nos restaurantes, nos passeios matinais e, á noite, nos "cabarets". Aquele aniversário a 13 de Agosto de 1936 foi decisivo. O amor readquiriu neste dia todos os direitos no coração da artista.

## Uma nóva pêlé branca em 3 dias

A siênsia sabe agóra que a irritação dos póros da pêlé é a cauza de todos os póros dilatados — pois isso faz sobrevirem os pontos negros (cravos), as rugas devido á fadiga, assim como torna a pêlé aspera, grosseira e descolorada. O Creme Rugol dissolve as impurezas que se acumulam nos póros e acalma a irritação da pêlé. Os pontos negros cravos) desaparecem. Os póros dilatados contraem-se. Uma pêlé grossa e escura torna-se fina, uniforme e clara. O Creme Rugol contem substâncias calmantes combinadas com ingredientes adstringentes que enbranquecem e tonificam. A pêlé mais ressecada ou esfarelada torna-se fresca e adquire um lindo tom. O Creme Rugol suprime o lustro de uma pêlé oleóza ou grachóza, inprimindo-lhe frescura e beleza.

TUBO, 6\$000

POTE, 9\$000

MOVEIS  
TAPECARIAS  
DECORAÇÕES

ASA  
MARCA

STORES — CORTINAS E TECIDOS

UNES  
REGISTRADA

Rua Sete de Setembro, 82 — Rio



# A Felicidade da Mulher

A PÓS correr com o olhar toda a sala, o professor, então, começou a aula com as seguintes palavras:

— Senhoritas alunas: se não fora a grave circunstância de haver enfermado o professor titular, por certo não estaria entre vocês com a incumbência de lecionar a cátedra de psicologia; e observem que disse “entre vocês” e não “ante vocês”, porque, deliberadamente quiz despojar-me de toda paternidade intelectual, pois entendendo que pela mesma complexidade da matéria — fatigante às vezes, — é preciso penetrar no espírito do aluno, sondá-lo, rebatê-lo ou aprova-lo no jiro de suas interpretações, abrindo desta forma amplo parêntese de camaradagem entre o professor que trata de ensinar e o aluno que se preocupa pela matéria.

Aceito pois este critério, antecipo a vocês que aceitarei as controversias, as interrupções ou as críticas, já versem estas sobre o tecnicismo da cátedra ou sobre a disparidade de opinião, com respeito á minha própria.

Um suave rumor de tácita aprovação, ouve-se na aula, ocupada por senhoritas de 20 anos, formóza idade de adorável e ezuberante primavera intelectual e física.

O rumor cessa, ao levantar-se uma das alunas para explicar ao professor:

— Antes de tudo, o nosso agradecimento, senhor professor, pela gentileza de seu conselho e meu antecipado pedido de desculpa pela franqueza com que irei me exprimir.

Durante os seis mezes transcorridos desse curso de psicologia, não temos sido levadas por outra via que não fosse pela trajetória das emaranhadas definições, desde a primitiva e simplista que define a matéria como “siência da alma”, até á teoria moderna que a aceita como “a siência que procura proporcionar-nos uma descrição prolixa dos fenomenos mentais em sua múltipla variedade, e uma esposição precisa das leis me-

José Martinex (De “El Hogar” — Montevideo)



diante as quais podemos compreendê-los e esplicá-los”, o que inóporta dizer, a moderna teoria que responde a princípios de caráter biológico.

Enpanada por definições e fórmulas de precário sentido psicológico, torna-se assim, árida a matéria, senhor professor, possivelmente por ser ditada num tom dogmático, sem admitir portanto, do aluno a menor restrição, mesmo do pormenor...

O tema que nos interessa estaria enquadrado no binómio relativo aos “Estados afetivos”: prazer e dor, sentimentos e paichãos...

— Bem; vocês ordenarão — responde complacente o professor.

Um silêncio profundo envolve a aula.

As alunas trocam olhares intensamente compreensivos quanto á escolha do tema a ser pelo mestre abordado, enquanto uma que parece trazer o sentir das outras, sentensiosamente proclama:

— Dezejariamos que nos fa-

lasse sobre a Felicidade, senhor professor.

O tema como que deichou perturbado o novel professor, que não poudes esconder a sua surpresa ao redarguir em voz alta:

A felicidade?...

— Sim senhor.

Sobre a felicidade — afirma prontamente a aluna.

A forma ou a maneira pela qual a mulher póde lograr a felicidade. O tema, senhor professor, interessa-nos sobremaneira, mas pedimos, que seja tocado a fundo, sinceramente, sem reticências ou circunloquios. Somos mulheres, mulheres de verdade, e como tais queremos ouvir a sua autorizada palavra.

Após um instante de reflexão, inicia o professor a sua dissertação, em meio de um relijioso silêncio:

O panorama da felicidade da mulher é amplo, tão amplo, tão infinito, como estupendamente infinita, magnificente e grande é a função a que a obriga o destino: “mã”, for-

móza palavra que sintetiza nela a mais variada gama de motivos de felicidade.

Como o sonâmbulo que á noite povoada de misteriózas sonbras marcha firme e sereno até, o objéto que lhe indicára a subconsciência, bordejando o precipício sem precipitar-se, a mulher, por instinto, por mandato supremo de sua própria natureza, marcha até esse ponto fixado de antemão por seu delicado destino; vai instintivamente em busca desse crizol sagrado onde se funde uma por uma as fibras mais delicadas de seu ser, para poder surgir de novo á vida espiritual, purificada pelo sublime fogo da maternidade.

Nada, pois, por supremo designio, com uma maior capacidade para ser feliz; é força concorrente; é força de agregação; é poderóza força de atração afetiva, ádorable força que põe já em ação o vibrante espírito, mal se sente a vida nos seus primeiros passos.

Observemol-a então ali, por nos parecer mais inpressionante sua capacidade para ser feliz; ali onde se vê manifestado seu instinto da felicidade, que reparte, amoroza e bôa nas ditózas horas de sua anjelial infânsia, com o bebê, a quem fala com sutilíssima fibra de intuição maternal, oferecendo-lhe o delicado apoio de seu instinto, que já nos pródromos de sua vida, no ponto de partida de sua formóza trajetória, tem a seus braços anjeliais e tétnos a sugestiva forma de amoravel ninho, acariciador e brando.

Já comêça a ser feliz, gozando a felicidade inefavel de seu próprio instinto maternal.

Jeneróza pois, por amorozo instinto, reparte as candidas flores de sua felicidade, desde o momento que éssas comêçam a floresser em sua alma, e antes de oferecel-as, sente a misterióza e indefinida necessidade de cultival-as ao anparo de um apoio protetor; e instintiva, cega, vai em busca do apoio do homem... “o homem”... a figura simbólica que éla creá-



ra para complemento espiritual de sua existência.

Ela sabe por intuição que não é completa a felicidade na vida da mulher — nem tampouco na do homem, — não na sagrada união que na alma sutil da mulher nasce subconscientemente, independente da vontade individual, do arbítrio, ou da conveniência. E abandona a felicidade imprecisa de sua primeira infância para lançar-se em seus primeiros passos pela vida, seguindo sem saber-o, a pista do amor, — supremo jerador de toda a beleza espiritual, — sentimento estranho que a invade, povoando sua alma de doces e melódicas harmonias, harmonias que a surpreendem, que a inquietam, que a intranquilizam e que inconscientemente fazem flutuar sua alma entre o sentimento de alegria que ontem a despertara sua bonéca, e o de doce tristeza, que hoje a invade ao observar o cálice de uma flor.

Duas balizas, pois, de felicidade, encravados sobre a curva ascendente do meridiano de sua feminilidade.

Vemos assim destacar-se a mulher na grande eclosão, apenas rompidos os poderosos véus da infância; surpreendida ante a vida; todo assombro debuchado na sublime beleza de seus olhos.

O amor e com ele a felicidade, estende-lhe a taça da vida.

A impulsos de seu calor vi-

vificante desprende-se o frágil véu de sua infância, véu que como tênue e vaporosa gaze apagará em delicados tons opalinos os adoráveis arabesques de sua alma de criança, e assim, guiada da mão pelo amor, zeloso guia de seu maternal destino, — marcha confiante e segura até a culminação de sua felicidade, daquela felicidade instintiva, soberba, suprema, que nasceu sem alarde de existência, desde o primeiro instante que com angelical maternidade acariciava a sua bonéca.

E, agora minhas gentis discípulas, já percorrida a trajetória instintiva; já cumprido o misterioso ciclo que transformara em flor de singular beleza e colorido ao botão de ontem, aconpanhemol-a ao sublime aconchego do lar, ao refúgio afetivo onde se ha de repetir em novos refólhos de seu próprio ser, os ciclos de sua própria existência; ao refúgio afetivo de sua própria felicidade.

Não consideraria satisfeita a minha própria existência, se não abordasse ante vocês esta parte final do tema com verdadeira sinceridade; com verdadeiro afeto, com verdadeiro instinto da futura felicidade que lhes auguro e ardentemente dezojo para todas e a cada uma de per si.

Escutem pois, vocês, as adolecentes de hoje; as esposas de amanhã; as mães do futuro... Mães... verdadeiros aliados do lar; beneméritas

mulheres da nossa pátria, por muitas razões, assim, consideradas.

Ha uma pétala de rosa branca, pétala tão tênue, tão frágil, tão diáfana, que o cristal a seu lado é fortíssimo, um copo de espuma, comparando, é pesado.

E' preciso para garantir a sua felicidade futura no lar que enpreque todas as forças positivas do espirito como meio essencial de prender e cativar.

Não se surpreendam se faço recair sobre os ombros mais débeis da mulher-esposa, a enorme e sagrada carga do lar. Considero-a, sem a menor dúvida, infinitamente superior ao homem no que toca á sua fibra sentimental, e por conseguinte, sendo maior sua superioridade é maior também sua responsabilidade.

Feito este pequeno parentesi, tomemos pela mão a belíssima jovem que ninbada de véus, mais diáfana e gentil que um lírio, abandona-se nos braços do esposo, buscando apoio para seus primeiros passos na escabrosa senda da vida do lar.

Ela prossegue.

Sabe-se até onde?

Estará suficientemente preparada para conduzir sem o mais leve choque a barca de sua felicidade?

Pensaria ela muito mais além dos sonhos de toda moça caçadora e dos primeiros

eflúvios de um amor latente e ternamente compartilhado?

Não... Desgraçadamente não...

E é a esta bifurcação do caminho de sua felicidade futura, a que me proponho falar agora, considerando este complexo ponto, pedra angular de onde dimanam infinitude de pequenos pezares, associados, em seu contínuo desgasto, podem minar o pedestal de sua felicidade, sombreando para sempre o panorama de sua vida.

É preciso que a rapariga, esquecendo os doces mimos da infância dedique suas horas de lazer a estudar a personalidade, a vida do companheiro que a Providência lhe reservara de vez que depende do mesmo, a sua felicidade.

Suas almas sutis de mulheres, púcaros de sacrifícios sublimes, são altamente nobres; não conhecem egoismo nem as paichãos mesquinhas; o homem sim.

Ter presente que o homem é "um animal domestico". Cuidado com ele.

Sua instintiva inteligência de adaptação constituirá o amálgama tão importante da união conjugal, toda amor e comunhão de vistas.

O lar deve ser de rosas; jáula doirada de malhas imperceptíveis, onde o anjo de amor e candura devem ser vocês, a terem sutil o passo, a se mostrarem zelosas no vestir, com a observância dos mínimos detalhes, usando um só perfume, enfim, revelando em tudo uma esplendida e encantadora personalidade.

Será tudo isso necessário para assegurar a felicidade que tanto dezojam, jovens dissipulas?

Perguntar-me-iam de certo. Sim, minhas gentis alunas; tanto e muito mais ainda. Eu lhes garanto que quando a vida no seu eterno desgasto haja polido suficientemente as facetas de seu brilhante espirito desta idade; quando observarem o panorama de sua própria vida debuchado nas continências específicas e ambientes de um novo ciclo obrigatório dessa nova existência; desde logo compreenderão o verdadeiro mérito afetivo das minhas últimas palavras com respeito á felicidade de todas.

Novas criações ETERNA

CAZA MASSON

A CAZA DOS BONS RELOGIOS

RUA DO OUVIDOR, 91

TEL. 23-4656



# A Vida Latente

Pe. Frederico de la Barrera

(De "O Oeste Paulista" — São Paulo)

(Grafia do autor)

EM diferentes especies de animaes, podemos estudar ocasionalmente estados particulares, em que todas as manifestações vitais ficam suprimidas durante um tempo maior ou menor, em virtude do influxo de determinadas circunstancias exteriores, produzindo-se neles uma exata apparencia de morte. Si as circunstancias persistem, pode muito succeder a esse estado de morte aparente, a morte irreparavel; mas em geral, quando as circunstancias que determinam esse estado cessam, o animal volta á vida sem experimentar contra tempo algum em suas funções. Tão estranha particularidade foi observada e dada a conhecer primeiramente, ha já muito tempo por LEEUWENKOEK, que numa nota dirigida á Sociedade Real de Londres, manifestava existirem pequenos animaes, que lessecados completamente, podiam permanecer em estado inanimado por muito tempo, sem perderem a faculdade de reviver depois, sendo banhados com agua de chuva.

As observações deste sabio foram confirmadas, mais tarde, por um grande numero de naturalistas e o fato passou á categoria das verdades comprovadas.

São muitas as especies sobre as quaes se póde estudar o fato do AMIBIOSIS, as bacterias, as amibas, os infusorios, as anguilulas rotiferos e alguns arachnideos, do grupo dos tardigrados.

Uma especie destes ultimos, o MACROBIOTUS HUFELAND, foi objeto de minuciosas investigações. E' um curioso animal que se póde encontrar facilmente, recolhendo uma pequena porção de barro que se encontra nos interstícios da casca das arvores, e collocando-a numa lamina provida de um ligeira concavidade. Ajuntando-se umas gotas de agua e olhando ao microscopio, póde-se observar ao cabo de pouco tempo uma multidão de pequenos seres que apparecem no barro ali depositado.

A maior parte são quasi sempre representantes do grupo dos rotiferos e entre elles se encontram alguns tardigrados de grande corpo e providos de quatro pares de patas em forma de pequenos mamelões, terminadas por duas unhas encurvadas. São estes os animaes em que melhor se póde realizar a experiencia da reviviscencia.

Colocando-os com um pouco de agua nas laminas, póde-se observar a sua forma e os seus lentos movimentos cuidando em não renovar a agua, vê-se como, á medida que a dessecação avança, os movimentos do animal são cada vez menos perceptíveis até que

cão num perfeito estado de imobilidade, e, quando está desseccado completamente, a sua forma mudou de tal modo que é impossivel reconhecer nella a de um ser animado.

Neste estado podemos guardar o tardigrado anos inteiros.

Nenhum sinal exterior revelará nele a menor apparencia de vida; porém, se depois deste tempo aquele estranho objeto que mais parece um grão de areia que um ser organico, se banha com agua, esta vae penetrando lentamente atravez da pele a qual se distende, as rugas desaparecem e o animal recobra pouco a pouco a sua forma normal e primitiva.

A principio ainda permanece imovel; mas depois de um certo tempo, segundo o que durou o estado de dessecação, começam nele movimentos lentos, que se tornam mais frementes, até recobrar o grão de atividade que tinha antes de se começar a experiencia.

Este fato extraordinario, esta perda de atividade vital que se nos revêla pela ausencia de todo e qualquer fenomeno externo indicador de vida naquele ser, e esta resurreição que se opéra aos nossos olhos, quando fazemos terminar a dessecação que a havia produzido, póde originar-se tambem por outras causas diferentes destas.

Em determinadas circunstancias, submetidos a baixas temperaturas, produz em muitos animaes uma congelação completa de todas as funções fisiologicas. Nos regatos ou em pequenos depositos de agua, situados nas partes mais elevadas das montanhas, não é raro encontrar insetos adultos, ou larvas principalmente, incluídos nos blocos de gelo que ali se fórma, e nesse estado podem ficar completamente congelados durante mezes inteiros. Um degelo lento permite a esses animaes voltarem á vida normal.

Nos laboratorios póde experimentalmente conseguir-se a congelação completa das rans e manter-se a esse estado durante varios dias ao cabo dos quaes podem ser trazidas á vida ativa, sem que manifestem perturbações em seu estado fisiologico.

A semente de muitas plantas póde assim mesmo permanecer sem apparencia de vida durante uma larga serie de anos, e depois, colocadas em circunstancias favoraveis, germinar. Muito conhecido é o fato de grãos de trigo encontrados nos tumulos egipcios, neles depositados provavelmente milhares de anos e depois deste largo periodo de tempo conservarem a faculdade de germinar. Todos estes fatos, devidos a causas tão distintas, como a dessecação e a congelação, devem referir-se a uma mesma ordem de phenomenos. As causas

determinantes são variaveis mas o resultado é sempre o mesmo. Em todos eles, devemos ver uma supressão temporal da vida, uma paralisação do movimento molecular nas celulas que compõem os tecidos e os órgãos dos animaes em que estes phenomenos se manifestam.

Para comprehender isto com mais clareza é preciso ter em conta que as manifestações vitais, de um ser são produzidas por dois fatos, um interno, a constituição da sua substancia protoplasmica, SUBSTRATUM de todos os phenomenos vitais e outro ambiente em que aquele vive.

Da relação entre esses dois fatores depende o seu funcionalismo vital; a supressão de qualquer deles determinará uma paralisação da mudança molecular entre a materia do ser e o meio que o rodeia, e com ela cessarão os phenomenos vitais. O resultado será a morte.

No caso da vida latente, o movimento molecular vital fica suprimido, por modificação ou supressão das circunstancias exteriores e portanto ficam em suspensão todos os phenomenos vitais: a diferença que existe entre a vida latente e a morte natural irremediavel, consiste nisto: na primeira a maquina organica permanece intata, e póde ocorrer — e isto é o que vimos succeder nos casos examinados; que, voltando a normalizar-se as circunstancias exteriores, suprimida, portanto causa de paralisação do movimento molecular vital, este se manifesta de novo e a vida reaparece, ao passo que, no caso da morte natural, as circunstancias exteriores podem permanecer invariaveis; mas os transtornos organicos originam uma decomposição material e uma desorganização.





zação e a vida não pôde voltar á manifestar-se, como no caso da vida latente. Podemos comparar um organismo em vida latente, a um relógio parado o qual, com um pequeno impulso, pôde pôr-se em movimento; e um organismo morto, é um relógio quebrado, que nenhuma tentativa pôde fazer pôr em marcha.

Objetavam alguns que, no caso da vida latente, a vida não está suprimida, mas amortecida; que o movimento molecular, que, é a sua característica, não cessa, mas diminui até ao ponto em que o resultado das transformações materiais escapa aos nossos meios de observações, e por isso erroneamente se o supõe suprimido.

As experiências de KOCHS resolveram esta objecção: KOCHS submeteu animais e sementes, completamente dessecados, ás suas experiências, encerrando-os em tubos de cristal fechados a lampada, e que haviam sido antes privados de ar na máquina pneumática. Si as sementes nessas condições, tivessem sofrido a menor transformação material, devia encontrar-se ao menos indicio de ácido carbonico exalado; mas quando KOCHS examinou, ao fim de varios mezes, por métodos espectroscopicos, o conteúdo do tubo não encontrou o menor sinal de gases que pudessem ser produto da transformação material. As sementes, no entanto, eram capazes de vida, e, colocadas na terra, germinaram.

Entre a vida e a vida latente, podemos assinalar estados intermediarios, uns normaes e outros produzidos accidentalmente que servem para afiançar cada vez mais o verdadeiro conceito destes curiosos fatos.

Os animais invernantes não chegam a cair no estado de vida latente, mas podem apresentar um estado de vida activa que se aproxime bastante dela. As suas funções fisiologicas sofrem durante o sono uma notavel diminuição de actividade; supprime-se o movimento voluntario, a circulação do sangue realiza-se com extrema lentidão, a transformação respiratoria atenua-se, até quasi desaparecer, e a nutrição é quasi nula; tudo isso faz supor neles uma transformação material notavelmente diminuida e proximo a desaparecer.

Tal estado organico é produzido, neste caso, por uma baixa temperatura. Os animais gelados podem considerar-se como ultimo estremo a que podem chegar estes phenomenos, dos animais invernantes, e que já vimos que eles podem voltar a vida activa e devem ser considerados, portanto, como casos de vida latente.

Os casos de asfixia, quando esta não produz uma alteração profunda dos elementos figurados do sangue, pôde levar o individuo ao desaparecimento completo do

seu funcionamento vital, ao estado de vida latente, produzido aqui, por falta de respiração nas células que compõem seus tecidos e órgãos.

Se tal estado prolonga, uma morte irremediavel é o termo fatal deste acidente. Mas, si, antes disso se realizar, se recorre a produzir a respiração artificial, e sustenta-la por algum tempo, restabelece-se a circulação e o ser entra novamente na vida activa.

Tal é o caso que se vê frequentemente nos portos de mar, nos afogados que passaram pouco tempo debaixo das aguas.

Claudio Bernardi conseguiu es-

perimentalmente resuscitar um animal, em que, por meio de envenenamento com "curare" produzira o desaparecimento completo de toda e qualquer manifestação de vida, acessivel aos meios de observação. O "curare" é um veneno que age suprimindo completamente toda a função locomotora.

Um coelho assim intoxicado, fica em pouco tempo inerte; detem-se-lhe a respiração, o coração deixa de pulsar. Si se abandona o cadaver em tal estado, coagular-se-á o sangue, os tecidos decompôr-se hão e o reaparecimento da vida tornar-se-á impossivel. Mas o "curare" é um

veneno, que pôde ser eliminado rapidamente pelos rins e, portanto, se, em lugar de deixar as coisas neste estado, se produz mecanicamente a respiração, os movimentos necessarios a esta determinação uma lenta circulação e as ondas de sangue, percorrendo todo o organismo, levarão aos elementos anatomicos as condições necessarias para que neles volte a apparecer a transformação material, e o animal voltará á vida activa.

Todos estes fatos altamente instrutivos, nos ensinam o verdadeiro conceito da vida latente.

Exmo. Snr. "Fulano de Tal"

Endereço: Qualquer parte do Brazil!

A PRH-8 — Radio Ipanema do Rio de Janeiro tem o prazer de convidar-o a sintonizar o seu radio em 1.130 quilociclos e ouvir diariamente os seus ótimos programas.

Rio de Janeiro, ..... de ..... de 39

## FO'LTE DE S. MARCELLO

Primitivamente "Forte de Santa Maria del Popolo", o Forte de S. Marcello, na Baía, foi mandado construir em 1623 pelo governador Diogo de Mendonça Furtado e concluido em 1630. Sofreu

reconstruções em 1650, 1728 e em 1811. Supõe-se que o antigo Forte de São Marcello tenha sido edificado pelos holandezes.

Ao forte prendem-se vários fatos da história baiana, a começar

pela Independência até 1912, quando atirou sobre a cidade.

Seu armamento compõe-se de uma bateria (quatro canhões) de campanha, antigos, 7 1/2 1,28, marca Krupp e outros canhões antigos. A muralha, pela sua espessura, reziste aos tiros da artilharia de médio calibre.



# FRÉDÉRIC CHOPIN, o poeta do piano

A MAM, contemporâneos de Frédéric Chopin, que o poeta do piano veio ao mundo a 1.º de Março de 1809 e, sua Mãe, num pequeno círculo de amigos, diz que é falso o registro da igreja, de 22 de Fevereiro, e que o seu Frédéric viu a luz do dia a 1.º de Março de 1810.

O que será lenda e o que será verdade?

É certo que essas divergências de opinião, de nenhum modo perturbam a vida do mestre em sua luminosa passagem pelo mundo.

Dessendente de polonêzes e de lorênos, tendo apenas 8 anos, já demonstrava o seu talento para a composição.

As primeiras impressões marcantes, deve o jovem predestinado, á influência alemã. Sua primeira viagem foi a Berlim onde ouviu dirigir Zelter, onde se entusiasmou pela música de Haendel e onde foi apresentado a Alexandre von Humboldt e era de origem alemã, Joseph Elsner, diretor do Conservatório de Varsovia, onde Chopin estudou.

Colheu em Viena os seus primeiros louros e num de seus concertos em Munich, disse Schumann: "Descubram-se, senhores, é um gênio".

Levou-o, o destino, a Paris, cidade de seus sonhos e fez parte do círculo de Franz Liszt e outros românticos alemães.

Como a sua vida deveria ser toda de ideal, não lhe faltaram revezes de fortuna, de iluzões e a humilhação de ser convidado pela gente rica, apenas pelos seus méritos de

planista. Assim aconteceu que tendo recebido uma carta em que lhe diziam num *post scriptum*... e, caro Chopin, não esqueça o seu piano", num movimento de revolta, em vez de ir, enviou o seu instrumento por quatro carregadores bossais. N'outra ocasião, logo após o jantar, impeliu-o ao piano uma senhora da alta sociedade e ele fez ouvir a sua mais curta composição, o Prelúdio n.º 7 que tem apenas 16 compassos. Reclamando, a elegante, que a peça era curta, curta demais, respondeu o artista com ironia: "Desculpe, Madame, mas foram justamente tantos compassos quantos bocados tive a licença de comer em seu banquete."

Em compensação, conheceu a plenitude da felicidade... no amor.

Deixou, no entanto, Varsovia devido ao seu sentimento exaltado e infeliz por Constanta Gladkowska mas, em geral, brilhou em sua vida a fortuna de centenas de olhos entusiastas, até que o subjugou, inesperadamente, como um raio fulminante, a paixão pela escritora George Sand. Foi esse o amor corrosivo e mortal ao qual se sujeitou.

Sem dúvida, esta mulher, a mais inteligente e a mais brilhante de seu tempo, que sublinhava o seu espírito masculino até na maneira de vestir, e que antes de Chopin tinha tido a seus pés Liszt e Alfred de Musset, dedicou a princípio ao jovem polonez um profundo amor.

Seus escritos daquela época

assim têm: "... seu trabalho é milagroso, espontâneo, suas inspirações vêm inesperadas. Elas o assaltam ao piano, súbitamente, e o envolvem de maneira sublime e quando, pelos caminhos, murmuram no seu íntimo, obrigam-no a voltar á caça para tirá-las mágicamente do piano. Começa então o trabalho mais angustioso do qual fui testemunha, uma corrente sem fim de eziências e dúvidas, inquietas experiências para reconstruir e fixar certos detalhes que ouvira em sonho. Muitas vezes permaneceu na situação de completo desespero, trancando-se dias e dias em seu quarto, chorando copiosamente, andando de um lado para outro, quebrando penas e, por fim, escrevia esprimindo a sua primeira impressão". — Até aqui fala George Sand.

E o que começou numa paixão ardente, com indescritíveis e estáticos carinhos, transformou-se pouco a pouco, no decorrer dos dez anos em que viveram juntos, numa terrível luta de ciúmes e por fim, no mais fastidioso desinteresse.

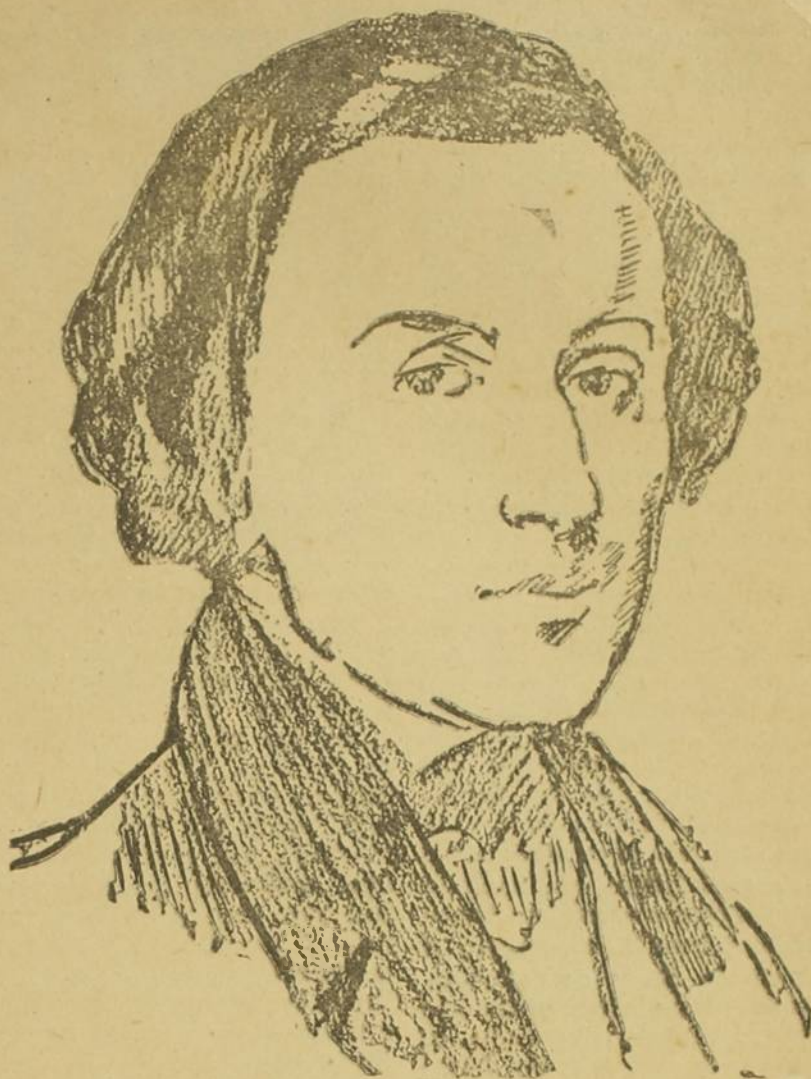
Quando se separaram estas duas criaturas, George Sand porque já se enfadava de Chopin, ele por não aguentar mais do domínio e os caprichos dela, foi destruída a força titânica do jovem mestre... e o romântico e apaixonado coração doentio e mortalmente ferido, pulsou apenas alguns anos ainda e grande parte do tempo, no seu leito de dor.

Nenhuma vez a notícia da morte próxima de Chopin, causou á sua antiga amiga, o mais leve interesse.

Tres outras mulheres acompanharam-no em seus últimos momentos, fecharam-lhe os cansados olhos: a linda Condessa Potozka, uma Princesa polonêza e a sua irmã mais querida, Luiza.

Trágico fim de vida de um artista cheio de paixão, de sucesso e de delusões.

Assim, morreu ele na cidade de seus sonhos: Paris. Nunca deixou a França de honrar este grande compositor, mas a sua Pátria o reclamou e levou em triunfo para Varsóvia os restos mortais de um dos seus maiores filhos.



Frédéric Chopin



**"PAN"**

irradiará o nome  
do seu produto  
por todos os recantos do Brasil

Consulte o seu  
Departamento  
de Publicidade  
Tel. 43-4557



# A misteriosa Madagascar

(Conclusão da pag. 21)

zebús indianos e aos bovinos da África Oriental, tendo como estes uma giba sobre o pescoço. Quando os primeiros portugueses desembarcaram na ilha, os animais bovinos eram já a principal riqueza da população. O gado tem o rabo gordo, a cabeça preta e são muito pouco lanózos. A cauda é para os indigenas uma carne saborosa.

## PIRÓGAS DE PRATA COMO FERETROS

Os malaioes sempre foram bons navegantes; nenhuma maravilha, portanto, se os malgassios são hábeis na construção de barcos. Escavam suas pirógas cada uma em um só tronco para usarem-nas nos rios; as tribus que habitam a costa formam grandes jangadas com taboas ligadas entre si por meio de fibras de palmeira. Algumas destas embarcações são ladeadas de balansins como os uzados pelos insuláres do Oceano Pacífico meridional. Interessantíssimo é o fato que até as tribus do interior de Madagascar uzavam no passado sepultar os seus mortos em feretros em forma de pirógas. Afirma-se que todos os reis Hova eram sepultados em pirógas de prata. Os tumulos dos reis Hova são cavernas feitas com enormes blocos de pedra; o uzo antigo era construir sobre todos os tumulos uma casa em que se punham moveis, vestes e dinheiro.

A fama de Madagascar é hoje completamente diversa da do continente. Aí não se encontram nem leões, nem leopárdos, nem hipopótamos, nem elefantes, nem rinocerontes. Os animais selvagens são geralmente pequenos e pouco perigosos. O pior e mais temível é o "fossa", feróz animal da espécie felina, de cabeça pequena, patas curtas, fortes garras e cauda longa e grossa.

Os lemúrios, espécie de símios de que existem muitas variedades, aí são encontrados em grande número, ao contrário dos outros países. O animal mais curioso é o ay-ay, do tamanho de um rato com grandes orelhas peladas, dentes de roedor e patas de aranha. Nutre-se de insetos. Restos encontrados em zonas paludosas da ilha demonstraram a existência, antigamente, de uma grande ave sem azas, muito maior do que um avestruz, chamada "epyornis". Nada menos de 239 variedades de aves foram encontradas em Madagascar e ainda não são todos. Nos rios da ilha

vivem duas espécies de crocodilos, uma das quais exclusivamente indigena.

O primeiro europeu que desembarcou em Madagascar foi um explorador português que o baptizou com o nome de "Ilha de São Lourenço". Em 1700 os francezes começaram a colonização, e assim em 1895 puderam anexar-se definitivamente a ilha.

Atualmente, Tananarivo, a capital, é uma grande cidade com vida anpla; e por toda a parte os francezes construíram estradas de ferro e de rodagem. Se bem que sejam passados trinta e cinco anos desde que a ilha ficou sob o dominio dos francezes, está ainda em grande parte coberta de florestas. Hoje não ha aí aldeia um pouco importante que não seja ligada por serviços de automóveis, que percorrem toda a ilha. Está claro que a parte central tem uma população muito mais densa que a da costa, porque é mais alta e, portanto, mais fresca e mais salubre, enquanto que na costa o calor humido é intoleravel.

As montanhas que se elevam de um extremo a outro da ilha atinjem a altura de trez mil metros; mas a vegetação sobre o



# "PAN"

irradiará o nome do seu produto por todos os recantos do Brazil

Consulte o seu Departamento de Publicidade Tel. 43-4557

planalto não é tão rica como na costa onde crescem árvores de goma e da baunilha. Assim o planalto é, especialmente na parte ocidental, em grande parte sem árvores.

A verdadeira riqueza da ilha é constituída pelas magníficas florestas da sua zona costeira, rica de madeiras raras como o ébano,

o sândalo, o mogno e o pau rosa, de que se faz uma grande exportação pelas jazidas minerais. De Madagascar os francezes tiram anualmente 16.000 toneladas de grafite, 700 toneladas de mica, ouro e pedras preciosas. Em suma, a ilha malgassia sob todos os aspectos revela a sua notável importância economica.

## Faltava a Rainha Astrid...

(Conclusão da pag. 27)

conpras em Bruxelas, como simples cidadãos. Quando os príncipes mais novos provaram ser estudiosos, o pai e a irmã maior lhes proporcionaram algumas suprezas agradáveis. Qualquer aniversário é uma nova alegria da qual participa a Rainha Mãe Elizabeth, que acaricia os neti-

nhos, a quem o luto escureceu a vida.

### A RAINHA ELIZABETH

Também veio a Pariz; mais do que qualquer outro quiz mostrar com isso a amizade aos soldados franzezes tantas vezes comprovada, com um heroísmo indescritível, durante a guerra, que foi tão cruel para a Belgica como para a França. Tenho perante os olhos um "menú" datado de Flandres de 1915 e não se pode esquecer que a rainha da Belgica comeu naquele dia, carne cozida com feijão.

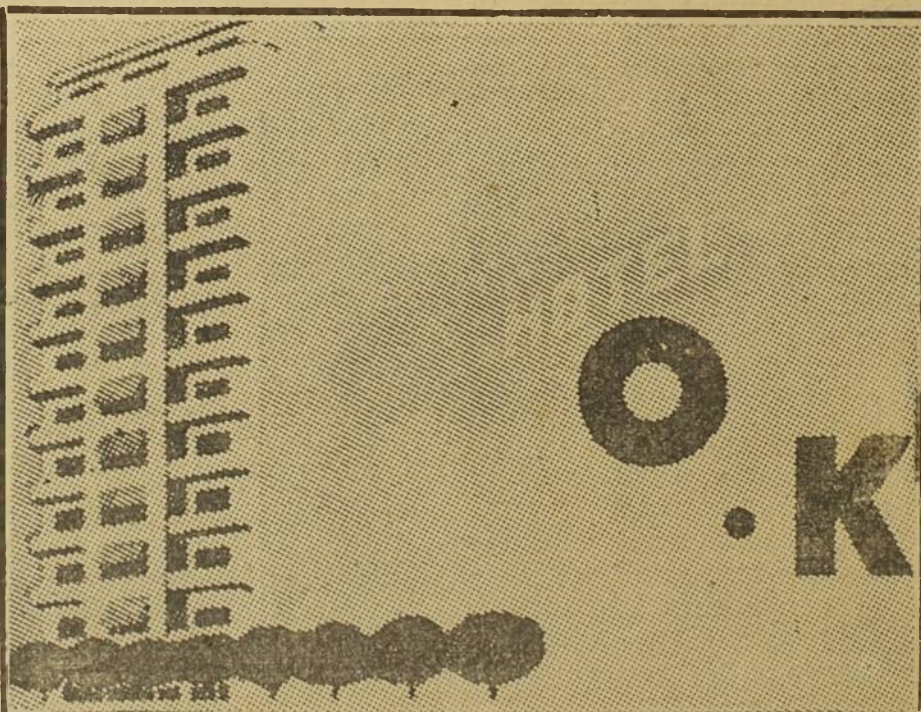
Isso não é mais do que um jésto, lembrando seu desprezo para com os maiores perigos, querendo estar nas primeiras linhas para cuidar, com as próprias mãos, seus feridos e os franzezes.

### E AGORA...

A Belgica permanece a mesma. O povo belga guarda a amizade para com os franzezes. Isso se podia ver durante aquela manifestação de patriotismo franco-belga. Os belgas sabem que nada pode fazer aos franzezes esquecer os sacrificios comuns. E' um fato que se estuda nas escolas de ambos os países e ao qual as crianças não permanecem insensíveis.

Ainda nos dias passados, perante a estátua do rei-cavaleiro, uma menina belga, de braço dado ao seu pai, mutilado e ex-combatente, levantou a cabecinha loura e dirigindo-se a mim, disse:

— Como é bonito!...



Rua Senador Dantas, 22 - (Cinelandia)

Telef. 22-9951 — Telegr.: «Hotel O. K.»

RIO DE JANEIRO

Maximo conforto •• Optimo tratamento

Melhor situação



# De Portugal

DIRECCÃO  
DO DR. MARIO MONTEIRO

## Maestro Fão

(Grafia do autor)



O antigo Maestro da Guarda Republicana,  
Fernandes Fão. (por Arnaldo Ressano)

**J**OAQUIM FERNANDES FÃO é aquelle primoroso chefe da Banda da Guarda Nacional Republicana que, em certo dia, visitou o Brasil, colhendo os mais ardentes e justos aplausos.

Nascido em 3 de Maio de 1873 tendo assentado praça aos 13 anos de idade foi seguindo, sempre com brilho, a sua carreira militar até mestre de musica.

Tinha apenas 26 anos quando o conquistou em concurso.

Emquanto teve a chefia d'aquelle extraordinario conjuncto de Artistas que rivalisa com os seus

congêneres estrangeiros, o maestro Fão deu-lhe todo o prestigio da sua arte que todos elogiavam e honrou plenamente Portugal em todas as viagens que realizou com os seus companheiros e subalternos atravessando as fronteiras.

Bastaria lembrar qualquer d'aquellas onze vezes que levou a "sua" Banda á Hespanha e da marcha triumphal por alguns Estados brasileiros.

O maestro Fão, tão conhecido e estimado por todos, dirigiu concertos sinfonicos, em Lisboa, durante onze anos consecutivos, fez

parte do elenco da Companhia da Opera italiana, no Coliseu dos Recreios, em trez anos seguidos.

Esteve tambem no Theatro S. Carlos, trabalhando um ano, dirigiu opera no theatro S. João, do Porto, a Convite da respectiva empreza.

Fão cursou o Conservatorio de Lisboa estudando violino, harmonia, contraponto e fuga obtendo sempre excellentes classificações.

Mas o maestro Fão não é só um magnifico regente, nem um primoroso executante. E' tambem um musicista de largos méritos.

Correm impressos alguns e teem sido todos executados os varios numeros de musica ligeira, sinfonica e de teatro que se deve á sua inspiração feliz.

Para continuar enriquecendo a já vasta série de autografos em homenagem lusa ao Brasil devemos reproduzir textualmente as palavras que o maestro Fão nos entregou:

"O Brasil jámais se olvidará no meu espirito. O carinho com que fui recebido em todos os meus concertos, quer d'orquestra quer da banda da Guarda Republicana, nos diversos Estados desse grande paiz, perdurará no meu coração. A todo o Brasil os meus agradecimentos.

Lisboa, 29-10-936

Joaquim Fernandes Fão



O Maestro Fão

E como se ao seu espirito não bastasse quanto deixou dito nestas palavras, quiz lançar tambem, no papel de musica uns compassos da Alvorada na serra, do grande maestro brasileiro Alberto Nepomuceno.

Tanto os dizeres como as notas musicaes que o seu punho traçou revelam bem o respeito, a consideração que o Brasil musical lhe merece.



Autógrafo do maestro Fão



# Cristianismo e Cultura

JACQUES MARITAIN

**D**EVO falar-vos hoje do cristianismo e da cultura, tema este um pouco anplo para uma conversa de dez minutos, mas vós me desculpareis si eu me demorar nas grandes linhas e nos princípios em jeral. A meu modo de ver, trez verdades devem aqui, antes de mais nada, ser póstas em cláro. Em primeiro lugar, a religião e a cultura pertencem a duas ordens diferentes; em segundo lugar, a cultura está interiormente vivificada pela religião; em terceiro lugar, as condições do mundo moderno móvem os cristãos a tomar conhecimento de uma maneira particularmente grave e particularmente urgente de sua missão própria com respeito á cultura.

Cultivar um campo é, para o trabalho humano, obrigar a natureza a produzir frutos que ela não teria podido produzir só, porque aquilo que ela produz só, é uma vegetação "selvagem". Esta imagem nos indica que é o que se deve entender pelas palavras cultura ou civilização.

A cultura, ou a civilização, é o florecimento, a frutificação terrestre da vida humana; ela comprende então, não sómente o desenvolvimento material necessário e suficiente para permitir-nos levar uma vida réta aqui enbaicho, mas também, e sobretudo, o desenvolvimento moral e intelectual, o desenvolvimento das atividades da justiça e da nobreza da alma, da sabedoria, da ciência e da arte, que meréce ser chamado com justiça um desenvolvimento humano; e esta cultura é natural ao homem da mesma maneira que o é o trabalho progressivo da razão nele, da qual ela é o fruto e a realização terrestre; ela responde á promessa terrena da natureza humana, mas ela é obra do espírito e da liberdade agregando seu esforço ao da natureza.



Quero um volume de histórias leves...

Compreendemos bem, entretanto, que a cultura pertence ao domínio tenporal, que ela se situa nas perspectivas da terra e do mundo, ela está, como os frutos de nossas árvores e as menses de nossos campos, comprometida no tempo e nas vicissitudes do tempo, ela é perecedoura, essencialmente humana.

A religião, ao contrário, refiro-me á religião que cresceu sob a lei antiga e que recebeu sua realização com a lei do Evangelho, a religião de Cristo, concentra-se nas perspectivas de Deus e a vida eterna, o fruto que ela leva aos homens é um fruto divino e imortal, ela pertence ao domínio do espiritual no sentido mais estrito do fim, e do sobrenatural. Ela não é do homem, nem do mundo, nem de uma civilização, nem de uma cultura, nem da civilização, nem da cultura, ela é civilização e toda cultura. Ela é de Deus. Ela transscende toda rigorosamente super racista, super nacional, super cultural.

Mas no fundo de toda cultura e de toda civilização ha uma questão, um enigma: que é o homem? Si a cultura é o florecimento terrestre da vida humana está bem claro que, mais profundamente que todas as diversidades do regime intelectual ou social, de técnica e do direito positivo, a idéia que num tempo qualquer os homens se fazem do homem, governa e caracteriza toda a cultura desse tempo; é a figura do homem, é uma certa figura do homem que no céu da história compõe as constelações sob as quais cada época de cultura está construída.

E certamente, a experiência das dores e dos trabalhos de nossa vida, e os descobrimentos da inteligência, e os sinbolos da arte, e a volta de nosso espírito sobre suas obras, descobrem em certa medida o homem a si mesmo, e este descobrimento não será jámais terminado. Mas eziste uma revelação mais secreta e mais profunda, uma luz mais misteriosa da que tem necessidade de este descobrimento para ser guiado e para evitar os abismos, é ela que tóca os nós invizíveis de onde o eterno entrelaça-se ao humano em nós.

E si eziste uma religião instituída para alguém que saiba o que ha no homem e que saiba também porque ele é o Filho, único, o que ha em Deus, e que tenha vindo para dizer-nos, aquela religião poderá ela só ajudar de um modo perfeitamente seguro o homem, a tracar, no céu de sua história, uma verdadeira figura

de si mesmo, uma figura de homem, que não seja falsa.

Eis aí porque a cultura, que pertence a uma ordem essencialmente diferente da ordem da religião, precisa principalmente da religião: eis aqui porque a civilização ocidentada, que está completamente governada pela religião cristã, tem feito progressos incomparáveis, e, em vez de dar voltas ao redor, como as velhas civilizações do Oriente, lançou tão poderosamente a caravana humana nada mais que por estar ela interiormente vivificada pelo cristianismo. A heransa gregolatina transmitiu-lhe preciosas rezervas humanas providencialmente preparadas: mas o profundo impulso secreto, palpação sobrenatural que poz tudo em movimento — e a ciência do Ocidente, e a arte do Ocidente, e a consciência do Ocidente, e o dinamismo social e político do Ocidente, e este grande movimento de confiança e de vontade pelo qual ele se dirige depois de vinte séculos a destinos desconhecidos, é, em meio de todas as fraquezas e contradições do homem, uma palpação do coração de Deus ao coração de nossa história.

Qual é então a figura do homem que domina toda esta cultura? E' a imagem de um Messias coroado de espinhos que nos convida a segui-lo e que nos abre o caminho ao gozo de Deus. O humanismo autêntico é saudável para o homem e para as coisas humanas só porque ele não sófre diminuição alguma sobre as verdades divinas, e manda a humanidade por completo, aos bens e a uma vida que pássa em todos os tempos.

A medida que ela se separa de Deus, a cultura ocidental deshumaniza-se; eis aqui o que faz a tragédia de nosso tempo. Deduz-se então que para dominar sobre a natureza, o homem, com sua inteligência e em sua vida, deve realmente subordinar-se de mais a mais ás necessidades não sómente humanas, mas também técnicas, e ás energias de ordem material que põe na obra e que penetram no mesmo mundo humano. Quaisquer que sejam os benefícios adquiridos sob outros pontos de vista, as condições de vida do ser humano resultam assim de mais a mais inhumanas.

A técnica é boa, a máquina é boa. Deve-se reprovar ao espírito o arcaísmo que deseja suprimir a máquina e a técnica. Mas si a máquina e a técnica não forem dominadas, submetidas á força e ao bem do homem, isto é, inteira e rigorosamente

subordinadas ás eziências profundas da natureza humana e ao desenvolvimento espiritual da pessoa, a humanidade encontrar-se-ia então comprometida, no caminho do desespero.

Estas considerações me levam á terceira verdade, sobre a qual dezoito deter-me convosco: as condições do mundo moderno levam os cristãos a tomar conhecimento de um modo particularmente grave e particularmente urgente de sua missão própria com respeito á cultura.

Enquanto a civilização ocidental fica, apesar de todos os defeitos e de todos os abusos que se vêem, fundada sobre as estruturas organicamente cristãs, cada cristão póde descansar de algum modo (de fato, ele não descansa muito) sobre essas estruturas sociais existentes, e ocupar-se sómente, por uma parte, das coisas de sua alma ou de sua vida espiritual, por outra parte, da tenporal, das obrigações de seu estado e de sua profissão, sendo pequeno seu cuidado no mundo, limita-se a levar cristãmente sua vida privada. Mas enquanto o estado do mundo decái na forma em que eu tratei de caracterizar na ocasião, o cristão fica siente de uma de suas obrigações de maneira muito mais clara com respeito ao bem comum do país e da civilização. Não é sómente de sua vida privada, mas do bem da cidade tenporal, que ele vê-se obrigado a preocupar-se, e é cristãmente que deve fazel-o, porque espiritualmente e tenporalmente estão distintos mas não separados.

A justiça evangélica e a vida de Cristo, deejam impregnar na alma tudo o que somos e tudo o que fazemos, tanto no profano como no sagrado, no tenporal como no espiritual, na ordem da cultura como na da religião.

Si refletirmos com cuidado acerca destas coisas, veremos que na ordem da cultura e do tenporal, os planos de atividade devem ser diferenciados.

Eziste no tenporal um plano de atividade que pertence na verdade á ordem espiritual, mas onde o espiritual vem unir-se ao tenporal: plano do espiritual considerado em sua conexão com o tenporal. E tem um plano de atividade de ordem estritamente tenporal.

Sobre o primeiro plano de atividade, que é super político, todos os católicos estão convidados a unir-se para a defeza das liberdades da Igreja, bem como também para o apostolado.

O segundo plano é aquele do tenporal no sentido estrito da palavra; é aquele das atividades

(Conclue na pag. 65)



# Cozinha Pernambucana

Gilberto Freyre (De "Espelho" — Brazil) (Grafia do autor)

A cozinha pernambucana não é tão gorda como a bahiana.

A impressão de magreza pernambucana, em confronto com a gordura da casa, da mulher e da cozinha bahiana, eu a senti desde a primeira vez que vi a Bahia: "egrejas gordas (as de Pernambuco são magras), toda a Bahia é uma maternal cidade gorda... senhoras gordas se confessando a frades mais magros do que eu". (No quasi poema Bahia de todos os santos e de quasi todos os peccados, Recife 1927, edição particular).

Essa relativa magreza me parece característica da cozinha como da architectura pernambucana: nenhum prato tem aqui a vastidão do carurú, o excesso derramado do vatapá. Do mesmo modo que nenhuma igreja do Recife tem o esparramado das boas igrejas da Bahia. A própria gordura das mulatas é mais enxuta em Pernambuco: não tem tanto óleo como a gordura bahiana.

A mesma medida, o mesmo equilíbrio, a mesma temperança da paisagem e da civilização do cannavial que se reflectiu em cheio sobre a figura magnifica de Joaquim Nabuco; que se reflecte ainda hoje na graça dos Souza Leão; que moderou os excessos arrivistas de Tobias Barreto; que produziu casas de engenho como a de Megahype, tão em contraste com o "terrivelmente chato" da architectura rural nas outras regiões brasileiras; que influiu na imaginação talvez um tanto impetuosa de Castro Alves, disciplinando-a e suavizando-a, (sabe-se que o grande poeta, estudante de Direito no Recife, se inspirou fortemente na paisagem dos canaviaes pernambucanos, copiando em desenhos, pinturas e poemas muitos dos seus contornos mais doces, principalmente a "collina suave como um collo de mulher", perto da casa onde morou no Barro); essa mesma medida, esse equilíbrio, essa temperança que Nabuco sentia no proprio ar de Pernambuco, parece exprimir-se no que a cozinha pernambucana tem de mais característico e de mais seu; na sua contemporização quasi perfeita da tradição européa com a indigena e com a africana.

Não haveria aqui o predomínio da tradição africana, como na Bahia, nem o da tradição indigena, como no Pará e no Amazonas — as outras duas cozinhas regionaes mais ricas do Brasil. Também não se affirmaria em Pernambuco nenhum exclusivismo de tradição européa, que artificializasse a cozinha dos senhores de engenho numa cozinha á parte da formação brasileira.



Simple cozinha de capitães-generaes ou de vice-reis, de fidalgos e de ricos. Expressão aristocrática, mas de um aristocratismo transoceânico, sem nenhuma raiz na nova terra.

O que se verificou em Pernambuco foi ante a contemporização das tres tradições, sem sacrificios dos valores mais finos da minoria de origem européa aos valores mais crus da maioria indigena ou africana. Si nos principios do seculo XIX, os nativistas pernambucanos mais exaltados chegaram a excluir de seus banquetes o pão e o vinho, substituidos com ostentação pela farinha de mandioca e pela aguardente, sua attitude não se generalizou. Ou por outra: a farinha e a aguardente continuaram a comida e a bebida da gente mais pobre, sem adquirir significação politica, sem se tornar distinctivo de brasilidade.

Creio que o equilibrio culinario em Pernambuco se explica pelo facto de ter sido maior na Nova Lusitania a acção da mulher dona de casa, isto — é, da mulher branca, portugueza, esposa christã do colono. Duarte Coelho veio para os seus dominios com numerosas familias e não simplesmen-

te com solteirões aventureiros, que ao sentirem a vontade ou a necessidade de se arredondar em paes de familia se unissem todos com pretas-minas, boas quituteiras, mas lambusando tudo de azeite de dendê, ignorando as tradições e a technica de cozinha dos europeus. Ou então com caboclas ou cunhões nas mesmas condições de ignorancia dos estylos europeus.

A's mães de familia vindas de Portugal — algumas talvez educadas nos recolhimentos, dentro da tradição opulenta das freiras quituteiras — deve-se, em grande parte, a situação de prestigio em que se conservaram os estylos portuguezes de cozinha nas casas dos engenhos pernambucanos, mais tarde, nos sobrados de azulejos do Recife. As cozinheiras negras foram aqui collaboradoras de grande importancia na formação de uma cozinha regional, mas não dominadoras absolutas dos fornos e dos fogões. Seu dominio foi menor do que na Bahia. Ahi a figura immensa da sinhá-zinha branca quasi se sumiu da cozinha: mal se sente nos bôlos e nos guizados bahianos o paladar da mulher pallida da casa-grande provando ponto dos qui-

tutes, moderando nelles os ardores de condimentação africana que lhes davam as mulheres de côr.

Accrescente-se a isto a maior facilidade de contactos com a Europa de que gosou Pernambuco através do primeiro seculo de desenvolvimento de sua civilização assucareira e que contribuiu para manter mais viva aqui do que noutros pontos da colonia portugueza da America a tradição européa do doce, da comida, do vinho fino. Os primeiros senhores de engenho da Nova Lusitania sabe-se que se davam ao luxo de importar de Portugal e das ilhas, iguarias e vinhos. Durante o dominio hollandez continuou o mesmo luxo de importação de biscoito, de queijo, de peixe, de vinho. Tanto que a unica palavra hollandeza que até hoje se identificou na lingua do Nordeste é um nome de comida: brote. Um typo de biscoito duro.

Esse apego aos estylos europeus de cozinha daria ao pernambucano elementos com que atravessar o periodo de maior segregação da colonia, da Europa, que foi o seculo XVIII, sem resvalar para os excessos de africanismo ou de indianismo culinario. A influencia européa sobre a mesa pernambucana, si empalideceu durante aquelle seculo — na verdade desde a segunda metade do seculo XVII — foi reavivar-se nos principios do XIX, através dos favores especialissimos concedidos pela Corôa portugueza aos negociantes britânicos e de que o grupo consideravel se aproveitou vindo estabelecer-se no Recife com seus armazens de panno, com suas casas importadoras de presunto, de chá, de biscoito, com seu gosto pelo pão e pelo beef, com seus engenheiros, seus medicos, seus remedios, seu padre, sua igreja, seu cemiterio.

O chá tornou-se em Pernambuco a bebida das casas-grandes e dos sobrados de azulejo. Abra-sileirou-se num chá de ceia patriarchal. E parece que foi rara a casa onde a torrada á ingleza não foi substituida ou enriquecida pelo doce ou pelo bôlo feito em casa, pelo beijú de côco, pela tapioca, pelo cará ou inhame com mel de engenho, pelo cuscus de mandioca, pelo angú de milho, pela fructa-pão com manteiga. Chá de sala de jantar e não de sala de visita ou de terraço.

E' verdade que o padre Lopes Gama, chronista pernambucano da primeira metade do seculo XIX, fala em chás servidos com torradas, bolinhos e sequilhos e preparados na sala pelas proprias donas de casa. Por conseguinte quasi orthodoxamente á ingleza.



Mas não foi de modo nenhum o estylo de chá que predominou em Pernambuco. O estylo de chá que predominou entre nós foi o chá de ceta, chá caracteristicamente patriarchal, a mesa de jantar cheia de comida, as moléculas servindo, ás vezes a moça branca lendo em voz alta um romance triste.

De qualquer maneira, é para contrastar-se o extenso uso do chá nesta parte do Brasil — uma tradição de mais de um século em Pernambuco onde floresceu nos sobrados do Recife, de Olinda, de Rio Formoso, nos casarões do Monteiro e do Poço da Panella, nas proprias casas de engenho mais ricas ou mais aristocráticas — com o quasi desconhecimento da bebida noutras áreas brasileiras, onde só recentemente o chá perdeu o seu gosto enjoado de remédio, o seu cheiro tristonho de droga vendida nas boticas, para se associar ao sabor alegre do bôlo, do doce e da torrada das confeitarias.

A área do maior uso do chá coincidiu no Brasil, desde os principios do século XIX, com a área de civilização mais intensa e mais aristocrática do assucar. Accentuamos o facto, que a muitos pôde parecer banal, para destacarmos que nesta mesma área (que teve em Pernambuco a sua expressão mais característica), os valores europeus de cozinha e sobre mesa tiveram relêvo, embora não se constituíssem nunca, como parece que succedeu no Rio de Janeiro do tempo dos vice-reis, em valores artificiaes e postiços, certos grupos mazombos fazendo questão de conservar aqui a cozinha europeia, a parte da brasileira.

Destacada a presença constante do elemento europeu na cozinha pernambucana — que pôde ser talvez apresentada como a cozinha regional mais equilibrada no Norte do Brasil, aquella em que a influencia africana não se exaggerou em gostos picantes e molhos gordos como na Bahia, nem a influencia indigena dominou de modo tão crú como no Pará e no Amazonas — salientaremos os pratos de mesa e de sobremesa que nos parecem mais característicos da civilização brasileira do assucar. Civilização que teve Olinda e depois o Recife por metropole. Que teve no Capibere o seu elemento de maior gloria culinaria.

Essa cozinha pôde se dizer que nasceu debaixo dos cajueiros e se desenvolveu á sombra dos coqueiros, com o cannavial sempre de lado a lhe fornecer assucar em abundancia; e perto — na agua do mar, na do rio, na das lagôas, no mangue, na horta, na matta — quasi ao alcance da mão da cozinheira, “o melhor pitú do mundo” (o pitú do rio Una), a cavalla perna-de-moça, a sioha, o carangueijo, o sery, o gaya-

mum, o sururú, a curimã, a cara-peba, o araquá, o genipapo, o maracujá, a goiaba, o abacaxi, a canella, a fruta-pão, a jaca, o sapoti, o abacate, o tamarindo.

O cajueiro, tão ligado á vida indigena, deu á cozinha pernambucana alguns dos seus melhores sabores; a castanha, que confeitada, ou dentro do bôlo, da cocada, do doce, do perú, se tornaria tão característica dos quitutes da região; o doce em calda e o doce secco do proprio cajú; o licor e o vinho — quasi symbolicos da hospitalidade das casas grandes de Pernambuco.

de azeite de dendê nem de banha de tartaruga. Mesmo nos taboieiros das “bahianas” de peixe frito, de grude, de cocada, de farinha de castanha, de alfinim, de bolo de côco, de arroz de leite, o elemento europeu conservou-se sempre muito vivo em Pernambuco, amacando as cruezas do indigena.

Essa tradição, magnifica pelo seu equilibrio, pela sua harmonia, pela sua medida, é que está hoje tão pallida que alguns receiam que vá morrer. O declinio da economia patriarchal em Pernambuco se tem feito acompanhar

difficultando a plantação de legumes, batata, inhame, da propria farinha de mandioca (só muito arrojo permite a alguém escrever que a maioria dos trabalhadores ruraes de Pernambuco plantam macacheira, milho, feijão, batata doce, tomate, tendo “variada alimentação”; vem desenraizando o homem da terra e das tradições agrarias; vem creando parias sem apego a nenhum ao solo e proprietarios ausentes.

Raro o uzineiro que conserva a tradição da mesa regional dos antigos senhores de engenho. Alguns delles são uns rastacueras terriveis com vergonha de comer á pernambucana. Ricaços de palacetes á toscana e de cozinha á franceza. Outros só acham geito de receber pessoa de cerimonia á sua mesa com fiambre e patê: com comidas de lata; com doces de conserva; com fructas da California e da Argentina.

São poucas as donas de casa que, como D. Angelina de Barros na sua casa da rua do Hospicio, como D. Alice Ribeiro no seu sobrado da rua Barão de São Borja, guardam e seguem as receitas antigas, de doces e de guizados, de vinhos e de licores.

Poucas as moças que sabem fazer os quitutes tradicionais, como Odette de Souza Leão, o bôlo que tem o nome illustre de sua familia.

Rara a preta de tabuleiro que ainda se vê frigindo peixe pelas esquinas do Recife, vendendo cocada de tapioca aos meninos, pamonhas aos funcionários publicos, de volta á casa ás 5 horas da tarde.

Raro o restaurante que mantém uma cozinha sequer toleravel sob o ponto de vista de comida tradicional: o sarapatêl e o peixe cozido do Dudú são quasi sobrevivencias do tempo dos affonsinhos, que a elegancia provinciana muito desdenha. Carolina Nabuco, Laura de Barros Moreira e Octavio Tarquinio de Souza scandalizaram meio-Recife indo comer peixe cozido no Dudú, com Cicero Dias, Olivio Montenegro e Antiogenes Chaves.

E entretanto haveria muito que conservar da velha cozinha pernambucana. Ella foi uma das mais felizes da civilização patriarchal do assucar nesta parte do Brasil.



O coqueiro deu á mesa pernambucana o “feijão de côco” e o “peixe de côco”; e á sobremesa, a taploca secca, a tapioca molhada, o beijú, o doce de côco verde, o sabongo, a cocada, o sorvete de côco, uma variedade de bôlos em que o gosto do côco se faz sentir tão permanentemente, junto com o do assucar ou do mel de engenho.

Sobre esses elementos, a cozinha pernambucana se desenvolveu harmonicamente, sem nunca se afastar da tradição europeia a ponto de se tornar inteiramente exotica; sem se deixar alagar

do declinio da cozinha. A victoria da civilização paleotechnica, através das uzinas e das fabricas, não deixou de fogo morto somente os velhos engenhos: também os fornos e os fogões das casas grandes. Acabou com os livros de receita das avós. Diminuiu os encantos regionaes de cozinha e de vinho em Pernambuco.

Além do que, a uzina nos trechos onde seu furor tem sido maior, vem corrompendo as aguas dos rios; vem matando os peixes e os pitús; vem acabando com as mattas e com os pomares; vem

GRIPES - NEURALGIAS  
DORES EM GERAL  
**Calmantina**

Atuam sem deprimir o organismo

Comprimidos  
de GIFFONI.

Em vidros e  
envelopes de  
4 comprds.—

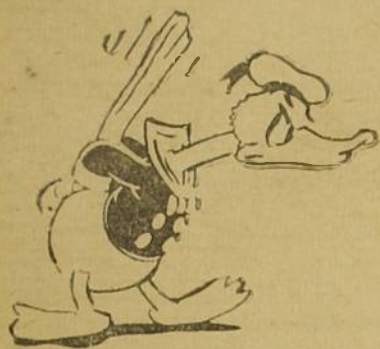
Francisco Giffoni & C.

R. 1.º de Março, 17-Rio



# Como são feitos os films animados

O cinema, cujas origens foram tão analisadas e... disputadas, começou por desenhos animados. O divertimento que se chamava antes "biocópio" consistia em um cilindro giratório por trás de uma fenda, diante da qual se colocava o olho. No tanbor, estavam inscritos desenhos esquemáticos representando



o movimento de um personagem.

É admirável que os primeiros balbúrcios de uma técnica cuja expansão devia, ao depois, atingir a perfeição que se sabe tenham sido reconhecidos e conduzidos ao nível do filme cinematográfico propriamente dito — a tal ponto que sem "desenhos animados" nenhum programa se poderá julgar completo.

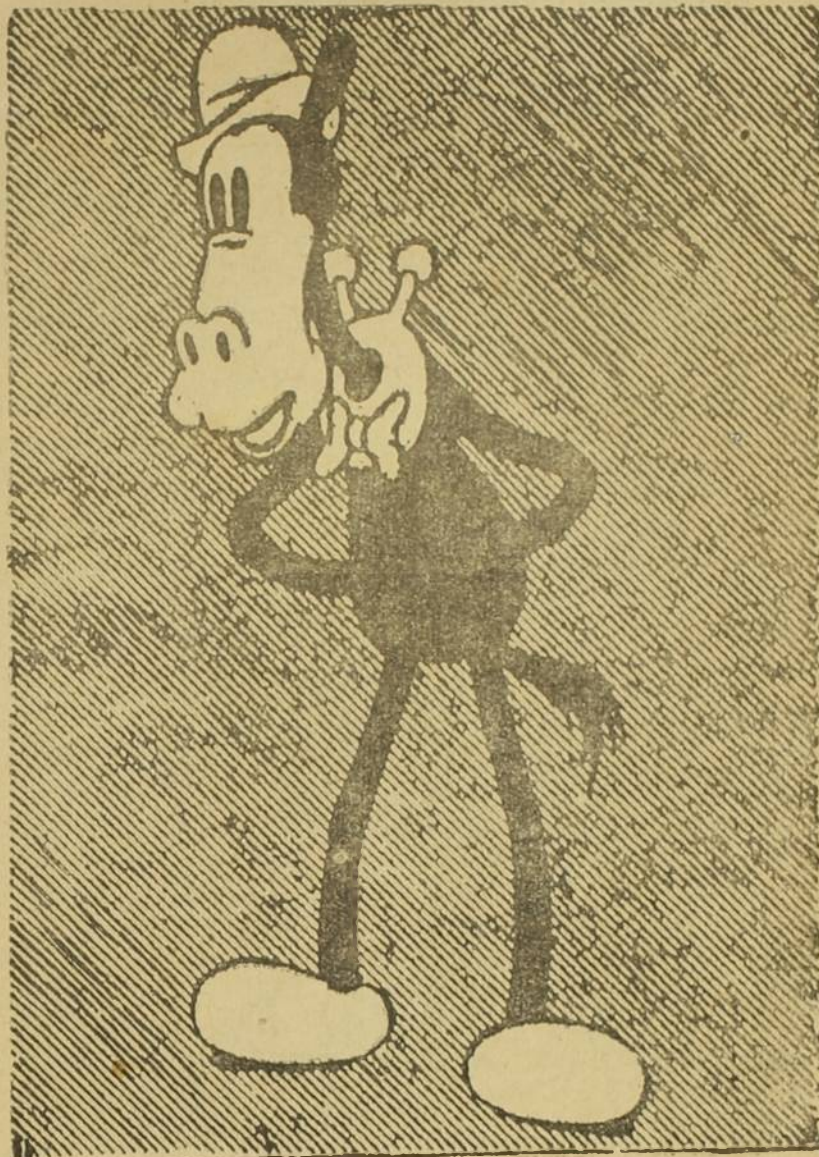
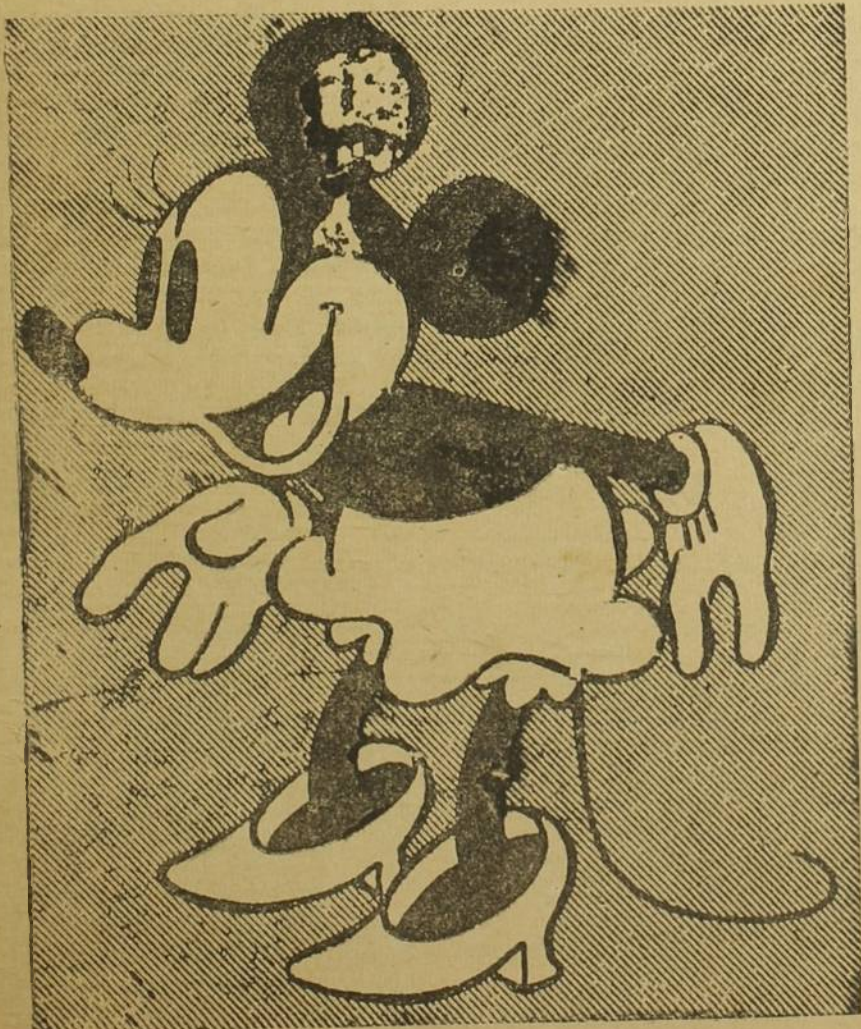
O leitor tem talvez a curiosidade de conhecer as diferentes

• Carolina Bracket •

fases por que deve passar o fabrico de uma dessas películas, criadas, peça por peça e que, com razão, se podem dizer "artificiais".

Essetuando os desenhos animados de motivos mais simples, destinados a uma publicidade rápida, a apresentação de um produto, sob forma humorística, os primeiros films deste gênero que contam "uma história", devem-se ao americano Wall Disney, criador de Mickey e das Silly Symphonies. Esses films duram cerca de dez minutos, a 24 imagens por segundo e devem comportar, por conseguinte, 15.000 desenhos diferentes. Um artista só, deveria consagrar dois anos de trabalho à sua confecção. Entretanto, os studios Disney produzem dois films de desenhos animados todos os meses. É que 50 desenhistas trabalham aí permanentemente sob a direção do artista.

Este só desenha uma imagem sobre quinze. Os desenhistas práticos encarregam-se da execução das 14 imagens intermediárias que, no filme realizado, devem assegurar a transição entre essas duas imagens-escóla. Esta geo-



metria movediça, não se faz sem um método rigoroso, tanto mais que, na espécie, é impossível repetir as senas, em vista de selecionar as melhores, como fazem os cineastas que utilizam a camera e o studio e os actores em carne e osso.

O criador de um desenho animado deve conpor a ação ao mesmo tempo que o cenário, numa série contínua de esboços, sem possibilidade de troca na "montagem". Fica, pois, entendido, que a "ação" a representar é cuidadosamente preparada sena por sena. A cada sena atribue-se um número estritamente determinado.

Deve-se, todavia, ter sempre presente a existência de uma condição suplementar, mas capital: um desenho animado, se não é realmente "falado", o que seria chocante para um cinema de fantasmas, deve ser "sonorizado". Música adequada à ação deve especialmente conpor-se para o acompanhar.

Eis-nos, pois, na presença de uma dificuldade suplementar inexistente para o filme de camera: organizar um ballet perpetuo de marionettes, cujos movimentos devem ser rigorosamente sincrónicos com a música do acompanhamento.

Para a camera, aparelhada com o registro foto-elétrico, o sincronismo em questão estabelece-se automaticamente: basta que os actores marchem, saltem ou dansem em compasso, o que constitui um dos elementos de sua arte. No desenho animado, se o "passo" de um personagem comporta, por exemplo, 36 imagens entre o instante em que o pé abandona o chão e aquele em que o pisa de novo, ele precisa igual número de compassos sobre um segundo e meio de tempo (a razão de duas imagens por segundo). O compasso da música do acompanhamento deverá cobrir, por consequência, o mesmo intervalo de tempo. E o "tempo forte", a nota inicial acentuada do referido concurso, deverá "calar" em simultaneidade rigorosa com o pé do personagem que toca o chão. Disto se segue que o desenhista deve trabalhar sobre a música, escrita compasso por compasso.

Como resolver esta dificuldade suplementar? Esquematizando primeiro as suas imagens. Uma vez disposta a série dos esquemas, de maneira a satisfazer a cadência da música e seus ritmos, então e só então, começa o desenho real. Este comporta, desde esse instante, uma série de



Imágens numeradas, cujo número não mais poderá alterar-se. O artista criador do filme sómente decide do "período" que julga conveniente determinar para as imágens originaes, deenhadas pela sua mão, entre as quais os práticos intercalarão, em número suficiente, as imágens de transição.

Pósto os esquemas no seu lugar, relativamente á música, o artista deve "vestil-os e animal-os". Suponhamos que o animador tenha apenas a deenhar assim uma imágem em dez. Aquelle de entre os práticos, encarregado de efetuar os deenhos intermediários, toma pösse dässas figuras estrêmas e sobrepõe-nas numa estante especial de vidro despolido, fortemente iluminada, de maneira a aussiliar a transpa-

rência. Esse aussiliar vê assim, com nitidez, a grandeza do "vazio" que é necessário preencher, por meio das nóvas imágens complementares, cujo deenho lhe foi colhido. Para ele é a infânsia da arte esboçar éssas nóvas imágens por meio de contornos pontilhados, cujos "pontos homologados", como se diz em geometria, serão equidistantes.

Eis, pois, aos poucos, uma sena inteiramente deenhada. Cada imágem, tratada em papel de formato grande, tem o seu número de ordem. A série dos deenhos é transmitida ao serviço de pintura e fixação de tinta. Aos "traçadores" práticos, privados de qualquer iniciativa — repetem cada deenho sobre esta folha transparente, em celuloide, da mesma dimensão que as folhas

de papel. Tanto umas como outras trazem naturalmente pontos de referencia que permitam encontrar ezatamente a sobreposição de que nasseram as imágens intermediárias. Como éssa sobreposição deverá traduzir-se finalmente numa justaposição sobre o filme, os pontos de referencia são essenciaes, sob pena de ver-se os personagens "saltar", em dezordem, no "ecran" de projeção.

Ezecutado o decálque sobre celuloide a tinta nankim, torna-se opáco todo o espáço (no verso do celuloide) com uma pintura especial que inpede a passagem de luz, conservando no anverso a nitidez do deenho.

Individualizou-se assim, de certo módo, deu-se "corpo" ao personagem. Este poderá, pois, evoluer numa decoração do fundo, a qual ficará fixada uma vez por todas, porque, imóvel, por definição, o senário não participa da ação. Esse senário poderá, aliáz, ser fixo ou movediço. O quadro de uma sena é fixo, se os personagens não se afastam de um certo ponto médio. Mas nas corridas deenhadas do Mickey Mouse é a decoração que deve mover-se, enquanto o herói corre sem se mecher do lugar, efeito que se consegue por uma aparelhagem fotografica adequada.

Feito tudo isso, trata-se de dar um teatro e todos esses milhãras de imágens. Naturalmente este teatro será também "plano" e consistirá num quadro fixo numa grande meza. A camera, em cima, é focalizada, uma vez por todas, de maneira a cobril-o ezatamente com o seu campo fotografico.

Nesse quadro, dispõe-se a decoração. Sobre a decoração, collocam-se os celuloides, que tem os personagens opácos no verso. Estes mascaram a decoração em todo o espáço que cobrem. Pódem, portanto, mover-se impunemente sobre a decoração ou ainda, a decoração deslizar sobre

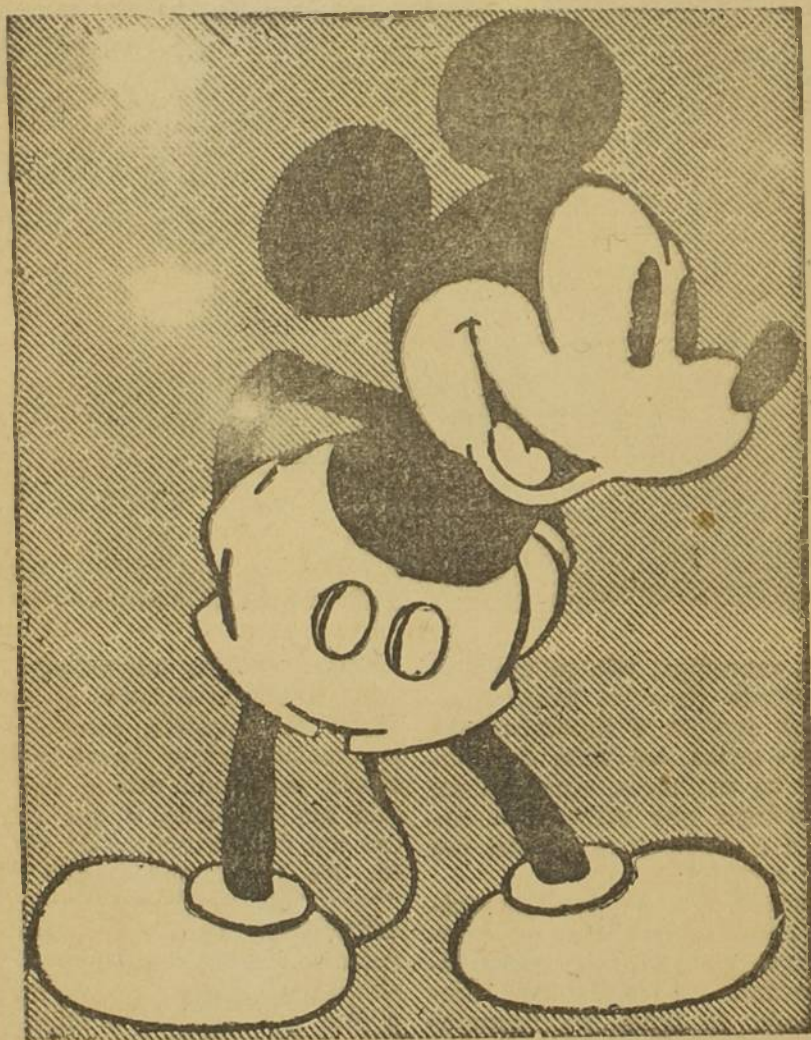


eles, sem que os "clichés" registem a menor confusão entre os dois planos. E é todo o segredo da tomada das vistas.

Os realizadores do deenho animado enpregam, aliáz, como os seus colégas do cinema "vivo", um certo número de trucs, destinados a simplificar a sua tarefa sem prejudicar a qualidade da projeção.

A velocidade da passagem das imágens filmadas (24 por segundo) deve estar sincronizada, segundo se disse, como ritmo da música. Por outro lado, os deenhos animados não conpórtam sómente um acompanhamento múzical: neles ezistem, além disso, certos ruídos (aplauzos, quedas de objéto, pássos, detonações e essepccionalmente algumas palavras pronunsiadas por um dos bonécos). Estes ruídos ezijem uma segunda fita sonóra que deve misturar-se e sincronizar-se com a fita do rejisto muzical. O reporte da ou das fitas sonóras sobre a fita vizual efetua-se num aparelho especial que faz desfilar o filme das imágens diante do olho do operador, enquanto a fita sonóra se deenrola do seu lado, diante de um detetor foto-sonóro.

Assim se conclue o filme artificial inteiramente criado pela imaginação do artista e que, cada vez mais, substituirá o "João Minhóca" para as criãnsas e mesmo para as criãnsas grandes.



## Os óleos e a indústria de fiação de lã

A industria de fiação de lã consumiu senpre grandes quantidades de óleos vejetaes, animais e minerais, quer puros, quer misturados uns com outros; mas até ha pouco não se tinha feito nenhum esforço organizado dëssa industria em matéria de óleos.

De sörte que o inquérito levado a cabo a tal respeito em divërsas rejiaões dos Estados Unidos, abrangendo uns quatro milhãos de teãres, velu revelar fãtoes interessantissimos. O objétoivo do inquerito éra averiguar quais os requizitos que devia ezatamente

satisfazer o óleo necessário a éssa industria, e passar depois aos ensaios indispensavees á criação dum produto de baicho preço que oferecesse as qualidades requeridas.

Segundo os industriaes entrevistados, tais são as características que deve apresentar um óleo "ideal" para satisfazer as ezijências da industria:

Que se sepãre fácil e completamente da lã, ao ser ésta lavada; que seja inodoro; que não faça nódoas, que seja insusceptível de combustão espontanea, e que

se emulsione rapidamente com a água fria.

Óra todas éstas características adornam o novo produto conhecido pelo nome de Essotex, óleo emulsivo criado especialmente para o cazo, em consequência do referido inquérito, e que representa dois anos de esperiências insessantes com centenas de combinações oleózas, que iam sendo applicadas num atelier de tecelagem instalado provizoriamente no laboratório da enpreza criadora desse produto.

A função que o óleo deenpe-

nha na industria de fiação de lã é a de facilitar o manejo mecânico dos fios, e evitar que estes se enbaracem. Os industriaes testeis têm uzado até agóra azeite de oliveira, óleo de banha de porco, e mistúras destes com divërsos tipos de óleos minerais; mas os rezultados nem senpre eram os mesmos.

O novo óleo é muito pouco propenso á combustão, emulsiona-se rapidamente com a água fria, é muito soluvel e custa muito pouco.



# Os diamantes, sua fascinação e sua história

(De «Walkirias»  
— Rio)

A vida econômica do mundo vai retomando pouco a pouco o ritmo normal, depois do profundo abalo provocado pela pavorosa crise que se desencadeou desde alguns meses.

Os sinais da reação vão sendo apontados pelos economistas que, como médicos à cabeceira de um cliente ilustre atacado de grave enfermidade, acompanham ansiosamente a marcha e a evolução do fenômeno. Os sintomas de convalescência são registrados pelos índices e pelo volume das transações; todas as indústrias recuperam gradualmente os níveis de 1929; as Bolsas de Títulos e mercadorias readquirem a febril atividade anterior à catástrofe; o dinheiro circula novamente, alimentando o organismo convalidado pelos anos de depressão; diminui o número de operários sem trabalho, a confiança se restabelece no coração dos homens.

Sir Ernest Oppenheimer, presidente do poderosíssimo consórcio conhecido pelo nome de "Diamond Corporation" é uma das personalidades mais habilitadas para fazer esse auspicioso prognóstico. É o rei dos diamantes,

indústria que por sua própria natureza pôde servir de termômetro do mundo econômico. E ainda recentemente, para apoiar a sua opinião, demonstrou que, nos anos de crise, a venda de pedras não passava de dois milhões de libras esterlinas; ao passo que em 1936 este comércio movimentou o enorme capital de dez milhões de libras.

Este artigo não é um estudo de economia política; nossas colunas não contemplam esplanasões desse gênero, mas as declarações do sr. Ernest Oppenheimer nos sugeriu a idéia de focalizar alguns epizódios interessantes e dramáticos relacionados com os diamantes.

A mesma estatística de que se serviu Oppenheimer mostra que o peso total dos diamantes extraídos do sólo da África do Sul se eleva a cinquenta milhões de carats e o carat corresponde, como se sabe, a cerca de 205 miligramas. Todos não têm, certamente, o mesmo valor e só os mais belos vão ter as mãos

dos joalheiros e lapidadores, para maior alegria das elegantes e dos amadores de pedras preciosas. Os outros, de qualidade inferior, são destinados à indústria, porque, é um fato pouco conhecido do público em geral que o emprego do diamante se estende cada vez mais, na indústria de precisão e rigor para a fabricação de certas peças.

Henry Ford, que é uma espécie de ditador de uma formidável organização e conjunto de usinas, já declarou que "O diamante é o mais precioso auxiliar da técnica moderna."

Esses cento e cinquenta milhões de carats extraídos das minas da África Austral e correspondendo a um peso total de 30.750 quilos proporcionam um movimento de capitais de meio milhão de libras esterlinas por ano.

Não é fantástica essa soma que em nossa moeda corresponde, ao câmbio atual, a perto de 40 milhões de contos de réis?

Mas o que não é fantástico

co quando se trata dessas pedras preciosas? A própria descoberta das terras diamantinas da África do Sul tem uma história maravilhosa como uma história da carochinha.

Por uma bela manhã de verão de 1867, um colono holandês de nome Niekerk, que possuía uma fazendola no país dos Boers foi visitar um amigo lavrador como ele. Enquanto os dois fazendeiros degastavam uma cerveja, Niekerk se divertia a ver os filhos do amigo jogar gude com umas bolas que pareciam de pedra, mas que eram tão brilhantes que o deicharam intrigado.

Não podendo conter a curiosidade pediu a um dos petizes para ser gentil com o camarada de seu pai. O menino ofereceu-lhe a mais bela de suas pedrinhas.

Niekerke naturalmente aceitou, prometendo trazer ao menino um saquinho de bonbons.

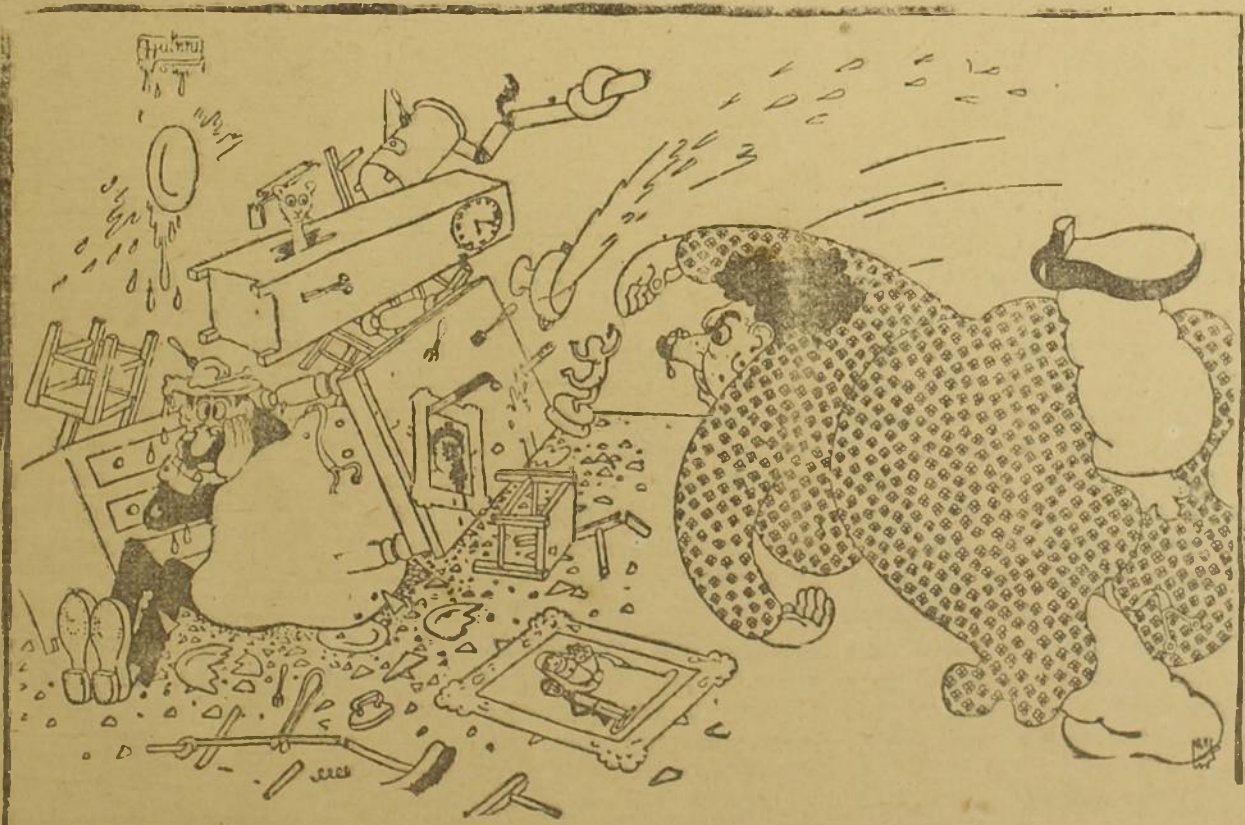
E no dia seguinte, em Capetown, foi procurar um especialista em mineralogia. O técnico ao ver a pedra não pôde conter sua admiração: tinha diante de si um diamante de alto valor: 500 libras. Quinhentas libras naquele tempo valiam dez mil hoje e a pedra foi parar nas mãos do governador Philip Widehouse depois de passar por vários intermediários.

O fazendeiro esbitado por esse golpe da fortuna entrou imediatamente em relações com os indígenas comprando-lhes todas as pedras brilhantes que encontravam e de cujo valor não tinham nenhuma idéia.

Algum tempo depois um feiticeiro cafre lhe ofereceu um "grigri" que era um maravilhoso diamante de água muito pura. Niekerk deu-lhe em troca uma junta de bois. O "gri-gri" enviado a Londres, foi vendido por vinte e cinco mil libras esterlinas a lord Dudley.

E foi assim que a jenerozidade de um menino, pronto a se desfazer de um de seus tesouros, deu nascimento a uma realza feérica.

Mas os diamantes não são sempre portadores de alegrias.



— Continúas a não querer que nos apresentemos ao concurso radiofônico dos caçais felizes?



Muitos deles são justamente célebres pelo privilégio que parecem gozar de atrair desgraças sobre seus possuidores.

Tal foi o caso do famoso diamante "Hope" que pertenceu ao "Rei Sol" e cuja história é uma sucessão de aventuras dramáticas, de assassinios e catástrofes.

O "Golconda", que péza setenta carats e que a "Diamond Corporation" comprou ao arquiduque José, trouxe também para os seus proprietários muitas desgraças.

Encontrado nas minas de Golconda, na Índia, por um mineiro pertencente a uma companhia inglesa, e cuidadosamente dissimulado, conseguiu escapar às revistas minuciosas a que os operários eram submetidos ao saírem das minas. Naturalmente, quem o tinha estraido quiz desfazer-se dele; ofereceu-o ele próprio era perigoso. Conbinou, portanto, com um amigo que não trabalhava na fiação em dividir o preço que este encontrasse pela pedra. Mas o amigo julgou muito mais vantajoso ficar com tudo para si: assassinou o camarada e se apoderou da pedra. O crime não tardou em ser descoberto e o assassino foi preso sem que, entretanto, a polícia pudesse atinar com o móvel do assassinio. Não sabendo como fazer desaparecer a pedra, o criminoso a engoliu no momento de ser preso.

As consequências não se fizeram demorar e o mau amigo sucumbiu após sofrimentos atrozes consequentes da presença desse corpo estranho no seu estômago. Em seu leito de morte, ele confessou ao médico que, por sua vez, tomado pela obsessão do diamante, calou o segredo, mas fez a autópsia do cadáver retirando a famosa pedra que vendeu imediatamente a um joalheiro inglês chamado Henry Mekoll.

Pouco depois, o "Golconda" tornou-se propriedade de uma dançarina afamada por sua beleza. A artista também não gozou muito tempo a sua preciosidade; durante uma viagem marítima desapareceu misteriosamente.

Passaram-se anos e ninguém pensava mais no "Golconda" quando, em 1868, um lord inglês recebeu em Londres a visita de um francez

de aspecto muito duvidoso que em grande segredo lhe ofereceu a pédre nefasta. O nobre, desconfiado, pediu algum tempo para refletir e avisou a polícia que fez uma busca do hotel onde se hospedava o gaulez. Mas a pedra continuava a ezerser sua ação, maléfica; os policiais encontraram apenas o cadáver do francez. Quanto à pedra, havia mais uma vez desaparecido. Até 1870 não se teve mais notícia dela. Mas, nesse ano, em Amsterdam, ela foi adquirida pela família dos Habsburgos.

Talvez não seja ezajero afirmar-se que o "Golconda" contribuiu para a tragédia da família reinante na Austria Hungria com a sua influência perniciosoza. Essa história tão cheia de incidentes dramaticos sugeriu, aliás, a um joalheiro inglês uma experiência curiosa: a de observar as reações que produzem os diamantes sobre o espirito dos freguezes. Para isso, colou fortemente um diamante de dimensões médias, mas de boa água sobre uma pequena placa de vidro que ele deixou sobre o balcão, como si tivesse esquecido.

Disfarsadamente, o joalheiro, que se chamava Coughlin, observava as reações de seus clientes á vista desta pedra. Isso durou quinze dias, ao fim dos quais M. Coughlin publicou o resultado de seu pequeno inquérito em um boletim dos joalheiros londrinos. Durante esses 15 dias trezentas pessoas vizitaram a sua loja. Desse número 53 não prestaram atenção á joia "esquecida" no balcão. 67 outras assinalaram a distração do joalheiro. Quanto ás restantes, éstas fizeram prodígios para se apoderarem subrepticiamente desse diamante que parecia lamentavelmente desprezado pelo vendedor.

A maior parte dessas pessoas eram mulhéres. Uma delas uma antiga fregueza da casa, uma grande dama cheia de "poze" que, anteriormente, mal se dignava fazer um jésto protetor de cabeça para os enpregados e para o próprio patrão, mostrou-se subitamente de uma amabilidade extrema, conversando longamente e com animação com M. Coughlin durante mais de meia hora, enquanto sob sua bolsa, negligentemente pósta sobre o diamante, a mão pro-

## Itajubá Hotel

O mais confortavel — o mais bem situado. — Ótimos apartamentos. — Esmerado serviço.

Rua Alvaro Alvim, 23 — Telef. 22-9990 — Telegrs: Itáhotel (CINELANDIA)

### BAR ITAJUBA (no Itajubá Hotel)

Aperitivos, cervejas, "cook-tail", refrescos, "wiskes", etc. Ótimo serviço. — Aberto até ás 22 horas.

curava destacar a pedra da placa de vidro!

Essa fassinação ezersida pelas pédras preciosas explica até certo ponto uma aventura bastante estranha que se desenrolou em Jenebra. Uma senhora habitante dessa cidade perdeu um bróche de diamantes ao qual votava grande estima, tanto por seu valor intrínseco, quanto porque era uma jóia de família que se transmitia de mãe a filha. Os jornais publicaram um anúncio prometendo forte recompensa a quem o achasse e o restituísse á dona.

Foi em vão. Ninguém respondeu ao apelo. A senhora fez inserir um segundo anúncio, uma verdadeira súplica, no qual explicava a razão de sua insistência. Mas, como o primeiro, este segundo anúncio não teve êxito. Passaram-se anos. A senhora perdera já todas as esperanças quando, ultimamente, a polícia central de Jenebra recebeu uma encomenda acompanhada de uma carta anônima; a encomenda continha o bróche e a carta dizia isto:

"Encontrei ésta jóia em um restaurante; a beleza das pédras, a finura do encaiche de tal forma me seduziram que eu quiz guardá-la por algum tempo antes de remetel-a á polícia. Sabia que fazia muito mal, mas não podia decidir-me a me separar do bróche, não obstante o patético apelo da dona que li nos jornais e que recortei afim de ter o endereço dessa senhora. Uzei raras vezes ésta joia, mas, cada vez que o fiz, senti um prazer sem limites, mas também um remorso punjente sem cortar o receio de que alguém a reconhecesse e me mandasse prender. Esta luta entre a consiência e o amor á jóia durou doze anos. No presente vensendo a primeira, envio o broche para que seja remetido á sua verdadeira proprietária.

Si as pessoas habituadas,

desde a infância, a recalcar seus maus desejos se decham corronper pela majia sintilante dos diamantes, compreende-se sem dificuldade que paichãos éla póde acender na alma dos criminosos. A caça que eles enpreendem para se apoderar desse butin incomparável coméça na Africa do Sul.

E' claro que os mineiros que trabalham para arrancal-a da terra são os primeiros a sofrer a tentação e, ainda que sejam submetidos a uma revista minucioza, em que os raios X prestam o seu concurso para revelar esconderijos inverozimeis que eles inventam, conseguem, muitas vezes, carregar algumas pédras que se apréssam a vender a um acoitador. Assim procedendo, esses desgraçados arriscam-se a duros castigos, porque a venda de diamantes que não foram declarados no "Diamond Registry" é punida com trabalhos forçados. Todos sabem disso, como sabem que eziste também uma polícia especial unica m e n t e ocupada em investigar e denunsiar os fraudadores. Mas nada os detém e o tráfico clandestino dos diamantes prosegue ativamente na Africa do Sul.

A maior parte desses mineiros e acoitadores aje por instinto de lucro; mas encontram-se os que teem uma verdadeira paichão pelas pédras preciosas e que como muitos colecionadores, não recuam diante de nenhuma astúcia para conseguir e conservar o diamante cobiçado. Nesses casos, a polícia póde não sair triunfante, como aconteceu quando teve de lutar contra o rei dos acoitadores, conhecido sob o nome de "Old Mac".

As autoridades o tinham ha muito sob as vistas, duvidando que seu comérso de alimентация em jeral não se

(Conclue na paj. 68)



# O que não se disse da morte de Hauptmann

## ESTAVA "MORTO" QUANDO O EZECUTARAM

(Nota do editor: Só agora, foi-nos dado publicar um precioso depoimento, concernente aos dias que levou de cêla, Bruno Richard Hauptmann, na prisão do Estado de New Jersey.

Este relato intensamente dramático, que até hoje havia sido

zelosamente vedado á publicidade pelas autoridades da prisão, deve-se ao carcereiro que teve a seu cargo o raptor do filho-Lindbergh, e compreende desde o dia em que o réu ocupou o ergástulo, até á noite em que transpoz os humbrais da "pequena porta verde").



(De "Mexico Al Dio" — Mexico)

**E**STIVE vizinho á cêla de Bruno Richard Hauptmann do dia que este chegou, até á noite em que foi conduzido para a cadeira elétrica.

Separados sómente pelos varões de ferro de sua cêla, levava noite mais noites a jogar naipes com Bruno, e a discutir com ele os seus temas favoritos: a guerra, a vida do além, a dieta vegetariana, a eletricidade, sua esposa, seu filhinho...

Os carcereiros chamavam-no "Haupt" e eu sentia por ele, particularmente simpatias. Creio que cheguei a conhecê-lo a fundo.

Por ezeemplo, soube que acolhia com maior agrado, as visitas de seu advogado, ás de sua esposa. Coizas de fóro interno.

Sabia que Hauptmann estava absolutamente convicto, de que não seria ezeecutado, especialmente depois que o Governador Hoffman, do Estado de New Jersey, lhe fez aquêla famôza visita secreta.

Sabia, também, qual era seu fraco — quem se compadecesse dele... Ah! neste sentido, Hauptmann, foi a pessoa mais esquizita que pude observar.

Comovia-se ás lágrimas, que se diga, jorravam abundantemente, no momento que lhe apresentasse a nóta de seu pézar, por vello, naquêla situação, ainda sem culpa formada. E no entanto, via, impassível, marchar para a cadeira elétrica a outros sentenciados, sem dar a mínima demonstração de terror ou piedade.

O que naquele tenpo diziam os periódicos, de que Bruno se afetava grandemente com a passagem de outros réus para a cadeira elétrica, é absolutamente falso.

Hauptmann, de sua cêla, via-os passar, com a mesma calma apresentada por um de nós, ao contemplanar um desfile militar.

Com estes antecedentes, cria que ele mantivesse a mesma serenidade, quando tocasse a sua vez de ser também electrocutado.

Mas Hauptmann foi um homem de surpresas até a hora final, e a mim me surpreendeu tanto como surpreendeu a todo mundo.

Mas comecemos por ordem cronológica. . .

Na primeira noite que Hauptmann foi ocupar a cêla grande era o meu desejo de voltar a meu posto.

Tinha vivo interesse de ver este homem de péto.

Depois que me fecharam por fóra, como é de ritual, despojei-me de meu sacco (a petição dos réus senpre se mantem na seção dos sentenciados á morte sob uma temperatura de 85 a 90° F.), tomei o telefone do meu posto de vigiância e dei o infôrme de "sem novidade" ao chefe da prisão.

A seguir, dirigi-me á cêla n. 9, cujo interior meu olhar foi devassando logo.

Realmente lá estava sentado a um banquinho, todo acurvado afim de iluminar-se pela luz do corredor, aquele cuja fotografia havia já visto tantas e tantas vezes em todos os periódicos; o homem que havia se recusado a falar na sua legitima defeza, malgrado vózes que lhe chegavam ora de súplica, ora de ameaça, no sentido de se conseguir dele, a explicação da grande tragédia, que o mundo, comovidamente, ezijia.

"Bóia noite, Hauptmann", disse-lhe ao apossimar-me.

"Eu sou guarda-noturno aqui, de sorte que é de estarmos senpre juntos. Em que lhe pudér ser útil, disponha".

Jeralmente, senpre que me apresento a um novo recluso, o que recebo em contestação são maldições, imprecações e simplesmente um jêsto de indiferença.

Senpre necessito vários dias para fazer as pázes com eles.

Todavia não foi, assim, no caso de Hauptmann.

"Muito obrigado", respondeu-me com sua vóz fina, quazi agüda.

"Não necessito de muito, queria, porém, que me fizesse o favor de dizer ao coronel Kimberling (o chefe da prisão) que eu gostaria muito de ter aqui, alguns retratos de meu filhinho".

Surpreendeu-me tanto o seu sentimentalismo, que fiquei sem saber consiliar o rumoroso caso Hauptmann.

Desde esse dia fiquei lhe levando maçãs.

Isso e uvas frescas eram as únicas coizas que comprava com o dinheiro que lhe chegava pelo correio.

Senpre me pedia a ler livros da biblioteca da prisão.

Costumavam ser livros de religião, e o que póde parecer estranho, livros sobre eletricidade e psicologia. Em uma ocasião Charles Zeid, sentenciado á morte por haver assassinado um policial em Camdem, e que ocupava a cêla número 1, gritou-lhe:

"Não sejas bôbo Haupt. Ler livros sobre eletricidade não te vai valer coiza alguma, para te salvar da cadeira elétrica".

Hauptmann nunca contestava invetivas desta natureza.

Ainda que Hauptmann se julgasse superior aos outros réus, senpre estava pronto a ouvir-lhes suas recriminações, nunca se arvorando de juiz nas loucas discussões, que a gritos, os outros travavam de suas cêlas.

Hauptmann não era muito inclinado a rir-se, contudo, lá havia um réu que parecia divertí-lo muito.

Era este, William Brown, um negro sentenciado á pena capital, por assassinato.

Brown, um operário analfabeto, estava dedicando seus últimos dias, conforme espressão dele a "reparar" a Bíblia que qualificava como "um bom livro posto que fosse muito lacônico".

Hauptmann prestava toda atensão ao escutar este comentário.

Brown era o mais intrigante de todos, mas considerava Hauptmann como arbitro infalível.

Para ele as decizaões do alemão eram inapeláveis.

Cêrta noite, Brown sustentou uma violenta discussão com Red McNamara (um assassino de Newark) sobre qual era o melhor dicionário inglez.

Brown garantia que o melhor era o de Funk & Wagnell, e McNamara, dizia o de Webster.

A discussão culminou quando Brown, metendo por entre as grâdes os musculôzos braços que possuía, gritou:

"Deichem-me quebrar-lhe a cabeça para convensel-o!"

Nêsta altura intervem Hauptmann, dizendo que o melhor dicionário era o de Webster em virtude de ser o mais antigo.

Brown apaziguou-se como que por encanto.

\*\*\*

De outra feita, entre os reclusos armou-se tremenda algaravia sobre quem havia ganho o campeonato de futebol profissional de 1934.

O ponto controvertido foi resolvido no dia seguinte por Lloyd Fisher, o advogado defensor de Hauptmann.

A propósito, Fisher foi o defensor mais popular que já visitou a secção destinada aos sentenciados á morte.

Hauptmann envaidecia-se de seu defensor, e a tutêla de Fisher, dava-lhe de cêrto modo, prestijio entre os reclusos.

Já fazia quazi um mez depois da prisão de Bruno. O calendário assinalou com tarja negra o fatídico 12 de Marso de 1935. Seria o primeiro dia de ezeecução com a prezença de Hauptmann.

(Conclue na paj. 66)



# Consultório da Língua Brasileira

Cons. nº 10 — Pédro de Oliveira Dias — Rua Humaytá, Rio de Janeiro. — A régra de ter o S entre vogais o som de Z não deicha dúvidas. Todas as vezes que isso acontecer predomina o som de Z, como senpre se lê em escritos antigos. Que tem a opôr?

Respôsta: — Si non é vero

A indica privação A é também prefixo em lugar de ab... Etc.

Alguns ezenplos para lhe entontecer:

Aseio, por ensejo;

Aséllos, os burros, duas estrélas da constelação do Câncer, do latim asseli;

Aselvajado, por asselvajado; Aserrilhado, por asserrilhado;

Aserto, por acêrto;

Aseidade, que ainda se escreve;

Asinte, por assinte, transformado depois em acinte e accinte, o que demonstra a balbúdia trazida com o tempo à ortografia;

Asoberbar, por assoberbar;

Asollocção, por absolvição;

Aolver, por absolver;

Asir, asito, prender, prezo, apanhar, apanhado, etc., de ad situs, latino, edificado, fundado, etc.

E vale por alguns prefixos: Escredado, por desherdado;

Esetera, por et coetera.

O nos dá aquêl ezenplo de Moraes: — osiçom, de ussir, francez, saída da lua, que ele confundiu com opozição da lua com o sól.

Como está o amigo a ver, nem senpre s teve som de z entre vogais e não ha ainda por onde correr nestes cazos vélhos:

Asuar, por assunar-se;

Asudada, por açudada;

Asunada, por assuada.

E agóra veja como o ortografia vélha é caprichoza:

Asymetria;

Asymptota;

Asyndeton, etc.

A admissão, pelos reformadores, de Ç e de SS, sim, creou a régra de que o amigo se sêrve, mas o S sem o som de Z entre vogais, pelas pró-

## ANTONIO ALBUQUERQUE

PH de "ostentação etymologica".

prias régras da vélha ortografia, ainda está em fóco: Basta que se enpregue A ou E como indicativos de privação e a palavra seguinte comece por S seguido de vogal. E mais, como dantes, que se trate de uma locução adverbial: — asolta, por á solta, etc.

Paremos aqui. Os outros cazos ficam para outra vez.

\*\*\*

Cons. nº 11 — A. A. V. — Vitória (Espírito Santo). — Devo escrever DERVICHE ou DERVIXE?

Respôsta: — Jeralmente se lê derviche, mas em obras portuguezas do século passado para cá. O termo vem do Pérsa antigo, DARUIS, que deu DARVIS, Dervis. naturalmente por que éra de uzo substituir-se U por V na escrita. Mais tarde apareceu Derviz. Certas línguas europeas tomaram o termo do Pérsa popular, daruiche, darviche, e assim apareceu, internacionalmente, isto é, nas grandes línguas europeas, DERVICHE, e em outras DERVICH, DERVICK Dervik.

A predominância é do CH e não de X, porém o certo é Derviz.

\*\*\*

Cons. nº 12 — Augusta — (Rio de Janeiro). — Poderei escrever certo OSPEDE, OSPEDAR, OSPEDAJEM?

Respôsta: — D Augusta nossas homenajens V. Es parece que fez a pergunta por brinquedo, mas...

Antigamente se escrevia OSPEDE, OSPEDAR e OSPITAÇOM. O Portuguez, como se vê, preferiu, em muitos cazos, a Fonética. A Etimolójia, porém, foi buscar os étimos e encontrou hospes, hospitis, donde hóspede e toda a família, senão ainda HOSTALAJEM, que deu estalajem, HOSPITAL, etc.

Todas as refórmas ortográficas tendem a conservar o H inicial sem discussão nem análise de propriedade ou inpropriedade. Outras querem

só se conserve H satisfeitas certas condições. No cazo, HOSPEDE, HOSPEDAR, HOSPEDAJEM.

\*\*\*

Cons. nº 13 — P. H. Ramalho. — S. Salvador (Baía). — Aqui se uza um termo que não parece ser ANTIGUIDADE, pois é ETIGUIDADE. Enprega-se mesmo em relação a moços moribundos. Será o fato da pessoa ficar ÉTICA?

Respôsta: — Muito bem, senhor Ramalho.

Etiguidade foi o termo primitivo, popular e mesmo clássico, depois mudado para HECTICA, febre dos tísicos, que aliaz não significava a mesma coiza, pois ETIGUIDADE dava idéa de paralização da ação nefasta da tísica ou mesmo de demora de sua ação. E nesse sentido se enpregou depois HÉTICA, sem mais a pronúncia do C depois de E. Vem do grego HEKTIKOS, habitual.

ÉTICA é coiza diferente de HÉTICA. Tenha cuidado quando escrever.

\*\*\*

Cons. nº 14 — G. H. P. — (Rio de Janeiro). — Meu professor obriga-nos a escrever PARAGRAPHO, dizendo ser esta palavra a única sobrevivente das que apresentam PH valendo F. Para ele, foi a única assim senpre escrita. Poderei escrever com F?

Respôsta: — Escreva com F e diga-lhe que sem PH éra o antigo. A evolução da palavra e de sua grafia:

Párafo (Repare a acentuação);

Parágrapho;

Parágrafo, do grego pará, além, graphô, escrevo.

Como vê, a ortografia que hoje chamamos vélha, cadúca, confuza, só serviu para dificultar. Substitua senpre ph por f e mande o résto ao Velho Moraes que já chamava o

Cons. nº 15 — P. S. V. — (Rio de Janeiro). — Em assuntos judiciais, ha colégas que enpregam EDICTOS e outros ÉDITOS e alguns que pronunsiam EDITOS e não falam em EDITAIS.

Respôsta: — Edicto vem do Latim, edictum, de edicere, ordenar, mandar. Edito, do Latim, editum, de édere, publicar. Como vê, édito é diferente de edicto. Um é ordenar citações por meio de pregãos, etc., e outro é publicar ou dar publicidade por meio de pregãos. Nisso tudo, o que parece demais é o C. Para se o suprimir, uzou-se EDITTO, e depois EDITO, e, como não havia meio de se evitar a confusão, si édito, ou si edito, EDITAL é o edito afixado em lugar público.

Queira enpregar senpre EDITAL. Os termos édito e edito passaram ao rôl dos arcaísmos.

\*\*\*

Cons. nº 16 — D. Maria Côrtes. — (Rio de Janeiro). — Póssso escrever EZANGUE? Está certo?

Respôsta: — O termo primitivo foi exsangue de ex e sanguis, Latinos, privado de sangue, esvaído em sangue. Em muitos escritos antigos aparece esangue ao lado de ezangue, mas se está vendo: em ESANGUE, os mesmos ex e sanguis;

em EZANGUE, a mudansa do S em Z por estar S entre vogais.

A pronúncia primitiva éra écs-sangue. Depois éis-sangue, que se tornou em ê-sangue, esangue. A ortografia vélha correpeu tudo, donde aparecer ézangue nas grafias modernas, substituídos os primitivos XS por Z que não reproduz os sons CS-S. Em línguas que enpregam o termo, XS são conservados, ou, quando não, apenas X. O som de XS por Z foi dado pelos poetas, pois todos se achavam no direito de modificarem as palavras, fazendo-as obedientes á Métrica.





# Astrologia Científica

• Léo Farrington •

Consulta Astrológica  
(Gratuita)

“PAN”

Rua Leandro Martins, 88 — Rio

Sendo a Astrologia uma fonte segura de revelação dos destinos humanos, PAN, no interesse de restabelecer a sua antiga sessão **Astrologia Científica**, e de satisfazer necessidades de seus numerosos leitores nesta época de grandes esperanças no futuro, resolveu contratar o grande astrólogo internacional LEO FARRINGTON, na certeza de serem compensados os esforços feitos para esse fim.

Todos sabemos que o destino de cada pessoa é

complexo, não podendo, por isso mesmo, ser dito como na maioria dos casos se péde. A precisão e a rapidez dos cálculos dependem da maior ajuda de quem consulta. Destarte o leitor ganhará em satisfação (e nosso astrólogo em tempo), si, dizendo quais as trez coisas que mais lhe interessam saber, indicar hora, dia, mez, ano e lugar do nascimento, os nomes iniciais que usou e que usa, estado civil, profissão, posição, aspirações, desejos, esperanças.

LEO FARRINGTON péde que escrevam francamente, mas indiquem um pseudônimo para as respostas, que serão dadas por estas colunas, e também os endereços (rua, número, cidade, Estado), certos de que não ha dois destinos iguais numa roda de 26.000 anos, mesmo nascendo duas pessoas ao mesmo tempo uma juntho da outra. Assim, a começar do n.º 170 de nossa revista, LEO FARRINGTON terá muita satisfação em responder gratuitamente às consul-

tas dos leitores de PAN que viérem acompanhadas do cupon que se encontra nesta página, mas absolutamente não atenderá pelo telefone nem dará consultas particulares. Assim, os que pretenderem qualquer detalhe ou explicação maior sobre o que for publicado deverão se dirigir diretamente à Redação de PAN, rua Leandro Martins 88, Rio de Janeiro, juntando ao pedido 10\$000 em selos postais, ou, no caso de horoscópos completos, 100\$000 em vale postal ou chéque bancário.

Nº 1 — MARIANA. — Na hora de seu nascimento, Marte, em queda, lhe precipitava o destino nos braços de um militar, o que deverá acontecer precisamente em 1942. Está bem péto, pois V. tem apenas 16 anos. Em 1965, V. terá uma alegria tão grande... Será avó. Seu segundo desejo, quando for realizado, não lhe interessará mais. Quanto ao terceiro, não vejo por onde nem como. O fato é que seu destino é muito melhor do que V. supõe.

Nº 2 — AUGUSTUS. — O sr. será sempre o que é e tem sido si não compreender a necessidade de pautar sua vida como a de um homem de valor. Creia que a popularidade não está nas relações que o sr. interessadamente procura. Isso é para os politiquinhos de outros tempos. Busque-a na vida literária. O sr. tem talento e poderá chegar a ser um grande escritor. O seu primeiro desejo, na hora H, será desfeito. Quanto ao segundo, — abandone o jogo. E, relativamente ao terceiro, não se precipite: — A quem Deus promete, não falta.

Nº 3 — FAZENDEIRO. — O sr. ocultou mas os astros dizem que a sua vida tem sido de grandes lutas inconpreendidas, isto é, que o sr. tem pensado e mesmo tentado o suicídio. A culpa de seus desastres tem sido simplesmente sua, pois os atribue infantilmente a “espíritos perseguidores”. Cultive o seu, isto é, a sua inteligência, e veja que é mais forte do que todas as almas dos mortos reunidas. Antes de tudo, muna-se de coragem e enfrente a vida como a vida é, sem fantasias. Quanto ao primeiro desejo, — procure apossimar-se de um homem de valor, conseguir-lhe a confiança, que ele lhe proporcionará todos os meios de vitória. Quanto ao segundo, o sr. mesmo o destruirá. E, quanto ao terceiro, em qualquer dia de julho de 1939.

Nº 4 — PIÓLHO. — Suas datas fatais? 1910 (nascimento). 1939 (agarramento). 1965 (descanso forçado). Depois, negócios, negocismos e negociatas até 1973, quando seu nome aparecerá no meio de um grande escândalo. Em 1974, uma cauza fortuita virá em seu auxílio, mas a molés-

tia começará a minar seu organismo. Quanto aos desejos, respondo. O primeiro, — falso. O segundo, — impossível. O terceiro, — não revele a ninguém e deiche-o aparecer como surpresa para não provocar ódios e protéstos.

Nº 5 — PROFESSORA. — Seu garoto péde ser aparentemente muito forte, mas o primeiro filho é a ilusão dos páis. Leve-o a um especialista em moléstias de velhos, e terá a certeza do que lhe disse o outro de que falou em sua carta. Si o seu primeiro desejo é parar no Didi, faça o possível de arranjar mais dois ou trez, para não ser muito surpreendida pelo destino. Quanto ao segundo desejo, quanto mais filhos, melhor. E, sobre o terceiro só se realizará depois que for avó.

Nº 6 — MENINÓTA. — Apesar de sua idade, ainda é cazavel. Isso não é para lhe ser agradável. Não fiz rima intensionalmente. Deiche de ser irritada e irritavel e verá o efeito. Só assim realizará seus desejos. Quanto ao primeiro. Um amor ainda não descoberto por si interessa-se

em compartilhar de seu destino. Segundo. Escreva com sua própria letra e será atendida. Terceiro. Nem pense. Esqueça-se disso.

Nº 7 — MERCÚRIO. — Isso de pédra ne acordo com o dia da semana do nascimento anda muito explorado. Os antigos estabeleciam relações entre os sete planetas, os sete dias, as sete cores, as sete lâminas e os sete metais. Nesse caso, ou melhor, no seu caso, a pédra será amarelá, topázio, e o metal ouro, que é amareló, devendo o sr. cultivar sobretudo a Gramática, para ter sorte. O assunto é muito delicado e não pode ser exposto em poucas linhas. Leia o que péde PAN nos casos de respostas desenvolvidas. Os seus desejos? Primeiro: — Música, muita música, especialmente violino, mesmo que seja necessário comprar uma vitrola. Eis um grande remédio para os nervozos, com licença dos médicos. Até em Ruão, na França, ha hospitais e azilos cuja principal medicina para os nervozos é a música. Segundo: — Brevemente o sr. receberá a res-



## PAN — Espressão do pensamento mundial

pósta... negativa. Terceiro:  
— Não perca seu dinheiro.

Nº 8 — BRANCA DE NÊVE.  
— Seu príncipe encantado não voltará à florésta. Os fados lhe são, como a ele, contrários. O outro, de carne e osso, mais á sua mão, é um partido para quem não quer esperar. Seu destino é arrepender-se do primeiro casamento quando um amor oculto lhe consumir os dias. Viúva, despozará esse que ainda não conhece. Segundo desejo: — Terá muitos. Terceiro: — A felicidade, a sua, não será o dinheiro, mas a saúde.

Nº 9 — PAI ADÃO. — Seu desmedido egoísmo basta para inutilizar seus desejos, tanto mais quanto estes vão sempre além do possível. É o mal das pessoas desobedientes aos ditames da razão ou assaltadas pela prezunção de superioridade que as torna desventuradas. Agóra abro umas páginas do livro de sua vida, páginas de amóstra apenas. O sr. esquiva-se da sociedade e encharca-se de vícios com o rebutalho mais corruto da cidade. É nesse meio que o sr. tem vivido ultimamente e nele o sr. encontrará, como já tem encontrado, oportunidades para se tornar o que muitas vezes certas pessoas lhe tem dito. Como póde ser assassino, póde também ser prezo como tal, mesmo não sendo, e cunprir um bem para o sr., tornar-se á numa grande desgraça, pois, apurada a sua inocensia, o sr. procurará recuperar o tempo de auzensia e será um homem perdido. Agóra o sr. se gloria de sua forsa física, mas lenbre-se de que a fatalidade é muito mais forte do que éla. Seus desejos não se realizarão. A polícia já lhe corteja. Éla sabe os segredos de sua vida desregrada. Seu destino, porém, é dos raros trazidos ao campo horoscópico. É ubieuo. O sr. poderá transformal-o completamente para o bom e e para o bem. Raros homens podem ter igual. Agóra o lado diferente. Recolha-se já e já antes de perder-se na vorajem que as surpresas poderão lhe trazer. Fuja do meio em que vive. Varra-o de sua lenbransa e volte ao que o sr. foi antes de chegar ao Rio. Volte mes-

mo á sua térra. Rejenére-se como si fora um santo. Trabalhe como si fosse um trabalhador. Tudo lhe sorrirá e o sr. terá vida feliz e invejável. Seu destino está em suas mãos.

Nº 10 — CIGARRA. — Conhece a fábula da cigarra e da formiga? Pois bem. Sua vida é como a da formiga, trabalhando, e não como a da cigarra, cantando. O teatro não lhe fará estrela, nem mesmo o rádio. Sua carreira está garantida no Comérsio. Brevemente, sócia. Por fim, espóza de um dos sócios. Não procure adeantar os acontecimentos. Seus desejos serão totalmente realizados no período de trez anos, isto é, no máximo até 1942, um de cada vez.

Nº 11 — CABOCLO. — Seu nascimento foi em dia feliz, mas sua sorte é assim-assim. Nem grande, nem pequena. Seu primeiro desejo será satisfeito, — brevemente, dentro de trez mêzes. O segundo: — é muito difícil alcançar o ponto que V. aspira. Console-se em atinjr mais da metade do que pensa alcançar. Quanto ao terceiro: — Tudo concorre para lhe dar a posse do bem que lhe está tentando, mas esse bem que será toda sua felicidade, lhe obrigará a duas grandes viagens, anbas sem fruto apreciável, sendo uma para o estrangeiro. O sr. morrerá velho, ou de velho, talvez com mais de noventa anos, ou melhor, na mesma idade de seu avô matérno.

Nº 12 — MORTEIRO. — Sua vida é muito sínples, ou não oferece grandes particularidades: — trabalhar pouco, comer muito, divertir-se mais, adoecer gravemente no fim da vida e "bater a bôta" sem estar doente. Fóra disso, uma pequena sorte na loteria no ano de 1945.

Nº 13 — GAZETEIRO. — O ano de 1939 é governado por Júpiter. O de 1940, por Mar-

te. Em 1939 está em fóco o Poder. Ha um grande personajem que domina, realizando uma obra que é mais um direito do que um dever. Ha outro que conbate para assegurar essa realização. Esses dois homens representam o poder humano em todos os sentidos e a expansão desse poder como uma alavanca que sacóde os espiritos, obrigando-os a negarem, afirmarem, discutirem, rezolverem, o que lhes dá mais apoio das massas e mais estabilidade no governo. O de 1940 diz que haverá uma nação como se fossem doze nações, ou que 12 nações dominarão o mundo pelo espírito e não pela matéria por que hoje lutam.

Em 1939, o Brazil está em elevação. Os estremismos da direita e da esquerda, dezarticulados, jiram para baicho, isto é, apodrecem por inanbientados. Em 1940, a vida brasileira passará por uma grande fébre de prosperidade. Éssa transformação será brilhante e tudo dá a crer que éssa elevação será muito maior do que se espéra. 1939 é o das quatro fórmulas da esfinge: — o leão, o touro, a águia e o homem. 1940, o das combinações. Devo declarar que sómente por desfástio respondi a ésta pergunta e que todas as demais sobre assuntos internacionais, nacionais, etc., irão para a Sapucaia.

Nº 14 — PORTUGUEZA. — Suas informações não bastam, entretanto, para não lhe deichar com "água no bico", quero aconselhar-lhe aqui mesmo. Não pense na morte da Simoa. Na boa terra, Simoa morrendo, fica tudo á tóa, é fato. Você, si pode ir para lá, não perca tempo. Isso eu digo sem haver montado o seu horóscopo. Astrologia Sientífica nada tem com espiritos nem caboclos da linha de Ubanda e semelhantes.

LEIA

DETETIVE

A Revista das  
EMOÇÕES

## LIVROS

novos e usados pelos  
melhores preços  
da praça — só na

Livraria  
Central

Rua Buenos Aires, 156

Telefone 23-6398

Aceita encomendas do interior. Compra qualquer quantidade de livros usados, devendo os moradores do interior remeter a esta Livraria uma relação dos livros que deseja vender descreminando o título e o estado das obras. Em se tratando de bibliotécas, esta casa fará por intermédio de um seu comprador uma vizita sem compromisso ao pretendente da venda da referida bibliotéca.

Livraria  
Central

Rua Buenos Aires, 156

Telefone 23-6398

RIO DE JANEIRO



# PÁGINA DE "EDIPO"

a cargo de MEGARE'O FILHO

Telefone para informações: 43.33.44

DICIONARIOS: — Do charadista de A. M. de Souza, Simões da Fonseca, sin. e Mitologia de Bandeira, J. Seguiet, Fonseca e Roquette, Vocabulário de Caminha, e Fabula de Chompré. — PARA ENIGMAS DEZENHADOS: — Rifoneiro Português, de P. Chaves e Adagios de A. Delicado. — PARA PALAVRAS CRUZADAS: — Todos e mais Silva Bastos.

## Charadas • Palavras Cruzadas

### QUARTO TORNEIO

#### NOVISSIMAS

71

O orifício aqui deichado, assim espi-  
cavas, éra uma lenbransa desta Fésta Ro-  
mana. — 2-2.  
S. S. Paraizo

72

Cá estou ainda, meu amor, á espéra de  
um simples bilhete teu! — 1-1.  
Rio

73

A orijem do negro só quem póde es-  
plicar é o médico prinsipal. — 2-2.  
Baía

#### CASAIS

74

Devido a minha constância á igreja,  
recebi uma dádiva do reverendo. — 2.  
Baía

75

Toda conversa inportuna é dezagrajá-  
vel. — 2.  
Rio

76

Esta página contém opinião de um en-  
tendido. — 2.  
Baía

#### SINCOPADAS

77

Para este avarento só interessa o lucro  
caviloso. — 3-2.  
Geermoabo

78

Lógo persebe o sagaz o valor da moé-  
da.  
Tabapuan

79

Por cauza desta doensa tenho que ficar  
na cama. — 3-2.  
Queimadas (Baía)

#### MEFISTOFELICAS

80

Paíra ainda no meio da multidão o gri-  
to que deu o infeliz ao ver o pescoço do  
filho suspenso no ar. — 2-2 (3)  
Baía

## "CHAVES" de Problemas n. 5

Publicado em nosso número 169

#### HORIZONTALAIS

- 1—Confinar um paiz com ou-  
tro.
- 7—Ave canora.
- 13—Jeito no manejar da en-  
chada.
- 14—A'rvore da ilha de S. To-  
mé.
- 15—A'rvore de Angola.
- 17—Plantã liliacea.
- 19—Inda.
- 20—Templo japonéz.
- 22—Palmeira do Brazil.
- 23—Moéda de dez réis.
- 25—Com.
- 27—Prinsipio.
- 28—Severo, cruel (inv.).
- 30—Enbarcação.
- 31—Pau do chifre.
- 32—Membro de um seita india-  
na.
- 33—Cidade da Italia.
- 34—Pão.
- 35—Medida itinerária do São  
(inv.).
- 37—Que não é apto (inv.).
- 38—A'rvore da A'zia e Africa.
- 39—Rio de Mocambique (inv.).
- 40—Medida japoneza igual a  
dois decilítros.
- 41—Que teem as côres do iris.
- 42—Assonbro, surpresa.
- 43—Preposição latina.
- 44—Cacique (inv.).
- 46—Inutil.
- 48—Jogo.
- 49—Difícil.

- 52—Fechadura.
- 53—Outra coiza.
- 54—O résto.
- 55—Rio do Perú.
- 56—Nome dos mãos jenios do  
Império de Ariman (inv.).
- 57—Antes de Cristo.
- 58—Cidade da Africa.
- 59—Remóto.
- 60—Adulação.
- 63—A espadua dos animais
- 64—Tribu árabe.
- 65—Fórma.
- 66—Hérva medicinal.
- 67—Tua pessoa (inv.).
- 68—Poéta que cultivou a poe-  
zia lírica do século XI ao XIV  
(inv.).
- 73—Afivelar.
- 76—Despedida que não delcha  
saudades.
- 77—Conjunto das ródas de um  
relójo.
- 78—Inquietação.
- 79—Chapéu muito fino.

#### VERTICAIS

- 1—P e q u e n o estabeleci-  
mento agrícola.
- 2—Deus dos jermãos.
- 3—Título honorífico na Índia.
- 4—Esposa do deus Vichnú.
- 5—Cidade da França.
- 7—Planta herbacea da fami-  
lia das melastomaceas.

- 8—Planta medicinal da ilha  
de São Tomé.
- 9—Rio da Africa.
- 10—Marca de automóvel.
- 11—Prefixo latino.
- 12—O que é próprio a alguém
- 16—Que tem uma só articula-  
ção.
- 18—Pássaro fissirostro da Afri-  
ca ocidental.
- 21—Partir.
- 24—Cidade da Beljica.
- 25—Algeroz.
- 26—Parte pôdre da madeira.
- 29—Espécie de oiti.
- 36—Módo, incerteza.
- 43—Deitar a perder.
- 45—Espécie de palmeira de São  
Tomé.

- 47—Ave marinha maior que a  
gaivóta, com a ponta das  
azas pretas e o corpo bran-  
co.
- 49—Dansa escoceza.
- 50—Sinpatia.
- 51—Condádo da Slavonia.
- 60—Adbomen.
- 61—Cidade de Portugal.
- 62—Moéda.
- 69—A'rvore da Africa.
- 70—Que devia vir aqui.
- 71—Rio da Siberia.
- 72—Condor.
- 74—Bélo.
- 75—Ir (fórma antiga).

Dicionários uzados: — Fonseca  
& Roquette, Silva Bastos, Voc  
Monosilábico, Simões da Fonseca  
e A. M. de Souza.



Todas as soluções de-  
vem vir acompanhadas  
deste Coupon, colado  
no cabeçalho "PAN"



# EDITORIAL FLUMINENSE LTDA.

J. T. DE ALENCAR LIMA

ADMINISTRADOR - JERENTE

## Pan, Detective, Lupin e Vânitás

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO  
E OFICINAS

Rua Leandro Martins, 88

RIO DE JANEIRO



TELEFONES:

DIRETORIA . . . . 43 - 1044

ADMINISTRAÇÃO PUBLICIDADE. 43 - 4557

REDAÇÃO. . . . . 43 - 3344

Nosso representante em S. PAULO: — A: B. Fernandes — Rua João Brícola, 10, 9º andar-sala 925 — Telef. 2-3301

A direção não se responsabiliza pelos conselhos emitidos nos artigos transcritos ou assinados, não aceita colaboração estranha, nem devolve originais que lhe sejam enviados.

### VENDAS AVULSAS E ASSINATURAS

| VENDA AVULSA.             | PAN      | DETECTIVE | LUPIN    | VÂNITAS |
|---------------------------|----------|-----------|----------|---------|
| Numero do dia .....       | 1\$000   | 1\$500    | 1\$500   | 1\$500  |
| » atrasado .....          | 1\$500   | 2\$000    | 2\$000   | 2\$000  |
| ASSINATURAS:              |          |           |          |         |
| Anual, porte simples..... | 50\$000  | 39\$000   | 39\$000  | 18\$000 |
| Anual, registrada .....   | 75\$000  | 50\$000   | 50\$000  | 22\$000 |
| ESTERIOR:                 |          |           |          |         |
| Anual, registrada .....   | 170\$000 | 100\$000  | 100\$000 | 70\$000 |

As assinaturas só poderão ser tomadas diretamente á Administração.

As importancias, para pagamentos de qualquer natureza, deverão ser remetidas em cheques vizados pagaveis no Rio de Janeiro, em vale postal ou sob registro com valor declarado.

São nossos distribuidores: { NO RIO DE JANEIRO — LAFANCA & CIA.  
EM SÃO PAULO — LABATE & SICILIANO  
EM SANTOS — PEDRO SICILIANO



# Música, a grande arte educativa

(Conclusão da paj. 7)

Intervenção dos poderes oficiais é permanente. Procura-se desenvolver e educar o gosto estético do público, dando-lhe a ouvir desde a boa música popular, até a mais alta música de elite.

O culto da boa música, sã-dia e virtuosa, começa nas escolas e institutos e termina no teatro, no salão e no rádio.

No Brasil, felizmente, já se inicia a intervenção oficial em prol da organização de programas que eduquem o povo. Mas ainda temos muito a fazer.

Ao miraculoso progresso a que chegaram as estações difusoras, deve corresponder um atencioso cuidado na confecção dos seus programas de Arte.

Na Alemanha as grandes estações não se limitam ao programa diário, executado sempre sob um mesmo molde, reunindo trechos dessa ou daquela obra. São executadas óperas completas. Programas sinfônicos e de mú-

sica de câmara, pelos melhores e mais afamados conjuntos, bastando citar os concertos realizados pela Filarmonica de Berlim nos estúdios da mesma capital. São irradiadas todas as operetas, além dos recitais dos grandes virtuosos.

Nos teatros de óperas, além da representação das grandes obras dos autores alemães de todas as épocas, fazem representar as melhores óperas de autores de outros países, não só pelos seus artistas como por companhias estrangeiras completas, para que o público possa ter o sentimento real das obras que lhe são apresentadas. Assim também nos theatros de opereta, comédia, etc.

Além dos concertos públicos, faz o governo realizar, pelas suas orquestras e seus artistas,

concertos em vesperais dedicadas às escolas, com programas educativos, isto é, programas que façam conhecer aos alunos, progressivamente, as obras clássicas, românticas e contemporâneas, de alta expressão artística e elevada concepção.

Sigamos o seu exemplo de nação que, empregando verbas extraordinárias, embora com deficits enormes, demonstra o quanto significa de grandioso e indispensável para um povo culto, a educação artística musical.

Cultuemos nossos grandes artistas, Carlos Gomes, Francisco Manuel, Alberto Nepomuceno, Leopoldo Miguez, Henrique Oswald, Francisco Braga, nossos gloriosos mestres. E, eu, invocando o seu exemplo de dolorosas lutas

para darem ao Brasil a glória de obras que o engrandecem, lutemos também para tornar a Arte Máxima uma incentivadora e cultuadora de todos os grandes sentimentos da alma brasileira, sentimento de honradez, de religião, de moral, de patriotismo. Desde a infância das escolas ao grande público de todas as cidades.

Encontra-se, num estudo de Irving Scherke sobre o musicista francês Migot, a seguinte frase de sentimento perfeito: "O ouvinte que deseja compreender primeiramente tem de saber escutar",

Ensinemos ao povo, desde a escola primária, a saber escutar. E teremos contribuído tanto para o progresso nacional, para a sua formação moral, que é o centro propulsor de todas as suas grandezas, quanto os sacerdotes, os sábios e os verdadeiros estadistas.

## Cristianismo e Cultura

(Conclusão da paj. 52)

terrestres e profanas da ordem social, cultural, profissional, e da ordem política. Em seus principais princípios reguladores, estas atividades, dependem da sabedoria cristã, e do ensino da Igreja, a qual tem fixado um certo número de normas soberanas. Mas em sua aplicação à realidade concreta, essas atividades estritamente temporais solicitam de cada um de nós uma forma que varia segundo os casos e as circunstâncias individuais, e elas admitem toda sorte de variações, até oposições, no modo de apreciar e de julgar. O cristão não atua então como membro do reino de Deus precisamente, do corpo místico da Igreja, mas ele atua nesse caso como membro da cidade terrestre comprometido nos conflitos e no labor da vida mortal. Mas assim como eu disse há um momento, ele deve sempre atuar no cristão — eu não digo que é como cristão, digo no cristão, — porque é ele mesmo por completo, com sua fé e sua vida espiritual como com sua carne e com seu sangue, com suas idéias,

suas virtudes, suas paixões, seus interesses de homem, que tem sido comprometido no combate temporal.

E é aqui por certo que aparece a grandeza, que aparece também a dificuldade da missão temporal do cristão. Ainda neste mundo de contradição, ele deve inpor seu testemunho, de cristão, manter sua liberdade de cristão, afirmar que, com respeito ao bem temporal em si, donde os valores morais são a parte principal, a justiça e o amor devem ser distribuídos fielmente entre todos os homens, não só nas palavras e fórmulas, mas também na existência mesma, e para levar à mesma terra que foi amaldiçoada depois do pecado original, as luzes da renovação. O cristianismo deve encarnar-se até ali. Assim como tem sido chamado para levantar toda a ordem de cultura e a transformar a estrutura de nossa vida social e política, como o trabalho temporal do cristão está em relação e em continuação com a grande oração dos contemplativos e dos pobres, interiormente unidos ao amor divino.

## Os cegos e a paz

Ha na Európa uma aldeia onde as notícias de ha mezes, que deichavam prever nóva e tremenda conflagração, cauzavam especial emoção.

E' a aldeia de Vetrenik, na Yugoslavia. Compõe-se ela de cegos da Grande Guérria. Fundada pelo Rei Alexandre em 1928, essa aldeia foi povoada por soldados cegos e sem familia, aos quais se deu uma caza e alguns hectáres de terra. Depois, por meio de jornais, procuraram-se moças que quizessem cazar com esses infelizes. Apresentaram-se mais do dobro das necessárias para que nenhum dos soldados ficasse solteiro e sendo algumas delas lindas a valer.

Desde então Vetrenick vive tranquilamente e em prosperidade. Quando, porém, os seus habitantes, que haviam conhecido os horrores da guérria, tiveram conhecimento dos fatos que a podiam determinar de novo, iam, todas as as manhãs, rezar em comum pela paz da Európa e para que outros homens não perdessem, como eles, a luz dos olhos.

## O pai de Popeye

Vem numa revista alguns dados curiosos sobre Edward C. Segar, recentemente falecido, e que era o deenhador e o produtor de Popeye, o famoso marinheiro comedor de espináfres, de voz rouca e antebraço robustíssimo.

Segar, que contava apenas quarenta e quatro anos de idade, faleceu em Santa Monica, na California. O seu desaparecimento não obstará a que Popeye continue a viver no écran, fazendo a alegria das crianças e também das pessoas grandes, graças a Max Fleischer, aos seus cento e oitenta colaboradores e à voz inimitável de Billy Costello.

Foi em 1919 que o lapiz fantazista de Segar deu vida ao marujo tão terrivelmente combativo que os Norte-Americanos conheceram primeiramente pela denominação de "Popeye the Sailor" e ao qual um dos Estados da União, especializado na cultura dos espináfres, havia de erguer uma estatua para lhe agradecer o ter tão poderosamente contribuído para a sua prosperidade.



# O que não se disse da morte de Hauptmann

(Conclusão da paj. 59)

A estranha inquietação que sempre se faz sentir na prisão em dias de execução, era maior nesta ocasião, porque não era um, mas trez homens que iam marchar para o patíbulo.

Seus nomes: Miguel Mule, Jorge De Stefano e Connie Scarpone.

Condenados à cadeira elétrica pelo crime do assassinato de um vizinho de Trenton.

De vez que Connie, de 19 anos de idade, não tivesse participação direta no crime, e como jurasse que não sabia que seus companheiros estivessem armados naquela noite, houve muitas petições para que lhe fosse concedida clemência.

Mas tudo foi em vão.

Os trez marcharam, efetivamente, para o patíbulo na noite dessa terça-feira.

Eu tinha particular curiosidade de ver a forma como Hauptmann se conduziria ante os preparativos da morte dos trez homens.

Felizmente não pude ver a operação de raspagem das cabeças, porque a cela onde se fez isto, ficava bem distante da número 9.

Entretanto não foi possível evitar-lhe a perspectiva dos outros preparativos.

A cela de Hauptmann distava apenas dois metros da porta da câmara de execuções.

Através do gradil de sua cela, Hauptmann podia ver os preparativos que se faziam na câmara da morte; os guardas pondo tudo em ordem, e, ao cair a tarde, a chegada do verdugo Elliot para ajustar os eletrodos e provar o sinistro equipamento.

Contra a minha expectativa, Hauptmann permaneceu sereno e não revelou nenhuma emoção quando Elliot ligou a chave para uma prova final.

Todos nós esperavamos algum distúrbio.

Os sacerdotes estavam, ali, rezando com os réus.

Quando o chefe da prisão entrou acompanhado de trez guardas, soube, sem ver o relógio, que deveriam ser já perto das oito.

Ouço ruído de pizadas na câmara de execuções. Eram as quarenta testemunhas que vinham tomar seus postos.

O chefe da prisão e os trez guardas dirigiram-se à cela número 3, para conduzirem Connie Scarpone, em primeiro lugar.

Até esse instante, ouviam-se somente as monotonas preces dos sacerdotes, e de quando em vez os murmúrios dos condenados à morte, mas a sena mudou quan-

do abriram a cela de Connie.

O jovem condenado poz-se a gritar como um louco. Com os olhos fora das órbitas, e enpuñhando um banco na destra, retrocedeu até o fundo da cela gritando:

— Eu não! Isto é uma combinação covarde! Eu não sabia que eles iam assassinar!

Sei que a mim vão executar, enquanto os assassinos vão ter liberdade! Eu não!

Prefiro antes quebrar a minha cabeça a permitir que me levem... Não quero ser o primeiro! Eu os esperava na noite, em que cometeram o crime, e agora, não seria justo que os antecedessem.

Enquanto estes gritos histéricos resoavam pela galeria, apressei-me do chefe do presidio para dizer-lhe:

— Esse moço está muito ner-

vozo. Será melhor conduzir os outros primeiro.

Então, a escolta dirigiu-se à cela de Mule.

Mal viu-se abrir a porta e já um dos guardas precipita-se para o interior com uma navalha na mão, que aplica, sem demora na tarefa de rasgar a calça até à altura do joelho; por aí se havia de ligar o eletrodo.

Inicia-se áto seguido a sonbria procissão; um sacerdote á frente depois o réu, canbaleante e extremamente pálido, quazi sustido no ar pelos guardas.

A escolta deteve-se por instantes, frente á cela de Hauptmann, enquanto se abria a porta da câmara de execuções.

Hauptmann pretendeu dizer adeus ao réu — conforme me declarou ulteriormente — mas não pôde. Tinha a voz enbargada.

Mule, desapareceu pela porta para sempre.

Ainda podemos ouvir os ruídos da fatal máquina de morte, e, a seguir, mais nada. Sete minutos depois, os guardas e os sacerdotes regressavam por De Stefano.

Repetiu-se a mesma sena. O silêncio na cela número 9 era absoluto.

Connie Scarpone, agarrado aos varões de sua cela, tinha espresões de terror ao ver como seus amigos eram escoltados até á câmara fatal.

Quando chegou a sua vez, saiu sem opor resistência, com uma expressão de atordoamento a dominar-lhe o todo.

“Adeus Hauptmann”, disse quando passou pela cela número 9.

Não recebeu, porém, nenhuma respôsta.

## Os diamantes, sua fascinação e sua história

(Conclusão da paj. 58)

desdobrasse em outro claudestino: o de diamantes.

“Old Mac” comprava e vendia, com efeito, mas, como amador apaichonado guardava os mais belos para si, conseguindo constituir assim uma linda coleção de pedras. A polícia suspeitava disso, mas era muito difícil surpreendê-lo em flagrante. Na aparência, o velho era um honesto comerciante de cereais que só se ocupava dos preços do trigo e do arroz.

Mais, afinal descobriu-se que o especieiro tinha uma conta corrente muito importante em um banco de Londres e outra em Amsterdam, o que já era demais para um modesto vendeiro. Os diamantes deviam andar, portanto, em sua vida, mantinha constantemente em guarda... E antes que a polícia adiantasse a sua investigação, o velho era um finório e se gação, soube-se que “Old Mac” estava liquidando o negócio para se retirar para a Inglaterra.

A partir desse instante, a vigilância de que ele era objeto apertou-se ainda mais. A polícia tomava como uma injúria deixar escapar essa velha rapoza que, zombava da argúcia de seus agentes. Era necessário, custasse o que custasse, apanhar-o em flagrante. Depois de muitas de-

liberações, resolveu-se recorrer a um processo muito usado em todas as polícias do mundo: ao da “isca”.

Um belo dia “Old Mac” recebeu a visita de um indijena que ás ocultas vinha lhe oferecer um magnifico diamante.

— Você se enganou na porta, amigo — disse o velho prudentemente — nunca negociiei com diamantes e agora já estou muito velho para isso.

Mas o cafre foi tão eloquente e tão sincero que as suspeitas do velho pareceram abaladas. Tomou a pedra, foi ao interior da loja ezaminal-a e voltou com a respôsta:

— Talvez fique com ela. Volte daqui a um mez. En-

tretanto tomarei informações. Afinal você pôde ser da polícia...

Dias depois “Old Mac” embarcou com sua espoza na estrada de ferro com destino ao porto. Na hora em que o trem saía um antigo enpregado chegava pressurozo, cansado de correr, trazendo uma lata de leite condensado para madame Mac. Ninguém suspeitou dessa inocente latinha. Entretanto, um mez mais tarde, as autoridades de Kimberley recebiam com os cumprimentos de “Old Mac” uma lata de leite condensado vazia. Nessa lata, passara de contrabando toda a famosa coleção do esptíssimo negociante de jêneros comestiveis!

## Cazamentos na areia

Em Nova York foi recentemente lansada uma móda que — na previzão do jornal donde estraimos estas notas — toda a América do Norte em breve adotará. Trata-se dos cazamentos á beira-mar.

Já se tinham celebrado matrimônios a cavalo e de bicicleta, em submarino e em avião; mas todos esses requintes são agora abandonados pela cerimonia em costume de banho. Na famosa praia de Palm-Beach instalou-se uma sucursal de pretoria, onde

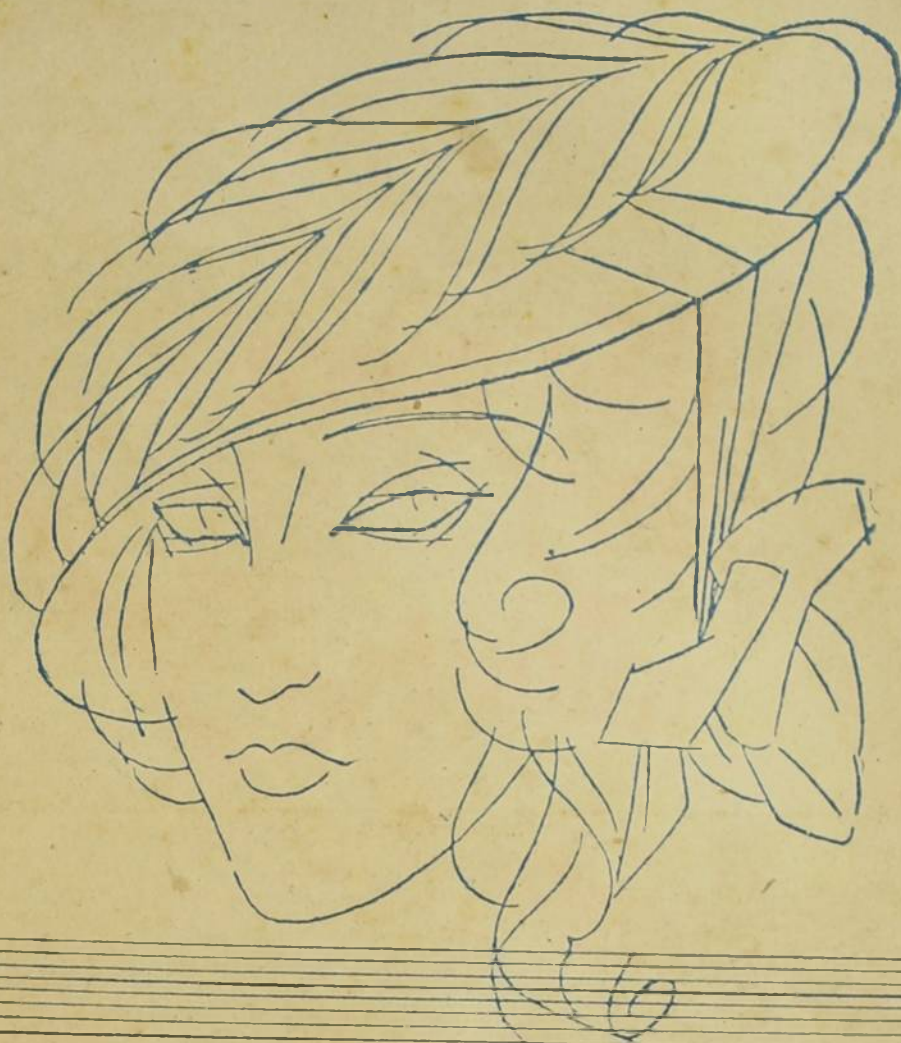
de os páres se podem unir matrimonialmente ao sair do banho.

As autoridades da Florida alavaram-se com essa inovação que poderia favorecer os cazamentos irrefletidos a que se chama, na América do Norte, “cazamentos-relanpagos”. E eis porque a todos os candidatos que se apresentam á “pretoria da praia” é ezijida uma formalidade que também não deicha de ser original: ezije-se uma prova de que os futuros esposos se conhecem na mais de uma semana.



NÃO ESQUEÇA  
DE COMPRAR  
**VÂNITAS**

PARA SI E PARA OFERTAR-A  
ÀS SUAS AMIGAS  
COMO UM PREZENTE  
• BOM E UTIL •



**VÂNITAS**

A REVISTA QUE TODO O BRAZIL  
CONHECE E QUE SE DISTINGUE  
PELOS SEUS BÉLOS CONTOS ES-  
COLHIDOS • MODELOS DE TOILET-  
TES • TRABALHOS E CONSELHOS  
• VARIADÍSSIMA COLABORAÇÃO •

**ASSINATURAS ANUAES:**

BRAZIL: Porte sob registro 20\$000  
ESTERIOR: Registrado . . . . 70\$000

**NUMERO AVULSO:**

Em todo o Brazil . . . . . 1\$500  
Atrazado . . . . . 2\$000

Redação e Oficinas:

**EDITORIAL FLUMINENSE L<sup>TDA.</sup>**

Rua Leandro Martins N. 88

Tel. 43-3344 RIO DE JANEIRO



Não perca  
um  
minuto!

Se  
você  
comprar  
agora  
mesmo  
o  
último  
numero de

**DETECTIVE**

a revista  
das  
emoções.

